

Autora best-seller pelo *The New York Times*

Anne Tyler

Obra vencedora do Pulitzer Prize

Licções de Vida

Uma viagem inesperada aos
sentimentos há muito esquecidos...



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Maggie Moran e seu marido são comuns, até um pouco tediosos. E é esse realismo que torna esta história tão eficaz e comovente... Começa em um dia de verão, quando Maggie e Ira viajam de Baltimore para a Pensilvânia para um funeral. Maggie é impetuosa, desastrada, desajeitada, propensa a acidentes e tagarela. Ira é reservado, preciso, respeitável, tem uma mania irritante de assobiar músicas que traem seus pensamentos mais profundos e acha que sua esposa transforma os fatos de maneira que se encaixem na sua opinião sobre as pessoas que ama.

Ambos sentem que seus filhos são estranhos, que a cultura das novas gerações está indo por água abaixo e que, de alguma forma, se enganaram com essa sociedade cujos valores não reconhecem mais. Mas esta viagem vai levá-los a refletir sobre estas angústias, e vai mostrá-los como é importante reavaliar seus sentimentos.

Primeira

 *Parte*



Maggie e Ira Moran tinham que ir a um funeral em Deer Lick, Pensilvânia. Uma velha amiga de Maggie havia perdido o marido. Deer Lick ficava numa estrada rural estreita a cerca de 150 quilômetros ao norte de Baltimore e o funeral fora marcado para as dez e meia da manhã de sábado, então Ira calculou que eles deveriam sair de casa às oito. Isso o deixou irritado (ele não era do tipo que gosta de acordar cedo). Além disso, o sábado era seu dia mais atribulado no trabalho e não havia ninguém para substituí-lo. Para completar, o carro estava no funileiro. Ele precisava de grandes reparos e somente no sábado de manhã, quando a funilaria abrisse, exatamente às oito, eles conseguiriam pegá-lo. Ira disse que talvez fosse melhor não ir ao funeral, mas Maggie afirmou que eles tinham que ir. Ela e Serena haviam sido amigas a vida toda. Ou quase a vida toda: 42 anos, que começaram na classe de primeiro ano da Srta. Kimmel.

Eles tinham planejado acordar às sete, mas Maggie devia ter programado o despertador para o horário errado e eles acordaram tarde. Tiveram que se vestir às pressas e engolir o café da manhã, fazendo café com a água quente da torneira e comendo cereal frio. Em seguida, Ira caminhou até a loja para deixar um bilhete para seus clientes e Maggie foi até a funilaria. Ela estava usando seu melhor vestido — preto e branco com estampa floral e mangas morcego — e sapatos pretos de salto, por causa do funeral. Os saltos eram de tamanho médio, mas atrasavam seu caminhar mesmo assim; ela estava mais acostumada aos solados de crepe. Outro problema era

que os fundilhos de sua meia-calça haviam, de alguma maneira, escorregado até a metade de suas coxas, então ela tinha que dar passos diminutos e forçados, como um brinquedinho de corda troncudo rodando pela calçada.

Por sorte, a funilaria ficava somente a alguns quarteirões de distância (nesta parte da cidade as coisas eram misturadas — pequenas casas de madeira como a deles em meio a estúdios fotográficos, cabeleireiros, autoescolas e clínicas pediátricas). E o tempo estava perfeito — um dia quente e ensolarado de setembro, com brisa suficiente para refrescar o rosto. Ela assentou sua franja num ponto em que parecia querer virar um cacho solto. Levava sua bolsa de festa debaixo do braço. Virou à esquerda na esquina e lá estava a oficina Harbor Body and Fender, com as portas verdes descascadas já suspensas e aquele cavernoso interior com um cheiro cortante de tinta que a fazia lembrar-se de esmalte de unhas.

Já viera com o cheque pronto e o gerente disse que as chaves estavam no carro, então ela demorou muito pouco lá dentro. O carro, um velho Dodge cinza-azulado, estava estacionado nos fundos da oficina. Fazia anos que ele não parecia tão bonito. Eles arrumaram o para-choque, trocaram a tampa deformada do porta-malas, retiraram meia dúzia de amassados aqui e ali e cobriram os pontos de ferrugem nas portas. Ira tinha razão: não havia necessidade de comprar um carro novo. Ela sentou-se à direção. Quando ligou a ignição, o rádio começou a funcionar — era o programa de Mel Spruce, AM Baltimore, que recebia ligações dos ouvintes. Ela deixou o rádio ligado por enquanto. Ajustou o banco, que havia sido colocado para trás por alguém mais alto, e puxou o espelho retrovisor um pouco para baixo. Seu próprio rosto apareceu nele, redondo e ligeiramente brilhante, e seus olhos azuis se espremeram nos cantos como se ela estivesse preocupada com alguma coisa, quando na verdade estava somente se esforçando para enxergar na penumbra. Ela engatou a marcha e deslizou vagarosamente na direção da frente da oficina, onde o gerente franzia a testa para uma prancheta diante de seu escritório.

A pergunta de hoje no AM Baltimore era: “O que faz um casamento ideal?”. Uma mulher estava telefonando para dizer que eram os interesses comuns. “Como os dois assistirem ao mesmo tipo de programa na TV” ela explicou. Maggie não dava a mínima para o

que fazia um casamento ideal (ela estava casada havia 28 anos). Abriu a janela e gritou:

— Eu já vou!

O gerente levantou os olhos da prancheta. Ela passou por ele — uma mulher resolvida e, pelo menos desta vez, usando batom, sapatos de salto e dirigindo um carro sem arranhões.

Uma voz suave rádio disse: “Bem, eu vou me casar novamente. A primeira vez foi por amor. Foi por amor verdadeiro e não deu certo. No próximo sábado, vou me casar para ter segurança”.

Maggie olhou para o mostrador do rádio e disse:

— Fiona?

Ela quis brecar, mas acabou acelerando e disparou para a rua. Um caminhão da Pepsi que vinha da esquerda bateu em seu para-lama dianteiro — o único lugar que nunca, até agora, sofrera algum dano.

No passado, quando Maggie jogava beisebol com seus irmãos, ela costumava se machucar, mas dizia que estava tudo bem, por medo de que eles a fizessem abandonar o jogo. Ela se empertigava e corria sem mancar, mesmo que seu joelho a estivesse matando de dor. Ela se recordou disso quando o gerente veio correndo e gritando:

— O que foi? A senhora está bem?

Ela olhou para a frente de maneira digna e disse-lhe:

— Mas é claro. Por que pergunta? — E arrancou antes que o motorista do caminhão de Pepsi pudesse sair da cabine, o que provavelmente foi melhor, considerando a expressão no rosto dele. Mas acontece que seu para-lama começou a fazer um ruído irritante, parecido com um pedaço de lata arranhando o asfalto, então, assim que ela virou a esquina e os dois homens — um coçando a cabeça e o outro balançando os braços — desapareceram de seu espelho retrovisor, ela parou o carro. Fiona não estava mais no rádio. Em vez dela, uma mulher com voz áspera de tenor estava comparando seus cinco maridos. Maggie desligou o motor e saiu. Ela viu o que causava o barulho. O para-lama estava virado para dentro, de modo que o pneu raspava nele; ela ficou surpresa que a roda ainda conseguisse rodar. Agachou-se na guia, agarrou a borda do para-lama com as

duas mãos e puxou (lembrou-se de ter se acorado bem baixo em meio à vegetação alta do campo externo e, sorrateiramente, contraindo-se, tirar o brim de sua calça de cima da mancha de sangue em seu joelho). Flocos de tinta cinza-azulada caíram em seu colo. Alguém passou na calçada por trás dela, mas ela fingiu não notar e puxou novamente. Desta vez o para-lama se mexeu; não muito, mas o suficiente para não tocar no pneu, e ela levantou-se e sacudiu a poeira das mãos. Depois, entrou no carro e deixou-se ficar lá sentada por um minuto.

— Fiona! — ela disse novamente. Quando ligou o motor, o rádio anunciava empréstimos bancários e ela o desligou.

Ira esperava na frente da loja, diferente e estranhamente galante em seu terno azul-marinho. Um chumaço de cabelo preto todo grudado e com fios grisalhos se pendurava sobre sua testa. Acima dele, uma placa de metal balançava com a brisa: LOJA DE MOLDURAS DO SAM. EMOLDURAMOS FOTOGRAFIAS. FAZEMOS MONTAGENS. EXIBA SEU BORDADO DE MODO PROFISSIONAL. Sam era o pai de Ira, que não tinha nada a ver com o ramo até que seu coração ficara “fraco”, 30 anos atrás. Maggie sempre colocava a palavra “fraco” entre aspas. Ela fez questão de ignorar as janelas do apartamento que ficava acima da loja, onde Sam amargava seus dias vazios cheio de câimbras e rabugice junto às duas irmãs de Ira. Ele, provavelmente, devia estar observando tudo. Ela encostou o carro e passou para o banco do passageiro.

A expressão de Ira ao analisar o carro daria um estudo. Começando com agrado e aprovação, ele deu a volta no capô e estacou ao se deparar com o para-lama esquerdo. Seu rosto comprido e ossudo ficou ainda mais comprido. Seus olhos, já tão apertados que não dava para dizer se eram pretos ou simplesmente castanho-escuros, viraram ranhuras perplexas que olhavam para baixo. Ele abriu a porta, entrou e lançou-lhe um olhar pesaroso.

— Aconteceu um imprevisto — Maggie disse.

— No caminho daqui para a funilaria?

— Eu ouvi a Fiona no rádio.

— São cinco quadras! Só cinco quadras.

— Ira, a Fiona vai se casar.

Ele parou de pensar no carro e ela ficou aliviada. Algo se dissipou de sua expressão. Ele encarou-a por um instante e disse:

— Que Fiona?

— Fiona, sua nora, Ira. Quantas Fionas nós conhecemos? Fiona, a mãe da sua única neta, e agora ela vai se casar com um completo estranho só para ter segurança.

Ira deslizou o banco para trás e afastou o carro da guia. Ele parecia estar tentando ouvir alguma coisa — talvez o ruído da roda raspando. Mas, evidentemente, o puxão que ela dera no para-lama resolvera a questão. Ele disse:

— Onde você soube disso?

— No rádio, enquanto eu dirigia.

— Eles anunciaram isso no rádio?

— Ela ligou para a emissora.

— Parece meio... arrogante, sinceramente — disse Ira.

— Não, ela só estava... ela disse que o Jesse foi o único cara que ela amou de verdade.

— Ela disse isso no rádio?

— Era um programa desses em que os ouvintes participam, Ira.

— Ora essa, eu não sei por que todo mundo tem que sair por aí se expondo em público hoje em dia — disse Ira.

— Você acha que o Jesse pode ter ouvido? — perguntou Maggie. Ela acabara de pensar nisso.

— O Jesse? A esta hora? Se ele se levantar ao meio-dia, já é bom sinal.

Maggie não discutiu, mas poderia. A verdade era que Jesse acordava cedo porque, afinal, trabalhava aos sábados. O que Ira queria dizer é que Jesse era preguiçoso. (Ira era muito mais severo com o filho do que Maggie. Ira não via tantas qualidades nele.) Ela olhou para a frente e viu as lojas e casas passando, os poucos pedestres passeando com seus cães. O verão tinha sido dos mais secos de que ela se lembrava e as calçadas estavam opacas. O ar

estava pesado. Um menino diante da mercearia Poor Man's tirava cuidadosamente o pó dos aros de sua bicicleta com um pano.

— Então, você saiu da Rua Empry — disse Ira.

— Hum?

— Onde fica a funilaria.

— Ah, sim, a Rua Empry.

— E depois pegou a Daimler.

Ele havia voltado ao assunto do para-lama. Ela disse:

— Aconteceu quando eu saí da oficina.

— Quer dizer que foi lá mesmo? Na oficina?

— Eu quis breicar, mas acabei acelerando.

— Mas como isso foi acontecer?

— É que a Fiona apareceu no rádio e eu me surpreendi.

— Mas breicar não é uma coisa que você tenha que pensar para fazer, Maggie. Você dirige desde os 16 anos de idade. Como conseguiu confundir o freio com o acelerador?

— Eu confundi, Ira, tá legal? Eu me assustei e confundi. Chega de falar nisso.

— Frear é praticamente um reflexo.

— Se é tão importante para você, eu pago o conserto com o meu salário.

Agora, era a vez dele de segurar a língua. Ela percebeu que ele ameaçou falar, mas mudou de ideia. (O salário dela era ridículo. Ela cuidava de idosos numa casa de repouso.)

Se eles tivessem mais tempo, ela pensou, poderia ter limpado o interior do carro antes de partirem. O painel estava cheio de tíquetes de estacionamento. Copos de refrigerante e guardanapos de papel cobriam o chão sob seus pés. E também havia rolinhos de fios vermelhos e pretos saindo por baixo do porta-luvas; um leve cutucão ao cruzar as pernas desligaria o rádio. Ela achava que isso era obra de Ira. Homens, de alguma maneira, sempre criavam fios, cordinhas e fita isolante onde quer que estivessem. Talvez nem se dessem conta disso.

Eles estavam indo para o norte pela Rua Belair. O cenário ficara mais variado. Playgrounds e cemitérios foram repentinamente substituídos por montes de pequenos comércios — lojas de bebida, pizzarias, barzinhos e tabernas escuras que pareciam ainda menores por causa das antenas gigantes no teto. Depois, mais um playground surgia. E o tráfego foi ficando cada vez mais denso. Todo mundo estava indo se divertir nessa manhã de sábado, Maggie tinha certeza. A maioria dos bancos de trás dos carros eram ocupados por crianças. Era hora de aulas de ginástica e jogos de beisebol.

— Outro dia — Maggie disse a Ira —, eu esqueci como se dizia “rodízio”.

— Por que você precisou lembrar? — Ira perguntou.

— Então, é isso que estou tentando dizer.

— Como assim?

— Isso mostra como o tempo passou, é isso que estou tentando dizer. Eu queria dizer a uma das minhas pacientes que a filha dela não vinha. Eu disse: “Hoje é o dia do...” e eu não conseguia me lembrar da palavra. Não consegui pensar em “rodízio”. Mas parece que foi ontem que o Jesse teve um jogo ou um acampamento de hóquei ou que a Daisy foi a uma reunião de bandeirantes... Eu passava o sábado inteiro dirigindo!

— Por falar nisso — disse Ira —, você bateu em outro carro? Ou foi num poste?

Maggie vasculhava a bolsa à procura de seus óculos escuros.

— Foi num caminhão — ela disse.

— Deus do céu. Você o amassou?

— Não percebi.

— Não percebeu.

— Não parei para olhar.

Ela colocou os óculos e piscou. Tudo ficou mais escuro e elegante.

— Você causou um acidente e fugiu, Maggie?

— Não foi um acidente! Foi uma daquelas coisinhas que simplesmente acontecem. Para que tanto barulho?

— Deixe-me ver se entendi direito — Ira disse. — Você saiu voando da oficina, bateu num caminhão e continuou em frente.

— Não, foi o caminhão que bateu em mim.

— Mas quem estava errada era você.

— Bom, suponho que sim, se você insiste em pôr a culpa em alguém.

— E então você simplesmente foi embora.

— Isso mesmo.

Ele calou-se. Não era um silêncio bom.

— Era um caminhão enorme da Pepsi — Maggie disse. — Era praticamente um tanque de guerra! Aposto que eu nem o arranhei.

— Mas você não verificou para ter certeza.

— Eu não queria me atrasar — Maggie disse. — Foi você quem insistiu para sairmos com antecedência.

— Você compreende que o pessoal da oficina tem seu nome e endereço, não é? O motorista só tem que pedir para eles. Vamos encontrar um policial esperando por nós na porta de casa.

— Ira, quer parar de falar nisso? — Maggie pediu. — Você não vê que minha cabeça está cheia? Estou indo para o enterro do marido da minha melhor e mais antiga amiga; sem falar no que Serena está tendo que enfrentar agora, e eu, aqui, a um estado inteiro de distância. E além disso tenho que ouvir no rádio que a Fiona vai se casar, quando está bem na nossa cara que ela e o Jesse ainda se amam. Eles sempre se amaram; sempre; é que eles simplesmente não conseguem, sei lá, se conectar. E ainda por cima, minha única neta vai ter que se adaptar a um novo padrasto, assim, do nada. Eu me sinto como se estivéssemos nos separando! Todos os meus amigos e parentes estão se distanciando de mim como... um universo em expansão, ou algo assim! Agora é que nós nunca vamos ver essa menina, você percebe?

— Nós nunca a vemos mesmo — Ira disse com brandura. Ele freou o carro no sinal vermelho.

— Até onde sabemos, esse novo marido dela pode ser um molestador de crianças — disse Maggie.

— Tenho certeza de que a Fiona escolheria coisa melhor, Maggie.

Ela fitou-o. (Não era costume dele dizer algo bom sobre Fiona.) Ele espiava o semáforo. Rugas de expressão irradiavam do canto de seus olhos.

— Bom, é claro que ela tentaria escolher bem — Maggie disse com cuidado —, mas nem mesmo a pessoa mais sensata sobre a face da Terra pode prever todos os problemas, né? Talvez ele seja uma pessoa gentil e carinhosa. Talvez ele trate a Leroy bem até se instalar na família.

O semáforo mudou. Ira seguiu em frente.

— Leroy — Maggie disse, reflexiva. — Você acha que nós um dia vamos nos acostumar com esse nome? Parece nome de menino. Parece nome de jogador de futebol. E o modo como eles pronunciam: Lí-roy. Caipira.

— Você trouxe aquele mapa que eu abri na mesa do café? — Ira perguntou.

— Às vezes eu acho que devíamos começar a pronunciar à nossa moda — disse Maggie. — Le-roy — ela disse, ponderando.

— O mapa, Maggie. Você trouxe?

— Está na minha bolsa. Le-Roá — ela disse, com o R afetado como os franceses.

— Nós não temos mais nada a ver com ela — disse Ira.

— Mas podemos ter, Ira. Podemos visitá-la hoje mesmo.

— Hum?

— Veja onde elas moram: Cartwheel, Pensilvânia. É praticamente na mesma estrada de Deer Lick. Nós poderíamos — ela disse, procurando algo na bolsa — ir ao funeral, ver e tudo mais... Mas onde está esse mapa? Ir ao enterro e depois voltar para a Rota Um até... Sabe de uma coisa? Eu acho que acabei não trazendo aquele mapa.

— Que ótimo, Maggie.

— Acho que o deixei na mesa.

— Eu pedi quando você estava arrumando as coisas, lembra? Eu disse: “Você leva o mapa ou deixa que eu levo?”. Você disse: “Pode deixar. Eu meto ele na bolsa”.

— Bom, eu não sei por que você está fazendo esse auê todo — disse Maggie. — Nós só precisamos seguir as placas da estrada; qualquer um consegue fazer isso.

— É um pouco mais complicado que isso — Ira disse.

— Além do mais, temos as indicações que a Serena me passou por telefone.

— Maggie. Você acha mesmo que qualquer indicação dada pela Serena nos ajudaria a chegar lá? Rá! Nós iríamos parar no Canadá ou coisa assim. Acabariamos no Arizona!

— Tudo bem, não precisa ficar tão nervoso.

— Nós nunca mais voltariamos para casa — disse Ira.

Maggie chacoalhou sua carteira e um pacote de Kleenex dentro da bolsa.

— Foi por causa da Serena que chegamos atrasados para o próprio casamento dela, lembra? — Ira disse. — Naquele bufezinho que passamos uma hora procurando.

— Ora essa, Ira. Você sempre age como se as mulheres fossem todas umas boboquinhas — Maggie disse. Ela parou de vasculhar a bolsa; evidentemente, havia esquecido também as instruções de Serena. Ela disse: — Estou pensando no próprio bem da Fiona. Ela vai precisar de nós para cuidar da filha.

— Cuidar?

— Durante a lua de mel.

Ele a olhou de uma maneira que ela não conseguiu desvendar.

— Ela vai casar no sábado que vem — Maggie disse. — Não dá para levar uma criança de sete anos na lua de mel.

Ele continuou sem dizer nada.

Eles estavam além dos limites da cidade e as casas haviam escasseado. Passaram por uma grande revendedora de carros usados,

por um trecho de floresta decaída, por um shopping com alguns carros já estacionados num terreno de concreto no meio do nada. Ira começou a assobiar. Maggie parou de torcer as alças da bolsa e ficou imóvel.

Havia ocasiões em que Ira não dizia uma dúzia de palavras durante o dia inteiro, e mesmo quando ele conversava com você, era difícil adivinhar o que estava sentindo. Era um homem fechado, isolado — seu defeito mais grave. Mas o que ele não percebia era que seu assobiar já dizia tudo. Por exemplo — um exemplo inquietante —, depois de uma briga terrível, logo no começo do casamento, eles tinham conseguido acalmar as coisas, colocado os pingos nos is, e depois ele fora trabalhar assobiando uma música que ela não conseguiu identificar. Só mais tarde é que ela foi se lembrar da letra. Ela dizia: Será que eu continuo gostando como gostava antes...

Mas quase sempre a associação era algo trivial, algo circunstancial — *This Old House*¹, enquanto ele fazia um pequeno concerto, ou *The Wichita Lineman*², sempre que ajudava a recolher a roupa do varal. Faça, faça aquele vodu... ele assobiava sem perceber, cinco minutos depois de desviar de algum cocô de cachorro na calçada. E, é claro, havia ocasiões em que Maggie não fazia ideia do que ele assobiava. A canção de agora, por exemplo: alguma coisa sentimental, algo que tocava numa rádio de sucessos românticos. Bem, talvez ele só tivesse ouvido a melodia no rádio enquanto fazia a barba, e nesse caso ela não significaria nada.

Uma música de Patsy Cline; era isso. Crazy, de Patsy Cline.

Ela endireitou-se no banco e disse:

— Existem pessoas perfeitamente sãs que tomam conta dos netos, Ira Moran.

Ele ficou perplexo.

— Que tomam conta dos netos por meses a fio. Verões inteiros — ela lhe disse.

Ele disse:

— Mas elas não aparecem assim, de surpresa.

¹“Esta Velha Casa” (N. T.).

²“O Reparador de Linhas Telefônicas de Wichita” (N. T.).

— Mas é claro que aparecem!

— Ann Landers diz que fazer visitas inesperadas é falta de consideração — ele disse. Ann Landers era a heroína pessoal dele. — E não somos nem parentes de sangue — ele disse. — Nem somos mais os sogros de Fiona.

— Seremos os avós da Leroy até o dia de nossa morte — Maggie afirmou.

Ele ficou sem resposta.

Esse trecho da estrada era uma bagunça total. As coisas simplesmente apareciam a esmo — uma churrascaria decadente aqui, um showroom de piscinas ali. Uma picape estacionada na rua, sobrecarregada de abóboras: LEVE O QUE CONSEGUIR POR \$1,50, dizia o cartaz escrito à mão. As abóboras fizeram Maggie recordar-se do outono, mas estava tão quente agora que um fio de suor percorria seu lábio superior. Ela abriu a janela, encolheu-se ao sentir o ar quente que entrou e fechou-a novamente. Afinal, estava entrando um pouco de vento pelo lado de Ira. Ele dirigia com uma mão só, com o cotovelo apoiado na janela aberta. As mangas de seu terno estavam dobradas, deixando à mostra seus pulsos.

Serena costumava dizer que Ira era um mistério, o que era um elogio naquela época. Maggie ainda não estava namorando Ira e estava noiva de outro, mas Serena vivia dizendo:

— Como você pode resistir? Ele é um mistério. É tão cheio de segredos.

Maggie dizia:

— Eu não preciso resistir. Ele não está a fim de mim.

Mas ela ficava pensando. (Serena estava certa. Ele era todo aquele mistério.) Mas a própria Serena havia escolhido o garoto mais escancarado do mundo: o velho e hilário Max! Não havia nada de secreto nele.

— Esta é minha lembrança mais feliz — Max dissera certa vez. (Ele tinha 20 anos na época e acabava de terminar o primeiro ano na Universidade da Carolina do Norte.) — Eu e esses dois irmãos da minha fraternidade estávamos na farra. Eu bebi um pouco demais e desmaiei no banco traseiro do carro quando estava voltando para

casa e, ao acordar, vi que eles tinham me levado para a praia e me deixado lá na areia. Muito engraçado: rá, rá. Eram seis da manhã e eu me levantei e só vi céu, um céu muito nublado que se unia com o mar, sem nenhuma linha divisória. Então eu levantei, tirei a roupa e caí nas ondas, sozinho no mundo. Foi o dia mais feliz da minha vida.

E se alguém lhe dissesse que 30 anos depois ele morreria de câncer, com aquela manhã no oceano como a imagem mais clara que ele deixara na mente de Maggie? A névoa, sentir o ar quente na pele nua, o choque frio inicial, o cheiro do sal nas ondas que quebram — Maggie sentia como se estivesse lá. Subitamente, sentiu-se abençoada pelo amontoado de cartazes iluminados pelo sol que passavam; até pelo estofamento de vinil do carro que grudava onde seus braços estavam apoiados.

Ira disse:

— Com quem será que ela vai casar?

— O quê? — Maggie perguntou. Sentiu-se um pouco deslocada.

— A Fiona.

— Ah! — respondeu Maggie. — Ela não disse.

Ira estava tentando ultrapassar um caminhão de gasolina. Ele inclinou a cabeça para a esquerda, verificando o tráfego no sentido contrário. Depois de um instante, disse:

— Me surpreende que ela não tenha informado isso também enquanto estava no ar.

— Ela só disse que estava casando para ter segurança. Ela disse que tinha casado por amor uma vez e que não tinha dado certo.

— Amor! — disse Ira. — Ela tinha 17 anos de idade. Não sabia nada do amor.

Maggie olhou para ele. O que ela tinha que saber do amor?, queria perguntar. Mas agora ele estava xingando o caminhão de gasolina.

— Talvez desta vez ela case com um homem mais velho — ela disse. — Que seja como uma figura paterna. Se ela está casando para ter segurança.

— Esse sujeito sabe muito bem que estou tentando ultrapassar e fica aí no meio da pista — Ira disse.

— Talvez ela esteja se casando para não ter mais que trabalhar.

— Eu não sabia que ela trabalhava.

— Ela tem um emprego, Ira. Você sabe disso! Ela nos contou! Ela foi trabalhar num salão de beleza quando a Leroy entrou na creche.

Ira buzinou para o caminhão.

— Eu não sei por que você se dá ao trabalho de ficar sentado numa sala com outras pessoas se não dá atenção ao que elas dizem — ela disse.

Ira disse:

— Maggie, você está com algum problema hoje?

— Como assim?

— Por que você está tão irritada?

— Não estou irritada — ela disse. Ajustou os óculos no rosto. Podia ver seu próprio nariz — aquela ponta pequena e redonda surgindo por baixo deles.

— É a Serena — ele disse.

— Serena?

— Você está preocupada com a Serena e é por isso que está me crucificando.

— É claro que estou preocupada — disse Maggie. — Mas certamente não estou crucificando você.

— Está, sim, e é por isso também que você está falando sem parar na Fiona, sendo que há anos você nem pensa nela.

— Isso não é verdade! Como sabe se eu penso nela ou não?

Ira finalmente conseguiu ultrapassar o caminhão.

Agora eles estavam realmente no campo. Dois homens cortavam madeira em uma clareira, observados por um cão preto de pelo lustroso. As árvores ainda não estavam mudando de cor, mas as folhas já anunciavam estarem prestes a cair. Maggie ficou admirando

uma desgastada cerca de madeira que circundava um campo. É engraçado como uma imagem fica na sua cabeça mesmo sem você perceber. Aí, você vê a original e pensa: ora! Ela estava ali o tempo todo, como um sonho que acaba voltando aos pedaços no meio da manhã. Aquela cerca, por exemplo. Até agora eles estavam refazendo o caminho para Cartwheel e ela tinha visto aquela cerca em suas viagens secretas e, inconscientemente, se apossara dela.

— Espiguiha — ela disse a Ira.

— Hum?

— Eles não chamam esse tipo de cerca de “espiguiha”?

Ele virou-se para olhar, mas a cerca já havia passado.

Ela ficara sentada dentro do carro estacionado a alguma distância da casa da mãe de Fiona, tentando ver, mesmo por um segundo, Leroy. Ira teria um ataque se soubesse o que ela estava aprontando. Isso fora quando Fiona saíra de casa, após uma cena que Maggie nunca gostava de recordar. (Ela a chamava de Aquela Manhã Terrível e a fizera desaparecer de sua mente.) Ah, naquela época ela estava possuída; Leroy era somente um bebê, e o que Fiona sabia sobre bebês? Ela sempre tivera Maggie para auxiliá-la. Então, Maggie fora até Cartwheel em uma tarde de folga, parara o carro e esperara. Logo, Fiona saíra de casa com Leroy nos braços, caminhando com decisão para a direção oposta, com o longo cabelo loiro balançando de um lado para o outro e o rosto do bebê como um pequenino botão brilhante sobre seu ombro. O coração de Maggie disparara, como se estivesse apaixonada. De certa forma, ela estava apaixonada — por Leroy e Fiona, e até por seu próprio filho, quando ele, de modo desajeitado, ninara sua filha contra sua jaqueta preta de couro. Mas ela não ousava aparecer — ainda não, pelo menos. Voltara para casa e dissera a Jesse:

— Fui até Cartwheel hoje.

Ele ficara desconcertado. Seu olhar pousara sobre ela por um surpreendente instante de perplexidade antes de ele virar a cabeça e dizer:

— E daí?

— Não falei com ela, mas pude perceber que ela sente sua falta. Estava caminhando sozinha com Leroy. Sem ninguém.

— A senhora acha que eu ligo para isso? — Jesse perguntara. — Por que acha que me importaria?

Contudo, na manhã seguinte, ele pedira o carro emprestado. Maggie ficara aliviada. (Ele era um menino terno, gentil e amoroso, com um dom natural para atrair as pessoas para si. Tudo estaria resolvido logo, logo.) Ele ficara fora o dia todo — ela telefonara de hora em hora do trabalho para verificar — e voltara quando ela preparava o jantar.

— E então? — ela havia perguntado.

— E então o quê? — ele respondera e subira as escadas, trancando-se no quarto.

Naquele momento ela percebeu que demoraria um pouco mais do que previa.

Três vezes — nos três primeiros aniversários de Leroy —, ela e Ira haviam feito visitas convencionais, marcadas com antecedência e levando presentes; mas, na cabeça de Maggie, as verdadeiras visitas eram suas incursões de espionagem, que continuaram mesmo sem que ela as planejasse, como se fios longos e invisíveis a puxassem em direção ao norte. Ela pensava que ia ao supermercado, mas, quando percebia, estava na Rota Um, já erguendo a gola de seu casaco para esconder o rosto e não ser reconhecida. Ficava parada no único parquinho de Cartwheel, verificando as unhas das mãos corriqueiramente, ao lado do quadrado de areia. Ela se escondia no beco, usando a peruca vermelha e brilhante de Junie, irmã de Ira. Às vezes, imaginava que continuaria fazendo aquilo até ficar velha. Talvez oferecesse seus serviços para ajudar as crianças a atravessarem a rua quando Leroy começasse a frequentar a escola. Talvez posasse como Líder das Bandeirantes, alugando uma bandeirante para si se fosse necessário. Talvez ela fosse dama de companhia de Leroy em sua formatura. Bom. Não havia razão para tanto entusiasmo. Ela sabia, pelos silêncios tenebrosos de Jesse, pela falta de entusiasmo com que Fiona empurrava o balanço no parquinho, que eles não poderiam ficar longe um do outro por muito tempo. Poderiam?

Então, certa tarde, ela seguiu a mãe de Fiona quando esta empurrava o carrinho de Leroy até a Rua Principal. A Sra. Stuckey era uma mulher largada, disforme, que fumava cigarros. Maggie não confiava nela porque ela parecia representar um risco, e estava certa, pois vejam o que ela fez: deixou Leroy diante da farmácia Cure-Boy, deixou-a lá e entrou. Maggie ficou apavorada. Leroy poderia ser raptada! Ela poderia ser raptada por qualquer um que passasse. Maggie aproximou-se do carrinho e agachou-se diante dela.

— Queridinha? — ela disse. — Quer vir embora com a vovó?

A criança ficou olhando para ela. Ela tinha o quê?, um ano e meio na ocasião, e seu rostinho parecia surpreendentemente crescido. Suas pernas haviam perdido aquela aparência gorducha de bebê. Seus olhos tinham o mesmo azul leitoso dos olhos de Fiona e estavam levemente fixos, sem expressão, como se ela não soubesse quem era Maggie.

— É a vovó — disse Maggie, mas Leroy começou a se contorcer e se empinou toda. — Mamãe? — ela disse.

Não havia dúvida, ela estava olhando na direção da porta pela qual a Sra. Stuckey havia desaparecido. Maggie levantou-se e foi embora depressa. A sensação de rejeição foi uma dor quase física, como uma ferida no peito. Ela não empreendeu mais nenhuma viagem de espionagem.

Quando ela estivera aqui na primavera, a mata estava salpicada de cornisos em flor. Eles davam vida às colinas verdes, como um toque de gipsofila dá vida a um buquê. E, certa vez, ela vira um pequeno animal que era diferente dos costumeiros — não um coelho ou um guaxinim, mas algo mais fino, mais sinuoso — e freara bruscamente, ajustando o retrovisor para estudá-lo depois de passar por ele. Mas o animal já tinha corrido para se esconder na folhagem rasteira.

— Se quiser complicar as coisas, fale com a Serena — Ira dizia agora. — Ela poderia ter telefonado assim que Max morreu, mas não. Ela teve que esperar até o último minuto. Ele morre na quarta-feira e ela nos avisa na sexta à noite. Tarde demais para ligar para o serviço de informação de estradas. — Ele franziu a testa para analisar a

estrada adiante. — Hum — ele disse. — Você não acha que ela vai querer que eu ajude a levar o caixão, né?

— Ela não mencionou.

— Mas ela disse que precisava de nossa ajuda.

— Acho que ela quis dizer apoio moral — Maggie disse.

— Talvez carregar o caixão seja apoio moral.

— Não seria apoio físico?

— É, acho que sim — disse Ira.

Eles atravessaram uma cidadezinha onde amontoados de pequenas lojas surgiam em meio aos pastos. Várias mulheres estavam paradas perto de uma caixa de correio, conversando. Maggie voltou a cabeça para observá-las. Ela sentiu-se rejeitada, com inveja, como se aquelas pessoas fossem suas conhecidas.

— Se ela quiser que eu ajude a carregar o caixão, não estou vestido adequadamente — Ira disse.

— Mas é lógico que você está vestido adequadamente.

— Não estou de terno preto — ele disse.

— Você não tem terno preto.

— Estou de azul-marinho.

— Azul-marinho serve.

— E também tenho aquele problema nas costas.

Ela olhou para ele.

— E eu nem era muito amigo dele — ele disse.

Maggie esticou o braço até a direção e colocou sua mão sobre a dele.

— Não se preocupe — disse a ele. — Estou certa de que ela só quer nossa presença.

Ele deu-lhe um sorriso pesaroso, não mais do que uma dobrinha na bochecha.

Como ele era estranho com relação à morte! Não sabia lidar com a doença mais corriqueira e encontrara motivos para se manter longe do hospital quando ela operara o apêndice; ele alegara que

estava resfriado e poderia infectá-la. Sempre que uma das crianças se sentia mal, ele fingia que nada estava acontecendo. Dizia que ela estava inventando coisas. Qualquer indicação de que ele não viveria para sempre — quando ele tivera que fazer um seguro de vida, por exemplo — o deixava de cara amarrada, intolerante, amargo. Maggie, por sua vez, se preocupava se viveria para sempre — talvez por causa de tudo que ela via na casa de repouso.

E se fosse ela a morrer primeiro, ele provavelmente fingiria que isso também não havia acontecido. Provavelmente seguiria com a loja, assobiando uma canção, como sempre fizera.

Que música ele assobiaria?

Agora eles estavam atravessando o Rio Susquehanna e a superestrutura da usina hidrelétrica de Conowingo, que parecia um edifício vitoriano, apareceu à sua direita. Maggie abriu seu vidro e colocou a cabeça para fora. Conseguia ouvir a água correndo a distância; ela quase respirava a água, inspirando a névoa que se elevava feito fumaça vindo lá debaixo da barragem.

— Sabe o que acaba de me ocorrer? — Ira disse, levantando a voz. — Aquela artista, qual é o nome dela? Ela ia trazer uma série de quadros para a loja esta manhã.

Maggie fechou o vidro e disse:

— Você não ligou a secretária eletrônica?

— De que adiantaria? Ela já tinha combinado que viria.

— Talvez a gente possa parar em algum lugar e telefonar para ela.

— Não tenho o telefone dela aqui — Ira respondeu. Em seguida, disse: — Poderíamos telefonar para a Daisy e pedir para ela fazer isso.

— A Daisy deve estar no trabalho a esta hora — Maggie respondeu.

— Droga.

Daisy penetrou na mente de Maggie, magra e bonita, com a tez morena de Ira e o porte pequeno de Maggie.

— Ah, querido — disse Maggie. — Odeio não estar lá no último dia dela em casa.

— Ela não está mais em casa; você acabou de me dizer.

— Ela vai estar, mais tarde.

— Você vai vê-la bastante amanhã — Ira lembrou-a. — Bastante.

Amanhã eles levariam Daisy até a faculdade — seu primeiro ano, o primeiro fora de casa. Ira disse:

— O dia inteiro trancada num carro, você vai até enjoar dela.

— Não, não vou! Eu nunca me canso da Daisy!

— Me diga isso amanhã — disse Ira.

— Tenho uma ideia — disse Maggie. — Vamos pular a recepção.

— Que recepção?

— Ou seja lá como for que chamam quando você vai à casa de alguém depois do enterro.

— Por mim, tudo bem — disse Ira.

— Assim, podemos chegar em casa cedo mesmo se pararmos na Fiona.

— Deus do céu, Maggie, você ainda está pensando nessa bobagem da Fiona?

— Se o enterro acabar, digamos, ao meio-dia, e nós formos direto daqui para Cartwheel...

Ira fez uma curva fechada à direita, raspando a roda no asfalto. Por um momento, ela pensou tratar-se de um ataque de fúria. (Ela sempre tinha a sensação de estar chegando aos pouquinhos mais perto do limite do gênio dele.) Mas não, ele havia parado num posto de gasolina, um lugar bem antiquado, com ripas brancas e dois homens de macacão sentados num banco bem na frente.

— Mapa — ele disse brevemente, saindo do carro.

Maggie abaixou seu vidro e gritou:

— Veja se eles têm uma máquina de salgadinhos, por favor.

Ele fez um sinal e caminhou na direção do banco.

Agora que o carro estava parado, o calor parecia escorrer pelo teto feito manteiga derretida. Ela sentia o alto de sua cabeça ficar

mais quente; imaginava seu cabelo saindo do castanho para uma cor metálica, cobre ou bronze. Deixou seus dedos penderem indolentemente para fora da janela.

Se ela conseguisse levar Ira até a casa de Fiona, o resto seria fácil. Ele não poderia ficar imune. Ele havia embalado aquela criança em seus joelhos. Havia atendido os pedidos manhosos de Leroy no mesmo tom respeitoso que usara com seus próprios filhos.

— É mesmo? Não diga. Bom, agora que você mencionou, acho que ouvi alguma coisa assim.

Até Maggie (sempre tão crédula) tinha que perguntar:

— O quê? O que ela disse a você?

Depois, ele lançava um daqueles seus olhares irônicos e enigmáticos; e o bebê também, Maggie às vezes fantasiava.

Não, ele não ficaria imune, olharia para Leroy e se recordaria imediatamente de quanto eles eram ligados. As pessoas tinham que ser lembradas, só isso. Do jeito que o mundo estava indo, era fácil esquecer. Fiona devia ter se esquecido de como estava apaixonada no começo, de como havia perseguido Jesse e aquela banda de rock que ele tinha. Ela devia ter tirado isso da cabeça de propósito, pois não era mais imune do que Ira. Maggie tinha percebido como ela ficara desapontada quando eles chegaram para a festa de aniversário de um ano de Leroy e Jesse não estava com eles. Agora, era uma questão de orgulho; orgulho ferido.

— Mas você lembra? — Maggie lhe perguntaria. — Lembra do começo, quando vocês só queriam estar perto um do outro? Lembra como vocês iam a todos os lugares juntos, um com a mão na calça jeans do outro? — Aquilo parecera um grude exagerado na época, mas agora fazia seus olhos se encherem de lágrimas.

Ah, esse dia todo fora tão triste, o tipo de dia em que você percebe que todos se perderam uns dos outros; e ela não escrevia para Serena havia mais de um ano, nem falara com ela até que Serena telefonara na noite passada, chorando tanto que embaralhava metade das palavras. Nesse momento (deixando uma brisa ondular entre seus dedos, como água quente), Maggie sentiu que todo esse negócio de tempo que passa era mais do que ela podia aguentar. Serena, ela queria dizer, pense: todas essas coisas que prometemos a

nós mesmas que nunca faríamos quando crescêssemos. Prometemos que não daríamos passos pequenos quando andássemos descalças. Prometemos que não ficaríamos esturricando ao sol em vez de nadar, nem nadaríamos com o queixo para cima para não desfazer nosso penteado. Prometemos que não lavaríamos os pratos logo depois do jantar porque isso nos afastaria de nossos maridos; lembra disso? Quanto tempo faz que você não deixa os pratos sujos na pia para ficar junto com o Max? Quanto tempo faz que o Max notou que você fez isso?

Ira veio na direção dela abrindo um mapa. Maggie tirou os óculos e secou os olhos nas mangas.

— Encontrou o que procurava? — ela perguntou, e ele disse:

— Ah... — E desapareceu atrás do mapa, ainda caminhando. A parte de trás do mapa era cheia de fotos de atrações turísticas. Ele chegou ao carro, dobrou o mapa e entrou. — Eu queria ter ligado para o serviço de informações de estradas — disse. E ligou o motor.

— Bom, eu não me preocuparia — ela disse. — Temos bastante tempo.

— Não muito, Maggie. E olhe como o trânsito está aumentando. Todas as velhinhas estão dando sua voltinha de fim de semana.

Um comentário ridículo; o tráfego era, na maior parte, de caminhões. Ao sair do posto, entraram na frente de um furgão e atrás de um Buick e de um caminhão de gasolina, quem sabe o mesmo que eles haviam ultrapassado há algum tempo. Maggie recolocou os óculos escuros.

EXPERIMENTE JESUS. VOCÊ NÃO SE ARREPENDERÁ, dizia um outdoor. E ESCOLA DE COSMETOLOGIA BUBA MACDUFF. Eles entraram na Pensilvânia e a estrada ficou mais lisa durante algumas centenas de metros, como uma boa intenção, e depois voltou à velha superfície de asfalto enrugado. As vistas eram longínquas e curvas, cheias de verde — um desenho de uma criança ilustrando uma fazenda. Vacas pretas distintas pastavam nas colinas. COMECE O TESTE DE HODÔMETRO, Maggie leu. Ela endireitou-se no banco. Quase imediatamente, um pequeno cartaz apareceu: 0.1 KM. Ela olhou para o hodômetro.

— Zero vírgula oito, exatamente — ela disse a Ira.

— Hum?

— Estou testando nosso hodômetro.

Ira soltou o nó da gravata.

Dois décimos de quilômetro. Três décimos. Aos quatro décimos, ela sentiu que eles estavam se atrasando. Talvez estivesse imaginando coisas, mas parecia-lhe que os números se moviam mais vagarosamente para cima. Quando chegou aos cinco décimos, ela estava praticamente certa.

— Há quanto tempo você não checa isso? — perguntou a Ira.

— Checo o quê?

— O hodômetro.

— Nunca chequei — ele disse.

— Nunca! Nem uma vez? E acusa a mim de não fazer a manutenção do carro!

— Olhe só aquilo — Ira disse. — Alguma velhinha de 90 anos que soltaram na estrada. Não consegue nem enxergar por cima do volante.

Ele esterçou a direção do Buick, o que fez com que pulasse uma das marcas da quilometragem.

— Droga — Maggie disse. — Perdi uma.

Ele não respondeu. Nem parecia arrependido. Ela cravou os olhos na estrada adiante, preparando-se para a marca 0.7. Quando o sinal apareceu, ela olhou para o hodômetro e os números estavam simplesmente voando. Sentiu-se inquieta e ansiosa. Mas, por algum motivo estranho, o próximo número veio mais depressa. Talvez depressa demais. Maggie disse:

— Oh-oh.

— O que foi?

— Isso está me deixando nervosa — ela disse. Ela estava vigiando a estrada à espera do sinal e monitorando o hodômetro ao mesmo tempo. O seis apareceu no painel vários segundos antes do sinal, ela podia jurar. Emitiu um som de contrariedade. Ira olhou para ela.

— Desacelere — ela disse.

— O quê?

— Vá mais devagar! Não sei se vamos conseguir. O hodômetro está quase virando nos sete e... onde está a placa? Onde está a placa? Vamos lá, placa! Estamos perdendo! Estamos muito adiantados! Estamos...

A placa apareceu.

— Ah! — ela disse. O sete assumiu seu lugar exatamente no mesmo instante, tão precisamente que ela quase ouviu o estalido. — Uau! — disse. E recostou-se no assento. — Nossa, foi por pouco.

— Eles ajustam todos os equipamentos na fábrica, você sabia? — Ira disse.

— É, mas isso foi há muitos anos — ela lhe disse. — Estou exausta.

Ira disse:

— Quanto tempo será que temos que ficar na Rota Um?

— Me sinto como se tivesse passado por um moedor de carne — Maggie disse. Deu alguns puxões no vestido para alisá-lo.

Novas coleções de caminhões e trailers estacionados surgiam a intervalos variados — sem nenhum ser humano por perto e sem explicação visível para alguém parar ali. Maggie havia notado isso em suas viagens anteriores e nunca compreendera o porquê. Será que os motoristas estavam pescando, caçando ou o quê? Será que as pessoas do campo tinham algum tipo de vida secreta?

— Outra coisa são os bancos deles — ela disse a Ira. — Todas essas cidades têm bancos que parecem casinhas de criança, você já reparou? Com jardins e canteiros de flores em volta. Você confiaria num banco assim?

— Não há motivo para não confiar.

— Eu não sentiria que meu dinheiro está em segurança.

— Sua grande fortuna — Ira disse, provocando.

— Eu acho que não parece profissional.

— Agora, de acordo com o mapa — ele disse —, podemos ficar na Rota Um até bem depois de Oxford. A Serena disse para cortarmos por Oxford, se entendi direito, mas... você pode verificar para mim?

Maggie pegou o mapa que estava entre os bancos e o abriu, um quadrado de cada vez. Ela esperava não ter que abri-lo todo. Ira a repreenderia por dobrá-lo errado.

— Oxford — ela disse. — É em Maryland ou na Pensilvânia?

— É na Pensilvânia, Maggie. Onde a Rodovia Dez se dirige para o norte.

— Pois então! Eu lembro perfeitamente que ela nos disse para pegarmos a Rodovia Dez.

— Sim, mas se nós... Você ouviu uma palavra do que eu disse? Se ficarmos na Rota Um, podemos ir mais rápido e eu acho que tem um atalho mais adiante que nos levaria direto a Deer Lick.

— Bom, ela deve ter tido alguma razão, Ira, para nos indicar a Rodovia Dez.

— Um motivo? Serena? Serena Gill com razão?

Ela sacudiu o mapa, fazendo barulho. Ele sempre falava daquele jeito das amigas dela. Agia de maneira absolutamente ciumenta com relação a elas. Ela desconfiava que ele achava que as mulheres se juntavam na surdina para falar mal de seus maridos. Típico: ele era tão egocêntrico. Embora, às vezes, isso acontecesse, é claro.

— Aquele posto tinha máquina de salgadinhos? — ela perguntou-lhe.

— Só de doces. Coisas de que você não gosta.

— Estou morrendo de fome.

— Eu podia ter trazido um chocolate, mas achei que você não comeria.

— Eles não tinham batata frita ou algo assim? Estou faminta.

— Só chocolate recheado com caramelo.

Ela fez uma careta e voltou ao mapa.

— Bom, eu iria pela Rodovia Dez — ela disse.

— Eu podia jurar que vi um atalho mais adiante.

— De verdade, não — ela disse.

— De verdade, não? O que você quer dizer? Ou tem um atalho ou não tem.

— Bom — ela disse —, para dizer a verdade, ainda não localizei muito bem Deer Lick.

Ele ligou a seta.

— Vamos encontrar algum lugar para comer e aí eu dou outra olhada no mapa — ele disse.

— Comer? Eu não quero comer!

— Você acabou de dizer que estava morrendo de fome!

— Sim, mas estou de regime! Eu só quero um salgadinho.

— Muito bem. Então, vamos atrás do seu salgadinho — ele disse.

— Realmente, Ira, eu odeio como você sempre tenta sabotar minhas dietas.

— Então, peça uma xícara de café ou algo assim. Eu preciso olhar o mapa.

Ele estava indo por uma rua asfaltada repleta de casas rurais, todas com um galpão de ferramentas feito de metal no fundo com o formato de um pequeno celeiro vermelho com bordas brancas. Maggie não imaginaria que houvesse algum lugar para comer num bairro assim, mas, de fato, depois da próxima curva eles encontraram uma construção de madeira com alguns carros parados na frente. Uma empoeirada placa de néon na janela brilhava e dizia: CAFÉ E MERCEARIA DO NELL. Ira estacionou ao lado de um Jeep com um adesivo do Judas Priest no para-choque. Maggie abriu a porta e saiu, erguendo sub-repticiamente os fundilhos de sua meia-calça.

A mercearia cheirava a pão velho e papel-manteiga. Lembrou-lhe a cafeteria de uma escola fundamental. Aqui e ali, mulheres encaravam alimentos enlatados. O café ficava no fundo — um balcão comprido com fotos esmaecidas de ovos mexidos e cordões de salsichas beges que cobriam a parede atrás dele. Maggie e Ira se acomodaram em banquinhos adjacentes e Ira estendeu seu mapa no

balcão. Maggie ficou observando a garçonete limpar uma grelha. Ela borrifou alguma coisa, raspou a espessa camada de gordura e borrifou mais uma vez. De trás, ela era um grande retângulo branco, com seu coque grisalho preso por grampos pretos.

— O que desejam? — ela perguntou finalmente, sem virar-se.

Ira disse:

— Para mim, só café, por favor — sem levantar os olhos de seu mapa.

Maggie teve mais dificuldade para decidir. Ela tirou os óculos escuros e olhou para as fotos coloridas.

— Acho que também quero café — disse —, e também, deixe-me ver, uma salada ou algo assim, mas...

— Não servimos saladas — a garçonete disse. Ela colocou de lado o frasco e veio na direção de Maggie, limpando as mãos no avental. Seus olhos, com teias de rugas, eram de um verde-claro assustador, como vidro fosco. — As únicas coisas que posso oferecer são alface e tomate de um sanduíche.

— Bom, então acho que vou ficar com um pacotinho de tortilhas da prateleira — Maggie disse, contente. — Embora eu saiba que não deva. — Ela ficou observando a garçonete servir duas canecas de café. — Estou tentando perder cinco quilos antes do Dia de Ação de Graças. Venho tentando perder esses cinco quilos a vida inteira, mas desta vez estou decidida.

— Bobagem! Você não precisa emagrecer — a mulher disse, colocando as canecas diante deles. Um bordado em vermelho no bolso sobre seu peito dizia Mabel, um nome que Maggie não ouvia desde a infância. O que acontecera com todas as Mabels? Ela tentou imaginar como seria dar um nome desses a uma criança. Enquanto isso, a mulher lhe dizia: — Eu detesto o modo como todo mundo tenta parecer um palito hoje em dia.

— É isso o que Ira diz; ele gosta de mim com o peso que tenho hoje — disse Maggie. Ela olhou para Ira, mas ele estava mergulhado em seu mapa, ou pelo menos fingia estar. Ele sempre ficava constrangido quando ela começava a falar com estranhos. — Mas, toda vez que eu vou provar um vestido, ele não me cai bem, sabe?

Parece que eles não esperam que eu tenha busto. O problema é que eu não tenho força de vontade. Adoro coisas salgadas. Coisas picantes. Apimentadas. — Ela aceitou o pacote de salgadinhos e levantou-o, mostrando.

— E eu? — Mabel perguntou. — O médico disse que estou tão acima do peso que minhas pernas vão falhar.

— Ah, não está, não! Me mostre onde você está gorda!

— Ele diz que não seria tão ruim se eu não fosse garçonete; ele disse que é ruim para minhas veias.

— Nossa filha está trabalhando como garçonete — disse Maggie. Ela abriu o pacote de salgadinhos e comeu um. — Às vezes ela fica de pé por oito horas seguidas sem intervalo. Ela começou usando sandálias, mas mudou para sapatos de sola de crepe logo, logo, coisa que ela dizia que nunca faria.

— Você não tem idade para ter uma filha tão crescida — disse Mabel.

— Ah, ela ainda é adolescente; é um emprego de verão. Amanhã ela vai para a faculdade.

— Faculdade! Ela é inteligente, então — disse Mabel.

— Ah, bom, eu não sei — disse Maggie. — Mas ela conseguiu uma bolsa integral. — Ela estendeu o pacote. — Quer um?

Mabel pegou um punhado.

— Os meus são todos meninos — ela disse a Maggie. — Para eles, estudar é tão natural quanto voar.

— É, nosso filho era assim.

— “Por que não estão fazendo a lição de casa?”, eu perguntava para eles. Tinham mil desculpas. A mais comum era que a professora não tinha passado nada, o que, é claro, era a mais completa balela.

— Igualzinho ao Jesse — Maggie disse.

— E o pai! — Mabel disse. — Ficava sempre do lado deles. Parecia que eles formavam uma gangue e eu era deixada de fora. Ah, o que eu não daria para ter tido uma filha!

— Bom, as filhas também têm desvantagens — disse Maggie. Ela percebeu que Ira queria interromper a conversa com uma pergunta (ele havia colocado o dedo no mapa e olhava para Mabel, esperando), mas, quando obtivesse sua resposta, estaria pronto para partir, então ela o fez esperar um pouco. — Por exemplo, as filhas têm mais segredos. O que eu quero dizer é que você pensa que elas estão falando com você, mas é só conversa-fiada. A Daisy, por exemplo: ela sempre foi tão calada e obediente. Aí, do nada, ela aparece com um esquema para ir estudar fora. Eu não tinha ideia do que ela estava tramando! Eu disse: “Daisy? Você não está feliz aqui em casa?”. É claro que eu sabia que ela planejava ir para a faculdade, mas se a Universidade de Maryland é boa o bastante para os filhos dos outros, por que não serve para ela? “O que há de errado com Baltimore, que é aqui pertinho?”, eu perguntei, mas ela disse: “Ah, mãe, você sempre soube que o que eu queria era ir para uma faculdade da Ivy League”. Eu não sabia de nada disso! Não tinha ideia! E, desde que ela conseguiu essa bolsa, nossa, ela mudou completamente. Não é, Ira? O Ira diz... — ela disse, apressando-se (arrepentida de ter dado essa abertura a ele). — O Ira diz que ela está crescendo, só isso. Ele diz que são as dores de crescer que a tornam tão exigente e crítica, e que só um tolo levaria isso a ferro e fogo. Mas é difícil! É muito difícil! É como se, de repente, tudo o que nós fizessemos fosse errado; é como se ela estivesse procurando bons motivos para não sentir nossa falta quando for embora. Porque meu cabelo é muito ondulado, e eu falo demais, e como muita fritura. E o terno do Ira não tem um bom corte e ele não é um bom negociante.

Mabel concordava, balançando a cabeça, compreendendo tudo, mas Ira, é claro, achava que Maggie estava sendo emotiva demais. Ele não disse isso, mas mudou de posição no banquinho; foi assim que ela percebeu. Ela o ignorou.

— Sabe o que ela me disse outro dia? — ela perguntou a Mabel. — Eu estava testando uma receita de ensopado de atum. Preparei isso para o jantar e perguntei: “Não está uma delícia? Seja sincera, Daisy, o que achou?”. E a Daisy disse...

Lágrimas brotaram sob seus cílios. Ela respirou fundo.

— A Daisy ficou sentada lá e me analisou por um bom tempo — ela disse —, com aquela expressão meio que... fascinada no rosto, e

depois me disse: “Mamãe? Foi uma atitude consciente da sua parte decidir simplesmente ser comum?”.

Ela quis continuar, mas seus lábios tremiam. Largou o salgadinho e vasculhou a bolsa à procura de um lenço de papel. Mabel fez um som esquisito. Ira disse:

— Pelo amor de Deus, Maggie.

— Me desculpe — ela disse a Mabel. — Isso me magoou.

— Mas é claro que sim — Mabel disse, acalmando-a. Ela deslizou a caneca de Maggie mais para perto dela. — É claro que deve ter magoado!

— Na minha cabeça, eu não sou comum — Maggie disse.

— Certamente que não! — disse Mabel. — Diga isso a ela, querida! Diga isso a ela. Diga para ela parar de pensar dessa maneira. Sabe o que eu disse ao Bob, meu filho mais velho? Também foi por causa de um prato de atum, olhe só que coincidência. Ele me disse que estava enjoado de comidas com um monte de coisas misturadas. Eu disse a ele: “Mocinho”, e disse: “O senhor pode levantar e sair desta mesa. E, aproveitando, sair desta casa. Vá procurar um lugar para você” eu disse, “preparar sua própria comida e aí você vai ver se pode comprar filé todo dia”. E eu falava sério mesmo. Ele achou que eu estava falando da boca para fora, mas logo viu que era sério; separei todas as roupas dele e coloquei no capô do carro. Agora ele mora do outro lado da cidade com a namorada. Ele não acreditou que eu fosse obrigá-lo a se mudar de verdade.

— Mas é justamente isso; eu não quero que ela saia de casa — disse Maggie. — Eu gosto de tê-la em casa. Por exemplo, o Jesse: ele trouxe a mulher e a filhinha para morar conosco e eu adorei! O Ira acha que o Jesse é um fracassado. Ele diz que a vida inteira do Jesse foi estragada por uma só amizade, o que não faz sentido. Tudo o que o Don Burnham fez foi dizer para o Jesse que ele tinha talento como cantor. Você acha que isso é arruinar uma vida? Mas se você pega um menino como o Jesse, que nunca foi um prodígio na escola, e cujo pai está sempre apontando os seus defeitos, e você diz a ele que existe uma área em que ele pode brilhar... bom, o que você espera? Acha que ele vai virar as costas e esquecer isso?

— Mas é claro que não! — Mabel disse, indignada.

— É claro que não. Ele começou a cantar com uma banda de rock. Largou o colégio e foi colecionando um monte de namoradas, até que encontrou uma especial e se casou com ela; até aí, nada de errado. Ele a trouxe para morar conosco porque não ganhava muito dinheiro. Eu fiquei entusiasmada. Eles tiveram uma nenenzinha linda. Depois, a esposa dele e a neném se mudaram de casa por causa dessa cena horrível, simplesmente se levantaram e saíram. Não foi nada demais, só uma discussão, mas você sabe como essas coisas acabam piorando. Eu disse: “Ira, vá atrás dela; foi por sua culpa que ela saiu”. (O Ira estava completamente envolvido nessa cena, e eu o culpo até hoje.) Mas o Ira disse que não, que ela tinha que fazer o que queria. Ele disse que elas fossem embora, se quisessem, mas eu sinto como se ela tivesse arrancado aquela criança da minha carne e deixado uma enorme ferida aberta.

— Ah, os netos — disse Mabel. — Nem vou começar.

Ira disse:

— Não querendo mudar de assunto, mas...

— Ah, Ira — Maggie lhe disse —, vamos pegar a Rodovia Dez e parar de falar nisso.

Ele a encarou longa e friamente. Ela enterrou o nariz no lenço de papel, mas sabia que tipo de olhar era aquele. Em seguida, perguntou a Mabel:

— Você já esteve em Deer Lick?

— Deer Lick — Mabel disse. — Acho que já ouvi falar.

— Eu queria saber onde podemos virar e sair da Rota Um para chegar lá.

— Ah, isso eu não sei — Mabel respondeu. Ela perguntou a Maggie: — Querida, posso lhe servir mais café?

— Não, obrigada — Maggie disse. Na verdade, sua caneca estava intocada. Ela tomou um pequeno gole só para mostrar seu apreço.

Mabel tirou a nota de um bloco e entregou-a a Ira. Ele pagou com moedas, levantando-se para averiguar os bolsos. Enquanto isso, Maggie colocou seu lenço de papel úmido dentro do pacote de

salgadinhos vazio e fez com ele um embrulho bem pequeno, como se não quisesse dar trabalho.

— Bom, foi um prazer conversar com você, Mabel.

— Cuide-se, querida — disse a garçonete.

Maggie teve a sensação de que elas deveriam dar beijinhos de despedida, como duas amigas que acabam de almoçar juntas.

Ela não estava mais chorando, mas podia sentir o descontentamento de Ira enquanto se dirigiam ao estacionamento. Era como uma camada de alguma coisa opaca e dura que a isolava dele. Ele devia ter casado com Ann Landers, ela pensou. Entrou no carro. O banco estava tão quente que queimou suas costas através do vestido. Ira entrou e bateu a porta. Se ele tivesse casado com Ann Landers, teria o tipo de esposa prática e sensata que desejava. Às vezes, ouvindo seu grunhido de aprovação ao ler uma das respostas mordazes de Ann, Maggie sentia uma verdadeira pontada de ciúme.

Eles passaram pelas casas rurais mais uma vez, chacoalhando pela estradinha de asfalto. O mapa estava entre eles, cuidadosamente dobrado. Ela não perguntou o que ele havia decidido com relação ao trajeto. Ficou olhando pela janela, fungando de vez em quando, tão silenciosamente quanto possível.

— Seis anos e meio — Ira disse. — Não, sete anos, e você ainda arrasta essa história da Fiona. Conta a estranhos que ela saiu por minha culpa. Você simplesmente tem que culpar alguém por isso, não é, Maggie?

— Se alguém for culpado, sim, tenho — Maggie disse à paisagem.

— Nunca lhe ocorreu que a culpa pode ter sido sua, né?

— Nós vamos ter essa discussão idiota mais uma vez? — ela perguntou, virando-se para encará-lo.

— Mas quem foi que puxou o assunto, eu gostaria de saber?

— Eu só estava esclarecendo os fatos, Ira.

— Quem lhe pediu os fatos, Maggie? Por que você sente a necessidade de abrir sua alma com uma garçonete qualquer?

— Olhe aqui, não há nada de errado em ser garçomete — ela disse. — É uma ocupação absolutamente respeitável. Nossa própria filha trabalhou como garçomete, eu tenho que lembrá-lo disso?

— Ah, ótimo, Maggie; mais uma de suas progressões lógicas.

— Se tem uma coisa em você que eu não posso suportar — ela disse — é como você age de modo superior. Não podemos ter uma discussão civilizada sobre o passado; ah, não. Não, você tem que deixar claro como eu sou ilógica, como sou uma doidivanas e como você é calmo e está acima de tudo isso.

— Bom, pelo menos eu não escancaro a história da minha vida em restaurantes públicos — ele disse a ela.

— Ah, me deixe sair deste carro — ela disse. — Não aguento mais um segundo em sua companhia.

— Com prazer — ele disse, mas continuou dirigindo.

— Me deixe sair, eu disse!

Ele olhou para ela e diminuiu a velocidade do carro. Ela pegou a bolsa e agarrou-a contra o peito.

— Você vai parar este carro — ela perguntou — ou eu vou ter que pular de um veículo em movimento?

Ele parou o carro.

Maggie saiu e bateu a porta. Começou a caminhar de volta para o café. Por um momento, pareceu que Ira planejava ficar lá parado, mas foi então que ela ouviu-o trocar a marcha e ir embora.

O sol inundava o dia com um banho de luz amarela e seus sapatos produziam pequenos ruídos no cascalho. Seu coração batia com força exagerada. Ela sentia prazer de um modo estranho. Sentia-se quase embriagada de fúria e exaltação.

Passou pela primeira das casas rurais, onde flores e mato se estendiam ao longo do quintal da frente e um triciclo aguardava na calçada. Aquilo, sim, era silêncio. Ela só conseguia ouvir o gorjeio dos pássaros — seu tchink! tchink! tchink! e vídeo! vídeo! vídeo! nas árvores dos campos ao longe. Ela passara a vida inteira no burburinho da cidade, percebeu. Parecia que Baltimore era mantida em movimento por alguma máquina gigantesca que funcionava sem

parar nos subterrâneos da cidade. Como ela havia aguentado aquilo? Assim, subitamente, abandonou qualquer plano para voltar. Caminhou na direção do café com uma vaga noção de perguntar onde ficava a estação de trem mais próxima, ou talvez pegar uma carona de volta para casa com algum caminhoneiro de aparência confiável; mas voltar para casa para quê?

Ela passou a segunda casa rural, que tinha uma caixa de correio na frente no formato de uma carroça. Uma cerca rodeava a propriedade — tocos de madeira pintados de branco e ligados por correntes pintadas de branco, puramente ornamentais — e ela parou ao lado de um dos tocos, colocando sua bolsa sobre ele para fazer um inventário do que tinha. O problema com bolsas de festa é que elas são muito pequenas. Sua bolsa de uso diário, uma sacola de lona, poderia supri-la durante semanas. (“Você dá àquela frase ‘Quem roubar minha bolsa vai levar um monte de lixo’ um novo significado”, sua mãe dissera certa vez.) Mesmo assim, ela tinha o básico: uma escova, um pacote de lenços de papel e um batom. E em sua carteira, 34 dólares, algumas moedas e um cheque em branco. Também tinha dois cartões de crédito, mas era o cheque que importava. Ela iria ao banco mais próximo e abriria a maior conta que o cheque cobrisse — digamos 300 dólares. Ora essa, 300 dólares podem durar um bom tempo! O suficiente para encontrar um emprego, pelo menos. Os cartões de crédito, ela supôs que Ira logo cancelaria. Embora pudesse tentar usá-los pelo menos neste fim de semana.

Ela revirou o resto das abas plásticas da carteira, passando por sua carteira de motorista, seu cartão da biblioteca, uma foto de Daisy na escola, um cupom do xampu Affinity dobrado e um instantâneo colorido de Jesse de pé nos degraus da frente da casa. A foto de Daisy tinha exposição dupla — fora o máximo no ano passado —, então seu perfil preciso e esculpido aparecia semitransparente por trás de uma imagem dela mesma com o queixo erguido de modo arrogante. Jesse usava seu gigantesco sobretudo preto do Value Village e, no pescoço, um lenço vermelho muito comprido com franjas que iam até abaixo dos joelhos. Ela ficava perplexa — quase ofendida — com a beleza dele. Ele havia herdado a gota de sangue indígena de Ira e a transformado em algo forte e deslumbrante: maçãs do rosto salientes, cabelos pretos e lisos, olhos pretos puxados e opacos. Mas o olhar que

ele lhe lançava era velado e impassível, tão arrogante quanto o de Daisy. Nenhum deles precisava mais dela.

Ela colocou tudo de volta na bolsa e fechou-a. Quando voltou a caminhar, seus sapatos se tornaram apertados e desconfortáveis, como se seus pés tivessem mudado de forma enquanto ela estava de pé. Talvez tivessem inchado; o dia estava quente. Mas até mesmo o clima se adequava a seus propósitos. Dessa maneira, ela poderia dormir na rua, se precisasse. Ela poderia dormir sobre um monte de feno. Se é que ainda existiam montes de feno.

De noite, telefonaria para Serena e se desculparia por ter perdido o funeral. Ela reverteria as acusações; conseguia fazer isso com Serena. A princípio, Serena poderia não aceitar seu telefonema, porque Maggie a abandonara — Serena ficava ofendida sempre tão depressa —, mas acabaria cedendo e Maggie explicaria. “Escute”, ela diria, “neste momento eu não me importaria de ir ao funeral do Ira.” Ou talvez isso fosse um pouco rude, em vista das circunstâncias.

O café estava bem perto e, para além dele, havia um prédio baixo de blocos de concreto e, para além deste, ela imaginou, pelo menos algo que lembrasse uma cidade. Seria uma dessas cidadezinhas à beira da Rota Um, com muita atenção voltada para as exigências de viajar na estrada. Ela se registraria em um hotel sem frescuras, com o quarto pouco maior do que a cama, que ela imaginou, com algum prazer, estaria enfiada no meio e coberta com uma colcha gasta de chenile. Ela compraria na Mercearia do Nell os alimentos que não precisassem de cozimento. Uma coisa que as pessoas não percebiam era que muitas variedades de sopa em lata podiam ser tomadas diretamente da lata, e elas representavam uma refeição bem balanceada, também. (Um abridor de latas: ela não podia se esquecer de comprar um na mercearia.)

Quanto a emprego, ela não tinha muita esperança de encontrar uma casa de repouso numa cidade assim. Talvez algo num escritório, então. Ela sabia datilografia e um pouco de contabilidade, embora não fosse um primor. Tinha alguma experiência da loja de molduras. Talvez uma loja de peças de automóveis pudesse precisar dela, ou poderia ser uma daquelas mulheres que trabalham em postos de gasolina, passando cartões de crédito e entregando as chaves para as pessoas. Se as coisas piorassem, ela poderia ser caixa. Poderia ser

garçonete. Poderia lavar chão, pelo amor de Deus. Tinha somente 48 anos, sua saúde estava perfeita e, apesar do que certas pessoas pensavam, era capaz de fazer qualquer coisa que decidisse.

Ela curvou-se para colher uma flor de chicória. Colocou-a nos cachos acima de sua orelha esquerda.

Ira achava que ela era uma boboca. Todos achavam. Ela havia, de alguma maneira, desenvolvido uma reputação de desastrada. Na casa de repouso, certa vez, ouvira-se um estrondo e um barulho de vidro quebrado e a enfermeira-chefe gritara:

— Maggie?

Assim, simplesmente! Nem verificara antes para ter certeza! E Maggie nem estava por perto; tinha sido outra pessoa. Mas isso servira para mostrar como as pessoas a viam.

Ela presumira, ao casar-se com Ira, que ele sempre olharia para ela do modo como olhara naquela primeira noite, quando ela aparecera diante dele usando seu négligé nupcial e a única luz na sala era a do ténue abajur ao lado da cama. Ela havia desabotoado o botão de cima e também o logo abaixo dele, o suficiente para deixar o négligé escorregar de seus ombros, hesitar e cair aos seus tornozelos. Ele olhava diretamente em seus olhos e parecia nem respirar. Ela presumira que isso duraria para sempre.

No estacionamento diante do Café e Merceria do Nell, dois homens estavam parados ao lado de uma camionete, conversando. Um deles era gordo e tinha a cara redonda e vermelha e o outro era magro, branco e franzino. Eles estavam falando de alguém chamado Doug, que havia chegado todo esbofado. Maggie ficou se perguntando o que era esbofado. Imaginou que devia ser a junção de esbaforido com suado. Ela sabia que devia estar parecendo muito estranha, surgindo assim, a pé, vinda do nada, toda bem vestida e urbanizada.

— Olá! — ela gritou, soando como sua mãe. Os homens pararam de falar e olharam para ela. O magro tirou o boné e olhou para dentro dele. Depois, colocou-o de volta na cabeça.

Ela podia entrar no café e falar com Mabel, perguntar se ela sabia de algum emprego e de um lugar para ficar; ou podia ir direto para a cidade e encontrar alguma coisa sozinha. De certa forma, ela preferia defender-se sozinha. Seria um pouco desconcertante

confessar que tinha sido abandonada pelo marido. Por outro lado, talvez Mabel soubesse de algum emprego maravilhoso. Talvez ela conhecesse a pousada perfeita, bem baratinha, com possibilidade de usar a cozinha, cheia de gente afetuosa. Maggie supôs que deveria pelo menos perguntar.

Ela deixou a porta de tela bater atrás de si, fazendo barulho. A mercearia lhe era familiar agora e ela atravessou seus odores confortavelmente. No balcão, encontrou Mabel inclinada sobre um pano de prato amarfanhado e falando com um homem de macacão. Eles estavam quase sussurrando.

— Ora, você não pode fazer nada — Mabel dizia. — O que eles acham que você pode fazer?

Maggie sentiu que estava incomodando. Ela não havia contado com ter que dividir Mabel com outra pessoa. Retraiu-se antes que pudesse ser vista; encolheu-se no corredor de bolachas, esperando que seu rival fosse embora.

— Eu já passei por isso e superei — o homem disse com um grunhido. — Ainda não consigo ver o que mais eu poderia ter feito.

— Minha Nossa Senhora, não.

Maggie pegou uma caixa de biscoitos salgados. Antigamente, havia um tipo de torta de maçã que as pessoas faziam sem usar maçã alguma, só biscoitos salgados. Que gosto isso teria?, ela se perguntou. Não lhe parecia haver a mais remota chance de que aquilo pudesse ter gosto de maçã. Talvez eles deixassem os biscoitos de molho em cidra primeiro. Ela procurou a receita na caixa, mas não havia menção.

A esta altura, Ira estaria começando a perceber que ela havia ido embora. Ele estaria percebendo o vazio que fica quando uma pessoa com quem você está acostumado está ausente.

Será que ele iria ao funeral sem ela? Ela não havia pensado nisso. Não, Serena era mais amiga de Maggie do que de Ira. E Max era somente um conhecido. Para dizer a verdade, Ira não tinha nenhum amigo. Essa era uma das coisas que preocupavam Maggie acerca dele.

Ele estaria andando mais devagar. Estaria tentando decidir. Talvez ele já tivesse dado meia-volta.

Ele estaria percebendo quanto uma pessoa se sente desolada quando é subitamente abandonada.

Maggie largou os biscoitos salgados e foi na direção dos enroladinhos de figo.

Certa vez, há alguns anos, Maggie se apaixonara, de certa forma, por um paciente da casa de repouso. A ideia, em si, era cômica, é claro. Apaixonar-se! Por um homem de 70 anos! Um homem que tinha que usar cadeira de rodas para se locomover! Mas pronto. Ela ficara fascinada por seu rosto branco e austero e seus modos gentis. Gostava do modo rijo como ele falava, o que dava-lhe a sensação de estar mantendo as próprias palavras a distância. E sabia que dor deveria causar-lhe vestir-se tão formalmente todas as manhãs, com sua expressão magnificamente desarticulada, enquanto enfiava suas mãos artríticas, cerradas, nas mangas do terno. Senhor Gabriel era seu nome. “Ben” para todos os outros, mas “Sr. Gabriel” para Maggie, porque ela podia imaginar quanto a proximidade o assustava. E ela era reservada ao tentar ajudá-lo, sempre pedindo permissão primeiro. Tomava cuidado para não tocá-lo. Embora os outros o tratassem com ternura e um pouco de condescendência, Maggie mantinha sua distância e permitia que ele mantivesse a dele.

Nos arquivos do escritório, ela leu que ele fora proprietário de uma importante fábrica de ferramentas elétricas. Sim, conseguia vê-lo em um cargo assim. Ele tinha a autoridade firme de um homem de negócios, o ar de um empresário que sabia separar o joio do trigo. Ela leu que ele ficara viúvo e não tinha filhos nem nenhuma pessoa próxima, exceto uma irmã solteira que morava em New Hampshire. Até recentemente, ele vivera sozinho, mas, logo depois de seu cozinheiro ter provocado um pequeno incêndio na cozinha, ele reservara uma vaga no lar de idosos. Sua preocupação, ele escrevera, era que estivesse se tornando muito incapacitado para sair de casa em caso de incêndio. Preocupação! Você tinha que conhecer o homem para saber a extensão dessa palavra: um pavor mórbido e obsessivo do fogo, que tivera origem naquele pequeno incêndio em sua cozinha e fora crescendo de maneira que nem cuidadores domésticos, nem, finalmente, enfermeiras tratando dele dia e noite conseguiam acalmá-lo. (Maggie notara seu olhar fixo e paralisado durante as simulações

de fuga em caso de incêndio — as únicas ocasiões em que ele parecia realmente ser um paciente.)

Ah, por que ela estava lendo esse prontuário? Ela não devia. Falando estritamente, não devia ler nem a ficha médica dele. Ela não passava de uma auxiliar de geriatria, licenciada somente para dar banho nos pacientes, alimentá-los e levá-los ao banheiro.

E mesmo em sua imaginação ela sempre havia sido a mais fiel das esposas. Nunca se sentira tentada. Mas agora, os pensamentos sobre o Sr. Gabriel a consumiam e ela passava horas inventando novas maneiras de ser indispensável a ele. Ele sempre notava, e sempre lhe agradecia.

— Imagine! — ele disse a uma enfermeira. — Maggie me trouxe tomates do seu próprio jardim.

Os tomates de Maggie eram sujeitos a uma doença incomum: eram bulbosos, como coleções de bolinhas vermelhas que haviam colidido e se fundido uma à outra. Esse problema já persistia há vários anos, através de diversas variedades de híbridos. Maggie culpava o pequenino pedaço de terra do solo urbano onde ela era obrigada a confiná-los (ou seria a falta de sol?), mas sempre sentia, pelos olhares divertidos e tolerantes que eles arrancavam, que as outras pessoas achavam que aquilo tinha a ver com a própria Maggie — com o modo desajeitado como ela parecia levar sua própria vida. Mas o Sr. Gabriel não notava nada. Ele declarou que os tomates dela tinham o aroma de um dia de verão de 1944. Quando ela os cortou, eles lembravam toalhinhas de crochê — comidos nas beiradas, cheios de buracos entre as intersecções —, mas tudo o que ele disse foi:

— Minhas palavras não conseguem expressar quanto isso significa para mim. — Ele nem a deixou colocar sal. Disse que eles tinham um gosto maravilhoso como estavam.

Bom, ela não era idiota. Percebeu que o que a atraía nele era a imagem que ele tinha dela — uma imagem que teria deixado Ira boquiaberto. Teria surpreendido qualquer um que a conhecesse. O Sr. Gabriel achava que ela era capaz, habilidosa e eficiente. Acreditava que tudo que ela fazia era perfeito. Ele disse isso, com estas mesmas palavras. E isso aconteceu em um período muito insatisfatório da vida

dela, quando Jesse estava entrando na adolescência e ficando negativo e Maggie parecia estar enfrentando algum feitiço que a fazia brigar a toda hora com Ira. Porém o Sr. Gabriel nunca imaginaria nada disso. O Sr. Gabriel via alguém discreto, movimentando-se serenamente pelo quarto e arrumando os pertences dele.

De noite, ela ficava acordada e maquinava diálogos nos quais o Sr. Gabriel confessava estar completamente caído por ela. Ele diria que sabia que era idoso demais para atraí-la fisicamente, mas ela o interrompia para dizer que ele estava errado. Este era um fato. A simples ideia de encostar a cabeça no ombro branco e engomado dele a deixava quente, derretendo. Ela prometeria ir a qualquer lugar com ele, qualquer lugar do mundo. Eles deveriam levar Daisy junto? (Daisy tinha 5 ou 6 anos naquela época.) Naturalmente, não poderiam levar Jesse; Jesse não era mais uma criança. Mas aí Jesse pensaria que ela amava Daisy mais e ela certamente não suportaria isso. Divagou e ficou imaginando o que aconteceria se eles levassem Jesse. Ele ficaria alguns passos atrás, usando uma de suas roupas totalmente pretas, esforçando-se para carregar todo o seu equipamento de som e uma pilha de discos. Ela começou a dar risada. Ira mexeu-se, dormindo, e disse:

— Hum?

Ela moderou o riso e abraçou a si mesma — uma mulher competente e aventureira, com infinitas possibilidades.

Um amor proibido, é isso o que eles eram; mas ela parecia ter encontrado uma forma de amor proibido diferente da de todo mundo. Como cuidaria do Sr. Gabriel e ainda manteria um emprego? Ele se recusava a ser deixado sozinho. E que emprego ela escolheria? Seu único emprego em toda a vida tinha sido na Casa de Repouso Silver Threads. Era muito difícil que lhe dessem uma carta de recomendação depois de ter fugido com um de seus pacientes.

Outra divagação: e se ela não fugisse, mas desse a notícia para Ira de uma maneira civilizada e fizesse os preparativos calmamente? Ela poderia mudar-se para o quarto do Sr. Gabriel. Poderia levantar-se da cama dele todas as manhãs e já estaria no trabalho; nada de condução. À noite, quando a enfermeira chegasse com os comprimidos, encontraria Maggie e o Sr. Gabriel deitados lado a lado,

olhando para o teto, com seu companheiro de quarto Abner Scopes na cama junto à outra parede.

Maggie deu outra risadinha abafada.

A história estava ficando, de alguma maneira, muito distorcida.

Como qualquer pessoa apaixonada, ela constantemente encontrava razões para mencionar o nome dele. Contou a Ira tudo sobre ele — seus ternos e gravatas, seu cavalheirismo, seu estoicismo.

— Eu não sei por que você não pode simpatizar desse jeito com o meu pai; ele é da família — Ira disse, não entendendo nada. O pai de Ira era um choramingão, usava as pessoas. O Sr. Gabriel não era nem um pouco parecido com ele.

Então, certa manhã, foi feita outra simulação de incêndio. O alarme soou e o código foi berrado no alto-falante: “Fogo no quarto 220”. Isso aconteceu no meio das atividades diárias — uma hora inconveniente, porque os pacientes estavam todos espalhados. Os que tinham alguma destreza manual estavam na sala de artes, amarrando flores de seda coloridas. Os que tinham movimentos muito limitados — o Sr. Gabriel, por exemplo — estavam fazendo uma sessão extra de fisioterapia. E, é claro, os presos à cama ainda estavam em seus quartos. Eram os mais fáceis.

A regra era deixar os corredores desobstruídos, trancar os pacientes errantes em qualquer sala disponível e amarrar um tecido vermelho às maçanetas para mostrar quais salas estavam ocupadas. Maggie fechou os quartos 201 e 203, onde ficavam somente pacientes acamados. Amarrou trapos vermelhos que tirou do armário das vassouras. Depois, persuadiu uma das velhinhas errantes de Joelle Barrett a entrar no quarto 202. Havia um carrinho de bandejas parado na porta da sala 202 e ela colocou-o também para dentro da sala; em seguida, saiu correndo atrás de Lottie Stein, que avançava vagarosamente em seu andador, cantarolando algo sem melodia. Maggie colocou-a no 201, com Hepzibah Murray. Em seguida, chegou Joelle, empurrando a cadeira de Lawrence Dunn e alertando:

— Êpa! A Tillie saiu!

Tillie era aquela que Maggie escondera no 202. Este era o problema com esses treinamentos. Eles a lembravam daqueles jogos de bolso onde você tentava colocar todos os soldadinhos prateados em

seus esconderijos de uma vez só. Ela recuperou Tillie e voltou a fechá-la no 202. Ruídos perturbadores vinham do 201. Poderia ser uma briga entre Lottie e Hepzibah; Hepzibah odiava estranhos em seu quarto. Maggie deveria ter dado um jeito, e ela também deveria ter ido ao auxílio de Joelle, que estava praticamente lutando com Lawrence, mas havia algo mais importante em sua mente. Ela estava pensando, é claro, no Sr. Gabriel.

A esta altura, ele devia estar catatônico de medo.

Ela saiu de seu corredor. (Nunca se deve fazer isso.) Passou rapidamente pelo posto da enfermeira, desceu as escadas e virou à direita. A sala de fisioterapia ficava na outra ponta do corredor. As duas portas vaivém estavam fechadas. Ela correu na direção delas, contornando primeiro uma cadeira dobrável e depois um carrinho de roupa suja, sendo que nenhum dos dois deveria estar lá. Mas imediatamente ela ouviu passos, o ranger de solados de borracha. Parou e olhou em volta. O Sr. Willis! Ela tinha quase certeza de que era o Sr. Willis, seu supervisor; e lá estava Maggie, a quilômetros de seu posto.

Ela fez a primeira coisa que lhe veio à cabeça. Deu um pulo para dentro do carrinho de roupa suja.

Um absurdo, ela percebeu instantaneamente. E continuou xingando a si mesma enquanto mergulhava nos lençóis amarrotados. Podia ter se safado dessa, só que acabou colocando o carro em movimento. Alguém o agarrou e o deteve. Uma voz resmungona disse:

— Mas que diabos é isso?

Maggie abriu os olhos, que havia fechado como faz uma criança pequena em uma última e desesperada tentativa de tornar-se invisível. Bertha Washington, da cozinha, olhava para ela.

— Olá — Maggie disse.

— Nossa, eu nunca vi uma coisa dessas! — Bertha disse. — Sateen, venha ver quem está esperando ser coletada.

O rosto de Sateen Bishop chegou perto do de Bertha, abrindo um sorriso.

— Maggie, sua palhaça! O que você vai aprontar em seguida? A maioria das pessoas só toma banho — ela disse.

— Foi um erro de cálculo — Maggie disse a elas. Levantou-se, livrando-se de uma toalha que lhe pendia do ombro. — Ah, acho que é melhor eu...

Mas Sateen disse:

— Se segura, garota.

— Sateen! Não! — Maggie gritou.

Sateen e Bertha pegaram o carrinho, gargalhando feito loucas, e dispararam pelo corredor. Maggie teve que se segurar bem ou teria derrubado o carrinho. Ela adernou, esquivando-se ao aproximar-se da curva, mas as mulheres eram mais rápidas do que pareciam. Elas a viraram com facilidade e começaram a correr de volta para o lugar de onde tinham saído. A franja de Maggie esvoaçava com a brisa. Ela sentia-se como a figura de proa de um navio. Agarrou-se às laterais do carrinho e gritou, meio rindo:

— Parem! Por favor, parem!

Bertha, que era gorda, bufava de rir e dava batidas na lateral. Sateen emitia um chiado por entre os dentes. Elas corriam na direção da sala de fisioterapia quando o alarme de término do treinamento soou — um zunido rouco no alto-falante. Imediatamente as portas vaivém se abriram e surgiu o Sr. Gabriel em sua cadeira de rodas, empurrado pela Srta. Inman. Não a fisioterapeuta, não uma assistente e nem uma voluntária, mas a própria Srta. Inman, diretora de enfermagem de toda a casa de repouso. Sateen e Bertha pararam por pouco. O Sr. Gabriel ficou boquiaberto. A Srta. Inman disse:

— Senhoras?

Maggie colocou uma mão no ombro de Bertha e saiu do carrinho.

— Francamente — ela disse às duas mulheres. E endireitou a barra de sua saia.

— As senhoras estão cientes de que acabamos de fazer um treinamento para incêndio?

— Sim, senhora — Maggie disse. Ela sempre morrera de medo de mulheres severas.

— Estão cientes da seriedade de um treinamento de incêndio em uma casa de repouso?

Maggie disse:

— Eu só estava...

— Leve Ben ao quarto dele, por favor, Maggie. Quero conversar com você mais tarde na minha sala.

— Sim, senhora — disse Maggie.

Ela empurrou a cadeira do Sr. Gabriel na direção do elevador. Quando ela inclinou-se para a frente a fim de apertar o botão, seu braço roçou no ombro dele e ele teve um sobressalto, afastando-se. Ela disse:

— Me desculpe.

Ele não respondeu.

No elevador, ele ficou mudo, mas poderia ser porque um médico acabou entrando no elevador com eles. Mas mesmo depois de chegarem no segundo andar e se separarem do médico, o Sr. Gabriel nada disse.

O corredor tinha aquela aparência pós-furacão costumeira depois que terminava um treinamento. Todas as portas estavam abertas, os pacientes vagavam, absortos, e a equipe de funcionários corria para lá e para cá, recolhendo os objetos que não pertenciam às salas. Maggie levou o Sr. Gabriel para o 206. O companheiro de quarto dele ainda não havia voltado. Ela parou a cadeira. Ele ainda estava mudo.

— Terra, que bom — ela disse, dando uma risadinha.

Os olhos dele voltaram-se vagarosamente para o rosto dela.

Talvez ele a encarasse como uma personagem do tipo I Love Lucy — doidivanas, divertida, com uma alegria irreprimível. Essa era uma maneira de ver a coisa. Na verdade, Maggie nunca gostara de I Love Lucy. Ela achava que as histórias eram tão artificiais — os defeitos daquela aloucada eram gratuitos, falsos. Mas talvez o Sr. Gabriel tivesse outra opinião.

— Eu descí até lá para pegá-lo — ela disse.

Ele a observava.

— Fiquei preocupada — continuou.

Tão preocupada que resolvera dar uma volta no cesto da roupa suja, o olhar dele claramente dizia.

Então, Maggie, inclinando-se para acionar o freio na cadeira de rodas, teve o mais estranho pensamento. Foram as rugas na boca dele que o provocaram — fendas profundas que puxavam os cantos para baixo. Ira tinha essas rugas. Em Ira elas eram mais leves, é claro. E ficavam mais aparentes quando ele não gostava de alguma coisa (normalmente, Maggie). E Ira lhe lançava aquele mesmo olhar sombrio, severo, julgador.

Ora, o Sr. Gabriel era somente um outro Ira, nada mais. Ele tinha o mesmo rosto enrugado e a mesma dignidade de Ira, sua altivez, que até hoje exercia sobre ela uma atração física. Ela apostava que ele até sustentava aquela irmã solteira, assim como Ira sustentava as irmãs dele e o malandro do pai: sinal de uma natureza nobre, alguns poderiam dizer. O Sr. Gabriel representava, na verdade, nada mais do que uma tentativa de Maggie de encontrar uma versão anterior de Ira. Ela queria a versão que conhecera no início do casamento, antes de ela começar a desapontá-lo.

Ela não estivera cortejando o Sr. Gabriel; estivera cortejando Ira.

Bom, ela ajudou o Sr. Gabriel a descer da cadeira e sentar na poltrona ao lado da cama e depois saiu para verificar os outros pacientes, e a vida continuou a mesma de sempre. Na verdade, o Sr. Gabriel ainda morava na casa de repouso, embora eles não conversassem tanto quanto antes. Hoje em dia, ele parecia preferir Joelle. Mas era sempre muito simpático. Provavelmente tinha se esquecido do passeio de Maggie no carrinho de roupa suja.

Porém Maggie se lembrava e, às vezes, sentindo o olhar gélido de reprovação de Ira, sentia-se entorpecida, exaustivamente certa de que não existia sobre a face da terra essa coisa chamada mudança. Você podia mudar de marido, mas não de situação. Você podia mudar quem, mas não o quê. Estamos todos dando voltas, ela pensou, e imaginou o mundo como uma xícara de chá azul, girando feito aqueles brinquedos nos parques de diversões onde todos ficam grudados no lugar pela força centrífuga.

Ela pegou um pacote de enroladinhos e leu as informações nutricionais na embalagem.

— Sessenta calorias cada — ela disse em voz alta, e Ira disse:

— Vai ficar aí se exibindo?

— Pare de criticar minha dieta — ela disse. E colocou a caixa de volta na prateleira, sem se virar.

— E aí, gata — ele disse —, quer ir a um funeral comigo?

Ela se fez de indiferente e não respondeu, mas, quando ele colocou o braço em volta de seus ombros, ela se deixou ser conduzida para fora da loja, até o carro.



Para encontrar qualquer lugar em Deer Lick, você só precisava parar no único semáforo existente e olhar para as quatro direções. Barbearia, dois postos de gasolina, loja de materiais de construção, mercadinho, três igrejas — tudo se apresentava em uma única olhada. Os prédios monotonamente dispostos, como em uma maquete de cidadezinha de estação de trem. Árvores deixadas à toa e calçadas que se extinguíam após três quadras. Experimente olhar por qualquer transversal; você veria uma paisagem verde, plantações de milho e muito provavelmente um cavalo castanho e robusto fuçando o pasto.

Ira estacionou no asfalto próximo à Igreja Memorial Fenway, um cubo branco acinzentado com uma torrezinha baixa e gorducha parecendo um chapéu de bruxa. Não havia nenhum carro à vista. Ele tinha acertado, ao que parecia: seguir pela Rota Um teria sido mais rápido, o que não era necessariamente melhor, visto que significava que teriam chegado a Deer Lick 30 minutos antes. Ainda assim, Maggie esperara encontrar algum sinal dos outros convidados do velório.

— Talvez seja o dia errado — ela disse.

— Não pode ser. “Amanhã”, a Serena disse a você. É impossível que você tenha confundido isso.

— Você acha que devemos entrar?

— Certamente, se não estiver trancada.

Quando saíram do carro, o vestido de Maggie grudava na parte de trás das pernas. Ela sentia-se um lixo. Seu cabelo estava despenteado pelo vento e o elástico da cintura da sua meia-calça tinha se dobrado e dividia sua barriga em duas partes.

Subiram pelo lance de escadas e tentaram a porta, que abriu de uma só vez com um rangido. Logo à frente, apresentava-se na penumbra um salão longo, sem carpete, com teto de forro aparente acima dos bancos escuros. Arranjos florais grandiosos estavam dispostos em ambos os lados do púlpito, o que foi como uma confirmação para Maggie. Apenas casamentos ou velórios tinham arranjos tão artificiais.

— Olá? — Ira tentou.

Sua voz ecoou de volta.

Entraram pelo corredor pisando de leve, fazendo as tábuas do chão rangerem. — Você acha que existe algum... anexo ou algo do tipo? — Maggie sussurrou.

— Anexo?

— Quero dizer, uma ala do noivo e uma ala da noiva? Ou melhor... — deu uma risadinha quando percebeu seu erro. Na verdade, ela não tinha muita experiência com funerais. Ninguém próximo a ela morrera ainda, por sorte. — Quero dizer — ela falou —, faz diferença em que lado sentamos?

— Desde que não seja na primeira fileira — Ira disse.

— Bem, claro que não, Ira. Não sou assim tão idiota.

Ela foi para um banco da direita a meio caminho do corredor e escorregou para o lado para que ele se sentasse.

— Pensei que pelo menos teria uma música tocando — ela disse.

Ira olhou seu relógio. Maggie disse:

— Talvez da próxima vez você devesse seguir as indicações da Serena.

— O quê? E ficar vagando por trilhas de carro de boi a manhã inteira?

— Melhor do que sermos os primeiros a chegar.

— Não me importo em ser o primeiro — Ira disse.

Procurou algo no bolso esquerdo de seu paletó. Ele tinha trazido um baralho preso por um elástico.

— Ira Moran! Você não vai jogar cartas em um local religioso.

Ele apalpou seu bolso direito e de lá tirou outro baralho.

— E se alguém chegar? — Maggie perguntou.

— Não se preocupe, tenho ótimos reflexos — ele disse.

Retirou os elásticos e juntou os dois baralhos, embaralhando-os. Fizeram barulho, estalando.

— Bom — Maggie disse —, vou simplesmente fingir que não conheço você. — Pegou as alças da bolsa e escorregou para a outra ponta do banco.

Ira dispôs as cartas na parte onde ela se sentara.

Ela caminhou até um vitral. EM MEMÓRIA DE VIVIAN DEWEY, AMADO MARIDO E PAI, dizia uma placa logo abaixo. Um marido chamado Vivian! Ela soltou uma risada. Lembrou-se de um pensamento que costumava ter nos anos 1960, quando os rapazes usavam os cabelos longos: não seria esquisito passar os dedos através das madeixas do seu amado?

Igrejas sempre lhe causavam os pensamentos mais impróprios.

Continuou em direção à parte da frente, seus saltos fazendo barulhos muito decididos, como se ela soubesse para onde se dirigia. Ficou na ponta dos pés ao lado do púlpito para cheirar uma flor branca lustrosa que não conseguia identificar. Não sentiu cheiro algum, e ela exalava um ar gélido. Na verdade, ela própria estava sentindo um certo frio. Virou-se e andou de volta pela nave central na direção de Ira.

Ira dispusera as cartas ao longo de metade do banco. Mexia nelas enquanto assobiava algo entre os dentes. The Gambler³ era o nome da música. Lamentavelmente óbvio. Você tem que saber quando pegá-los, quando dobrá-los... A forma como jogava paciência era tão absorvente que podia durar horas, mas o começo era simples e ele estava mexendo nas cartas quase sem pensar.

³ “O Jogador” (N. T.).

— Esta é a parte mais chata — ele disse a Maggie. — Eu deveria ter um amador para cuidar disso para mim, assim como os velhos mestres que faziam seus alunos pintarem o fundo das pinturas para eles.

Ela olhou-o de relance; não sabia que eles faziam isto. Para ela, parecia trapaça.

— Não pode colocar aquele cinco naquele seis? — ela perguntou.

— Dê o fora, Maggie.

Ela ficou vagando pela nave central, balançando a bolsa nos dedos.

Que tipo de igreja era aquela? A placa do lado de fora não dizia. Maggie e Serena haviam sido educadas na Metodista, mas Max tinha outra orientação e, depois que eles casaram, Serena havia mudado. Mas casaram-se na Metodista. Maggie cantara no casamento dela; cantara um dueto com Ira. (Eles tinham acabado de começar o namoro.) O casamento fora uma das invenções mais loucas de Serena, um apanhado de músicas populares e Khalil Gibran em uma época onde todo mundo ainda apelava para Ave Maria. Bem, Serena sempre estivera à frente de seu tempo. Sabe-se lá o tipo de funeral que ela estaria preparando.

Maggie deu meia-volta junto da porta e voltou para perto de Ira. Ele deixara o banco onde estava sentado e se debruçava sobre o banco de trás de modo a estudar a disposição completa das cartas. Àquela altura, já parecia ter alcançado o estágio interessante do jogo. Até mesmo seu assobio estava mais lento. Você nunca conta o dinheiro quando está sentado à mesa... Dali, parecia um espantalho: ombros de cabide, topete preto espetado, braços em ângulos rijos.

— Maggie! Você veio! — Serena gritou da porta.

Maggie virou-se, mas tudo o que podia ver era uma silhueta contra um borrão de luz amarelada. Ela disse:

— Serena?

Serena se apressou em direção a ela, os braços estendidos. Vestia um xale preto que a cobria completamente, com franjas em cetim que pendiam das bordas, e o cabelo também era preto, sem sinal de fios brancos. Quando Maggie a abraçou, enroscou-se no rabo

de cavalo que pendia entre os ombros de Serena. Precisou sacudir os dedos, rindo um pouco enquanto se afastava para trás. Serena poderia perfeitamente ser uma senhora espanhola, Maggie sempre pensara, com o cabelo repartido ao meio e o rosto cheio, oval, de cores vivas.

— E Ira! — Serena foi falando. — Como você está, Ira?

Ira se levantou (tendo, de alguma maneira, tirado as cartas de vista) e ela beijou seu rosto. Ele aguentou pacientemente.

— Tremendamente triste de saber do Max — ele disse a ela.

— Bom, obrigada — Serena disse. — Fico muito agradecida por terem feito essa viagem; não fazem ideia. Todos os parentes do Max estão em casa e me sinto em desvantagem. Finalmente dei uma escapada; disse a eles que tinha coisas para ver na igreja. Vocês tomaram café da manhã?

— Ah, sim — Maggie disse. — Mas não me importaria de achar um banheiro.

— Eu levo você. Ira?

— Não, obrigado.

— Voltamos em um minuto, então — Serena disse. Segurou o braço de Maggie e a guiou pela nave. — Os primos do Max vieram da Virgínia — ela disse —, e o irmão dele, George e, claro, a esposa e a filha dele, e a Linda está aqui desde quinta-feira com meus netos...

Seu hálito cheirava a pêssegos, ou talvez fosse apenas seu perfume. Ela calçava sandálias com tiras de couro que iam até a metade de suas pernas e seu vestido (Maggie nem ficou surpresa quando viu) era de chiffon vermelho, com um sol de strass no decote em V. — Talvez seja uma bênção — ela continuou. — Este caos todo não me deixa pensar muito.

— Ah, Serena, foi horrível, não? — Maggie perguntou.

— Bom, sim e não — Serena disse. Ela conduzia Maggie por uma porta pequena à esquerda da entrada e depois por um lance de escadas estreitas. — Quero dizer, durou tanto tempo, Maggie; de certa forma, foi uma espécie de alívio no começo. Ele estava doente desde fevereiro, você sabe. Mas à época não nos demos conta. É muito fácil ficar doente em fevereiro: resfriados, gripes fortes, vazamento no

telhado e o aquecimento sempre quebrando. Não somamos dois e dois naquela hora. Ele só dizia que se sentia meio estranho. Uma dor aqui, uma dor ali... Daí, ele ficou amarelo. Seu lábio superior meio que perdeu a cor. Quero dizer, nada que você possa explicar muito bem para um médico. Você não pode ligar para o médico e dizer... mas eu olhei para ele uma manhã e pensei: “Meu Deus, ele está tão envelhecido! Seu rosto está muito diferente”. Àquela altura, já era abril, quando normalmente as pessoas se sentem ótimas.

Elas estavam cruzando o chão de linóleo do porão escuro, cheio de canos e dutos. Passaram por entre longas mesas de metal e cadeiras dobráveis. Maggie sentiu-se em casa. Quantas vezes ela e Serena trocaram confidências nas aulas dominicais? Ela chegou a sentir o cheiro do papel usado nos livretos das aulas de estudos bíblicos.

— Um dia, quando voltei do mercado — Serena disse —, Max não estava em casa. Era sábado e, quando eu saí, ele estava trabalhando no jardim. Bom, não dei muita importância para aquilo e comecei a guardar as compras. — Ela direcionou Maggie para um banheiro de azulejos brancos. Sua voz fazia eco. — Então, de repente, eu olho pela janela e vejo uma mulher totalmente desconhecida conduzindo Max pela mão. Parecia que ela o guiava; dava para notar que ela pensava que ele tinha alguma deficiência ou coisa assim. Eu saí correndo para fora. Ela disse: “Ah, ele é seu?”.

Serena apoiou-se numa pia com os braços cruzados enquanto Maggie entrava em um dos banheiros.

— Se ele era meu? — Serena disse. — Como quando um vizinho vem arrastando seu cachorro todo sujo e pergunta: “Ele é seu?”. Mas eu disse sim. Acontece que essa mulher o encontrou vagando pela Rua Rumore com tesouras de poda na mão, parecendo não saber para onde estava indo. Ela perguntou se poderia ajudar e tudo que ele disse foi: “Não estou bem certo, não estou bem certo”. Mas ele me reconheceu quando me viu. Seu rosto se iluminou e ele disse a ela: “Lá está a Serena”. Então, eu o levei para dentro e o fiz sentar. Perguntei o que havia acontecido e ele disse que tinha sido uma coisa muito estranha. Ele disse que, do nada, se viu andando na Rua Dunmore. Então, quando a mulher o conduziu de volta por onde ele tinha vindo e ele viu nossa casa, sabia que era nossa, mas ao mesmo

tempo era como se aquilo não tivesse nada a ver com ele. Ele disse que foi como se houvesse saído de sua própria vida por um minuto.

MARCY + DAVE, estava escrito com giz acima do papel higiênico. SUE HARDY USA SUTIÃ COM ENCHIMENTO. Maggie tentava imaginar Max naquela nova versão — vago, aturdido e com os joelhos deformados, sem dúvida, como seus pacientes da casa de repouso. Porém só conseguia imaginar Max como sempre o conhecera, um jogador de futebol robusto com mechas de cabelo louro brilhante e uma cara larga, saudável e cheia de sardas; o Max que havia ficado nu ao surfar em Carolina Beach. No fim das contas, ela o havia visto poucas vezes nos últimos dez anos; não era exatamente sua especialidade manter o emprego e ele havia feito sua família mudar de casa diversas vezes. Mas o que ficara na mente dela era a imagem de um eterno garotão. Era difícil imaginá-lo envelhecido.

Ela deu a descarga e, ao sair, encontrou Serena observando a própria sandália, virando o pé para cá e para lá.

— Você alguma vez já fez isso? — Serena perguntou-lhe. — Sair da sua própria vida?

Maggie respondeu:

— Bom, não que me lembre. — E abriu a torneira quente.

— Como deve ser, eu fico imaginando — Serena disse —, olhar em volta de você um dia e tudo a surpreender — aonde você chegou, com quem você casou, o tipo de pessoa em que se transformou. Digamos que, de repente, isso aconteça enquanto você está — ora, digamos, fazendo compras com sua filha — mas é você com 7 ou 8 anos se observando em tudo que faz. “Ora!”, você diria. “Esta sou eu? Dirigindo? Tomando decisões? Implicando com outras moças como se eu soubesse o que estava fazendo?” Você entraria em casa e diria: “Bom, acho que não está muito de acordo com meu gosto”. Você se veria em um espelho e diria: “Meu Deus, meu queixo está começando a ficar caído como o de minha mãe”. Quero dizer, você olharia para as coisas sem véus. Você diria: “Bom, meu marido não é nenhum Einstein, né?”. Você diria: “Minha filha bem que está precisando perder peso”.

Maggie pigarreou. (Todas aquelas afirmações tinham uma verdade desconcertante. A filha de Serena, por exemplo, poderia perder bastante peso.) Ela pegou uma toalha de papel e disse:

— Por telefone, pensei que você tinha dito que ele faleceu de câncer.

— E foi — Serena disse. — Mas já estava espalhado por todo lugar quando descobrimos. Todo lugar, até o cérebro.

— Ah, Serena.

— Um dia ele estava vendendo anúncios para rádio do jeito que sempre fez e no dia seguinte estava imóvel, deitado. Não andava direito, não via direito; tudo o que fazia era pela metade. Vivia dizendo que sentia cheiro de biscoitos. Ele dizia: “Serena, quando os biscoitos vão estar prontos?”. Eu não faço biscoitos há anos! Ele dizia: “Traga um para mim, Serena, assim que saírem do forno”. Então, eu fazia uma fornada e ele me olhava surpreso e dizia que não estava com fome.

— Você poderia ter me ligado — Maggie disse.

— O que você poderia ter feito?

Bem, nada, na verdade, Maggie pensou. Nem ao menos poderia dizer que entendia o que Serena estava passando. Em todas as fases de suas vidas, assim parecia, Serena estava sempre ligeiramente à frente de Maggie; e cada fase ela descrevia com sua expressão sincera, surpresa, transparente, como um estrangeiro que não está a par das regras de etiqueta. E por falar em ver as coisas sem véu! Fora Serena quem dissera que o casamento não era nenhum filme de Rock Hudson e Doris Day. Fora Serena quem dissera que ser mãe era muito difícil e, no fim das contas, talvez não compensasse todo o esforço. E agora, isto: o marido morria. Isso deixava Maggie nervosa, mesmo sabendo que não era contagioso.

Ela franziu a cara em frente ao espelho e percebeu a florzinha azul pendendo acima de uma das orelhas. Tirou-a e jogou-a no lixo. Serena não mencionara nada — prova de seu estado meio distraído.

— Primeiro, pensei: “Como vamos fazer?” — Serena disse. — “Como nós dois vamos conseguir?” Então, vi que era só eu quem tinha que lidar com aquilo. O Max simplesmente partiu do

pressuposto de que eu tomaria conta de tudo. A Receita Federal estava em cima de nós? A transmissão do carro precisava de conserto? Era tudo comigo; o Max deixou tudo para trás. Estaria morto quando acabasse o prazo para o Imposto de Renda e não precisaria mais de carro. Realmente, é engraçado quando paramos para pensar. Não existe um aviso sobre os desejos que se realizam? “Cuidado com o que seu coração deseja” — não existe um aviso assim? Desde criança eu sempre disse a mim mesma que não dependeria de homem nenhum. Você nunca me pegou esperando por algum homem para me fazer feliz! Eu queria um marido que me adorasse e ficasse grudado em mim feito cola e foi exatamente o que consegui. Exatamente. O Max procurando por mim e me seguindo com os olhos pelo quarto. No final, quando ele teve que ir para o hospital, me implorou para que não o deixasse e eu fiquei com ele dia e noite. Mas comecei a ficar zangada com ele. Fiquei me lembrando de como eu sempre ficava atrás dele para que ele se exercitasse e cuidasse da saúde e ele sempre dizia que exercícios eram só uma moda. Ele alegava que correr causava problemas no coração. Se fosse como ele dizia, as calçadas estariam cobertas de corpos de corredores mortos. Eu o olhava na cama e dizia: “Bom, o que você prefere, Max: morrer de repente vestindo um belo agasalho vermelho ou estar deitado aqui cheio de agulhas e tubos?”. Eu disse exatamente essas palavras! Fui horrível com ele.

— Bom — Maggie disse, lamentando —, tenho certeza de que você não teve intenção...

— Eu quis dizer cada palavra que disse — Serena falou. — Por que você tem sempre que amenizar as coisas, Maggie? Eu fui horrível. Depois, ele morreu.

— Ah, querida — Maggie falou.

— Era de noite, quarta-feira à noite. Senti como se alguém tivesse tirado um peso do meu peito, fui para casa e dormi 12 horas seguidas. Então, na quinta-feira, a Linda veio de Nova Jersey e foi bom; ela, nosso genro e as crianças. Mas continuei sentindo que deveria estar fazendo alguma coisa. Havia alguma coisa que eu estava esquecendo. Eu precisava voltar ao hospital; era isso. Eu estava me sentindo inquieta. Era como aquela brincadeira que fazíamos quando éramos crianças, lembra? Quando a gente ficava na passagem da porta e pressionava as costas das mãos no batente, e quando a gente

saía as mãos flutuavam sozinhas como se toda aquela pressão tivesse sido estocada para usar depois; de forma retroativa. Então, os filhos da Linda começaram a provocar o gato. Eles o vestiram com o pijama do urso de pelúcia deles e a Linda nem notou. Ela nunca tomou conta deles direito. O Max e eu costumávamos nos segurar para não falar nada. Cada vez que eles vinham, nós não dizíamos nada, mas trocávamos olhares: só uma troca de olhares, sabe? E de repente eu não tinha mais ninguém com quem trocar olhares. Foi então que percebi pela primeira vez que o havia perdido de verdade.

Ela jogou seu rabo de cavalo sobre um dos ombros e o examinou. A pele sob seus olhos estava brilhando. Na verdade, ela estava chorando, embora não parecesse perceber.

— Então, bebi uma garrafa inteira de vinho — ela disse — e telefonei para todo mundo que conhecia, todos os amigos que tínhamos quando o Max e eu começamos a namorar. Você, a Sissy Parton e as gêmeas Barley.

— As gêmeas Barley! Elas vêm?

— Claro, e a Jo Ann Dermott e o Nat Abrams, com quem ela finalmente conseguiu casar, você vai gostar de saber...

— Nunca mais pensei na Jo Ann esses anos todos!

— Ela vai ler O Profeta. Você e o Ira vão cantar.

— Vamos o quê?

— Vão cantar Love Is a Many Splendored Thing⁴.

— Ah, não, Serena! Não Love Is a Many Splendored Thing.

— Vocês cantaram no nosso casamento, lembra?

— Sim, mas...

— É o que estava tocando quando o Max se declarou para mim pela primeira vez — Serena disse. Ela pegou uma ponta do xale e delicadamente enxugou a pele que brilhava abaixo de seus olhos. — Vinte e dois de outubro, mil novecentos e cinquenta e cinco. Lembra? No Baile de Harvest Home. Eu estava com o Terry Simpson, mas o Max nos separou.

⁴“O Amor É Uma Coisa Maravilhosa” (N. T.).

— Mas é um funeral! — Maggie disse.

— E daí?

— Não é um show de calouros — Maggie respondeu.

Vindo de cima, o som de um piano começou a fazer vibrar as tábuas do assoalho. Acordes e mais acordes eram produzidos ritmicamente. Serena jogou o xale sobre o decote e disse:

— É melhor voltarmos lá para cima.

— Serena — Maggie disse, seguindo-a enquanto deixavam o banheiro —, Ira e eu não cantamos em público desde o seu casamento!

— Tudo bem. Não estou esperando nada profissional — Serena respondeu. — Tudo o que quero é um tipo de reprise, como o que as pessoas às vezes fazem em suas bodas de ouro. Achei que daria um toque bonito.

— Um toque bonito! Mas você sabe como as músicas, bem, saem de moda — Maggie disse, seguindo-a por entre as mesas. — Por que não melodias fúnebres? Sua igreja não tem um coral?

Antes de subir as escadas, Serena se virou.

— Olhe — ela disse —, tudo o que estou pedindo é um pequeno, simples favor para a melhor amiga que tenho nesta vida. Você e eu já enfrentamos tantas coisas juntas! Nossos casamentos e nossos filhos! Você me ajudou a colocar minha mãe em uma casa de repouso. Fiquei com você aquela vez em que o Jesse foi preso.

— Sim, mas...

— Na noite passada comecei a pensar e disse a mim mesma: “Para que estou fazendo este funeral? Quase ninguém vai poder vir; não moramos aqui há muito tempo. Ora, não vamos nem enterrá-lo; vou jogar as cinzas dele no Chesapeake no próximo verão. Não vamos nem ter caixão. “Qual é o sentido de fazer isso em uma igreja”, eu disse, “e ouvir a Sra. Filbert tocar hinos gospel ao piano? Percalços no Caminho da Retidão e A Morte É Como uma Boa Noite de Sono. Eu nem conheço a Sra. Filbert! Prefiro ter Sissy Parton. Prefiro ter My Prayer como foi tocado pela Sissy Parton em nosso casamento”. Então, foi aí que eu pensei, por que não ter tudo? Khalil Gibran? Love Is a Many Splendored Thing?

— Mas nem todos vão entender — Maggie disse. — As pessoas que não estavam no casamento, por exemplo.

Ou mesmo as que estavam no casamento, ela pensou consigo. Alguns convidados haviam parecido bem confusos.

— Deixe que imaginem, então — Serena disse. — Não é para eles que estou fazendo isso. — E retirou-se, subindo as escadas.

— E também tem o Ira — Maggie gritou, seguindo-a. As franjas do xale de Serena chicoteavam a cara dela. — É claro que eu moveria a terra por você, Serena, mas não penso que o Ira se sentiria confortável cantando essa música.

— O Ira tem uma linda voz de tenor — Serena disse. E virou-se no alto da escada. — E a sua é como o tinir de um sino; lembra como as pessoas sempre diziam isso? Já é hora de mostrá-la.

Maggie suspirou e a seguiu até a nave central. Não adiantava argumentar que aquele sino já tinha meio século de idade.

Vários outros convidados haviam chegado durante a ausência de Maggie. Estavam sentados aqui e ali ao longo dos bancos. Serena se inclinou para falar com uma mulher de chapéu num terno preto.

— Sugar? — ela perguntou.

Maggie parou logo atrás dela e disse:

— Sugar Tilghman?

Sugar virou-se. Ela tinha sido a mais bela da turma e ainda era bonita, Maggie achou, embora fosse difícil ter certeza através do denso véu que descia de seu chapéu. Ela parecia mais viúva do que a própria viúva. Bem, ela sempre vira as roupas como uma espécie de fantasia.

— Aí está você — ela disse. Levantou-se para que se cumprimentassem. — Sinto muitíssimo a sua perda — ela disse. — Só que agora me chamam de Elizabeth.

— Sugar, lembra-se da Maggie? — Serena perguntou.

— Maggie Daley! Que surpresa.

O rosto de Sugar era macio e firme por baixo do véu. Era como sentir as cebolas naqueles sacos de redinha no mercado.

— É uma pena que Robert não tenha podido vir — ela disse. — Ele teve uma reunião em Houston. Mas mandou-lhe suas condolências. Ele disse: “Parece que foi ontem que ficamos procurando o local da recepção do casamento deles”.

— Sim, bom, é justamente sobre isso que eu gostaria de falar com você — Serena disse. — Lembra que no nosso casamento você cantou um solo depois dos votos?

— Born to Be with You⁵ — Sugar disse. Ela riu. — Vocês dois saíram da igreja com essa música; ainda posso ver. Vocês demoraram mais que a música, e no final, só se ouvia o barulho dos seus saltos.

— Bem — Serena disse —, eu gostaria que você a cantasse novamente hoje.

O choque foi tão grande que fez o rosto de Sugar emergir por debaixo do véu. Ela parecia mais velha do que Maggie percebera a princípio.

— Fazer o quê? — ela perguntou.

— Cantar.

Sugar ergueu as sobrancelhas para Maggie. Maggie desviou o olhar, recusando-se a conspirar. A pianista estava tocando My Prayer. Mas não poderia ser Sissy Parton, poderia? Aquela mulher de costas redondas e cotovelos com covinhas que mais pareciam corações de ponta cabeça? Bem, ela se parecia com uma mulher comum de igreja.

— Faz 20 anos ou mais que não canto — Sugar disse. — Nem mesmo naquela época eu sabia cantar! Era mais exibição.

— Sugar, é o último favor que vou pedir a você — Serena falou.

— Elizabeth.

— Elizabeth, uma música! Entre amigos! A Maggie e o Ira vão cantar.

— Não, espere... — Maggie disse.

Sugar disse:

— E, ainda por cima, Born to Be with You.

— Qual é o problema, posso saber? — Serena perguntou.

⁵ “Nascido Para Estar Com Você” (N. T.).

— Já prestou atenção na letra? A seu lado, satisfeito? Você quer escutar isso em um funeral?

— Serviço memorial — Serena corrigiu, embora até aquele momento ela mesma estivesse falando funeral.

— Qual é a diferença, Serena?

— Não é o mesmo que estar ao lado dele no caixão! Não é que eu seja mórbida nem nada assim. Estou ao lado dele no sentido espiritual, é só isso que quero dizer.

Sugar olhou para Maggie. Maggie estava tentando lembrar a letra de My Prayer. Num contexto funerário (ou num contexto de serviço memorial), mesmo as palavras mais ingênuas podiam tomar outro sentido.

— Você vai ser motivo de piada desta congregação — Sugar falou sem rodeios.

— E eu ligo para isso?

Maggie as deixou e seguiu pela nave. Estava atenta às pessoas pelas quais passava, agora; poderiam ser velhos amigos de infância. Mas ninguém lhe parecia familiar. Parou no banco de Ira e o tocou de leve.

— Voltei — ela disse para ele. Ele chegou mais para o lado. Estava lendo sua agenda de bolso, a parte que falava de pedras e signos do zodíaco.

— Estou imaginando coisas ou é My Prayer que estou ouvindo?

— É My Prayer, exatamente — Maggie disse. — E não é qualquer pianista que está tocando, tampouco. É a Sissy Parton.

— Quem é Sissy Parton?

— Francamente, Ira! Você lembra da Sissy. Ela tocou no casamento da Serena.

— Ah, sim.

— Quando você e eu cantamos Love Is a Many Splendored Thing — Maggie disse.

— Como eu poderia me esquecer disso — ele disse.

— Que é o que Serena quer que cantemos hoje novamente.

Ira nem mesmo alterou sua expressão. Apenas disse:

— Pena que não possamos conceder isso a ela.

— A Sugar Tilghman também não quer cantar e a Serena está tentando convencê-la. Não acho que ela nos deixará escapar, Ira.

— A Sugar Tilghman está aqui? — Ira perguntou, virando-se e olhando por cima do ombro.

Os garotos sempre tinham sido loucos por Sugar.

— Ela está sentada lá atrás, de chapéu — Maggie disse a ele.

— A Sugar cantou no casamento dela?

— Cantou Born to Be with You.

Ira olhou para a frente e refletiu por um momento. Talvez estivesse revendo a letra. Soltoou um risinho desdenhoso.

Maggie perguntou:

— Você lembra a letra de Love Is a Many Splendored Thing?

— Não, nem pretendo lembrar — Ira falou.

Um homem parou na nave junto de Maggie e disse:

— Como estão, Morans?

— Ah, Durwood — Maggie disse. Virou-se para Ira e disse: — Chegue mais para lá para o Durwood sentar.

— Durwood. Como está? — Ira disse, movendo-se um pouco para o lado.

— Se eu soubesse que vocês também vinham, teria pegado uma carona — Durwood disse, acomodando-se perto de Maggie. — Peg precisou ir de ônibus para o trabalho.

— Ah, me desculpe; deveríamos ter imaginado — Maggie disse. — A Serena deve ter ligado para todos de Baltimore.

— Sim, já vi que a Sugar também veio — Durwood disse, pegando uma caneta no bolso do paletó. Ele era um homem quieto e desleixado, de cabelos grisalhos, ondulados e um pouco longos demais. Cresciam um pouco por cima das orelhas e sobre a gola de sua roupa, dando-lhe um ar um tanto comiserado. Nos tempos de escola, Maggie não gostava muito dele, mas ele acabara continuando

na vizinhança e casando com uma garota chamada Glen Burnie; formara uma família e agora ela o via com mais frequência do que qualquer outro que estudara com ela. Era engraçado como as coisas aconteciam, pensou. Nem conseguia mais lembrar por que não tinham sido próximos antes, afinal de contas.

Durwood estava tateando todos os seus bolsos, caçando alguma coisa.

— Você não teria um pedaço de papel, teria? — perguntou.

Tudo que ela encontrou foi seu cupom de desconto para xampu. Ela o deu a ele, que o apoiou no livro de hinos. Preparou-se para escrever e olhou para cima, pensando:

— O que você vai escrever? — Maggie perguntou.

— Estou tentando lembrar a letra de I Want You, I Need You, I Love You⁶.

Ira grunhiu.

A igreja estava repleta agora. Uma família sentara-se no banco da frente, com as crianças sentadas por ordem de altura, de modo que a linha de cabeças loiras crescia como um ponto de interrogação. Serena ia de convidado em convidado, certamente sendo educada e bajulando-os. As franjas do xale dela haviam passado em algum lugar cheio de pó. My Prayer tocava sem parar, insistentemente.

Agora que sabia quantas pessoas de seu passado estavam lá, Maggie começava a desejar ter caprichado mais na aparência. Poderia ter colocado um pó ou base — qualquer coisa que deixasse sua pele menos rosada. Talvez ela devesse ter feito aquela maquiagem nas bochechas de que as revistas sempre falavam. Também deveria ter escolhido um vestido mais jovial e atraente, como o de Serena. Só que ela não possuía vestidos assim. Serena sempre fora mais exuberante — a única garota da escola com orelhas furadas. Sempre estivera no limiar do mau gosto, mas ela se saía bem assim.

Serena desafiara gloriosamente aqueles tempos pesados em que elas cresceram. Na terceira série, ela usava sapatos bailarina finos como papel, com uma fileira de lantejoulas em cada ponta, e as outras garotas (em suas comportadas gravatas xadrez e meias de lã

⁶ “Eu Quero, Eu Preciso, Eu Amo Você” (N. T.).

na altura dos joelhos) invejavam profundamente o jeito gracioso como ela andava e suas pernas nuas como as de uma bailarina, que se arrepiavam e ficavam cheias de manchas roxas nas fêrias. Ela trazia as mais extravagantes refeições para a cafeteria que tinha cheixxxro de sopa: uma vez, pequenas sardinhas ainda na lata prateada. (Ela comera as caudas. Comera as espinhas. “Hm-hmm! Croc, croc”, ela dizia, lambendo cada dedo.) Todos os anos, no dia dedicado aos pais e mães, ela orgulhosamente mostrava a todos sua mãe escandalosa, Anita, que usava calça de toureiro vermelha e justa e trabalhava em um bar. E nunca hesitara ao admitir que não tinha pai. Ou, pelo menos, não um pai que fosse casado. Ou, pelo menos, não um que fosse casado com sua mãe.

No ensino médio, desenvolvera seu próprio estilo de moda — viscase, bordados feitos à máquina e blusas colantes das Filipinas, enquanto as outras garotas só usavam roupas de tecidos grossos. Você via as outras garotas flutuando pelos corredores com as saias armadas como abajures plissados; e então, no meio delas, Serena com um vestido colante, provocante e cor de ameixa, dado a ela por Anita.

Mas o extraordinário era que os garotos com quem ela saía não eram do tipo provocante. Não eram os Dons Juans que se esperaria, mas os ingênuos e agradáveis, como Max. Os que usavam camisas xadrez, que usavam agasalhos esportivos: esses eram os garotos que ela tinha em mira. Talvez ela cobiçasse a mesmice e a rotina mais do que admitia. Seria isso? Bem, é claro que sim, porém Maggie não compreendia isso na época. Serena fazia questão de ser diferente. Ela era tão eriçada e se irritava com tanta facilidade que afastava os outros. (Quantas vezes ela e Maggie pararam de se falar, com Serena passando por ela imponente como uma rainha?) Mesmo agora, conduzindo um funeral em seu xale dramático, ela exalava um ar de sofisticação e exuberância que apagava as pessoas à sua volta.

Maggie olhou suas mãos. Ultimamente, ao beliscar e soltar a pele das costas de sua mão, notava que a pele demorava a se endireitar.

Durwood murmurava consigo e escrevia frases no cupom. Então, murmurava algo mais, fitando o hinário à sua frente. Maggie começou a ficar ansiosa. Juntou as mãos e começou a sussurrar: O

amor é uma coisa esplendorosa, é a rosa de abril que só se abre no início da...

— Eu não vou cantar essa música, já disse — Ira falou.

Maggie também não, mas sentia como se estivesse sendo arrastada por algo. Por toda a igreja, imaginava, pessoas de meia-idade murmuravam frases dos anos 1950. Maravilhosamente, o amor pode ver... Mais do que os brotos de maçã na árvore de maio...

Por que será que as músicas populares sempre focavam o amor romântico? Por que essa preocupação com os primeiros encontros, tristes despedidas, beijos melosos, corações partidos, quando a vida era cheia de nascimentos de crianças e viagens ao litoral e piadas intermináveis com os amigos? Uma vez, Maggie vira na TV que arqueólogos haviam descoberto fragmentos de uma canção de muitos séculos atrás, e ela falava do lamento de um garoto pelo amor não correspondido de uma garota. Além das canções, havia também as histórias das revistas, romances, filmes e até anúncios de produtos para cabelo ou de calcinhas. Parecia fora de proporção para Maggie. Uma enganação, na verdade.

Um vulto negro se ajoelhou ao lado de Durwood. Era Sugar Tilghman, soprando o véu para que se desgrudasse do batom.

— Se eu soubesse que era para entreter os outros, nunca teria vindo — ela falou. — Ah, Ira, não tinha visto você.

— Tudo bem, Sugar? — Ira disse.

— Elizabeth.

— Como?

— As gêmeas Barley estão certas — Sugar falou. — Elas se recusam terminantemente a levar esta ideia adiante.

— É bem a cara delas — Maggie disse. As gêmeas Barley sempre haviam sido esnobes, preferindo uma à outra a qualquer outra pessoa.

— E o Nick Bourne nem vem ao velório.

— Nick Bourne?

— Ele disse que a viagem é muito longa.

— Eu não lembro do Nick no casamento — Maggie disse.

— Bom, ele estava no coro, né?

— Ah, sim, penso que sim.

— E o coro cantou True Love, lembra? Mas se as gêmeas Barley não vão cantar e o Nick Bourne não vem, só restaremos nós quatro, de modo que ela deixará o coro de lado.

— Sabe — disse Durwood —, nunca entendi por que True Love era tão cotada. Tem um ritmo tão chato, se você prestar atenção.

— E também Born to Be with You — disse Sugar. — Não era engraçado isso sobre a Serena? Às vezes ela exagerava um pouco. Ela pegava umas músicas pop batidas, como Born to Be with You, das quais nós até gostávamos, e dava-lhes tanta importância que começava a soar estranho. Começava a parecer bizarro. As coisas sempre pareciam exageradas com a Serena.

— Como na cerimônia de casamento dela — Durwood falou.

— Ah, sim, o casamento! A fila de cumprimentos era só aquela mãe dela e mais uma prima gorda de uns 12 anos e os pais do Max.

— Os pais do Max pareciam arrasados.

— Na verdade, eles nunca a aprovaram.

— Achavam-na meio vulgar.

— Ficavam perguntando quem era da família dela.

— Melhor não ter uma fila de cumprimentos, então — Durwood disse. — Seria melhor fugir e casar longe. Não sei por que ela se deu a esse trabalho.

— Bom, de qualquer maneira — Sugar continuou —, eu disse a Serena que cantaria hoje, já que ela insiste, mas ela teria que escolher outra música. Algo mais apropriado. Quero dizer, sei que devemos entreter os que estão de luto, mas existem limites. Então a Serena disse que tudo bem, desde que fosse algo da época em que eles começaram a namorar. Mil novecentos e cinquenta e cinco, cinquenta e seis, ela disse; não mais do que isso.

— The Great Pretender⁷ — Durwood disse repentinamente. — Essa, sim, era uma boa música. Lembra, Ira? Lembra-se de The Great Pretender?

Ira fingiu um ar emotivo e cantou:

— Ô, se lembro...

— Por que não canta essa? — Durwood perguntou a Sugar.

— Ah, não brinque — Sugar disse.

— Cante Davy Crockett — Ira sugeriu.

Durwood e ele começaram a competir:

— Cante Yellow Rose of Texas⁸.

— Cante Hound Dog⁹.

— Cante Papa Loves Mambo¹⁰.

— Dá para falarem sério por um instante? — Sugar disse. — Eu vou lá, vou abrir minha boca e não vai sair nada.

— Ou que tal Heartbreak Hotel¹¹? — Ira perguntou.

— Ssh, todo mundo. Estão começando — Maggie disse. Ela avistara a família se aproximando pela parte de trás. Sugar se levantou rapidamente e retornou a seu lugar, enquanto Serena, que se debruçava sobre duas mulheres que só poderiam ser as gêmeas Barley, acomodou-se ao lado delas em um banco bem distante da fila da frente e continuou a sussurrar. Com certeza ainda tentava convencê-las a cantar. Ambas as gêmeas ainda usavam o cabelo loiro curto, encaracolado, assim como nos tempos de escola, Maggie viu, mas a parte de trás dos pescoços estava enrugada, feito pescoço de galinha, e seus babados cor-de-rosa lhes conferiam um ar de Minnie Pearl¹².

Uma pessoa conduziu a família pela nave central: a filha de Serena, Linda, gorda e sardenta, seu marido e seus dois filhos em

⁷ “O Grande Fingidor” (N. T.).

⁸ “A Rosa Amarela do Texas” (N. T.).

⁹ “Cão de Caça” (N. T.).

¹⁰ “O Papai Adora Mambo” (N. T.).

¹¹ “Hotel do Coração Partido” (N. T.).

¹² Comediante norte-americana muito famosa que encarnava uma personagem caipira, sempre usando um chapéu enorme (N. T.).

ternos de rapazinho, com expressões quase solenes. Atrás deles vinha um homem loiro, muito provavelmente o irmão, e várias outras pessoas, severa e sobriamente vestidas. Muitas tinham o rosto largo de Max, o que fez com que Maggie caísse em si. Ela parecia ter esquecido a razão principal daquela cerimônia, e de repente se lembrou: Max Gill havia partido, morrido. O que era mais impactante sobre a morte, ela pensava, era sua magnitude. Fazia você ver que levava uma vida de verdade. Uma vida de verdade, finalmente!, você poderia dizer. Seria por isso que ela lia os obituários todas as manhãs, procurando nomes familiares? Seria por isso que ela tinha aquelas conversas tão graves com os outros empregados quando um dos pacientes da casa de repouso era levado embora em um carro funerário?

A família se acomodou no banco da frente. Linda olhou para trás, procurando por Serena, mas ela estava ocupada demais argumentando com as gêmeas Barley para notar qualquer outra coisa. Então, o piano parou de tocar, uma porta próxima ao altar se abriu e um ministro esbelto e calvo apareceu vestindo uma túnica longa e escura. Passou por trás do púlpito. Sentou-se numa cadeira de madeira escura e ajustou meticulosamente a túnica por cima da calça.

— Esse não é o Reverendo Connors, é? — Ira sussurrou.

— O Reverendo Connors já morreu — Maggie respondeu.

Falou mais alto do que pretendia. A fileira de cabeças loiras à sua frente se virou.

Agora o piano recomeçara True Love. Evidentemente, Sissy substituiria o coro. Serena lançava olhares incisivos para as gêmeas, que, por sua vez, mantinham as cabeças resolutamente voltadas para a frente, fingindo não notar.

Maggie lembrou-se de Grace Kelly e Bing Crosby cantando True Love num filme. Estavam em um iate ou barco ou algo assim. Ambos já tinham morrido, imagine só.

Se o ministro ficou surpreso com a música, não demonstrou o menor sinal. Esperou até que a última nota se extinguísse e então levantou-se e disse:

— Vamos agora à Liturgia Sagrada...

A voz dele era aguda e estridente. Maggie desejou que fosse o Reverendo Connors. O Reverendo Connors fazia todos estremecerem. E, pelo que ela se lembrava, ele não lera nenhuma Liturgia Sagrada no casamento de Serena.

Esse homem lia um salmo, algo sobre uma adorável morada, o que foi um alívio para Maggie, já que, em sua experiência, a maior parte do Livro dos Salmos tendia para histórias paranoicas sobre inimigos e armadilhas diabólicas. Imaginou Max recostado em uma linda morada com Grace Kelly e Bing Crosby, com seu corte de cabelo à escovinha resplandecendo com as velas do barco, banhados pelo sol. Ele estaria contando uma de suas piadas aos outros. Ele era capaz de contar piadas por horas a fio, uma após a outra. Serena costumava dizer: “Está bem, Gill, já chega”. Com frequência, eles se chamavam pelos sobrenomes — Max usando o sobrenome de solteira de Serena mesmo após o casamento. “Espere aí, Palermo”. Maggie parecia ouvi-lo agora. Fazia com que os dois parecessem mais amigáveis do que outros casais. Pareciam dois velhos e bons amigos, livres daquele sentimento obscuro, inútil e confinado no qual o casamento de Maggie mergulhava de tempos em tempos.

Na verdade, se Serena acreditava que o casamento não era um filme de Doris Day, certamente nunca dera provas daquilo em público, já que, do lado de fora, sua vida de adulta parecia a mais romântica das comédias: Serena, irônica e indulgente e Max, o cara feliz. Parecia que eles se concentravam exclusivamente um no outro, mesmo após se tornarem pais; Linda parecia mais ou menos alheia. Maggie invejava aquilo. E daí que Max não tivesse sucesso no mundo exterior? “Se pelo menos eu não me sentisse tendo que carregá-lo; sempre tendo que carregar a casa nas costas”, Serena confidenciara uma vez. Mas então, ela ficava leve e abanava a mão, sacudindo suas pulseiras e fazendo barulho. “Ah, bem! Mas ele é meu docinho, né?”, ela diria, e Maggie concordava. Ele era sempre um doce.

(E Serena podia não se lembrar, mas Maggie se lembrava de como as duas passaram o verão após a quinta série espionando a linda casa dos Guilfords, do homem que era o pai de Serena, e como tinham astutamente seguido seus filhos adolescentes e sua elegante esposa.

— Eu poderia acabar com o mundo daquela mulher — Serena dissera. — Eu poderia bater na porta e ela diria: “Olá, queridinha, quem é você?”, e eu diria a ela.

Mas ela dissera isso enquanto as duas se escondiam atrás de um dos complacentes leões de pedra que guardavam a entrada da casa; não fizera o menor movimento para aparecer. E então ela sussurrara:

— Eu nunca serei como ela, isso posso dizer.

Um estranho pensaria que ela se referia à esposa, mas Maggie sabia: ela se referira a sua própria mãe. A “Sra.” Palermo — vítima do amor. Uma mulher na qual todos os traços — até mesmo o jeito desequilibrado como ela carregava sua cascata de cachos negros — denunciavam danos permanentes.)

O ministro sentou, compondo sua túnica. Sissy Parton principiou a tocar alguns acordes premonitórios. Ela olhou na direção da congregação e Durwood disse:

— Eu? — em voz alta.

As cabeças loiras viraram-se novamente. Durwood levantou-se e caminhou pela nave central. Normalmente, espera-se que você lembre sozinho quando iniciar sua canção. Não importa que você tenha que rememorar coisas de 29 anos atrás.

Durwood se posicionou ao lado do piano, apoiando um braço sobre o tampo. Assentiu para Sissy. E começou em um tom baixo, meio vacilante:

— Me abrace, me abrace bem forte.

Muitos pais haviam proibido essa música em suas casas. Todo esse querer e necessitar não pega muito bem, eles diziam. Então, Maggie e suas amigas tinham que ir à casa de Serena ou ao Oriole Hi Fidelity, onde podiam escutar, naquele tempo, pilhas de discos numa cabine fechada durante a tarde toda sem ter que fazer uma única compra.

Agora, ela lembrava por que não gostava de Durwood; sua voz operística trêmula trouxe tudo à tona. Mas houve uma época em que ele era considerado uma conquista e tanto, com seus cabelos escuros e ondulados, seus olhos castanho-escuros e o trejeito suplicante que

ele fazia ao franzir a testa. Ele cantava *Believe Me, If All Those Endearing Young Charms*¹³ no auditório da escola em qualquer oportunidade que se apresentasse, sempre a mesma música, os mesmos gestos teatrais, o estilo de cantar dos anos 50 em que a voz falhava de tanto sentimento. Por vezes, a voz de Durwood falhava a ponto de a primeira sílaba de uma palavra ficar muda, e mesmo na segunda sílaba ele atrasava um pouquinho, enquanto a professora de música, cheinha e respeitável, o encarava com olhar severo do piano. Sua frase de chamada no livro do ano da escola era “Príncipe Encantado”. No jornal da escola, ele fora votado “O Homem com Quem Eu Mais Gostaria de ir a uma Ilha Deserta”. Ele pedira Maggie em namoro e Maggie dissera não. Suas amigas acharam que ela era doida.

— Você recusou Durwood? Durwood Clegg?

— Ele é suave demais — ela lhes dissera, e elas repetiram a palavra entre si, avaliando.

— Suave — murmuravam, tentando entender.

Ele era maleável demais, ela quisera dizer; suplicante demais. Não percebia nele nenhum atrativo. Pois, se Serena tinha resolvido quem não queria ser, o mesmo fizera Maggie; e para que ela não fosse igual à mãe, planejava recusar qualquer homem remotamente parecido com seu pai — a pessoa que ela mais amava no mundo. Ninguém que fosse desajeitado e compassivo para Maggie, obrigada; ninguém trapalhão e bem-intencionado e sentimental, que a forçaria a assumir a parte mais forte. Você nunca a encontraria sentada ereta em uma mesa enquanto seu marido, distraído com frivolidades, cantasse músicas sem sentido à mesa do jantar.

Pois Maggie havia recusado Durwood Clegg e, sem arrependimento, vira-o namorar Lu Beth Parsons. Ela via Lu Beth muito claramente naquele minuto, mais até do que Peg, com quem ele acabara se casando. Podia ver a calça cáqui de Durwood com a fivela da Ivy League afivelada para trás (“comprometido”, o que queria dizer “num relacionamento estável”) e também sua camisa toda abotoada e os mocassins marrons estilosos com pendentes de couro. Mas esta manhã, é claro, ele vestia um terno — grande, fora de moda, barato,

¹³ “Acredite, Se Todos os Encantos da Juventude” (N. T.).

marital. Num instante, ele mudara de um para o outro, como naqueles retratos que mudam de expressão de acordo com o ângulo que se olha: o velho conquistador Durwood cantando querida, você é minha razão de viver, com as sobrancelhas arqueadas, e no presente, o Durwood mal vestido procurando a próxima frase no cupom de xampu de Maggie, que ele mantinha a um braço de distância, franzindo a testa enquanto decifrava as palavras.

As crianças loiras no banco da frente balançavam a cabeça de um lado para o outro. Muito provavelmente achavam aquilo tudo engraçado. Maggie sentiu uma vontade enorme de bater na cabeça do que estava mais perto com um livro de hinos.

Quando Durwood acabou de cantar, alguém bateu palmas desavisadamente — apenas duas rápidas palmas — e Durwood abaixou a cabeça, com a expressão aliviada, e retornou ao seu banco. Acomodou-se ao lado de Maggie com um suspiro. Seu rosto estava coberto de suor e ele se abanava com o cupom. Seria muito mesquinho pedi-lo de volta? Vinte e cinco centavos de desconto, se juntasse dois cupons...

Jo Ann Dermott subiu ao púlpito com um livrinho encapado em couro trabalhado. Ela era uma garota desajeitada, mas a idade parecia ter aparado suas arestas ou algo assim. Ela estava graciosa e atraente num vestido fluido de cor pastel, com maquiagem suave.

— No casamento de Max e Serena — ela anunciou —, eu li um trecho de Khalil Gibran sobre o casamento. Hoje, neste momento triste, lerei um trecho que ele escreveu sobre a morte.

No casamento, ela pronunciara o G como “guê”. Hoje, pronunciava o G como “gê”. Maggie não fazia ideia de qual estava correto.

Jo Ann começou a ler em tom professoral e Maggie foi tomada pelo nervosismo. Demorou um instante para perceber a razão: ela e Ira eram os próximos na programação. O simples ritmo de O Profeta a fez lembrar.

No casamento, eles sentaram em cadeiras dobráveis atrás do altar e Jo Ann sentara em frente ao altar, com o Reverendo Connors. Quando Jo Ann começara a ler, Maggie sentira a respiração presa no alto de seu peito, naquele primeiro estágio que antecede o medo.

Respirara profunda e tremulamente e então Ira colocara a mão por trás de suas costas. Aquilo a acalmara. Quando chegara a hora de cantarem, começaram exatamente no mesmo segundo e na mesma nota, como se fossem feitos um para o outro. Ou assim ela pensara naquela hora.

Jo Ann fechou o livro e retornou a seu lugar. Sissy folheou as páginas da partitura, os braços cheinhos balançando com seus cotovelos de corações invertidos. Ajeitou-se no banco e então começou a tocar a abertura de *Love Is a Many Splendored Thing*.

Talvez, se Maggie e Ira permanecessem sentados, Sissy apenas continuasse a tocar. Cobriria a parte deles assim como fizera com a do coro.

Mas os acordes foram se apagando e Sissy olhou para a congregação. Suas mãos pousaram sobre as teclas. Serena também se virou e, sabendo exatamente onde encontrar Maggie, lançou-lhe um olhar afetuoso e suplicante no qual não havia a menor dúvida de que Maggie não a decepcionaria.

Maggie se levantou. Ira continuou sentado. Ele poderia ser qualquer um — um completo estranho, alguém que, por acaso, tivesse escolhido o mesmo banco.

Então Maggie, que nunca havia cantado um solo em toda a sua vida, segurou o banco à sua frente e cantou:

— O amor!

Foi um pouco estridente.

O piano acompanhou. As crianças loiras se viraram e olharam para ela.

— ... é algo maravilhoso.

Ela tremia.

Sentia-se como uma órfã, uma criança abandonada, com as costas duras e retas e os pés resolutamente juntos.

Sentiu um movimento a seu lado, não do lado onde Ira estava sentado, mas onde estava Durwood. Durwood rapidamente se levantou, como se de repente houvesse se lembrado de alguma coisa.

— É a rosa de abril — ele cantou —, que só se abre... — Assim de perto, sua voz tinha um som vibrante. Ela pensou em folhas de metal vibrando.

— O amor é a forma como a natureza dá... — eles cantaram juntos.

Sabiam toda a letra, o que surpreendeu Maggie, pois até momentos antes ela havia esquecido uma boa parte. A coroa de ouro, lembrou-se e cantou, confiante. Apenas tinha que seguir adiante, decidiu, e confiar que as palavras viriam. Durwood sustentou a melodia e Maggie o acompanhou, menos trêmula àquela altura, embora devesse cantar um pouco mais alto. É verdade que sua voz já fora comparada ao som de sinos. Ela cantara no coral durante anos, até nascerem as crianças e as coisas ficarem mais complicadas; e dava-lhe uma grande alegria quando acertava a nota, como uma pérola ou um pedaço de fruta pairando no ar um momento antes de cair. Apesar de a idade não ajudar. Será que mais alguém ouvira um leve arranhar nas notas mais altas? Difícil dizer; a congregação a fitava cerimoniosamente, exceto pelas inconfundíveis cabecinhas loiras.

Ela imaginou que o tempo havia entrado num daqueles intervalos longos, lentos, espichando-se feito um caramelo. Tinha uma percepção aguda de tudo o que acontecia a sua volta. Sentia o tecido da manga de Durwood tocando seu braço e ouvia Ira brincando distraidamente com um elástico. Via como as pessoas estavam passivas e desinteressadas, pensando que, obviamente, cantariam aquela canção e depois dessa alguém cantaria mais outra.

— Então seus dedos tocaram meu coração silencioso — ela cantou, lembrando-se de como ela e Serena riam daquela frase quando cantavam juntas — muito antes do fatídico Baile de Harvest Home — pois onde mais estaria seu coração senão em seu peito? Estariam dizendo que o amado tocara seus seios? Serena estava de frente para o púlpito, mas sua cabeça denotava uma certa imobilidade auditiva. Seu rabo de cavalo estava preso por um daqueles elásticos com duas bolas, do tipo que as garotas bem jovens usavam. Como uma garotinha, ela reunira à sua volta todos os amigos de escola — nenhum de uma época posterior, nenhum de uma das dúzias de lugares para onde Max a arrastara durante os

anos em que ficaram juntos, pois não ficaram em nenhum desses lugares tempo suficiente. Maggie concluiu que isso era o que havia de mais triste naquele evento.

A música terminou. Maggie e Durwood sentaram.

Sissy Parton imediatamente continuou com Friendly Persuasion¹⁴, mas as gêmeas Barley, que costumavam cantar quase tão bem quanto as Lennon Sisters, permaneceram sentadas. Serena parecia resignada agora; nem mesmo olhou para elas. Sissy tocou apenas a primeira parte e então o ministro levantou e disse:

— Estamos aqui reunidos para lamentar uma triste perda.

Maggie sentia que tinha se liquefeito. Estava tão exausta que seus joelhos tremiam.

O ministro falou bastante sobre o trabalho de Max para o Fundo Furnace. No entanto, parecia não tê-lo conhecido pessoalmente. Ou talvez aquilo fosse tudo a que Max se resumira, por fim: um terno ambulante, um firme aperto de mão. Maggie agora prestava atenção em Ira. Perguntou a si mesma como ele podia ficar ali sentado, tão impávido. Ele a teria deixado se debater naquela canção totalmente sozinha; ela sabia disso. Ela poderia ter gaguejado e fraquejado; ele assistiria a tudo friamente, como se aquilo não tivesse nada a ver com ele. Por que não?, ele diria. O que o obrigaria a cantar músicas cafonas dos anos 50 num funeral de um quase estranho? Como sempre, ele estaria certo. Como sempre, ele forçaria Maggie a se render.

Ela decidiu que, quando a cerimônia terminasse, iria embora sozinha. Certamente não viajaria de volta com ele para Baltimore. Talvez ela pegasse uma carona com Durwood. Um sentimento de gratidão tomou conta dela ao pensar na gentileza de Durwood. Poucas pessoas teriam feito o que ele fizera. Ele era gentil, solidário, um homem de bom coração, como ela deveria ter percebido desde o início.

Ora, se tivesse aceitado namorar Durwood, seria uma pessoa completamente diferente agora. Era tudo uma questão de comparação. Comparada a Ira, ela parecia boba e emotiva; qualquer um pareceria. Comparada a Ira, ela falava demais, ria demais e chorava demais. Até

¹⁴ “Sublime Tentação” (N. T.).

comia demais! Bebia demais! Comportava-se de forma desajeitada e sem graça.

Ela havia decidido tão terminantemente não ser igual à sua mãe que se transformara em seu pai.

O ministro sentou-se, soltando um sonoro suspiro. Ouviu-se um ruído nos bancos aqui e ali e então veio Sugar Tilghman, portando seu chapéu de palha preto suavemente, como uma bandeja repleta de taças. Caminhou até Sissy e inclinou-se perto dela, dizendo algo. As duas murmuraram alguma coisa. Então, Sugar endireitou-se e foi ficar ao lado do piano, com as mãos do jeito que era ensinado no coral — colocadas suavemente à altura da cintura, não acima — e Sissy começou a tocar as notas de uma música que Maggie não reconheceu de imediato. Um diácono aproximou-se de Serena e ela se levantou e foi conduzida pelo braço pela nave central, os olhos baixos.

Sugar cantou:

— Quando eu era bem pequena...

Outra pessoa conduziu a filha de Serena pelo braço e, um a um, todos os familiares se alinharam. À frente, Sugar reunia forças e cantava vigorosamente o refrão:

Que sera, sera
O que tiver que ser, será.
O futuro não nos pertence.
Que sera, sera.



Quando eles saíram da igreja, foi como sair de uma matinê — o choque súbito da luz do sol, do canto dos pássaros e da vida comum que havia continuado sem eles. Serena abraçava Linda. O marido de Linda ficou parado junto das crianças, parecendo um visitante que espera ser convidado a entrar. E em torno da igreja, membros da turma de 1956 reconheciam uns aos outros: “É você?”, perguntavam. “Quanto tempo faz?” e “Dá para acreditar nisso?”. As gêmeas Barley disseram a Maggie que ela não tinha mudado nem um pouco. Jo Ann Dermott anunciou que todos tinham mudado, mas para melhor. Não era estranho, ela disse, ver como eles eram mais jovens que seus pais quando estes tinham a mesma idade? Depois, Sugar Tilghman apareceu à porta e perguntou à multidão que outra música ela poderia ter cantado.

— Eu sei que não foi perfeito — ela disse —, mas olhem só a lista que eu tinha para escolher! Foi muito inadequado?

Todos juraram que não.

Maggie disse:

— Durwood, eu lhe devo o mundo por ter vindo me salvar.

— O prazer foi todo meu — ele respondeu. — A propósito, aqui está seu cupom. Não ficou muito amassado.

Não era bem verdade; estava comido nas beiradas e ligeiramente úmido. Maggie meteu-o na bolsa.

Ira encontrava-se perto do estacionamento com Nat Abrams. Ele e Nat haviam estado um ou dois semestres adiante dos outros; não pertenciam àquele grupo. Não que Ira parecesse se incomodar. Ele parecia perfeitamente à vontade, para dizer a verdade. Estava falando sobre as estradas. Maggie conseguiu escutar algumas coisinhas, como “Serviço de Estradas” e “Rodovia Dez”. Parecia uma obsessão.

— Lugarzinho estranho, não? — Durwood disse, olhando à sua volta.

— Estranho?

— Não dá nem para chamar de cidade.

— Bom, é um lugar pequeno — Maggie disse.

— Me pergunto se Serena vai continuar aqui.

Ambos olharam para Serena, que parecia estar tentando consolar a filha. O rosto de Linda se desfazia em lágrimas e Serena a levava para um canto e estava secando várias partes de suas roupas.

— Ela ainda tem parentes em Baltimore? — Durwood perguntou.

— Nenhum que a queira — disse Maggie.

— Eu achava que ela tinha mãe.

— A mãe dela morreu há alguns anos.

— Ah, é mesmo? — disse Durwood.

— Ela tinha uma doença muscular, algo assim.

— Nós, os rapazes, tínhamos todos uma certa fixação por ela — Durwood disse.

Isso surpreendeu Maggie, mas, antes que ela pudesse comentar, viu Serena vindo na direção deles. Ela usava um xale que a envolvia totalmente.

— Quero agradecer a vocês dois por terem cantado — ela disse. — Significou muito para mim.

— Esse Ira é tão teimoso que dá vontade de matá-lo — Maggie disse, e Durwood emendou:

— Lindo serviço, Serena.

— Ah, seja sincero, você achou uma loucura — disse Serena. — Mas você foi muito gentil por fazer o que eu pedi. Todos foram tão carinhosos! — Os lábios dela ficaram meio tortos. Ela tirou um lenço de papel amassado de seu decote em V e o pressionou — primeiro em um olho, depois no outro. — Me desculpem — disse. — Meu humor muda a toda hora. Eu me sinto, não sei, como um aparelho de televisão em meio a uma tempestade. Tão instável.

— É a coisa mais natural do mundo — Durwood assegurou-lhe.

Serena assoou o nariz e voltou a guardar o lenço de papel.

— De qualquer maneira — ela disse —, um vizinho está preparando umas comidinhas lá no quintal. Vocês podem vir? Preciso de gente perto de mim neste momento.

— Mas é claro — Maggie lhe disse, e Durwood respondeu:

— Nós vamos, sim, Serena — ambos falaram ao mesmo tempo. — Eu só vou pegar o carro — disse Durwood.

— Ah, não se incomode; vamos todos a pé. É logo ali naquelas árvores, e não tem muito lugar para estacionar mesmo.

Ela pegou o cotovelo de Maggie, inclinando-se levemente.

— Foi tudo bem, não foi? — Serena disse. Guiou-a na direção da rua e Durwood ficou para trás, com Sugar Tilghman. — Eu fiquei tão feliz por ter tido essa ideia. O reverendo Orbison teve um ataque, mas eu disse: “Não é para mim? Não é um serviço memorial para consolar os vivos?”. Então ele disse que sim, que achava que era. E ainda não acabou, não. Espere até ver a surpresa que eu preparei lá na casa.

— Surpresa? De que tipo? — Maggie perguntou.

— Eu não vou contar — Serena respondeu.

Maggie começou a morder o lábio inferior.

Elas viraram numa rua menor, andando sobre a guia, porque não havia calçada. As casas tinham um ar típico da Pensilvânia, Maggie pensou. Eram, em sua maioria, feitas de retângulos de pedra lisa, e ficavam bem perto da rua, com escassas janelas estreitas. Ela imaginava que lá dentro haveria mobília de madeira reutilizada, sem almofadas nem frescuras ou conveniências modernas, o que, é claro,

era uma bobagem, porque havia uma antena de televisão presa em cada chaminé.

Os outros convidados seguiam atrás, num desfile relaxado — as mulheres, de salto alto, andando na ponta dos pés pelo cascalho, os homens caminhando com as mãos nos bolsos. Ira vinha por último, entre Nat e Jo Ann. Ele não deu nenhum sinal indicando que se importasse com essa mudança de planos; ou, se deu, em algum momento, Maggie teve a sorte de não ver.

— O Durwood estava perguntando se você ficaria por aqui — ela disse a Serena. — Alguma chance de você voltar para Baltimore?

— Ah — disse Serena —, Baltimore parece tão distante agora. Quem eu ainda conheço por lá?

— Eu e o Ira, por exemplo — Maggie disse. — O Durwood Clegg. As gêmeas Barley.

As gêmeas Barley caminhavam logo atrás delas, de braços dados. As duas usavam lentes escuras por cima dos óculos de grau.

— A Linda tem insistido para eu me mudar para Nova Jersey — disse Serena. — Para que eu arranje um apartamento perto dela e do Jeff.

— Seria bom.

— Não tenho tanta certeza — disse Serena. — Parece que sempre que passamos alguns dias juntas, eu começo a perceber que não temos absolutamente nada em comum.

— Mas, se você morasse perto, vocês não passariam os dias juntas — Maggie disse. — Vocês se visitariam. Iriam embora quando não tivessem mais do que falar. E, além disso, você estaria mais perto de seus netos.

— Ah, os netos. Eu nunca senti que eles tivessem muito a ver comigo.

— Você não diria isso se alguém a mantivesse longe deles — Maggie disse-lhe.

— E como está a sua neta, Maggie?

— Não tenho ideia — disse Maggie. — Ninguém me conta nada. E a Fiona vai se casar novamente; descobri por acaso.

— É mesmo? Ah, mas será bom para a Larue ter um homem por perto.

— Leroy — disse Maggie. — Mas acontece que o verdadeiro amor da Fiona ainda é o Jesse. Ela disse isso, literalmente. Eles têm problemas que são temporários. Seria um erro terrível se ela casasse com outro! E depois, tem a coitadinha da Leroy... ah, eu odeio pensar em tudo que essa criança já passou. Viver naquela casa acabada, inalando fumaça de cigarro...

— Fumando? Uma criança de 6 anos?

— Sete anos. É a avó dela que fuma.

— Ah, bom — disse Serena.

— Mas são os pulmões da Leroy que ficam cheios de nicotina.

— Ah, Maggie, deixe para lá — disse Serena. — Deixe tudo para lá! É o que eu acho. Eu estava observando os meninos da Linda hoje de manhã, subindo na nossa cerca dos fundos, e primeiro eu pensei: oh-oh, é melhor chamá-los para dentro; eles vão rasgar aqueles terninhos de grife, mas depois eu pensei, que nada, esqueça. Não é da minha conta, eu pensei. Deixe estar.

— Mas eu não quero deixar estar — Maggie disse. — Que conversa é essa?

— Você não tem escolha — Serena disse a ela. Pisou num galho que estava atravessado no caminho. — No final, tudo se resume a isto, não tem jeito: é podar e jogar fora. Ora, a gente faz isso a vida toda, não é? A gente começa a se livrar dos filhos a partir do dia em que dá à luz; é isso o que eu quero dizer. Um grande, grande momento é quando você olha para eles e diz: “Se eu morrer, eles vão se virar sem mim. Estou livre para morrer”, você diz. “Que alívio! Jogue fora! Jogue Fora! Livre-se dos brinquedos no porão. Mude para uma casa menor. A menopausa é uma delícia”.

— Menopausa? — Maggie disse. — Você já está na menopausa?

— Felizmente — Serena respondeu.

— Ora, Serena! — disse Maggie e parou de repente, quase provocando um encontrão com as gêmeas Barley.

— Minha nossa — Serena disse —, por que isso incomodaria você?

— Mas eu me lembro de quando tivemos nossa primeira menstruação — Maggie disse. — Lembra-se de como ficávamos esperando? Vocês se lembram — ela disse, virando-se para as gêmeas Barley — de como nós só falávamos nisso? Quem já tinha ficado e quem não tinha. Como devia ser? Como é que esconderíamos de nossos maridos quando casássemos?

As gêmeas Barley balançaram a cabeça, sorrindo. Seus olhos estavam invisíveis por trás dos óculos escuros.

— E agora a dela já acabou — Maggie disse-lhes.

— A nossa ainda não — Jeannie Barley disse, toda contente.

— Ela já passou para outra fase da vida! — Maggie gritou.

— Que ótimo; grite para todo mundo ouvir — Serena disse. Ela engatou seu braço no de Maggie e elas voltaram a caminhar. — Acredite, eu nem me preocupei. “Ah, que bom”, eu disse para mim mesma. “Mais uma coisa da qual me desprender.”

Maggie disse:

— Eu não sinto que esteja me desprendendo; sinto que estão tirando as coisas de mim. Meu filho está um homem e minha filha está indo embora para a faculdade, e na casa de repouso eles estão falando em dispensar alguns funcionários. Tem algo a ver com as novas leis do estado — eles vão contratar mais profissionais e dispensar gente como eu.

— E daí? Esse emprego nunca esteve à sua altura — Serena disse. — Você tirava dez em todas as matérias, lembra? Ou quase todas.

— Está à minha altura, sim, Serena; eu adoro. Você está falando que nem a minha mãe. Eu adoro aquele emprego!

— Então volte a estudar e vire uma profissional — disse Serena.

Maggie desistiu. Subitamente, sentiu-se cansada demais para discutir.

Elas passaram por um pequeno portão e entraram por um caminho de lajotas. A casa de Serena era mais nova do que as

outras — tijolos aparentes, térrea, moderna e compacta. Havia alguém na janela da frente afastando a cortina para espiar lá fora, mas, quando os convidados se aproximaram, largou a cortina e sumiu. Ela apareceu na porta, uma mulher de estrutura forte, usando corpete e um sisudo vestido azul-marinho.

— Ah, coitadinha! — ela gritou para Serena. — Vamos, entre. Entrem, todos! Tem bastante comida e bebida. Alguém quer usar o banheiro?

Maggie queria. Ela seguiu as indicações da mulher e atravessou a sala de estar, que era repleta de móveis pesados no estilo carroça de madeira, e passou por um pequeno corredor que levava ao quarto. A decoração parecia ter sido feita por Max: uma colcha com estampa de placas de carros multicoloridas, uma coleção de canecos de chope alinhada na estante. No escritório, uma fotografia de Linda usando boné e camisola ao lado de uma bota de cowboy em bronze recheada de lápis e mexedores de coquetel de plástico meio mordidos. Mas alguém havia pendurado toalhas para os convidados no banheiro e arrumado uma bandeja de sabonetinhos em formato de rosa. Maggie lavou-se usando um sabonete que encontrou no gabinete abaixo da pia. Ela enxugou as mãos em uma toalha de banho pendurada atrás da cortina do chuveiro e depois olhou-se no espelho. A caminhada não tinha melhorado sua aparência. Ela tentou abaixar a franja. Ficou de lado para o espelho e encolheu o estômago. Enquanto isso, as gêmeas Barley discutiam sobre a foto de Linda:

— Não é uma pena que ela tenha puxado ao Max e não à Serena?

Nat Abrams disse:

— Esta é a fila para o toalete? — e Maggie gritou:

— Já estou saindo.

Ela saiu e deparou-se com Ira esperando junto de Nat; agora eles falavam sobre consumo de combustível. Ela voltou para a sala de estar. Os convidados estavam reunidos na sala de jantar, onde havia uma mesa coberta de pratos de comida — sanduíches, bolos e bebidas. O marido de Sissy Parton estava preparando as bebidas. Maggie reconheceu-o por causa do cabelo cor-de-rosa, da cor de cedro

recém-cortado. Não havia esmaecido nem um pouco. Ela foi até ele e disse:

— Olá, Michael.

— Maggie Daley! Você cantou tão bem — ele disse. — Mas onde está o Ira?

— Ah, bom... — ela disse vagamente. — Você me faz um gim-tônica, por favor?

Ele preparou a bebida, servindo o gim com um floreio.

— Odeio estas ocasiões — ele disse. — É meu segundo funeral esta semana.

— Quem mais morreu? — Maggie perguntou.

— Ah, um velho amigo do pôquer. E no mês passado foi minha tia Linette, e no mês anterior... Olhe, eu vou lhe dizer, parece que eu fui assistir a todas as peças de escola dos meus filhos e, mal elas tinham acabado, começou isso tudo.

Um estranho chegou e pediu-lhe um uísque. Maggie começou a circular pela sala. Ela não ouvia falarem muito de Max. As pessoas estavam discutindo o campeonato de beisebol, o aumento da criminalidade, a profundidade ideal para os bulbos de tulipa. Duas mulheres que Maggie nunca havia visto antes estavam pintando o retrato de um casal que ambas conheciam.

— Ele gostava de uma bebidinha — uma delas dizia.

— É, mas ele a adorava.

— Ah, ele nunca teria conseguido sem ela.

— Você foi àquele brunch que eles deram na Páscoa?

— Fui, sim! Aquele em que o centro de mesa era de chocolate?

— Foi um presente dele para ela, ela disse. Ele havia feito uma surpresa naquela manhã.

— Um coelho de chocolate. Que ele tinha enchido com rum.

— Ela não sabia que ele tinha colocado rum.

— Ele disse que queria que parecesse um daqueles chocolates suíços que são cheios de licor.

— O rum vazou pelo fundo.

— Fez furinhos no chocolate.

— Nunca vi tanta sujeira; a toalha ficou toda manchada.

— Por sorte, era só uma dessas toalhas de papel que fazem para festas.

Na sala de jantar, as gêmeas Barley conversavam com Michael. Elas tinham erguido as lentes escuras, que ficaram presas acima dos óculos como as antenas atrevidas de alguma criaturinha espacial de cara pontuda, e balançavam a cabeça seriamente, em sincronia. Jo Ann e Sugar estavam discutindo os casamentos mistos — o interesse intenso da vida de Jo Ann durante anos antes de seu casamento com Nat, e evidentemente após também.

— Mas me diga a verdade — Sugar dizia. — Não lhe parece, às vezes, que todo casamento é inter-racial?

E os dois netos de Serena estavam sub-repticiamente bombardeando um ao outro com pedacinhos de bolo. Parecia bom: pão de ló. Maggie pensou em experimentar uma fatia, mas depois se lembrou da dieta. Ela tinha uma sensação virtuosa e vazia no centro de suas costelas. Vagou em volta da mesa pesquisando o que era oferecido, resistindo até à tigela de salgadinhos de milho.

— A salada de entulho fui eu que fiz — disse a vizinha de Serena.

— Salada de entulho?

— Você pega um pacote de gelatina em pó, uma lata de abacaxi em calda, um vidro de chantilly pronto...

Um mulher com penteado bufante a cumprimentou e a vizinha voltou-se para saudá-la, deixando Maggie com o sabor farinhento de gelatina em pó nos dentes.

Serena estava ao lado do bufê, abaixo de uma pintura a óleo de um pássaro morto com uma cesta de frutas verde-oliva. Linda e seu marido estavam ao lado dela.

— Quando todas essas pessoas forem embora, mamãe — Linda dizia —, vamos levar você para jantar em qualquer lugar que você quiser. — Ela falava em um volume mais alto do que o normal, como

se Serena tivesse problemas de audição. — Vamos comer comida de verdade — ela disse.

— Mas tem tanta comida aqui em casa — Serena disse. — E, sinceramente, não estou com muita fome.

Seu genro disse:

— Vamos lá, mamãe Gill, diga qual é seu restaurante preferido. — O nome dele era Jeff. Maggie não conseguia lembrar o sobrenome.

Serena dizia:

— Hum... — Ela olhou em volta, como se esperasse uma sugestão. Seus olhos roçaram em Maggie e seguiram adiante. Finalmente, ela disse: — Ah, talvez o Golden Chopsticks. É um lugar agradável.

— Que tipo de comida é, chinesa?

— É, mas eles também têm...

— Ah, eu não gosto de comida chinesa — Linda disse. — Nem chinesa, nem japonesa, me desculpe.

— Nenhuma comida oriental — Jeff salientou. — Você não gosta da tailandesa também.

— Não, é verdade. Nem da filipina e nem da birmanesa.

Serena disse:

— Mas...

— E você não pode comer comida indiana; não se esqueça da indiana — Jeff disse.

— Não; comida indiana tem todos aqueles temperos.

— Os temperos atrapalham a digestão dela — Jeff disse a Serena.

— Acho que sou sensível ou algo assim — Linda disse.

— E comida mexicana também.

— Mas não temos nenhum restaurante mexicano aqui — Serena disse. — Não temos nenhum desses restaurantes.

Linda disse:

— O que eu gostaria de saber é como os mexicanos conseguem aguentar todos aqueles condimentos picantes.

— Eles não aguentam — Jeff disse a ela. — Eles acabam tendo um problema horrível que forma uma camada dentro da boca que parece uma armadura.

Serena piscou.

— Bom — ela disse —, que tipo de restaurante vocês têm em mente?

— Nós pensamos naquela churrascaria na Rota Um — Jeff falou.

— A MacMann's? Ah!

— Quero dizer, se a senhora quiser.

— Bom, a MacMann's é um pouco... barulhenta, né? — Serena perguntou.

— Eu nunca achei barulhenta — Linda disse.

— Eu quis dizer que está sempre muito movimentada.

— É pegar ou largar, mamãe — Linda disse a ela, erguendo o queixo. — Só estamos tentando ser gentis, pelo amor de Deus.

Maggie, parada bem perto deles, ficou só esperando Serena lançar um daqueles seus olhares irônicos, revirando os olhos. Porém Serena nem sequer olhou para ela. Ela parecia retraída, de alguma forma; havia perdido seu vigor. Ela levou a bebida aos lábios e tomou um pequeno gole, refletindo.

Então, o irmão de Max chamou:

— Serena? Está pronta?

Ele fez um sinal na direção de uma mala preta de couro falso coberta de mofo que estava sobre a mesa do café. Ela parecia familiar; Maggie não adivinharia por que. Serena se iluminou. Ela virou-se para Maggie e disse:

— Aí está minha surpresa.

— O que é? — Maggie perguntou.

— Vamos passar um filme do meu casamento.

É claro: um projetor. Maggie não via um há tempos. Ela ficou observando o irmão de Max abrir os fechos prateados. Enquanto isso, Serena foi abaixar as persianas.

— Vamos usar esta persiana grande para servir de tela — ela informou. — Ah, eu espero que o filme não tenha se desintegrado, esmaecido, nem qualquer outra coisa que esses filmes velhos façam.

— Quer dizer que é do seu casamento com o Max? — Maggie perguntou, indo atrás dela.

— Foi Oswald, tio dele, que filmou.

— Não me lembro de ver uma câmera no casamento.

— Eu estava rememorando as músicas ontem à noite e, de repente, me lembrei. “Se ainda estiver inteiro”, eu disse a mim mesma, “não seria divertido assistir?”.

Divertido? Maggie não tinha tanta certeza. Contudo ela não perderia, mesmo assim; então, achou um lugar para sentar no tapete. Colocou o copo no chão e aninhou as pernas de lado. Uma senhora bem velhinha estava sentada numa cadeira ao lado dela, mas, na altura do seu olhar, Maggie só conseguia ver as tornozelas bege que caíam por cima de seus sapatos.

Agora os convidados já sabiam o que estava prestes a acontecer. Os colegas de classe se Serena se acomodavam em torno do projetor enquanto os outros se dispersavam disfarçadamente em direções diferentes, como alguma coisa sob um microscópio. Alguns aproximaram-se da porta, mencionando babás e compromissos em outro lugar, prometendo a Serena que manteriam contato. Vários voltaram para o bar e, como Michael havia abandonado o posto, eles começaram a preparar as próprias bebidas. Michael estava na sala de estar, e Nat também. Ira não estava em nenhum lugar que Maggie conseguisse ver. Nat perguntava a Sugar:

— Acha que vou aparecer?

— Se você cantou no casamento, vai.

— Eu não cantei — ele disse com desalento.

Com um pouquinho de imaginação, Maggie pensou, esta poderia ser a turma de educação moral e cívica do Sr. Alden. (Era preciso ignorar a velhinha, que permanecia sentada e satisfeita com

sua tilintante xícara de chá.) Ela olhou em volta e viu um semicírculo de homens e mulheres grisalhos, e havia algo tão desgastado neles, tão benigno e despretensioso, que ela sentiu, naquele momento, que eles eram tão íntimos como se fossem de sua família. Ela ficou se perguntando como não tinha se dado conta de que eles também envelheceram junto com ela todos esses anos, atravessando mais ou menos as mesmas fases — criar os filhos e despedir-se deles, assombrar-se com as rugas que descobriam no espelho, ver os pais ficarem frágeis e inseguros. De alguma maneira, ela os imaginara ainda aflitos à espera do baile de formatura.

Até o ruído do projetor vinha direto da aula do Sr. Alden — o clack-clack dos rolos começando a girar e um quadrado de luz enfraquecida lançado sobre a persiana da janela. O que o Sr. Alden diria se pudesse vê-los todos junto novamente? Ele já devia ter morrido a esta altura. E, de qualquer modo, esse filme não mostrava como funcionava a democracia e nem como as leis eram criadas, mas...

Olhe a Sissy! Sissy Parton! Jovem, magra e empertigada, usando um coque chignon circundado por margaridas artificiais, como os babados de um uniforme de empregada doméstica fina. Ela tocava piano, os pulsos tão graciosamente arqueados que se podia pensar que era devido à delicadeza de seu toque que o filme continuava sem som. Acima da túnica branca do coral, era possível ver um pedaço da gola Peter Pan de sua blusa cor-de-rosa pálido (na vida real, a cor era rosa-choque, Maggie recordou-se). Ela levantou a caneca e olhou propositalmente para um certo ponto e a câmera seguiu seu olhar e a tela subitamente foi tomada por uma fileira dupla de jovens ridiculamente certinhos em túnicas pregueadas. Eles cantavam em silêncio, com as bocas em perfeito formato oval. Eles lembravam os corais dos cartões de Natal. Foi Serena quem identificou a música.

— True Love. — Ela cantou: — Amor... — e em seguida interrompeu o canto para dizer: — Nossa! Você viu? É a Mary Jean Bennett! Eu nem me lembrei de convidá-la. Alguém sabe onde a Mary Jean está morando?

Ninguém respondeu, embora vários deles, murmurando, sonhadores, baixinho, continuassem a cantar:

— ... porque eu e você temos um anjo da guarda...

— Olhe o Nick Bourne, o rato — Serena disse. — Ele disse que era longe demais para vir ao enterro.

Ela estava sentada no braço da cadeira, empinando o pescoço na direção do filme. De perfil, parecia dominante, quase gloriosa, Maggie pensou, com aquele fio de luz prateada da tela percorrendo seu nariz grande e reto e a curva de seus lábios.

A própria Maggie estava na primeira fila do coral, ao lado de Sugar Tilghman. Seu cabelo estava repleto de pequenos cachos, na cabeça inteira; isso fazia seu rosto parecer grande demais. Ah, era humilhante. Mas, sem dúvida, os outros sentiam o mesmo. Ela ouviu perfeitamente o gemido que Sugar deixou escapar. E quando a câmera virou para Durwood, com seu proeminente topete preto estilo Pompadour, com a crista parecendo o topo de um sorvete de casquinha, ele soltou uma risada estridente. Esse jovem Durwood caminhou com segurança até o piano, com a túnica esvoaçando. Ele assumiu sua posição e fez uma pausa, todo importante. Em seguida, lançou-se a uma silenciosa *I Want You, I Need You, I Love You* com os olhos mais fechados do que abertos, o braço esquerdo a gesticular de modo tão apaixonado que chegou a abater um lírio de papel-machê de um vaso. Maggie queria rir, mas segurou-se. Todos os outros também, mas a velhinha disse:

— Nossa! Meu Deus! — E chacoalhou a xícara. Algumas pessoas cantarolavam junto, o que Maggie tomou como sendo um ato caridoso da parte delas.

A seguir, a câmera voltou-se, trêmula, para Jo Ann Dermott, que estava diante da igreja. Ela agarrou as bordas do púlpito e leu em voz alta um livro que a plateia não conseguia ver. Como ela não fazia parte do coral, seu vestido estava completamente à mostra — duro, de ombros quadrados, saia longa, mais matrona do que nunca. Seus olhos baixos pareciam nus. Ninguém conseguiu acompanhar O Profeta cantarolando, então a leitura continuou por um longo tempo em silêncio total. Na sala de jantar, os outros convidados conversavam e riam, tilintando cubos de gelo.

— Deus do Céu, alguém adiante disso — Jo Ann disse, mas era evidente que o irmão de Max não sabia como fazê-lo (isto é, se fosse

possível adiantar esses filmes velhos), então eles tiveram que ficar lá sentados e aguentar.

Depois, a câmera fez um outro movimento e lá estava Sissy tocando piano, com um cacho úmido grudado na testa. Maggie e Ira, lado a lado, assistiam a Sissy com ar grave. (Ira era um menino, uma simples criança.) Eles tomaram fôlego. Começaram a cantar. Maggie estava ligeiramente protuberante em sua túnica — ela já andava brigando com seus cinco quilos a mais naquela época — e Ira tinha um ar determinado e inexperiente. Ele usava o cabelo curto daquele jeito? Naquela época, ele parecia totalmente impenetrável. Sua impenetrabilidade era seu maior atrativo. Ele a lembrava um daqueles gênios da matemática que não precisam escrever o processo, somente a resposta.

Ele tinha 21 anos quando o filme fora feito. Maggie tinha 19. Onde eles se conheceram, ela não tinha ideia, porque naqueles dias isso não importava. Deviam ter se esbarrado nos corredores do colegial, talvez até na escola primária. Ele poderia ter até ido à casa dela para encontrar com seus irmãos (ele e o irmão dela, Josh, tinham praticamente a mesma idade). Certamente, ele cantara com ela na igreja; disso ela sabia. A família dele frequentava a igreja, e o Sr. Nichols, sempre com poucas vozes masculinas, havia, de alguma maneira, convencido Ira a integrar o coral. Mas ele não durara muito tempo. Ao formar-se no ensino médio, abandonara o coral. Ou talvez tenha sido no ano seguinte. Maggie não percebera exatamente quando ele deixara de ir.

O namorado dela no colegial era um colega de classe chamado Boris Drumm. Ele era baixo e moreno, com pele áspera e cabelo crespo e preto bem aparado — másculo até com aquela idade, tudo o que ela procurava. Fora Boris quem ensinara Maggie a dirigir, e um dos exercícios exigia que ela disparasse sozinha no estacionamento da Sears, Roebuck até que ele surgisse repentinamente diante do carro dela para testar suas habilidades ao frear. A imagem mais clara dele, até hoje, era a postura determinada ao aparecer diante dela: os braços esticados, os pés separados, o queixo elevado. Parecia uma rocha. Indestrutível. Ela tinha a impressão de que poderia até passar por cima dele que ele teria se reerguido, intocado, como um daqueles homens de brinquedo de plástico que possuem chumbo na base.

Ele tinha planos de ir para uma faculdade no Meio-Oeste depois que se formasse, mas ficara acertado que, assim que ele se graduasse, ele e Maggie se casariam. Enquanto isso, Maggie continuaria morando em casa e iria para a Faculdade Goucher. Ela não estava exatamente ansiosa por isso; fora ideia de sua mãe. Sua mãe, que havia lecionado inglês antes de casar, preencher a ficha de inscrição e até redigira o ensaio de Maggie por ela. Era muito importante para ela que sua filha subisse na vida. (O pai de Maggie instalava portas de garagem e não cursara nenhuma faculdade.) Então, Maggie resignara-se a quatro anos em Goucher. Enquanto isso, para ajudar com a mensalidade, arranjava um emprego de verão lavando janelas.

Era na Casa de Repouso Silver Threads, que ainda não havia aberto oficialmente. Era um prédio novinho e moderno na Avenida Erdman, com três longas alas e 188 janelas. As janelas maiores tinham 12 vidraças; as menores tinham seis. E no canto esquerdo de cada vidraça havia um adesivo de papel onde se lia VIDROS KRYSTAL KLEER. Esses adesivos se grudavam no vidro com uma força que Maggie nunca vira antes. Qualquer que fosse a substância que eles continham, ela imaginou depois, deveria ser adotada pela NASA. Se você puxasse a primeira camada de papel, a de baixo permanecia, borrada, e se você a molhasse com água quente e em seguida raspasse com uma lâmina de barbear, ainda restariam fragmentos de cola, e depois que estes sumissem, a janela toda, é claro, estaria uma sujeira só, cheia de marcas de dedos e manchas, então tinha que ser borrifada com limpa-vidros e polida com um pano de camurça.

Durante um verão inteiro, das nove da manhã às quatro da tarde, Maggie raspou, molhou e raspou. As pontas de seus dedos ficaram em carne viva. Ela sentia como se suas unhas tivessem encolhido para dentro dos dedos. Não tinha ninguém com quem conversar enquanto trabalhava, porque era a única limpadora de janelas que eles haviam contratado. Sua única companhia era o rádio, tocando Moonglow¹⁵ e I Almost Lost My Mind¹⁶.

Em agosto, a casa começou a aceitar novos pacientes, embora nem todo o trabalho estivesse terminado. Naturalmente, eles eram

¹⁵ “Brilho da Lua” (N. T.).

¹⁶ “Eu Quase Enlouqueci” (N. T.).

alojados nos quartos cujas janelas já estavam totalmente limpas, mas Maggie adquirira o hábito de fazer um intervalo de vez em quando e fazer visitas. Ela parava numa cama ou outra para ver como as pessoas estavam. “Você poderia trazer aquela jarra de água para mais perto, boneca?”, uma mulher lhe pedia, ou: “Se importaria de abrir aquela cortina?”. Fazendo essas tarefas, Maggie sentia-se útil e competente. Ela começou a atrair um séquito daqueles pacientes que se locomoviam sozinhos. Alguém numa cadeira de rodas descobria em que quarto ela estava trabalhando e, de repente, havia três ou quatro pacientes sentados em volta dela, conversando. O estilo de conversa deles era ignorar a presença dela e discutir calorosamente entre si. (Será que foi a nevasca de 1988 ou a de 1989? E que número era mais importante na leitura da pressão arterial?) Mas eles transmitiam uma aguda percepção de sua plateia; ela sabia que era tudo para o benefício dela. Ela ria nos momentos certos ou fazia sons de simpatia, e os velhos respondiam com expressões de gratidão.

Ninguém em sua família compreendeu quando ela anunciou que queria esquecer a faculdade para tornar-se assistente na casa de repouso. Ora, uma assistente não era mais do que uma empregada, sua mãe lembrou; não era melhor do que uma camareira. E Maggie era muito inteligente e havia passado entre os primeiros da classe. Ela só queria ser comum? Seus irmãos, que haviam feito o mesmo tipo de escolha (três estavam metidos com alguma área da construção civil, enquanto o quarto soldava locomotivas no pátio de Mount Clare), alegavam que ansiavam por vê-la progredir na vida. Até seu pai, quase surdo, questionou se ela sabia o que estava fazendo. Porém Maggie permaneceu firme. O que ela tinha a ver com a faculdade? O que ela tinha a ver com aquelas informações pretensiosas e sem sentido como as que aprendera no colégio — Ontogenia recapitula a filogenia e Sinédoque é o uso da parte para simbolizar o todo? Ela se inscreveu em um programa de treinamento da Cruz Vermelha, que naquela época era tudo de que precisava, e arranhou um emprego na Silver Threads.

E lá estava ela, com 18 anos e meio, trabalhando entre pessoas idosas e vivendo com seus pais idosos e um irmão solteiro, que também era bem mais velho, de certo modo. Boris Drumm tinha que trabalhar para pagar seus estudos, então ele vinha para Baltimore somente no Natal e passava os outros feriados vendendo roupas

masculinas numa loja perto do campus. Ele escrevia longas cartas contando como seus estudos estavam alterando sua percepção do universo. O mundo era tão cheio de injustiça!, ele escrevia. Ele nunca havia se dado conta. Responder as cartas era difícil, porque Maggie tinha muito pouco a relatar. Ela não mais se encontrava muito com os amigos que tinham em comum. Alguns haviam ido para a faculdade e, quando voltavam, estavam mudados. Alguns tinham se casado, o que provocava uma mudança ainda maior. Logo, logo, as únicas pessoas que ela via regularmente eram Sugar e as gêmeas Barley — só porque eles ainda cantavam no coral — e, é claro, Serena, sua melhor amiga. Mas Boris nunca apreciara muito Serena, então Maggie raramente a mencionava em suas cartas.

Serena trabalhava como vendedora numa loja de lingerie. Ela trazia para casa roupas íntimas transparentes, com rendas e cores que não faziam sentido. (Um sutiã vermelho vivo não se mostraria através de praticamente qualquer roupa que você vestisse?) Ostentando uma camisola preta com um corpete transparente, anunciou que ela e Max se casariam em junho, depois que ele terminasse seu primeiro ano na Universidade da Carolina do Norte. A UNC era um trato que ele fizera com seus pais. Ele havia prometido tentar um ano de faculdade e depois, se ele realmente, verdadeiramente odiasse, eles permitiriam que ele a largasse. O que eles estavam esperando, é claro, é que ele conhecesse uma boa moça sulista e esquecesse sua paixão por Serena. Não que admitissem isso.

Max dissera que depois que eles casassem, ela poderia largar o emprego na loja de lingerie e nunca mais trabalharia, Serena contou; e também, ela disse (languidamente abaixando uma alça de renda preta e admirando seu próprio ombro sedoso), ele estava implorando que ela o acompanhasse ao Motel Blue Hen da próxima vez que ele viesse para casa. Eles não fariam nada, ele dissera; só ficariam juntos. Maggie ficou impressionada e sentiu inveja. Aquilo lhe parecia muito romântico.

— Você vai, né? — ela perguntou, mas Serena disse:

— O que você acha, que eu sou maluca? Eu precisaria ter enlouquecido para fazer isso.

— Mas, Serena... — Maggie começou. Estava prestes a dizer que aquela não era uma situação como a de Anita, de modo algum, mas a expressão ameaçadora de Serena a impediu.

— Eu não sou idiota — Serena disse.

Maggie ficou imaginando o que ela própria faria se Boris a convidasse para ir ao Motel Blue Hen. Porém ela não achava que isso passaria pela cabeça dele. Talvez fosse somente porque ela era obrigada a depender de suas longas e enfadonhas cartas para ter alguma notícia dele atualmente, mas ultimamente Boris havia começado a parecer menos... rude, por assim dizer; menos rigoroso. Em suas cartas, agora, ele falava em cursar direito depois da faculdade e entrar para a política. Somente na política, ele dizia, você tinha o poder de consertar os erros do mundo. Mas era engraçado: Maggie nunca vira os políticos como poderosos. Ela os via como pedintes. Eles estavam sempre implorando por votos, alterando a si mesmos para satisfazer seu público, comportando-se como covardes e falsos em sua patética busca por popularidade. Ela odiava pensar que Boris pudesse agir daquela maneira.

Ficou se perguntando se Serena alguma vez duvidara de Max. Não, provavelmente não. Serena e Max pareciam feitos um para o outro. Serena tinha muita sorte.

O aniversário de 19 anos de Maggie — o Dia dos Namorados de 1957 — caiu numa quinta-feira, que era a noite de ensaio do coral. Serena levou um bolo e depois do ensaio ela distribuiu fatias, junto com copos de papel e refrigerante, e todos cantaram Parabéns pra Você. A Sra. Britt, que realmente deveria ter se aposentado do canto anos antes, mas ninguém tinha coragem de insinuar isso, olhou à volta e suspirou.

— Mas é tão triste — ela disse — o modo como os jovens estão se distanciando. Ora, a Sissy quase não vem desde que casou e a Louisa está de mudança para Montgomery County, e agora eu soube que o garoto Moran foi embora e acabou se matando.

— Se matou? — Serena disse. — Como isso aconteceu?

— Ah, foi um daqueles acidentes estranhos de treinamento — disse a Sra. Britt. — Não sei dos detalhes.

Sugar, cujo noivo estava em Camp Lejeune, disse:

— Meu Deus, meu Deus, eu só desejo que o Robert volte para casa inteiro. — Como se ele estivesse em combate corpo a corpo em algum lugar, e é claro que ele não estava. (Isso aconteceu numa daquelas raras frações de minuto na história em que o país não estava envolvido em nenhuma hostilidade séria.) Depois, Serena ofereceu a segunda rodada do bolo de aniversário, mas todos tinham que ir para casa.

Naquela noite, na cama, Maggie começou a pensar no garoto Moran, por alguma razão. Embora ela não o conhecesse bem, descobriu que tinha a figura dele muito clara em sua mente: desleixado, alto, com maçãs do rosto salientes e cabelo oleoso, liso e preto. Ela deveria ter adivinhado que ele estava fadado a morrer jovem. Era o único menino do coral que não ficava brincando quando o Sr. Nichols falava com eles. Parecia ter muito autocontrole. Ela lembrou também que ele tinha um carro que montara só com seu conhecimento, com peças de ferro-velho e fita isolante. Agora que ela lembrava disso, achava que conseguia imaginar as mãos dele na direção. Elas eram bronzeadas e curtidas, estranhamente largas na base do polegar, e as pregas de suas articulações tinham graxa de automóvel profundamente entranhada. Ela o viu usando um uniforme do exército com calças de vinco perfeito — um homem que rumara para a morte de cabeça erguida, sem nem mesmo mudar de expressão.

Foi sua primeira percepção de que sua geração fazia parte da corrente do tempo. Assim como os outros antes deles, eles cresceriam, envelheceriam e morreriam. Já havia uma geração mais jovem cutucando-os por trás.

Boris escreveu dizendo que faria o possível para vir para casa nas férias da primavera. Maggie desejava que ele não tentasse com tanto afinco. Ele não tinha nem um pouco da segurança tranquila de Ira Moran.

Serena ganhou um anel de noivado com um diamante em formato de coração. Era deslumbrante. Ela começou a planejar e replanejar uma grande produção para o casamento, marcado para o dia 8 de junho, uma data em cuja direção ela se movia com majestade, como um navio, com todas as amigas seguindo em sua esteira. A mãe de Maggie disse que era um absurdo fazer tanto alvoroço por causa de

um casamento. Ela disse que as pessoas que viviam para seus casamentos sentiam-se desiludidas depois e em seguida disse, mudando de tom:

— Aquela pobre menina, tendo tanto trabalho; eu devo dizer que tenho pena dela.

Maggie ficou chocada. (Pena! Para ela, parecia que Serena já estava começando sua vida, enquanto ela, Maggie, esperava sentada num canto.) Entrementes, Serena escolheu um vestido de casamento de renda na cor marfim, mas depois mudou de ideia e decidiu que cetim branco seria melhor, e escolheu primeiro uma variedade de músicas sacras e avisou todas as amigas que sua cozinha seria decorada com motivos de morango.

Maggie tentou lembrar o que ela sabia sobre a família de Ira Moran. Eles deviam estar arrasados com a perda. A mãe dele, pelo que ela lembrava, já tinha morrido. O pai dele era um homem obscuro e alquebrado, com a mesma postura curvada de Ira, e havia algumas irmãs — duas ou três, talvez. Ela conseguia dizer exatamente que banco eles sempre ocupavam na igreja, mas, agora que pensara em olhar, descobriu que eles não estavam mais lá. Esperou por eles o resto de fevereiro e a maior parte de março, mas eles nunca mais apareceram.

Boris Drumm veio para casa nas férias de primavera e acompanhou-a à igreja naquele domingo. Maggie ficou na seção do coral olhando lá para baixo, para o banco que ele ocupava, entre o pai e o irmão dela, Elmer, e ocorreu-lhe que ele se encaixava muito bem. Bem demais. Como todos os homens de sua família, ele assumia uma expressão meio intimidada durante os hinos e murmurava-os em vez de cantá-los, ou talvez só pronunciasse as palavras, deixando os olhos escorregarem para um lado, como se esperasse não ser notado. Só a mãe de Maggie cantava de verdade, jogando o queixo para a frente e articulando as palavras com clareza.

Depois do jantar de domingo com a família, Maggie e Boris foram para a varanda. Maggie empurrava preguiçosamente o balanço para a frente e para trás enquanto Boris discorria sobre suas aspirações políticas. Ele disse que pensava começar modestamente, talvez fazendo parte do conselho da escola ou algo assim. Depois, ele se esforçaria para chegar a senador.

— Hummm — disse Maggie, disfarçando um bocejo.

Em seguida, Boris tossiu levemente e perguntou a Maggie se ela alguma vez pensara em cursar a escola de enfermagem. Poderia ser um bom plano, ele disse, se ela estava tão entusiasmada para cuidar de idosos. Provavelmente isso também tinha alguma conexão com a carreira dele; esposas de senadores não esvaziavam comadres. Ela disse:

— Mas eu não quero ser enfermeira.

— Mas você foi sempre tão bem nos estudos — ele lhe disse.

— Eu não quero ficar numa enfermaria preenchendo formulários; quero lidar com as pessoas! — Maggie disse.

Sua voz saiu mais ríspida do que ela gostaria. Ele se retraiu.

— Me desculpe — ela disse.

Sentia-se grande demais. Era mais alta do que ele quando os dois estavam sentados, especialmente quando ele se encolhia, como fazia agora.

Ele disse:

— Tem alguma coisa incomodando você, Maggie? Durante as férias todas, você não pareceu a mesma pessoa.

— Bom, sinto muito — ela disse —, mas sofri uma... perda. Um amigo muito próximo faleceu.

Ela não sentiu estar exagerando. Naquele momento, parecia mesmo que ela e Ira tinham sido muito próximos. Só que, conscientemente, eles não haviam percebido.

— Ora, mas por que você não me disse? — Boris perguntou. — Quem foi?

— Ninguém que você conheça.

— Como tem tanta certeza? Quem foi?

— Bem — ela disse —, o nome dele era Ira.

— Ira — Boris disse. — Está se referindo a Ira Moran?

Ela fez que sim, mantendo-se cabisbaixa.

— Um sujeito magrinho que estava umas duas turmas à frente da nossa?

Ela fez que sim.

— Ele não era meio índio ou algo assim?

Ela não sabia direito, mas parecia que sim. Era isso mesmo.

— É claro que eu o conheci — Boris disse. — Quero dizer, nós nos cumprimentávamos. Quero dizer, ele não era um amigo. Eu não sabia que ele era seu amigo.

Onde será que ela arranja essas figuras, a expressão carrancuda dele estava dizendo. Primeiro, Serena Palermo, e agora um pele-vermelha.

— Ele era uma das minhas pessoas favoritas — ela disse.

— Era? Ah, é mesmo? Muito bem. Bom, minhas condolências então, Maggie — disse Boris. — Eu só queria que você tivesse me contado antes. — Ele pensou por um instante e disse: — Como foi que aconteceu?

— Foi um acidente de treinamento — disse Maggie.

— Treinamento?

— No campo de treinamento de recrutas.

— Eu nem sabia que ele tinha se alistado — Boris disse. — Eu pensava que ele trabalhava na loja de molduras do pai dele. Não foi lá que eu mandei emoldurar nossa foto de formatura? Na Loja de Molduras do Sam? Parece que foi esse Ira que me atendeu.

— É mesmo? — Maggie disse, e pensou em Ira atrás do balcão, mais uma imagem para acrescentar à sua pequena coleção. — Sim — ela disse. — Ele se alistou, eu quis dizer. E depois sofreu esse acidente.

— Eu sinto muito — Boris disse.

Alguns minutos depois, ela lhe disse que preferia passar o resto do dia sozinha, e Boris disse que compreendia, é claro.

Naquela noite, na cama, ela começou a chorar. Falar da morte de Ira em voz alta havia provocado isso. Ela ainda não havia falado sobre isso, nem mesmo com Serena, que diria:

— Mas que história é essa? Você mal conhecia o sujeito.

Ela e Serena estavam se distanciando, Maggie percebia. Ela chorou mais ainda, secando as lágrimas na borda de seu lençol.

No dia seguinte, Boris voltou para a faculdade. Maggie tinha a manhã de folga, então, foi levá-lo até a rodoviária. Sentiu-se sozinha depois de se despedir. De repente, parecia muito triste que ele tivesse vindo até aqui só para vê-la. Ela gostaria de ter sido mais amável com ele.

Em casa, sua mãe fazia a limpeza geral da primavera. Ela já tinha enrolado os tapetes e colocado os capachos de sisal para o verão, e agora arrancava as cortinas das janelas com um estalido. Uma fria luz branca encheu a casa aos poucos. Maggie subiu para o seu quarto e atirou-se na cama. Pelo resto da vida, provavelmente, ela estaria fadada a continuar solteira e vivendo com essa família tediosa e previsível.

Depois de alguns minutos, ela subiu e foi para o quarto de seus pais. Pegou as páginas amarelas que estavam debaixo do telefone. Molduras, não. Molduras de fotos, sim. Loja de Molduras do Sam. Ela achava que só queria ver aquilo impresso, mas acabou copiando o endereço em um papel e levou-o para o quarto.

Não tinha nenhum papel de carta com bordas pretas, então, escolheu o mais simples que recebera na formatura — branco com um folha de samambaia no canto. Prezado Sr. Moran, ela escreveu.

Eu cantava no coral com seu filho e preciso dizer-lhe quão triste estou por saber da morte dele. Não escrevo simplesmente por educação. Eu considerava Ira a pessoa mais maravilhosa que já conheci.

Ele tinha algo de especial e eu queria dizer que, enquanto viver, lembrarei dele com muito carinho.

Minhas mais profundas condolências,

Margaret M. Daley

Ela selou e endereçou o envelope e, em seguida, antes que pudesse mudar de ideia, foi até a esquina e colocou-o na caixa de correio.

A princípio, não pensou que o Sr. Moran poderia responder, mas depois, no trabalho, ocorreu-lhe que ele talvez respondesse. É claro: as pessoas tinham que responder bilhetes de pêsames. Talvez ele contasse alguma coisa pessoal acerca de Ira que ela pudesse guardar e estimar. Talvez dissesse que Ira havia mencionado o nome dela. Não era totalmente impossível. Ou, vendo que ela era uma das poucas pessoas que haviam valorizado seu filho apropriadamente, ele poderia até enviar-lhe alguma lembrança — talvez uma fotografia antiga. Ela adoraria ter uma fotografia. Agora, desejava ter pedido uma.

Como enviara a carta na segunda-feira, ela provavelmente chegaria às mãos do pai de Ira na terça-feira. Então, sua resposta deveria chegar na quinta-feira. Ela foi correndo para o trabalho na manhã de quinta, fervendo de ansiedade. Na hora do almoço, telefonou para casa, mas sua mãe disse que o correio ainda não havia chegado. (Ela também disse: “Por quê? O que está esperando?”, que era o tipo de coisa que fazia Maggie desejar casar e mudar-se.) Às duas horas, ela telefonou novamente, mas sua mãe disse que não havia nada para ela.

Naquela noite, a caminho do ensaio do coral, ela contou os dias mais uma vez e percebeu que o Sr. Moran poderia não ter recebido a carta na terça-feira. Ela só a enviara ao meio-dia, lembrou-se. Começou a andar mais depressa, acenando para Serena quando a viu na entrada da igreja.

O Sr. Nichols estava atrasado e os integrantes do coral brincavam e fofocavam enquanto esperavam por ele. Todos estavam um pouco excitados, porque a primavera havia chegado — até a velha Sra. Britt. As janelas da igreja estavam abertas e eles podiam ouvir as crianças das casas vizinhas brincando na calçada. O ar da noite tinha o aroma de grama recém-cortada. O Sr. Nichols, ao chegar, usava um broto de lavanda na lapela. Ele devia tê-lo comprado do vendedor ambulante que aparecera com seu carrinho pela primeira vez naquele ano.

— Me desculpem, senhoras e senhores — disse o Sr. Nichols. Ele colocou sua pasta num banco e examinou-a em busca de suas anotações.

A porta da igreja abriu-se novamente e por ela entrou Ira Moran.

Ele estava muito alto e sinistro, de camisa branca com as mangas arregaçadas e calça preta justa. Tinha um ar sério, que alongava seu queixo, como se houvesse um caroço em sua boca. Maggie sentiu o coração parar. Ela sentiu-se gelada, a princípio, e depois acalorada, mas ficou olhando para ele sem entender, com os olhos secos e escancarados, mantendo o polegar no caderno de hinos. Mesmo naquele primeiro momento, soube que ele não era um fantasma ou uma miragem. Era tão real quando os bancos grudentos de verniz, não tão impecavelmente composto como ela havia imaginado, mas com textura mais intrincada — mais físico, de certa forma; mais complexo.

O Sr. Nichols disse:

— Ah, Ira. Fico feliz em vê-lo.

— Obrigado — Ira disse. Em seguida, ele esgueirou-se pelas cadeiras dobráveis até o fundo, onde ficavam os homens, e sentou-se. Mas Maggie viu como o olhar dele primeiro deslizou sobre as mulheres que estavam na frente, finalmente parando nela. Ela podia sentir que ele sabia sobre a carta. Sentiu um rubor cobrir-lhe o rosto. Habitualmente amável devido a pura cautela, pura timidez, ela tinha sido flagrada num erro tão desastrado que não acreditava que pudesse voltar a encarar ninguém nos olhos.

Ela cantou de modo entorpecido, levantando e sentando conforme ordenado. Cantou *Once to Every Man and Nation*¹⁷ e *Shall We Gather at the River*¹⁸. Depois, o Sr. Nichols pediu que os homens cantassem *Shall We Gather at the River* sozinhos, e depois ele pediu que o acompanhador repetisse um certo trecho. Enquanto isso acontecia, Maggie inclinou-se para perto da Sra. Britt e sussurrou:

— Aquele não é o menino Moran? O que chegou atrasado?

— Creio que seja, sim — disse a Sra. Britt com prazer.

— A senhora não nos disse que ele tinha morrido?

— Eu disse? — a Sra. Britt perguntou. Ela pareceu surpresa e recostou-se na cadeira. Um instante depois, veio um pouco mais para

¹⁷ “Uma Vez, para Todos os Homens e Nações” (N. T.).

¹⁸ “Vamos nos Reunir no Rio” (N. T.).

a frente e disse: — Quem morreu foi o menino dos Rands. Monty Rand.

— Ah — disse Maggie.

Monty Rand era somente o pálido vislumbre de uma pessoa com uma incongruente voz profunda de baixo. Maggie nunca gostara muito dele.

Depois do ensaio, pegou suas coisas o mais depressa possível e foi a primeira a sair, movendo-se apressada pela calçada com a bolsa agarrada ao peito, mas ela mal chegara à esquina quando ouviu Ira atrás dela.

— Maggie? — ele chamou.

Ela diminuiu o passo e parou debaixo de um poste de luz, sem olhar em volta. Ele aproximou-se. As pernas dele faziam na calçada uma sombra que parecia uma tesoura.

— Posso acompanhá-la? — ele disse.

— Se você quiser — ela lhe disse sem rodeios. Ele acompanhou o passo dela.

— E então, como tem passado? — ele perguntou.

— Estou bem.

— Você não está mais estudando, né?

Ela balançou a cabeça, concordando. Eles atravessaram a rua.

— Está trabalhando? — ele perguntou.

— Eu trabalho na Casa de Repouso Silver Threads.

— Ah! Que bom.

Ele começou a assobiar o último hino que eles haviam praticado: Just a Close Walk with Thee ¹⁹. Ele caminhava despretensiosamente ao lado dela com as mãos nos bolsos. Eles passaram por um casal que se beijava num ponto de ônibus. Maggie pigarreou e disse:

— Como fui boba! Confundi você com o menino dos Rands.

— Dos Rands?

¹⁹ “Andar Mais Perto de Ti” (N. T.).

— Monty Rand; ele morreu num treinamento de recrutas e eu achei que tivesse sido você.

Ela ainda não olhara para ele, embora ele estivesse perto o bastante para que ela pudesse sentir o cheiro de sua camisa recém-passada. Ela se perguntou quem a havia passado. Uma das irmãs dele, provavelmente. O que isso tinha a ver com alguma coisa? Agarrou a bolsa mais forte e apressou o passo, mas Ira fez o mesmo. Tinha consciência da presença misteriosa e curvada dele junto dela.

— Então agora você vai escrever para o pai do Monty? — ele perguntou-lhe.

Quando ela arriscou um olhar de soslaio, viu a dobrinha bem-humorada no canto da boca dele.

— Tudo bem, pode rir — ela lhe disse.

— Não estou rindo.

— Vamos! Diga que fiz papel de boba.

— Está ouvindo alguma risada?

Eles haviam chegado à quadra dela. Ela podia ver sua casa adiante, parte de um conjunto de casas iguais, com a varanda iluminada pela luz laranja para espantar insetos. Desta vez, quando ela parou, olhou diretamente para o rosto dele e ele retribuiu o olhar sem o menor resquício de um sorriso, mantendo as mãos enfiadas nos bolsos. Ela não esperava que seus olhos fossem tão estreitos. Ele poderia ser asiático em vez de indígena.

— Seu pai deve ter achado muito engraçado — ela disse.

— Não, ele só ficou... ele só me perguntou o que poderia ser.

Ela tentou pensar nas palavras que havia usado na carta. Especial, ela escrevera. Ah, Senhor! E pior ainda: maravilhoso. Ela queria desaparecer.

— Eu lembro de você do ensaio do coral — Ira disse. — Você é irmã do Josh, né? Mas acho que nós nunca nos conhecemos de verdade.

— Não, é claro que não — ela disse. — Por Deus! Nós somos completos desconhecidos. — Tentou parecer brusca e sensata.

Ele a analisou por um momento. Em seguida, disse:

- Então, você acha que podemos nos conhecer agora?
- Bom — ela disse —, eu estou saindo com uma pessoa.
- É mesmo? Quem?
- Boris Drumm — ela disse.
- Ah, sim.

Ela olhou na direção de sua casa. E disse:

- Nós vamos nos casar, provavelmente.
- Entendo — ele disse.
- Bom, então adeus — ela falou.

Ele levantou uma mão em silêncio, pensou por um instante, depois virou-se e foi embora.

Porém naquele domingo ele veio cantar no coral no serviço matutino. Maggie sentiu-se aliviada, quase flutuou de alívio, como se tivesse recebido uma segunda chance, e então seu coração afundou quando ele sumiu no meio da multidão depois da igreja. Mas na noite de quinta-feira ele voltou ao ensaio e depois acompanhou-a até sua casa. Eles conversaram sobre assuntos triviais — a voz esganiçada da Sra. Britt, por exemplo. Maggie foi se sentindo mais à vontade. Quando eles chegaram à sua casa, ela viu o cachorro da vizinha diante dela, fazendo xixi na única roseira da mãe de Maggie, com a vizinha parada lá, olhando; então, ela gritou:

— Ei, senhora! Tire seu cachorro do nosso quintal, ouviu bem? — Ela estava brincando; era o estilo grosseiro de humor que ela havia aprendido com os irmãos. Mas Ira não sabia e foi tomado de surpresa. Logo depois, a Sra. Wright riu e disse:

— E quem é que vai me obrigar, menina? — e Ira relaxou. Mas Maggie percebeu que tinha sido desajeitada mais uma vez, murmurou um apressado adeus e entrou em casa.

Logo isso se tornou um padrão — as noites de quinta e as manhãs de domingo. As pessoas começaram a notar. A mãe de Maggie disse:

— Maggie? O Boris sabe sobre essa sua nova amizade?

E Maggie disparava:

— É claro que sabe.

Uma mentira, ou pelo menos uma meia verdade. (A mãe de Maggie achava que Boris era um presente de Deus para as mulheres.) Mas Serena dizia:

— Que bom! Já era hora de você largar o Sr. Santinho.

— Eu não o larguei!

— Por que não? — Serena perguntou. — Comparado ao Ira! O Ira é tão misterioso.

— Bom, ele tem uma parte indígena, é claro — Maggie disse.

— E você tem que admitir que ele é atraente.

Ah, Jesse não seria o único a ser influenciado por uma amizade! Certamente Serena teve muito a ver com o que aconteceu depois.

Ela pediu que Maggie e Ira cantassem um dueto em seu casamento, por exemplo. Assim, do nada (pois Ira nunca fora conhecido por ter uma voz muito espetacular), ela meteu na cabeça que eles deveriam cantar *Love Is a Many Splendored Thing* antes de trocarem os votos. Então, é claro, eles tinham que ensaiar; então, é claro, ele tinha que ir à casa dela. Tinham pena um do outro e se compadeciam pelo gosto musical de Serena, mas nunca lhes ocorreu recusar. A mãe de Maggie ficava andando na ponta dos pés para lá e para cá, com roupa para lavar que não tinha nada a ver com a sala de estar. Certa vez, eles cantavam, em uma colina alta e cheia de vento, e depois Maggie desatava a rir, mas Ira permanecia sério. Maggie parecia estar se transformando em outra pessoa, naqueles dias — em alguém fútil, instável e propensa a acidentes. Às vezes, ela imaginava que aquele bilhete de pêsames havia tirado seu equilíbrio de modo permanente.

A esta altura, ela já sabia que Ira dirigia sozinho a loja do pai — o “coração fraco” de Sam se manifestara um dia após a formatura de Ira no colégio — e que ele morava em cima da loja com seu pai e suas duas irmãs bem mais velhas, uma das quais era um pouco devagar e a outra, somente tímida, retraída ou algo assim. Mas ele queria ir para a faculdade, se conseguisse juntar o dinheiro. Desde criança, sonhava ser médico. Ele contou-lhe isso em tom neutro; não parecia desestimulado com o rumo que sua vida estava tomando. Depois,

perguntou se ela não gostaria de ir até a casa dele um dia e conhecer suas irmãs; elas não falavam com muita gente. Mas Maggie disse:

— Não! — e ficou toda vermelha e completou: — Ah, acho que é melhor não — e fingiu não notar como ele achou aquilo engraçado. Ela tinha medo de encontrar o pai dele. Ficou imaginando se as irmãs dele sabiam sobre a carta também, mas não quis perguntar.

Nunca, nem uma vez em todo esse tempo, ele agiu como se fosse mais do que um amigo. Quando necessário, pegava no braço dela — para guiá-la em meio a uma multidão, por exemplo — e ela sentia aquela mão firme e quente sobre sua pele nua; mas, assim que eles atravessaram a multidão, ele a largava. Ela nem sabia ao certo o que ele achava dela. Não sabia ao certo o que ela achava dele, também. E, afinal, também era preciso pensar em Boris. Ela continuava escrevendo para Boris regularmente — na verdade, um pouco mais frequentemente do que costumava.

O ensaio para a festa de casamento de Serena foi numa tarde de sexta-feira. Não foi um ensaio muito formal. Os pais de Max, por exemplo, nem se preocuparam em vir, mas a mãe de Serena apareceu, com o cabelo cheio de bobes rosa-choque. E os eventos aconteceram fora de ordem, com Maggie (substituindo a noiva, para dar sorte) percorrendo o corredor antes de toda a seleção musical porque Max tinha um monte de parentes para encontrar dentro de meia hora. Ela caminhou ao lado de Anita, que era uma das novidades mais peculiares de Serena.

— Quem mais poderia me entregar? — Serena perguntou. — Você não acha, sinceramente, que meu pai faria isso. — A própria Anita, no entanto, não parecia muito contente com o arranjo. Ela cambaleava e tropeçava em seus sapatos de salto alto e cravou as longas unhas vermelhas no pulso de Maggie para conseguir se equilibrar. No altar, Max lançou o braço em volta de Maggie e disse que talvez ficasse com ela mesmo; e Serena, sentada num banco central, interpelou: — Já chega dessa brincadeira, Max Gill! — Max era o mesmo menino sardento, carinhoso e grande que sempre fora. Era difícil para Maggie imaginá-lo casado.

Depois dos votos, Max foi para a estação e o restante deles ficou praticando a música. Todos cantaram de modo bem amador, Maggie pensou, o que não era problema para ela porque ela e Ira também não

cantaram muito bem naquela noite. Começaram de forma irregular e Maggie esqueceu que tinham combinado dividir o verso do meio. Ela embarcou nos dois primeiros versos junto com Ira e depois parou, confusa, e perdeu sua própria entrada, tendo um ataque de riso. Naquele momento, com o riso ainda não dissipado do rosto, ela viu Boris Drumm no banco da frente. Tinha uma expressão confusa, o rosto franzido como se alguém tivesse acabado de despertá-lo.

Bom, ela sabia que ele deveria voltar para casa no verão, mas ele não lhe dissera que dia voltaria. Ela fingiu não reconhecê-lo. Ela e Ira terminaram a música e em seguida ela voltou ao papel de Serena, caminhando lentamente pelo corredor, sem Max, para que Sugar pudesse praticar o ritmo de Born to Be with You. Depois disso, Serena bateu palmas e gritou:

— Muito bem, turma!

E eles se prepararam para sair, todos conversando ao mesmo tempo. Estavam pensando em ir comer pizza. Foram todos na direção de Maggie, que aguardava no fundo da igreja, mas Boris permaneceu onde estava, olhando para a frente. Ele estava esperando que Maggie se juntasse a ele. Ela estudou sua nuca, que parecia um bloco, imóvel. Serena passou-lhe a bolsa e disse:

— Vejo que você tem companhia.

Bem atrás de Serena, vinha Ira. Ele parou na frente de Maggie, olhou para ela e falou:

— Você vai comer pizza?

Maggie disse:

— Acho que não.

Ele aquiesceu, inexpressivo, e saiu. Mas seguiu uma direção diferente dos outros, como se achasse que não seria bem-vindo se não estivesse com Maggie. O que, é claro, era um absurdo.

Maggie voltou ao corredor, sentou-se ao lado de Boris e eles se beijaram. Ela disse:

— Como foi a viagem?

E ele disse:

— Com quem você estava cantando? — exatamente no mesmo instante.

Ela fingiu não escutar.

— Como foi sua viagem? — perguntou novamente. E ele disse:

— Não era o Ira Moran?

— Quem? Aquele que estava cantando? — ela disse.

— Era o Ira Moran, sim! Você me disse que ele tinha morrido.

— Foi um mal-entendido — ela disse.

— Eu ouvi o que você disse, Maggie.

— Quis dizer que foi um mal-entendido eu achar que ele tivesse morrido. Ele só ficou... ferido.

— Ah! — disse Boris. E ficou matutando.

— Foi só um ferimento superficial, só isso — Maggie lhe disse. — Um ferimento no couro cabeludo. — Ela teve dúvida se os dois termos se contradiziam. Em sua cabeça, repassou rapidamente vários filmes que tinha visto.

— E então, como foi? Ele simplesmente apareceu aqui um dia? — Boris perguntou. — Ele surgiu do nada, como uma espécie de fantasma? Como foi que aconteceu, exatamente?

— Boris — disse Maggie —, eu não consigo entender por que você fica insistindo nisso de uma maneira assim tão cansativa.

— Ah, está bem. Me desculpe — Boris disse.

(Ela tinha falado de modo tão autoritário assim? Achava difícil imaginar, lembrando a cena.)

Na manhã do casamento, Maggie levantou-se cedo e foi até o apartamento de Serena — no segundo andar de um conjunto de casas de tijolos revestidos de estuque — para ajudá-la a vestir-se. Serena parecia impassível, mas sua mãe estava totalmente instável. Quando estava nervosa, Anita tinha a mania de falar com muita rapidez e praticamente sem pontuação, como numa propaganda de varejo.

— Por que ela não quer enrolar o cabelo como todo mundo quando eu disse para ela no começo da semana passada eu disse querida ninguém usa mais cabelo comprido você tem que ir a um

salão de beleza e fazer um cachinho para ficar aparecendo por baixo do véu... — Ela corria de um lado para o outro pela cozinha surrada e mal equipada vestindo um robe de seda cor-de-rosa, com um cigarro pendurado nos lábios. Fazia o maior alvoroço, mas, na verdade não fazia nada de concreto.

Serena, calma e despreocupada, usando uma das enormes camisas de Max, disse:

— Acalme-se, mamãe, por favor. — Ela disse a Maggie: — A mamãe acha que deveríamos mudar a cerimônia toda.

— Mudar. Agora? — Maggie perguntou.

— Ela não tem dama de honra! — Anita disse. — Ela não tem nenhuma dama de honra e, o que é pior, não há uma figura masculina para levá-la até o altar!

— Ela está incomodada por ter que me acompanhar até o altar — Serena disse a Maggie.

— Ah, se o seu tio Maynard viesse e ficasse no meu lugar! — Anita gritou. — Talvez seja melhor adiar o casamento uma semana e dar uma outra oportunidade para ele porque do modo como está agora está tudo muito besta e muito esquisito eu consigo ver aqueles metidos à besta dos Gills me olhando cheios de escrúpulos e dando risadinhas um para o outro e além disso a última permanente que eu fiz queimou as pontas do meu cabelo e eu não posso andar no corredor da igreja.

— Vamos lá me vestir — Serena disse a Maggie, tirando-a de lá.

No quarto de Serena, que era, na verdade, somente metade do quarto de Anita separado por um lençol verde-água encardido, Serena sentou-se à penteadeira e disse:

— Pensei em dar a ela um gole de uísque, mas achei que poderia ter o efeito oposto.

Maggie disse:

— Serena, você tem certeza que deve se casar com o Max?

Serena emitiu um guincho e virou-se para encará-la. Disse:

— Maggie Daley, por favor, não comece! Já mandei decorar meu bolo de casamento.

— Mas como você sabe? Como pode ter certeza de que está casando com o homem certo?

— Eu tenho certeza porque cheguei ao fim da linha — Serena disse, voltando-se para o espelho. Sua voz voltara ao nível normal. Ela passou base líquida, colocando pingos no queixo, nas faces e na testa. — Chegou a hora de casar, só isso — ela disse. — Estou tão cansada de namorar! Estou tão cansada de manter as aparências! Eu quero sentar no sofá com um marido normal e comum e ficar vendo TV por mil anos. Vai ser como tirar um espartilho; é exatamente assim que eu vejo.

— O que você está dizendo? — Maggie perguntou. Ela tinha quase medo da resposta. — Está me dizendo que não ama o Max de verdade?

— É claro que eu o amo — Serena disse. Ela espalhou os pontos sobre a pele. — Mas já amei outras pessoas do mesmo jeito. Amei o Terry Simpson no nosso último ano, lembra dele? Mas não era hora de casar, então, não é com o Terry que estou me casando.

Maggie não sabia o que pensar. Será que todos se sentiam daquela maneira? Será que os adultos haviam espalhado contos de fadas? “No instante em que eu vi Eleanor”, seu irmão mais velho lhe dissera certa vez, “eu disse: ‘Essa garota vai ser minha esposa um dia’.” Não ocorrera a Maggie que ele poderia simplesmente estar pronto para ter uma esposa e, portanto, estava procurando uma candidata plausível.

Então, mais uma vez, Serena havia conseguido colorir a visão que Maggie tinha das coisas.

— Não estamos nas mãos do destino, afinal — ela parecia estar dizendo. — Ou, se estamos, podemos nos libertar no momento em que quisermos.

Maggie sentou-se na cama e ficou observando Serena aplicar o rouge. Com a camisa de Max, Serena parecia casual e esportiva, como uma namorada comum.

— Quando isso terminar — ela disse a Maggie —, vou tingir meu vestido de casamento de roxo. Talvez dê para usá-lo de novo.

Maggie a observava, pensativa.

O casamento estava marcado para as 11, mas Anita queria chegar à igreja bem antes, ela disse, para evitar imprevistos. Maggie foi com elas no velho Chevrolet de Anita. Serena foi dirigindo, porque Anita disse que estava muito nervosa, e, como a saia de Serena se encapelava sobre a maior parte do banco, Maggie e Anita sentaram atrás. Anita falava sem parar e salpicava cinzas de cigarro no colo de seu vestido brilhante de mãe da noiva na cor pêssego.

— Agora que estou pensando bem Serena não posso imaginar por que você vai dar a recepção no prédio da Anjos da Caridade que é tão longe e toda vez que eu tentei ir lá acabei me perdendo e tendo que pedir orientações para estranhos na rua...

Elas chegaram à loja de lingerie Alluring. Serena estacionou na mão dupla e ergueu e jogou suas camadas de cetim para fora do carro a fim de mostrar seu vestido para a Sra. Knowlton, sua empregadora. Enquanto esperavam por ela, Anita disse:

— Sinceramente se você pode contratar um homem para servir bebidas numa festa ou trocar a fechadura não deveria haver nenhum problema em pegar um para os cinco ou dez minutos que leva para levar sua filha pelo corredor da igreja você não acha?

— Sim, senhora — disse Maggie, e ficou cavoucando distraidamente um buraco no banco de vinil, do qual puxou um chumaço de algodão do estofamento.

— Às vezes acho que ela está tentando se exhibir para mim — Anita disse.

Maggie não tinha resposta para aquilo.

Finamente, Serena voltou para o carro, carregando um embrulho de presente.

— A Sra. Knowlton me disse para não abrir até a noite de núpcias — ela contou. Maggie corou e deslizou um olhar para Anita. Anita apenas olhava pela janela, mandando duas longas tiras de fumaça pelas narinas.

Na igreja, o Reverendo Connors levou Serena e sua mãe para uma sala separada. Maggie foi esperar os outros cantores. Mary Jean já estava lá e logo chegou Sissy, com o marido e a sogra. Nem sinal de Ira. Bom, havia bastante tempo. Maggie tirou sua longa túnica do

coral do cabide e escorregou-a por sobre a cabeça, perdendo-se nas dobras, e em seguida, é claro, emergiu toda descabelada e teve que ir pentear o cabelo. Mas, mesmo depois de ela voltar, Ira ainda não estava lá.

O primeiro convidado havia chegado. Boris sentou num banco, desconfortavelmente próximo. Ele ouvia uma senhora com véu de pintinhas falar e concordava, inteligente e respeitoso, mas Maggie sentiu que havia alguma tensão no balançar de sua cabeça. Ela olhou para a entrada. Outras pessoas surgiam aqui e ali, seus pais e os Wrights, seus vizinhos e o antigo professor de artes de Serena. Nenhum sinal da figura comprida e sombria de Ira Moran.

Depois que ela o havia deixado ir embora sozinho, na noite anterior, ele devia ter decidido sumir de vez.

— Com licença — ela disse. E saiu empurrando a fileira de cadeiras dobráveis, apressando-se a atravessar o vestibulo. Uma de suas mangas compridas ficou presa na maçaneta da porta aberta e deu-lhe um puxão brusco, fazendo-a parecer uma boba, mas ela soltou-se antes que alguém notasse, pensou. Ela parou na escada da frente.

— Olá! — disse um antigo colega de classe.

— Hum... — Maggie resmungou, e fez sombra com as mãos sobre os olhos para averiguar a rua. Mas ela só via mais convidados. Sentiu-se momentaneamente impaciente com eles; pareciam tão frívolos. Sorriam e cumprimentavam uns aos outros à maneira graciosa que usavam somente na igreja, e as mulheres pisavam de maneira elegante, com os dedos dos pés para fora, e suas luvas brancas cintilavam sob a luz do sol.

Na entrada, Boris disse:

— Maggie?

Ela não se virou. Desceu os degraus correndo, com a túnica flutuando atrás de si. Os degraus eram largos e extremamente baixos, inadequados para o passo de um ser humano; ela foi forçada a adotar um ritmo irregular, manco.

— Maggie! — Boris gritou, então ela teve que continuar correndo mesmo depois de chegar à calçada. Ela abriu caminho com

os ombros por entre os convidados e ultrapassou-os, deslizando rua abaixo, com o linho branco enfunado feito um barco à vela ao vento.

A Loja de Molduras do Sam ficava somente a duas quadras da igreja, porém eram quadras grandes e era uma manhã quente de junho. Ela estava suada e sem ar quando chegou. Abriu a porta de vidro e entrou no desanimado interior, com piso de linóleo gasto. Modelos de molduras em formato de L estavam pendurados com ganchos num painel sobre uma parede amarelada e o balcão era de um cinza frio, pintado grosseiramente. Atrás do balcão havia um homem velho e curvado usando viseira, com tufo de cabelos brancos por toda a cabeça. O pai de Ira.

Ela ficou surpresa por encontrá-lo lá. Pelo que ouvira, parecia que ele nunca mais colocaria os pés na loja. Ela titubeou e ele disse:

— Posso ajudá-la, senhorita?

Ela sempre pensara que Ira tinha os olhos mais escuros que ela já vira, mas os olhos desse homem eram mais escuros. Ela nem conseguia saber onde eles estavam focados; teve a impressão passageira de que ele poderia ser cego.

— Estou procurando pelo Ira — ela respondeu.

— O Ira não trabalha hoje. Ele tem um compromisso qualquer.

— Sim, um casamento; ele vai cantar num casamento — ela disse. — Mas ele ainda não apareceu, então eu vim pegá-lo.

— Ah, é? — disse Sam. Ele aproximou a cabeça dela, começando pelo nariz, sem diminuir nem um pouco a impressão de que era cego. — Você não seria a Margaret, seria? — perguntou.

— Sim, senhor — ela disse.

Ele pensou por um momento e deu uma risada abrupta e arfante.

— Margaret M. Daley — disse.

Ela se manteve firme.

— Então, presumiu que Ira estava morto — ele disse.

— Ele está aqui? — ela perguntou.

— Está lá em cima, vestindo-se.

— Poderia chamá-lo, por favor?

— Como foi supor que ele tinha morrido? — ele perguntou a ela.

— Eu o confundi com outra pessoa. Monty Rand — ela disse, tropeçando nas palavras. — O Monty morreu num campo de treinamento.

— Campo de treinamento!

— Poderia ir chamar o Ira, por favor?

— Você nunca encontraria o Ira num campo de recrutas — Sam disse-lhe. — O Ira tem dependentes, é como se ele fosse casado. Não que ele possa se casar, em vista da nossa situação. Meu coração me prega peças há anos e uma das irmãs dele não é muito certa da cabeça. E eu não acredito que o exército o aceitasse, mesmo que ele se oferecesse! Eu e as meninas teríamos que viver de pensão; seríamos um fardo para o governo. “Vá embora daqui”, o pessoal do exército diria a ele. “Volte para aqueles que precisam de você. Não temos utilidade para você aqui.”

Maggie ouviu pés descendo escadas em algum lugar — um som abafado e martelado. Uma porta se abriu na parede com o painel de ganchos atrás do balcão e Ira disse:

— Pai...

Ele parou e olhou para ela. Usava um terno mal cortado e uma camisa branca engomada, com uma gravata azul-marinho sem nó pendendo do colarinho.

— Vamos chegar tarde para o casamento — ela disse.

Ele abotoou um punho e verificou o relógio de pulso.

— Vamos logo! — ela disse. Não estava pensando somente no casamento. Sentiu que era perigoso ficar perto do pai de Ira.

E, naturalmente, Sam disse:

— Eu e a sua amiguinha aqui estávamos discutindo sobre o seu alistamento o exército.

— Exército?

— O Ira não poderia entrar para o exército, eu disse a ela. Ele tem a nós.

Ira disse:

— Bom, de qualquer maneira, pai, eu devo voltar dentro de algumas horas.

— Você precisa mesmo demorar tanto? É quase a manhã inteira! — Sam virou-se para Maggie e disse: — Sábado é o dia mais movimentado na loja.

Maggie ficou se perguntando por que, nesse caso, a loja estava vazia. Ela disse:

— Sim, bom, nós devemos...

— Na verdade, se o Ira entrasse para o exército, teríamos que fechar a loja — disse Sam. — Teríamos que liquidá-la, e ela está na família há 42 anos, fará aniversário em outubro próximo.

— Do que está falando? — Ira perguntou-lhe. — Por que eu entraria para o exército?

— Sua amiguinha aqui pensou que você tivesse se alistado e morrido — Sam disse a ele.

— Ah! — Ira disse. Agora o perigo devia tê-lo despertado também, pois dessa vez foi ele quem disse: — Temos que ir.

— Ela achou que você tivesse explodido no campo de treinamento — Sam disse a ele. E deu mais uma de suas risadas arfantes. Havia algo inflexível e parecido com uma toupeira no modo como ele movia o nariz, Maggie percebeu. — Ela vai e me escreve uma carta de pêsames — ele disse. — Ah! — ele voltou-se para Maggie —, me deu um susto. Por um segundo eu cheguei a pensar, espere aí. O Ira morreu? Eu não estava sabendo. E também não sabia de você. Não sabia de nenhuma garota, para falar a verdade, há anos. Não que ele tenha outros amigos. Os camaradas dele na escola eram aqueles sabichões que foram para a faculdade e já perderam contato com ele e ele não vê nem uma alma da idade dele. “Olhe aqui!”, eu disse a ele. “Enfim, uma garota!” Depois de eu ter sobrevivido ao choque. “É melhor agarrá-la enquanto pode”, eu disse a ele.

— Vamos embora — Ira disse a Maggie.

Ele levantou uma parte do balcão que tinha dobradiças e passou por ela, mas Sam continuou falando:

— O problema é que agora você sabe que ela pode passar muito bem sem você — ele disse.

Ira parou, ainda segurando a passagem no balcão.

— Ela escreve um bilhetinho de pêsames e depois continua com a vida, alegre e feliz — Sam lhe disse.

— O que o senhor esperava que ela fizesse? Que se atirasse dentro da minha cova?

— Bom, você tem que admitir que ela aguentou muito bem o sofrimento. Me escreve um bilhetinho, cola um selo no canto e depois continua com as providências para o casamento da amiguinha.

— Muito bem — Ira disse, abaixando o balcão e aproximando-se de Maggie. Seria ele totalmente impenetrável? Seus olhos não tinham expressão e sua mão, quando ele a pegou pelo braço, estava absolutamente firme.

— O senhor está errado — Maggie disse a Sam.

— Hum?

— Eu não estava bem sem ele! Eu só estava existindo.

— Não precisa ficar nervosinha por causa disso — disse Sam.

— E, para sua informação, tem uma série de garotas que o acham absolutamente maravilhoso e eu não sou a única, e é ridículo dizer que ele não poderá se casar. O senhor não tem o direito; qualquer pessoa pode se casar, se quiser.

— Ele não ousaria! — Sam disse a ela. — Ele tem a mim e as irmãs para cuidar. Você quer que todos nós acabemos num abrigo de pobres? Ira? Ira, você não ousaria se casar!

— Por que não? — Ira perguntou calmamente.

— Você tem que pensar em mim e nas suas irmãs!

— Eu vou casar como ela de qualquer maneira — Ira disse.

Em seguida, abriu a porta e ficou de lado para deixar Maggie passar.

Nos degraus da entrada, eles pararam e ele colocou os braços em volta dela, aproximando-a de si. Ela sentiu os ossos estreitos do peito dele contra seu rosto e ouviu o coração dele bater em seu ouvido.

O pai dele deve ter visto tudo através da porta de vidro, mas mesmo assim Ira inclinou a cabeça e beijou-a nos lábios, um beijo longo, caloroso e penetrante que deixou seus joelhos moles.

Em seguida, eles rumaram na direção da igreja, embora primeiro tenha havido um pequeno atraso porque a bainha da túnica do coral dela ficou presa na porta. Ira teve que abrir a porta novamente (sem nem olhar para seu pai) para soltá-la.

Mas, vendo o filme de Serena, era possível adivinhar o que acabara de acontecer momentos antes? Eles pareciam um casal comum, talvez um pouco descombinados no tamanho. Ele era muito alto e magro e ela era muito baixa e roliça. As expressões deles eram graves, porém eles certamente não demonstravam que algo devastador havia acabado de acontecer. Eles abriam e fechavam a boca em silêncio enquanto a plateia cantava por eles, imprimindo um tom alegre, entoando melodramaticamente. O amor é forma como a natureza dá uma razão para se estar vivo... Mas só Maggie sabia como a mão de Ira havia pegado firme nas costas dela.

Em seguida, as gêmeas Barley apoiaram-se uma na outra e cantaram o proçãoário, com os rostos levantados feito filhotes de passarinho; e a câmara passou delas para Serena, toda de branco. Serena deslizou pelo corredor com sua mãe segurando nela. Engraçado: dessa perspectiva, nenhuma delas parecia especialmente incomum. Serena olhava para a frente, determinada. A maquiagem de Anita estava um pouco pesada, mas ela poderia ser a mãe de qualquer outra pessoa, com aquela expressão ansiosa e seu vestido apertado, fora de moda.

— Olhe só para você! — Alguém disse a Serena, rindo. Enquanto isso, a plateia cantava: Embora eu não saiba o que dizer...

E então a câmara virou e investiu sobre Max, que esperava ao lado do Reverendo Connors diante do altar. Um a um, os cantores diminuíram de intensidade. Doce Max, apertando seus lábios ressecados e espremendo seus olhos azuis numa tentativa de parecer adequadamente digno ao ver Serena se aproximando. Tudo nele havia desvanecido, exceto suas sardas, que sobressaíam feito lantejoulas metálicas espalhadas por suas bochechas.

Maggie sentiu lágrimas lhe brotarem nos olhos. Várias pessoas assoaram o nariz.

Ninguém, ela pensou, havia desconfiado de que as coisas se tornariam tão sérias.

Mas, naturalmente, o humor voltou a ficar leve, porque a música continuou por tempo demais e o casal teve que ficar parado na posição, com o Reverendo Connors sorrindo radiantemente para eles enquanto as gêmeas Barley arrematavam a canção. E, quando os votos foram trocados e Sugar levantou-se para cantar o hino recessional, a maioria das pessoas da plateia cutucaram umas às outras com expectativa. Pois quem poderia esquecer o que viria a seguir?

Max acompanhou Serena pelo corredor muito vagarosamente, na marcha comedida e quase estanque que ele julgou apropriada. A canção de Sugar já havia acabado há muito tempo quando eles chegaram à saída. Serena cutucou o cotovelo de Max, cochichou no ouvido dele, quase andou para trás nos últimos metros para empurrá-lo para o vestibulo. E, quando ficaram fora de vista, que briga aconteceu! Os sussurros viraram sibilos que viraram gritos!

— Se você tivesse ficado até o fim da porcaria do ensaio — Serena gritava —, em vez de sair correndo para a estação de trem para pegar seus parentes que nunca terminavam de chegar e me deixado aqui para ensaiar sozinha, você saberia a velocidade com que tinha que me levar...

A congregação havia permanecido sentada, sem saber para onde olhar. Eles sorriram encabulados, olhando para o próprio colo, e finalmente caíram na gargalhada.

— Serena, querida — Max disse —, fale mais baixo. Pelo amor de Deus, Serena, está todo mundo ouvindo, Serena, benzinho...

Naturalmente, nada disso aparecia no filme, que já tinha terminado, exceto por algumas rebarbas com números passando na tela. Mas por toda a sala as pessoas refrescavam a memória das outras, trazendo a cena de volta à vida. E depois ela saiu, raivosa...

— Bateu a porta da igreja...

— O prédio inteiro tremeu, lembra?

— E nós só olhando para trás do vestibulo, sem saber como nos comportar...

Alguém levantou uma persiana: a própria Serena. A sala encheu-se de luz. Serena estava sorrindo, mas seu rosto estava molhado. As pessoas diziam: “E depois, Serena...” e: “Lembra-se, Serena?”, e ela assentia, sorria e chorava. A velhinha sentada ao lado de Maggie disse:

— Meu querido Maxwell — e suspirou, talvez nem mesmo ciente da alegria dos outros.

Maggie levantou-se e pegou sua bolsa. Ela queria Ira; sentia-se perdida sem Ira. Procurou-o em volta, mas viu só os outros, sem sentido e insípidos. Ela abriu caminho até a sala de jantar, mas ele não estava entre os convidados que beliscavam os pratos de comida. Ela foi até o corredor e deu uma olhada no quarto de Serena.

E lá estava ele, sentado à escrivaninha. Ele havia puxado uma cadeira e afastado a foto da formatura de Linda para poder montar as colunas da paciência sobre a superfície lustrosa. Uma mão morena e angulosa pairava sobre um valete, preparando-se para completar o jogo. Maggie entrou e fechou a porta. Largou a bolsa e envolveu-o com os braços, por trás.

— Você perdeu um ótimo filme — ela disse junto do cabelo dele. — Serena mostrou um filme do casamento dela.

— Ora, se isso não é a cara dela — Ira disse. Ele colocou o valete sobre uma dama. Seu cabelo cheirava a coco — seu aroma natural, que sempre acabava aparecendo, não importando que xampu ele usasse.

— Você e eu cantamos nosso dueto — ela disse.

— E suponho que você ficou toda chorosa e nostálgica.

— Fiquei, sim — ela disse a ele.

— Ora, se isso não é a sua cara — ele disse.

— É, sim — ela disse e sorriu para o espelho diante deles. Sentiu que estava quase se vangloriando, que havia feito algo como uma proclamação. Se ela fora facilmente influenciada, pensou, pelo menos havia escolhido quem a influenciaria. Se estava trancada num padrão, pelo menos ela havia escolhido que padrão seria. Ela sentia-

se forte, livre e definida. Observou Ira levantar uma coluna inteira de ouros, de ás a dez, e colocá-las sobre o valete. — Nós parecíamos crianças —disse a ele. — Criancinhas. Éramos pouco mais velhos do que a Daisy, imagine. E nem fazíamos questão, naquele momento, de decidir com quem passaríamos os próximos 60 anos.

— Mm-hum — Ira disse.

Ele ponderava sobre um rei e Maggie pousou a face no alto da cabeça dele. Ela parecia ter se apaixonado novamente. Apaixonada pelo próprio marido! A conveniência a agradava — era como encontrar bem ali, na despensa, todos os ingredientes para uma nova receita.

— Lembra-se do primeiro ano de casados? — ela perguntou-lhe. — Foi terrível. Nós brigávamos a todo segundo.

— O pior ano da minha vida — ele concordou e, quando ela deu a volta, ele foi um pouco mais atrás para que ela pudesse sentar no seu colo. As coxas dele abaixo dela eram longas e ossudas, duas pranchas de madeira. — Cuidado com as minhas cartas — ele disse, mas ela podia sentir que ele estava ficando interessado. Colocou a mão no ombro dele e percorreu o pesponto do bolso da camisa dele com um dedo.

— O domingo em que convidamos Max e Serena para jantar, você lembra? Nossos primeiros convidados. Nós mudamos os móveis de lugar cinco vezes antes de eles chegarem — ela disse. — Eu fui até a cozinha e, quando voltei, você tinha colocado todas as cadeiras nos cantos e eu disse: “Mas o que você fez?”, e arrumei tudo de outra maneira, e, quando os Gills chegaram, a mesa do café estava de cabeça para baixo no sofá e você e eu estávamos brigando feio.

— Estávamos morrendo de medo, só isso — Ira disse. Ele colocara os braços em torno dela; ela sentiu a voz entretida e seca vibrando através do peito dele. — Estávamos tentando agir como adultos, mas não sabíamos se conseguiríamos.

— E aí veio o nosso primeiro aniversário — Maggie disse. — Que fiasco! O livro de etiqueta da mamãe dizia que eram as bodas de papel ou bodas de relógio, que eu preferia. Então, tive a brilhante ideia de construir um presente para você com um kit que eu vi anunciado em uma revista: um relógio feito de papel.

— Não me lembro disso.

— Porque eu nunca o dei para você — Maggie disse.

— O que houve com ele?

— Bom, eu devo ter montado errado — disse Maggie. — Quero dizer, segui todas as instruções, mas ele nunca funcionou como devia. Ele atrasava, parava e começava de novo, uma beirada enrolava, debaixo do número 12 ficou ondulado porque eu passei muita cola. Ficou... uma improvisação amadora. Eu fiquei com tanta vergonha dele que o joguei no lixo.

— Ora, querida — ele disse.

— Fiquei com medo de que ele virasse um símbolo ou algo assim, sabe, um símbolo do nosso casamento. Nós mesmos éramos improvisados, foi disso que eu tive medo.

Ele disse:

— Droga, naquela época nós estávamos aprendendo. Não sabíamos o que fazer um com o outro.

— Agora nós sabemos — ela sussurrou. Depois, apertou a boca contra um de seus locais favoritos, aquele quente e gostoso esconderijo onde o queixo e o pescoço dele se encontravam. Enquanto isso, os dedos dela começaram a se aventurar na direção da fivela do cinto dele.

Ira disse:

— Maggie? — mas não fez menção de impedi-la. Ela endireitou-se para poder soltar o cinto e abrir a braguilha.

— Podemos ficar sentados aqui nesta cadeira — ela sussurrou. — Ninguém vai adivinhar.

Ira gemeu e puxou-a para si. Quando a beijou, seus lábios eram macios e muito firmes. Ela pensou ouvir seu próprio sangue correndo pelas veias; produzia um som apressado, como uma concha do mar.

— Maggie Daley! — Serena gritou.

Ira levou um susto violento e Maggie pulou do colo dele. Serena ficou lá parada, estática, com uma mão na maçaneta. Ela olhava boquiaberta para Ira, para seu zíper aberto e para a ponta de sua camisa para fora da calça.

Bem, a reação dela poderia ser boa ou má, Maggie deduziu. Com Serena, nunca se sabia. Serena podia ter simplesmente dado risada. Mas talvez o funeral tivesse sido demais para ela, ou o filme, ou a própria viuvez em si. De qualquer modo, ela disse:

— Não acredito. Eu não acredito.

Maggie disse:

— Serena...

— Na minha própria casa! No meu quarto!

— Eu sinto muito; por favor, nos desculpe... — Maggie disse, e Ira, arrumando as roupas com pressa, disse:

— Sim, nós sinceramente não...

— Você sempre foi impossível — Serena disse a Maggie. — Eu desconfio que foi de propósito. Ninguém faria uma trapalhada dessas por acaso. Eu não esqueci o que aconteceu com a minha mãe na casa de repouso. E agora isso! Numa reunião fúnebre! No quarto que eu dividia com meu marido!

— Foi um acidente, Serena. Não tivemos a intenção...

— Um acidente! — disse Serena. — Ora, saiam daqui.

— O quê?

— Vão embora — ela disse, deu meia volta e saiu.

Maggie pegou a bolsa sem olhar para Ira. Ira recolheu as cartas. Ela atravessou a porta na frente dele e eles seguiram pelo corredor até a sala. As pessoas se afastaram um pouco para deixá-los passar. Ela não sabia quanto elas tinham ouvido. Provavelmente tudo; havia um ar de suspense e emoção sobre eles. Ela abriu a porta da frente, virou o corpo e disse:

— Bom, então tchau!

— Tchau — eles murmuraram. — Tchau, Maggie, tchau, Ira.

Lá fora, a luz do sol estava ofuscante. Ela desejou que eles tivessem vindo da igreja de carro. Pegou a mão de Ira quando ele a ofereceu e seguiu seu caminho pelo cascalho ao lado da rua, fixando os olhos nos sapatos, que haviam adquirido uma fina crosta de poeira.

— Bom — Ira disse enfim —, nós certamente animamos aquela reuniãozinha.

— Estou me sentindo horrível — Maggie disse.

— Ah, vai passar — Ira disse a ela. — Você sabe como ela é. — Em seguida, riu com desdém e disse: — Mas olhe para o lado bom. Do jeito que vão essas reuniões de ex-alunos...

— Mas não era uma reunião de ex-alunos; era um funeral — disse Maggie. — Uma cerimônia fúnebre. Eu fui lá e acabei com uma cerimônia fúnebre! Ela deve estar achando que nós queríamos nos mostrar ou algo assim, debochar dela agora que ela é viúva. Sinto-me horrível.

— Ela vai nos perdoar — ele disse a ela.

Um carro passou zunindo e ele trocou de lugar com ela, colocando-a mais distante do trânsito. Agora, caminhavam ligeiramente separados, sem se tocar. Haviam voltado ao normal. Ou quase. Não totalmente. Alguma réstia de luz ou calor embaralhava a visão de Maggie e a velha casa de pedra diante da qual eles passavam pareceu tremeluzir por um momento. Ela se dissolveu numa névoa fina e brilhante, em seguida reestruturando-se e voltando a ficar sólida.



Segunda

 *Parte*

Já fazia vários meses que Ira vinha percebendo a inutilidade da raça humana. As pessoas estavam jogando suas vidas fora, parecia-lhe. Elas desperdiçavam suas energias em futilidades, ambições egoístas ou rancores intermináveis. Era um tema que surgia onde quer que ele olhasse, como se alguém estivesse tentando dizer-lhe alguma coisa. Não que isso fosse necessário. Então ele não sabia muito bem tudo o que ele mesmo havia desperdiçado?

Ele tinha 50 anos de idade e nunca realizara um único ato de importância. Houve um tempo em que planejava encontrar a cura para uma séria doença e agora ele emoldurava bordados em ponto pequeno.

Seu filho, que não conseguia sustentar uma canção, havia largado a escola na esperança de se tornar um astro do rock. Sua filha era uma dessas pessoas que ficam remoendo preocupações desnecessárias; ela roía as unhas até o talo e desenvolvia dores de cabeça martirizantes antes de qualquer exame e agonizava tanto com suas notas que o médico alertara quanto ao risco de úlceras.

E sua esposa! Ele a amava, mas não podia suportar o modo como ela se recusava a levar sua própria vida a sério. Ela parecia acreditar que esta era uma vida de treinamento, algo com que ela podia brincar, como se lhe fosse oferecida uma segunda ou uma terceira chance para acertar. Estava sempre fazendo movimentos bruscos e desajeitados para nenhuma direção em especial — viagens secundárias, desvios aleatórios.

Como hoje, por exemplo: esse negócio de Fiona. Fiona não era mais uma amiga, não era mais sua nora e nem mesmo uma conhecida, na opinião de Ira. Mas lá estava Maggie, esticando a mão para fora da janela enquanto eles percorriam a Rota Um na direção de casa, e de que assunto ela voltou a falar (quando ele esperava que ela tivesse esquecido) senão seu capricho de fazer uma visita a Fiona. Já bastava terem perdido o sábado com o enterro de Max Gill — uma viagem essencialmente secundária —, mas agora ela queria lançar-se numa nova direção. Queria rumar para Cartwheel, Pensilvânia, somente para se oferecer como babá enquanto Fiona estivesse na lua de mel. Uma proposta completamente sem sentido; porque Fiona tinha uma mãe, não tinha?, que vinha cuidando de Leroy aquele

tempo todo e certamente poderia cuidar dela nesse curto período também. Ira disse isso. Ele disse:

— Qual é o problema com... qual é o nome dela? Sra. Stuckey?

— Ah, a Sra. Stuckey? — Maggie disse, como se a resposta falasse por si. Ela recolheu a mão e fechou a janela. Seu rosto brilhava na luz do sol, redondo, lindo e intenso. A brisa havia desgrenhado seu cabelo e ele formara cachos que cobriam toda a cabeça. Era uma brisa quente e com cheiro de gasolina, e Ira não achou ruim deixar de senti-la. Entretanto, esse constante abrir e fechar da janela estava lhe dando nos nervos. Ela operava de segundo em segundo. Nunca olhava a distância adiante. Um espasmo de irritação lhe percorreu as têmporas.

Aqui estava uma mulher que havia, certa vez, deixado um telefonema enganado consumi-la uma noite inteira.

— Alô? — ela dissera ao telefone, e um homem respondera:

— Laverne, fique aí em segurança na sua casa. Acabo de falar com o Dennis e ele vai pegá-la.

E desligara. Maggie gritara:

— Espere! — falando com o bocal mudo; típico. Fosse quem fosse, Ira lhe disse, merecia o que recebeu. Se Dennis e Laverne nunca conseguissem se falar, isso era problema deles, não dela. Mas Maggie não parou de falar naquilo.

— Segurança — ela dizia, gemendo. — “Em segurança na sua casa”, ele disse. Só Deus sabe o que essa pobre Laverne está passando agora. — E ela passou a noite discando para todas as possíveis variações de seu próprio número, modificando cada dígito em todas as possibilidades na esperança de encontrar Laverne. Porém nunca encontrou, é claro.

Cartwheel, Pensilvânia, estava tão perto que quase dava para estender a mão e pegá-la, era o que ela dizia.

— É naquele desvio bem acima da divisa de estados. Esqueci o nome — dizia. — Mas não consegui ver em lugar nenhum do mapa que você comprou no posto de gasolina.

Não admirava que ela ajudasse tão pouco na navegação; estivera caçando Cartwheel.

O trânsito estava surpreendentemente leve para um sábado. A maioria dos veículos era formada por caminhões — pequenos, enferrujados e carregando toras de madeira ou pneus usados, não os monstros faiscantes que se via na I-95. Eles estavam passando pela zona rural nesse momento e cada caminhão, ao passar, deixava mais uma camada de poeira sobre os pálidos, murchos e amarelados campos que acompanhavam a estrada.

— Já sei o que vamos fazer — Maggie disse a ele. — Paramos na casa da Fiona só um momento. Um momentinho bem pequenininho. Não aceitamos nem um copo de chá gelado. Fazemos nossa oferta e vamos embora.

— Isso você pode fazer por telefone — Ira disse.

— Não posso, não!

— Telefone quando voltarmos para Baltimore, se você está tão a fim de servir de babá.

— Aquela criança só tem 7 anos de idade — Maggie disse a ele — e ela mal deve se lembrar de nós. Não podemos ficar uma semana com ela assim, de repente! Temos que deixá-la nos reconhecer primeiro.

— Como você sabe que é uma semana? — Ira perguntou.

Ela estava investigando a bolsa. Disse:

— Hum?

— Como você sabe que a lua de mel vai durar uma semana, Maggie?

— Bom, eu não sei. Talvez dure duas. Talvez um mês, eu não sei.

Subitamente, ele se perguntou se toda essa história de casamento era um mito — algo que ela havia inventado para servir a seus propósitos peculiares. Ele não duvidava disso.

— Além de tudo! — ele disse. — Não podemos ficar fora tanto tempo. Temos nosso trabalho.

— Fora, não, em Baltimore. Nós a levaríamos para Baltimore.

— Mas aí ela vai faltar na escola — ele disse.

— Ah, isso não é problema. Ela pode frequentar a escola perto de casa — disse Maggie. — Segundo ano é segundo ano, afinal, é tudo a mesma coisa.

Ira tinha tantos argumentos diferentes contra aquela ideia que ficou paralisado, sem dizer nada.

Ela virou a bolsa de cabeça para baixo no colo.

— Ah, querido — ela disse, analisando sua carteira, seu batom, sua escova e seu pacote de Kleenex. — Eu queria ter trazido aquele mapa que estava em casa.

Era outra forma de desperdício, Ira pensou, vasculhar novamente uma bolsa cujo conteúdo ela já conhecia de cor. Até Ira já conhecia de cor o que havia nela. E era um desperdício continuar se preocupando com Fiona quando Fiona, obviamente, não se importava com eles e tinha deixado isso bem claro quando dissera que só queria seguir com sua vida. Ela não havia declarado isso? “Eu só quero seguir com a minha vida” — uma frase que soava familiar. Talvez ela tivesse gritado isso durante aquela cena antes de sair, ou talvez mais tarde, durante uma daquelas visitas patéticas que eles costumavam fazer depois do divórcio, com Leroy acanhada e estranha e a Sra. Stuckey, um só olhar acusatório pairando pelos cantos da sala de estar. Ira retraiu-se. Desperdício, desperdício e mais desperdício, tudo para nada. A longa viagem, a conversa forçada e a longa viagem de volta, para absolutamente nada.

E era um desperdício dedicar sua vida profissional a pessoas que esqueciam você no instante em que você saía da cabeceira delas, como Ira não cansava de comentar. Ah, também era tão admiravelmente altruísta, ele supôs. Mas não sabia como Maggie aguentava a impermanência, a falta de resultados permanentes — aqueles pacientes frágeis e senis que a confundiam com sua mãe há muito tempo morta ou com uma irmã que os insultara lá pelos idos de 1928.

Era um desperdício, também, afligir-se por causa dos filhos (que não eram mais crianças, de qualquer maneira — nem mesmo Daisy). Considere, por exemplo, os papéis de cigarro que Maggie havia encontrado na escrivaninha de Daisy na primavera. Ela se deparara com eles ao limpar a casa e viera correndo para Ira.

— O que vamos fazer? O que é que nós vamos fazer? — ela havia choramingado. — Nossa filha está fumando maconha; essa é uma das dicas reveladoras que eles mencionam naquele panfleto que a escola distribui.

Ela o envolveu completamente e o deixou estressado; e isso acontecia com mais frequência do que ele gostaria de admitir. Juntos, eles ficaram até bem tarde da noite discutindo maneiras de lidar com o problema.

— Onde foi que nós erramos? — Maggie dizia, chorando, e Ira a abraçava e dizia:

— Pronto, querida. Eu prometo que vamos resolver isso. — E tudo aquilo não deu em nada. No fim, os papéis de cigarro eram para a flauta de Daisy. Quando as chaves começavam a grudar, era só enfiar um papel por baixo, Daisy explicou em tom fortuito. Ela nem se incomodou em ficar ressentida.

Ira se sentira ridículo. Sentira que gastara uma coisa escassa e real — divisas.

Depois, ele lembrou-se de quando um ladrão havia roubado a bolsa de Maggie uma vez, entrando direto na cozinha, onde ela estava guardando as compras, e pegando-a do balcão, com a maior cara de pau; e ela fora atrás dele. Ela poderia ter sido morta! (A coisa eficiente e racional a fazer era dar de ombros e decidir que ela estava melhor sem aquela bolsa — nunca tinha ligado para ela mesmo e certamente poderia passar sem os poucos dólares guardados na carteira.) Era fevereiro e as calçadas eram ofuscantes lençóis de gelo, então, correr era impossível. Ira, voltando do trabalho, ficara pasmado ao ver um jovem vagando na direção dele a passo de tartaruga com a bolsa vermelha de Maggie pendurada no ombro, e atrás dele a própria Maggie marchando, centímetro por centímetro, com a língua entre os dentes de tão concentrada nos próprios passos. Os dois lembravam aqueles mímicos que podem imitar uma corrida desenfreada sem sair do lugar. Na verdade, tinha sido um tanto cômico, Ira pensava agora. Seus lábios tremeram. Ele sorriu.

— O quê? — Maggie retrucou.

— Você foi louca em ir atrás daquele ladrão de bolsas — ele lhe disse.

— Ora, sinceramente, Ira. Como é que sua mente funciona?

Exatamente a pergunta que ele poderia fazer a ela.

— De qualquer jeito, eu acabei recuperando a bolsa — ela disse.

— Por pura sorte. E se ele estivesse armado? Ou se fosse um pouco maior? E se ele não tivesse entrado em pânico quando me viu?

— Sabe que, agora que você falou nisso, eu acho que sonhei com aquele garoto algumas noites atrás — Maggie disse. — Ele estava sentado numa cozinha, que era nossa cozinha mas também não era nossa cozinha, se é que você me entende...

Ira gostaria que ela não ficasse contando seus sonhos. Isso o deixava impaciente e agitado.

Quem sabe se ele não tivesse se casado. Ou pelo menos não tivesse tido filhos. Mas era um preço alto demais para pagar; mesmo em seus dias mais sombrios, ele percebia isso. Bem, se ele tivesse colocado sua irmã Dorrie em uma instituição, então — algum lugar público que não custasse muito. E dito a seu pai:

— Eu não vou mais ajudar vocês. Com o coração fraco ou não, assumo essa porcaria de loja e me deixe seguir meu plano original, se eu conseguir lembrar qual era.

E fizesse sua outra irmã se aventurar no mundo para encontrar trabalho.

— Você não acha que todos temos medo? — ele perguntaria a ela. — Mas nós saímos mesmo assim e ganhamos nosso sustento, e você vai fazer o mesmo.

Mas ela morreria de terror.

Ele costumava ficar na cama de noite, quando era menino, fingindo que atendia pacientes. Seus joelhos dobrados eram sua mesa e ele olhava por cima dela e perguntava, delicadamente:

— Qual é o problema, Sra. Brown?

Em certo momento, ele achou que poderia ser ortopedista, porque colocar ossos no lugar era algo tão imediato. Como consertar móveis, ele havia pensado. Ele imaginava que o osso faria um clique quando voltasse ao lugar certo e a dor do paciente se dissiparia completamente no mesmo instante.

— Hoosegow — Maggie disse.

— Como?

Ela recolheu suas coisas e meteu-as de volta na bolsa. Colocou a bolsa no chão, a seus pés.

— O atalho para Cartwheel — ela disse. — Não era alguma coisa parecida com Hoosegow?

— Não tenho a mínima ideia.

— Moose Cow. Moose Lump.

— Eu não vou para lá, seja qual for o nome — Ira respondeu.

— Goose Bump.

— Eu só gostaria de lembrá-la — ele disse — sobre nossas outras visitas. Lembra como elas acabaram? O segundo aniversário de Leroy, quando você telefonou com antecedência para combinar tudo, telefonou, e ainda assim a Fiona acabou esquecendo que nós vínhamos. Eles foram passear no Parque Hershey e nós tivemos que esperar um tempão sentados na soleira e acabamos voltando para casa.

Levando o presente de Leroy, ele não disse: uma boneca de pano gigante com um sorriso inexpressivo que cortou o coração dele.

— E o terceiro aniversário dela, quando você levou aquele gatinho sem dizer nada, mesmo eu tendo alertado que você deveria verificar antes com a Fiona, e a Leroy começou a espirrar e a Fiona disse que não ficaria com o gato. A Leroy chorou a tarde inteira, lembra? Quando nós saímos, ela ainda estava chorando.

— Ela podia ter tomado vacina — Maggie disse, fugindo do assunto com obstinação. — Muitas crianças tomam vacina para alergia e vivem em casas cheias de bichos.

— Sim, mas a Fiona não queria isso. Ela não queria que nós nos intrometêssemos, e ela, na verdade, não queria nossa visita, e é por isso que eu digo que nós não deveríamos mais ir lá.

Maggie deu-lhe uma olhada rápida, de soslaio, perscrutando-o. Provavelmente ela se perguntava se ele sabia daquelas outras viagens, as que ela fez sozinha. Mas se ela se importasse em mantê-las em segredo, deveria ter enchido o tanque de gasolina depois.

— O que eu quero dizer é... — ele disse.

— Eu sei o que você quer dizer! — ela gritou. — Não precisa ficar martelando na mesma nota!

Ele dirigiu em silêncio por algum tempo. Uma fileira de linhas pontilhadas costurava a estrada adiante. Dúzias de pequeninos pássaros voaram de um arvoredor formando um vagalhão e cobriram o céu azul de cinza, e ele observou-os até desaparecerem.

— Minha avó Daley tinha uma imagem no salão dela — Maggie disse. — Uma cena entalhada num material amarelo que nem marfim, ou mais parecido com celuloide. Ela mostrava um casal de velhos sentados ao pé da lareira em suas cadeiras de balanço e o título, gravado na parte de baixo da moldura, era: “Velhos em Casa”. A mulher estava bordando e o homem lia um livro enorme que você simplesmente sabia que era a Bíblia. E você sabia que devia haver filhos crescidos em algum outro lugar; quero dizer, a ideia era essa, que os velhos ficavam em casa enquanto os filhos iam embora. Mas eles eram extremamente velhos! Tinham aquele rosto de maçã murcha e corpos que nem sacos de batatas; eram pessoas que você classificaria num instante e depois esqueceria. Eu nunca imaginei que seria uma “Velha em Casa”.

— Você está tramando para trazer aquela criança para morar com a gente — Ira disse. Aquilo lhe bateu como uma pancada, tão claramente como se ela tivesse dito com todas as letras. — É para esse lado que você vem conduzindo tudo. Agora que você está perdendo a Daisy, está tramando para que a Leroy venha preencher o lugar dela.

— Eu não tenho tal intenção! — Maggie disse; depressa demais, pareceu a ele.

— Não pense que eu não a conheço — ele disse a ela. — Eu logo suspeitei que havia algo estranho nessa história de servir de babá. Você está contando que a Fiona concorde, agora que ela está toda atarantada com um novo marido.

— Bom, isso só mostra que você me conhece muito pouco, porque eu não tenho a mínima intenção de ficar com a Leroy para sempre. Tudo o que eu quero é dar um pulinho lá esta tarde e fazer a

oferta, que pode, acidentalmente, fazer com que a Fiona reconsidere um pouco sobre o Jesse.

— O Jesse?

— O Jesse, nosso filho, Ira.

— Sim, Maggie, eu sei que O Jesse é nosso filho, mas não consigo imaginar o que você acha que ela poderia reconsiderar. Eles terminaram. Ela o abandonou. O advogado dela mandou os papéis para ele assinar e ele assinou todos e mandou-os de volta.

— E ele nunca, nunca mais foi o mesmo desde então — Maggie disse. — Nem ele e nem a Fiona. Mas toda vez que ele faz um movimento para eles se reconciliarem, ela está passando por uma fase em que não quer falar com ele, e depois, quando ela faz um movimento, ele está encorujado em algum lugar todo magoado e não sabe que ela está tentando. Parece um tipo esquisito de dança, uma dança fora de sincronia onde cada passo é um erro.

— Bom? E daí? — Ira disse. — Suponho que isso lhe diga alguma coisa.

— Me diz o quê?

— Que aqueles dois são causa perdida, Maggie.

— Ora, Ira, você não dá muito valor à sorte — disse Maggie. — Sorte ou azar, qualquer um. Olhe só aquele carro ali na frente.

Ela se referia ao Chevy vermelho — um modelo antiquado, grande como uma barcaça, com o acabamento tão gasto que tinha a cor daquelas borrachas vermelhas para lápis já bem usadas. Ira já o observara. Não gostava do modo como ele ficava vagando de um lado para outro e mudando de marcha.

— Buzine — Maggie instruiu.

Ira disse:

— Ora, eu vou é...

Ele pretendia só ultrapassar o sujeito, era o que ia dizer. Um idiota incompetente; é melhor deixar essas pessoas para trás. Ele pisou no acelerador e verificou o espelho retrovisor, mas ao mesmo tempo Maggie inclinou-se e apertou a buzina. O som longo e estridente o assustou. Ele pegou a mão de Maggie e colocou-a com

firmeza de volta no colo dela. Foi somente então que ele percebeu que o motorista do Chevy, sem dúvida igualmente assustado, havia desacelerado muito poucos metros adiante. Maggie agarrou-se ao painel. Ira não tinha escolha; deu uma guinada para a direita e jogou o carro para o acostamento.

A poeira os envolveu feito fumaça. O Chevy pegou velocidade, fez uma curva e sumiu.

— Jesus! — Ira disse.

De algum modo, o carro havia parado, embora ele não se lembrasse de ter pisado no freio. Na verdade, o motor tinha morrido. Ira ainda segurava a direção e as chaves ainda balançavam na ignição, sacolejando de leve umas contra as outras.

— Você tinha que se intrometer, né, Maggie? — ele disse.

— Eu? Está me culpando? O que foi que eu fiz?

— Ah, nada. Só meteu a mão na buzina enquanto eu estava dirigindo. Só assustou tanto o sujeito que ele perdeu o pouco juízo que tinha. Só uma vez na vida, Maggie, eu queria que você não metesse o nariz em coisas que não são da sua conta.

— E se eu não metesse, quem meteria? — ela perguntou-lhe. — E como você pode dizer que não é da minha conta se eu estou sentada naquele que é tido e reconhecido como o banco da morte? E, além disso, não foi a buzina que causou o problema; foi aquele motorista maluco, diminuindo sem motivo aparente.

Ira suspirou.

— Que seja — ele disse. — Você está bem?

— Eu poderia estrangular aquele sujeito! — ela disse.

Ele supôs que aquilo significava que ela estava bem.

Deu partida no motor, que tossiu algumas vezes, mas acabou pegando. Verificou o tráfego e voltou à rodovia. Depois do acostamento de cascalho, o asfalto parecia tão macio, tão liso. Ele percebeu como suas mãos tremiam na direção.

— Aquele homem era um maníaco — Maggie disse.

— Ainda bem que estávamos com o cinto de segurança.

— Nós tínhamos que denunciá-lo.

— Ora, tudo bem. No final, ninguém se feriu.

— Vá mais depressa, sim, Ira?

Ele deu uma olhadinha para ela.

— Quero pegar a placa do carro dele — ela disse. Seus cachos desgrehados davam-lhe a aparência de uma louca.

Ira disse:

— Por favor, Maggie. Se você pensar bem, foi tanto nossa culpa quanto dele.

— Como você pode dizer isso? Ele estava dirigindo aos trancos e zanzava de um lado para outro; você esqueceu?

Onde ela encontrava aquela energia? Ele se perguntou. Como tinha tanta para gastar? Ele sentia calor e seu ombro esquerdo doía no lugar onde ele havia batido contra o cinto de segurança. Mudou de posição, aliviando a pressão do cinto sobre o peito.

— Você não quer que ele cause um acidente sério, quer? — Maggie perguntou.

— Não, é claro.

— Ele deve ter bebido. Você se lembra daquela campanha de serviço público na televisão? Temos o dever cívico de denunciá-lo. Corra, Ira.

Ele obedeceu, por pura exaustão.

Eles ultrapassaram o furgão de um eletricista que os tinha ultrapassado antes e depois, chegando ao topo da colina, avistaram o Chevy logo adiante. Ele zunia pela estrada como se nada tivesse acontecido. Ira surpreendeu-se por sentir um lampejo de raiva. Motorista idiota. E quem disse que tinha que ser um homem? Era mais provável que fosse uma mulher, espargindo o caos por toda parte sem nem pensar nisso. Ele pisou mais fundo no acelerador. Maggie disse:

— Bom — e abaixou o vidro de sua janela.

— O que está fazendo? — ele perguntou.

— Mais depressa.

— Por que você abriu a janela?

— Depressa, Ira! Estamos perdendo o cara.

— Seria engraçado se a gente tomasse uma multa — Ira disse.

Mas ele deixou o velocímetro avançar até 100, 105. Eles se aproximaram do Chevy. A janela traseira dele estava tão empoeirada que Ira quase não via o interior. Ele só conseguiu perceber que o motorista usava chapéu e o banco estava muito baixo. Não parecia haver nenhum passageiro. A placa estava empoeirada também — era da Pensilvânia, azul-marinho e amarela, com o amarelo coberto de manchas cinza, como se estivesse mofada.

— Y, dois, oito — Ira leu em voz alta.

— Sim, sim, eu peguei — disse Maggie. (Ela era o tipo que ainda conseguia recitar o número de telefone que tinha quando era criança.) — Agora, vamos ultrapassar — ela disse a Ira.

— Hã, bom...

— Você viu que tipo de motorista ele é. Acho que temos que passá-lo.

Fazia sentido. Ira guinou para a esquerda.

Quando eles emparelharam com o Chevy, Maggie colocou a cabeça para fora da janela e apontou para baixo com o dedo indicador.

— Sua roda! — ela gritou. — Sua roda! Sua roda dianteira está caindo!

— Santo Deus — Ira disse.

Ele verificou o espelho. É claro que o Chevy diminuiu a velocidade e foi entrando no acostamento.

— Bom, ele acreditou em você — ele disse. Teve que admitir que sentiu uma certa satisfação.

Maggie virou-se no banco, olhando pela janela de trás. Depois, voltou-se para Ira. Havia uma expressão aflita no rosto dela que ele não conseguia entender.

— Ah, Ira — ela disse.

— O que foi agora?

— Ele era velho, Ira.

Ira disse:

— Esses velhinhos que se metem a dirigir...

— Ele não era só velho — ela disse. — Ela era negro.

— E daí?

— Eu não o vi claramente até dizer aquilo sobre a roda — ela disse. — Ele não queria nos tirar da estrada! Aposto que ele nem sabe como aquilo aconteceu. Ele tinha uma cara toda enrugada e digna e, quando eu falei da roda, o queixo dele caiu, mas ele ainda se lembrou de dar um toque na aba do chapéu. O chapéu dele! Era um chapéu de feltro cinza igual ao que meu avô usava!

Ira grunhiu.

Maggie disse:

— Agora ele acha que lhe pregamos uma peça. Ele acha que somos racistas ou algo assim e que mentimos sobre a roda para sermos cruéis.

— Ele não acha nada disso — Ira disse. — Para falar a verdade, ele não tem como saber se a roda dele não está caindo. Como ele poderia verificar? Ele teria que vê-la em movimento.

— Quer dizer que ele ainda está parado lá?

— Não, não — Ira disse apressado. — O que eu estou dizendo é que ele provavelmente já deve ter voltado para a estrada, mas deve estar andando um pouco mais devagar, só para se certificar de que está tudo bem.

— Eu não faria isso — Maggie disse.

— Bem, você não é ele.

— Ele também não faria. Ele é um homem idoso, confuso e sozinho e está lá sentado no carro, assustado demais para andar mais um centímetro.

— Ai, meu Deus — Ira disse.

— Temos que voltar lá e contar para ele.

De alguma maneira, ele já tinha previsto isso.

— Não vamos dizer que mentimos deliberadamente — Maggie disse. — Vamos dizer que não tínhamos certeza. Vamos pedir que ele

faça um teste para nós vermos e então vamos dizer: “Poxa, nós erramos. Sua roda está boa; devemos ter visto errado”.

— De onde você tirou esse “nós”? — Ira perguntou. — Eu nunca disse que a roda dele estava solta, para começar.

— Ira, estou implorando a você de joelhos, por favor, dê a volta e vamos resgatar aquele homem.

— Agora é uma e meia da tarde — Ira disse. — Com sorte, podemos chegar em casa por volta das três. Talvez até duas e meia. Eu posso abrir a loja por algumas horas, o que pode não ser muito, mas é melhor do que nada.

— Aquele pobre velhinho está sentado no carro olhando para a frente sem saber o que fazer — Maggie disse. — Ele ainda está agarrado na direção. Eu posso vê-lo claro como o dia.

Ira também.

Ele diminuiu a velocidade ao chegarem a uma fazenda grande e de aparência próspera. Uma alameda gramada levava até o celeiro e ele deu uma guinada por cima dela sem sinalizar, a fim de fazer a curva parecer mais repentina e mais exasperada. Os óculos escuros de Maggie escorregaram de um lado para o outro do painel. Ira parou, aguardou o fluxo de carros que imediatamente se materializou e em seguida voltou para a Rota Um, desta vez rumando para o norte.

Maggie disse:

— Eu sabia que você não era insensível.

— Imagine — Ira disse a ela. — Em toda parte desta rodovia, outros casais estão fazendo seus passeios de fim de semana juntos. Estão indo do ponto A para o ponto B. Estão conversando sobre coisas civilizadas como, sei lá, atualidades. O desarmamento, o apartheid.

— Ele deve pensar que nós pertencemos à Ku Klux Klan — Maggie disse. Ela começou a morder o lábio do modo como sempre fazia quando estava preocupada.

— Sem paradas, sem desvios — Ira disse. — Se eles fazem uma parada, é para almoçar em alguma antiga e fina estalagem. Em algum lugar que eles pesquisaram com antecedência, onde já fizeram reservas.

Ele estava morrendo de fome, na verdade. Não tinha comido nada na casa de Serena.

— Foi por aqui — Maggie disse, empertigando-se. — Reconheço aqueles silos. Foi um pouco antes daqueles silos. Lá está ele.

Sim, lá estava ele, não sentado no carro, afinal, mas andando em círculos hesitantes — um homem de ombros curvados da cor de uma daquelas escrivatinhas de tampo corrediço, usando um terno velho que parecia mais comprido na frente do que atrás. Ele analisava os pneus do Chevy, que talvez estivessem abandonados há anos; o carro tinha uma aparência decidida, resignada. Ira sinalizou e fez o retorno, parando precisamente atrás dele, de modo que os para-choques dos dois carros quase se tocaram. Ele abriu a porta e saiu.

— Podemos ajudar? — ele disse.

Maggie saiu também, mas parecia disposta a deixar Ira se encarregar da conversa.

— É a minha roda — o velho disse. — Uma moça na estrada apontou a minha roda e disse que ela tava caindo.

— Fomos nós — Ira lhe disse. — Foi minha esposa. Mas, sabe, acredito que ela deva ter se enganado. Essa roda me parece boa.

O velho olhou diretamente para ele. Ele tinha um rosto que parecia um crânio, com sulcos profundos, e o branco de seus olhos era tão amarelo que parecia marrom.

— Ah, sim, é claro que parece boa — ele disse. — Quando o carro tá paradinho como tá agora.

— Mas mesmo antes — Ira disse a ele. — Quando o senhor ainda estava na estrada.

O velho não parecia convencido. Ele cutucou o pneu com a ponta do sapato.

— De qualquer maneira — ele disse. — Foi muito gentil da parte d'ocês pra ver.

Maggie disse:

— Gentil! É o mínimo que podíamos fazer. — Ela deu um passo à frente. — Sou Maggie Moran — ela disse. — Este é o meu marido, Ira.

— Meu nome é Sinhôr Daniel Otis — o velho disse, tocando a ponta do chapéu.

— Sabe, Sr. Otis, eu tive um tipo de miragem quando passamos pelo seu carro — Maggie disse. — Pensei ter visto a sua roda bambolear. Mas no instante seguinte, eu disse: “Não, acho que foi minha imaginação”, não foi, Ira? Pergunte ao Ira. “Acho que fiz aquele motorista parar sem motivo nenhum”, eu disse para ele.

— Tem muitas explicações pra senhora ter visto a roda bambolear — disse o Sr. Otis.

— Ora, certamente! — Maggie retrucou. — Ondas de calor, talvez, se desprendendo do asfalto. Ou talvez, eu não sei...

— Pode ter sido um sinal, também — o Sr. Otis falou.

— Sinal?

— Pode ter sido o Senhor tentando me alertar.

— Alertar sobre o quê?

— Me alertar que minha roda esquerda da frente tava quase soltando.

Maggie disse:

— Tudo bem, mas...

— Sr. Otis — Ira disse. — Creio que é mais provável que minha esposa tenha cometido um engano.

— Mas ninguém sabe com certeza.

— Um engano compreensível — Ira disse —, mas, mesmo assim, um engano. Então o que devemos fazer é: o senhor entra no carro e anda um pouco no acostamento. Maggie e eu ficamos observando. Se a sua roda não estiver solta, o senhor estará livre para ir. Se estiver, nós o levaremos até um posto de serviço.

— Ah, oia, eu agradeço muito — disse o Sr. Otis. — Talvez em Buford, se não for muito trabalho.

— Como?

— Buford, da Texaco. É um pulinho ali adiante; meu sobrinho trabaia lá.

— É claro, qualquer lugar — Ira disse —, mas eu aposto que...

— Na verdade, se não for muito trabalho, o sinhôr podia me deixar lá bem agora — o Sr. Otis disse.

— Agora?

— Num me apetece dirigir um carro com uma roda pra cair.

— Sr. Otis — disse Ira. — Nós vamos testar a sua roda. É isso o que estou tentando lhe dizer.

— Eu vou testá-la — Maggie disse.

— Sim, Maggie vai testá-la. Maggie? Querida, talvez seja melhor eu fazer isso.

— Poxa vida, é claro; é muito arriscado pr'uma dama — o Sr. Otis disse a ela.

Ira estava pensando no risco que correria no Chevy, mas ele disse:

— Muito bem. Você e o Sr. Otis observam; eu dirijo.

— Não, sinhôr, num posso permitir que faça isso — disse o Sr. Otis. — Eu agradeço muito, mas num posso permitir. É perigoso demais. Ocêis dois me deixem no posto Texaco, por favor, que meu sobrinho vem pegar o carro com o guincho.

Ira olhou para Maggie. Maggie retribuiu o olhar, impotente. O ruído dos carros passando velozmente lembrou-lhe aqueles filmes de suspense na TV nos quais os espiões se encontravam em terrenos baldios à beira de autoestradas ou de barulhentos complexos industriais.

— Escute — disse Ira. — Eu vou ser bem claro com o senhor...

— Ou num me leve! Não — gritou o Sr. Otis. — Eu já dei muito trabalho pr'ocêis, eu sei disso.

— O fato é que nos sentimos responsáveis — Ira disse a ele. — O que nós dissemos sobre a sua roda não foi um erro puro e simples; foi mais um exagero.

— É, nós inventamos — Maggie disse.

— Ah, não — disse o Sr. Otis, balançando a cabeça —, ocêis tão inventando isso pr'eu num me preocupar.

— Lá atrás, na estrada, o senhor meio que, mais ou menos, diminuiu a velocidade muito repentinamente na nossa frente — Maggie disse — e nos fez sair da estrada. Sem intenção, eu entendo, mas...

— Eu fiz isso?

— Sem intenção de fazer — Maggie assegurou-lhe.

— E, além do mais, o senhor deve ter diminuído porque nós buzinaamos acidentalmente. Então, não é que...

— Ah, eu assumo. A Florence, minha sobrinha, ela fica o tempo todo me perseguindo pr'eu cancelar minha carteira de motorista, mas eu num esperava que...

— De qualquer maneira, eu fiz uma coisa indelicada — Maggie disse-lhe. — Eu disse que a sua roda estava caindo quando, na verdade, estava boa.

— Ora, eu considero isso uma coisa muito cristã — disse o Sr. Otis. — Sendo que eu tinha empurrado ocêis pra fora da estrada! Ocêis são muito gentil mesmo.

— Não, veja, na verdade, a roda estava...

— Muita gente teria deixado eu dirigir e encontrar com a morte — disse o sr. Otis.

— A roda estava boa! — Maggie disse a ele. — Não estava bamboleando nem um pouquinho.

O Sr. Otis tocou o chapéu e analisou-a. Suas pálpebras baixas lhe conferiam uma expressão caída e desdenhosa e parecia que ele tinha finalmente compreendido o que ela queria dizer. Mas, em seguida, ele disse:

— Nããão, não pode ser. Pode? Nããão. Eu vou dizer: agora eu me lembro que este carro tava esquisito a manhã toda. Eu sabia e mesmo assim num sabia, entende? E eu calculo que ocêis deve ter pensado a mesma coisa — como ocêis viram só de relance, tiveram motivo pra dizer o que dissero, sem entender nem a razão.

Aquilo foi decisivo; Ira decidiu agir.

— Bom, então — ele disse —, só nos resta testá-lo. As chaves estão lá dentro? — E ele andou decididamente na direção do Chevy, abriu a porta e entrou.

— Ora essa! — gritou o Sr. Otis. — Num vai arriscar o pescoço por mim, senhor!

— Ele vai ficar bem — Maggie disse.

Ira fez um sinal para tranquilizar o Sr. Otis.

Mesmo com a janela aberta, o Chevy pulsava de calor. A capa plástica do banco parecia ter derretido parcialmente e havia um cheiro forte de banana passada. Não era para menos: havia restos de um almoço no banco do passageiro — um saco de papel amarrado, uma casca de banana e um pedaço de papel celofane.

Ira virou a chave da ignição. Quando o motor fez barulho e ligou, ele colocou a cabeça para fora, olhou para Maggie e para o Sr. Otis e disse:

— Observem com atenção.

Eles não disseram nada. Para duas pessoas que tinham tão pouco em comum, estavam com expressões estranhamente parecidas: de cautela e apreensão, como se estivessem preparados para o pior.

Ira engatou a marcha e começou a andar pelo acostamento. Ele sentiu que estava conduzindo algo muito saliente em todos os lados — uma cama de casal, por exemplo. Também havia um ruído no sistema de escape.

Depois de alguns metros, ele breiou e colocou a cabeça para fora da janela. Os outros não tinham se mexido no lugar; só tinham virado o rosto na direção dele.

— E então? — ele perguntou.

Houve uma pausa. Em seguida, o Sr. Otis disse:

— Sim, senhor, parece que eu vi um movimento meio solto.

— Viu? — Ira perguntou.

Ele levantou uma sobrancelha para Maggie.

— Mas você não viu — ele disse.

— Bom, não tenho certeza — Maggie respondeu.

— O quê?

— Talvez eu tenha imaginado — ela disse —, mas achei que estava um pouquinho, não sei...

Ira mudou de marcha e deu ré com um tranco. Quando chegou perto deles novamente, disse:

— Agora eu quero que vocês dois observem com muita, muita atenção.

Ele foi mais longe desta vez, cerca de uns doze metros. Eles foram obrigados a segui-lo. Ele olhou no espelho retrovisor externo e viu Maggie vindo apressada, com os braços cruzados abaixo do peito. Ele parou o carro e saiu.

— Ah, essa roda tá solta, sim — o Sr. Otis clamou ao chegar.

Ira disse:

— Maggie?

— Me lembrou uma tampa, antes de ela parar de girar e cair — disse Maggie.

— Escute aqui, Maggie...

— Eu sei! Eu sei! — ela disse. — Mas não posso evitar, Ira; eu vi a roda bambolear. E ela também pareceu meio achatada.

— Bom, esse é um problema bem diferente — Ira disse. — O pneu pode estar baixo. Mas aquela roda está bem firme, eu juro. Eu senti. Não posso acreditar que esteja fazendo isso, Maggie.

— Bom, eu sinto muito — ela disse, teimosa —, mas me recuso a dizer que não vi o que vi com meus próprios olhos. Eu só acho que vamos ter que levá-lo para aquele posto Texaco.

Ira olhou para o Sr. Otis.

— Tem uma chave de roda? — perguntou.

— Uma... o quê?

— Se tiver uma chave de roda, eu mesmo poderia apertar a roda.

— Ah, sei... Uma chave de roda é que nem qualquer outra chave?

— O senhor deve ter uma no porta-malas — Ira disse a ele —, onde guarda o macaco.

— Ah! Mas onde será que eu guardo o macaco? — disse o Sr. Otis.

— No porta-malas — Ira repetiu, persistente, e foi pegar as chaves do carro e entregou-as a ele. Ele mantinha o rosto o mais impassível possível, mas por dentro sentia a mesma coisa que sempre sentia quando ia buscar Maggie na casa de repouso: desespero completo. Ele não conseguia ver como esse sujeito, o Sr. Otis, levava sua vida diária, tartamudeando daquele jeito.

— Chave de roda, chave de roda — o Sr. Otis murmurava. Ele destrancou o porta-malas e abriu a tampa. — Agora deixa eu ver...

À primeira vista, o interior do porta-malas parecia um bloco sólido de tecido. Cobertores, roupas e travesseiros haviam sido colocados lá dentro de modo tão apertado que haviam endurecido um junto com o outro.

— Nossa — disse o Sr. Otis, puxando o canto de uma colcha acinzentada que nem se mexeu.

— Não se preocupe — Ira lhe disse. — Eu pego a minha.

Ele andou até o Dodge. De repente, ele pareceu muito bem cuidado, se você ignorasse o que Maggie havia feito ao para-choque esquerdo. Ele pegou as chaves da ignição, destrancou o porta-malas e o abriu.

Nada.

Onde antes havia um estepe enfiado no compartimento debaixo da forração, agora havia um espaço vazio. E nem sinal da sacola de vinil onde ele guardava suas ferramentas.

Ele chamou:

— Maggie?

Ela voltou-se preguiçosamente de sua posição ao lado do Chevy e inclinou a cabeça na direção dele.

— O que aconteceu com o estepe? — ele perguntou.

— Está no carro.

— No carro?

Ela balançou a cabeça com vigor, concordando.

— Quer dizer que ele está sendo usado?

— Isso.

— Então, onde está o pneu original?

— Está sendo consertado no posto da Exxon, perto de casa.

— Mas como é que...

Não, nada disso; era melhor não se alterar.

— E as ferramentas, onde estão? — ele perguntou.

— Que ferramentas?

Ele bateu a tampa e voltou ao Chevy. Não havia razão para gritar; ele sabia que sua chave de roda não estaria em nenhum lugar a seu alcance.

— As ferramentas com as quais você trocou o pneu — ele disse a ela.

— Ah, eu não troquei o pneu. Um homem parou e me ajudou.

— Ele usou as ferramentas do porta-malas?

— Acho que usou, sim.

— Ele as colocou de volta?

— Deve ter colocado — Maggie disse. Ela fez uma careta, evidentemente tentando lembrar-se.

— Elas não estão aqui, Maggie.

— Ah, mas eu tenho certeza de que ele não as roubou, se é isso que você está pensando. Era um homem muito decente. Ele nem quis aceitar dinheiro; ele disse que tinha uma esposa e...

— Eu não estou dizendo que ele as roubou; estou só perguntando onde elas estão.

Maggie disse:

— Talvez no... — e depois murmurou algo que ele não conseguiu entender.

— Como?

— Eu disse que talvez estejam na esquina da Rua Charles com a Northern Parkway! — ela gritou.

Ira virou-se para o Sr. Otis. O velho assistia a tudo com os olhos meio fechados; parecia estar dormindo de pé.

— Acho que vamos ter que esvaziar o seu porta-malas — Ira disse a ele.

O Sr. Otis balançou a cabeça, concordando, várias vezes, mas não fez menção de começar.

— Vamos descarregar? — Ira perguntou.

— Bem, nós podemos fazer isso — disse o Sr. Otis, em dúvida.

Houve uma pausa.

Ira disse:

— E então? Vamos começar?

— Podemos começar, se quiser — o Sr. Otis respondeu —, mas eu ia ficar muito surpreso se a gente achasse uma chave de roda.

— Todo mundo tem uma chave de roda — Ira disse. — Ela vem com o carro.

— Eu nunca vi uma.

— Ora, Ira — Maggie disse. — Não podemos levá-lo até o posto Texaco e deixar que o sobrinho dele conserte isso do modo adequado?

— E como você acha que ele faria isso, Maggie? Ele pegaria uma chave de roda para apertar as porcas de roda, se é que elas precisam disso.

Enquanto isso, o Sr. Otis havia conseguido remover um único item do porta-malas: as calças de flanela de um pijama. Ele as levantou e ficou analisando-as.

Talvez tenha sido a expressão dúbia no rosto dele, ou talvez o próprio pijama — amarrotado e gasto, com um cordão esfarrapado pendurado — mas, de qualquer maneira, Ira, de repente cedeu.

— Ora, mas que droga — ele disse. — Vamos até esse posto Texaco.

— Obrigada, Ira — Maggie lhe disse com doçura.

E o Sr. Otis disse:

— Bom, se ocê tem certeza que num tô incomodando.

— Não, não ... — Ira passou a mão na testa. — Então eu acho que é melhor trancarmos o Chevy — ele disse.

Maggie disse:

— Que Chevy?

— É o modelo do carro dele, Maggie.

— Não há por que trancar se ele tá com a roda quase caindo — disse o Sr. Otis.

Houve um breve instante em que Ira se perguntou se toda essa situação poderia ser o modo especialmente passivo e diabólico de o Sr. Otis se vingar.

Ele se virou e caminhou para seu próprio carro. Atrás dele, ouviu o porta-malas do Chevy fechando e o som dos pés deles no cascalho, mas ele não os esperou.

Agora o Dodge estava tão quente quanto o Chevy e a haste de cromo da alavanca de marchas queimava seus dedos. Ele se sentou com o motor ligado em ponto morto enquanto Maggie ajudava o Sr. Otis a se acomodar no banco traseiro. Ela parecia saber por instinto que ele precisaria de assistência; ele teve que se dobrar ao meio de uma maneira complicada. A última parte dele a entrar foram os pés, que ele puxou para si levantando os dois joelhos com as mãos. Depois, soltou um suspiro e tirou o chapéu. No espelho, Ira viu um couro cabeludo ossudo que parecia uma placa de metal, com dois tufo de cabelos brancos encaracolados acima das orelhas.

— Eu agradeço muito por isso — o Sr. Otis disse.

— Não é nada! — Maggie respondeu, pulando para o banco da frente.

Fale por você, Ira pensou com amargura.

Ele esperou uma cavalcada de motociclistas passar (todos homens, sem capacete, precipitando-se em longas curvas em S, livres como pássaros) e depois ganhou a rodovia.

— E então, para onde vamos? — ele perguntou.

— Ah, sim, o sinhôr passa a fazenda de leite e vira à direita — o Sr. Otis lhe disse. — Dá uns cinco ou seis quilômetros.

Maggie esticou o pescoço para olhar em volta e disse:

— O senhor deve morar por aqui.

— Lá na Rua Dead Crow — o Sr. Otis disse. — Ou morava, até a semana passada. Agora eu tô ficando com a minha irmã Lurene.

Depois, ele começou a contar sobre sua irmã Lurene, que trabalhava de vez em quando no supermercado quando sua artrite melhorava; e isso, é claro, trouxe à baila a artrite do próprio Sr. Otis, o modo sorrateiro e vagaroso com que ele era obrigado a se mover e as outras coisas que ele havia pensando que era, e como o médico ficara admirado e descoberto totalmente seu problema quando o Sr. Otis finalmente decidira consultá-lo.

— Ah, se o senhor visse o que eu vejo — Maggie disse. — Pessoas, na casa de repouso onde eu trabalho, todas tortas; e eu num sei? — Ela tinha uma tendência a seguir o ritmo da fala das outras pessoas enquanto falava com elas. Feche os olhos e você podia quase fantasiar que ela era mesmo uma caipira, Ira pensou.

— É uma doença horrível, malvada; num tem um lado bom — disse o Sr. Otis. — Esta aqui é a fazenda de leite, sinhôr. Pode virar na próxima à direita.

Ira diminuiu a velocidade. Eles passaram por um pequeno amontoado de vacas mugindo, mascando e encarando, e depois viraram em uma estrada que não chegava a ter duas pistas de largura. O asfalto era todo remendado, com avisos pintados à mão pendurados nos terrenos cobertos pelo mato: PERIGO — ANIMAIS SOLTOS e DEVAGAR — ISTO É PARA VOCÊ e TRAVESSIA DE CÃES E CAVALOS.

Agora o Sr. Otis estava explicando como a artrite o havia forçado a aposentar-se. Ele fazia telhados, disse, em sua cidade natal, na Carolina do Norte. Ele costumava andar pelas cumeeiras ligeiro feito um esquilo e agora não conseguia nem subir no primeiro degrau de uma escada.

Maggie fez um ruído seco.

Ira ficou se perguntando por que Maggie sempre tinha que convidar outras pessoas para dentro da vida deles. Ela não achava que um mero marido era suficiente, ele desconfiava. Dois não era um número satisfatório para ela. Ele lembrava os desgarrados que ela havia abrigado ao longo dos anos — o irmão dela, que passara um inverno no sofá da casa deles quando a esposa dele se apaixonara pelo dentista, e Serena, da vez em que Max fora para a Virgínia à caça de trabalho e, é claro, Fiona com o bebê e as montanhas de equipamento para bebês, o carrinho, o chiqueirinho e um balanço infantil a corda. Em seu humor atual, Ira pensou que poderia incluir seus próprios filhos também, pois Jesse e Daisy não eram também estranhos? Interrompendo seus momentos mais íntimos, pondo-se entre eles dois? (É difícil de acreditar que algumas pessoas tinham filhos para segurar o casamento.) E nenhum deles havia sido planejado, pelo menos não tão cedo. Na época em que Jesse nascera, Ira ainda tinha esperança de voltar a estudar. Essa deveria ser a próxima coisa a fazer, depois de saldar as dívidas médicas de sua irmã e a nova caldeira de seu pai. Maggie continuaria trabalhando em tempo integral. Mas depois ela descobrira estar grávida e precisara tirar licença do trabalho. E depois disso a irmã de Ira desenvolvera um novo sintoma, um tipo de ataque que exigia hospitalização; e um furgão se chocara contra a loja na véspera do Ano Novo e danificara o prédio. Depois, Maggie ficara grávida de Daisy, outra surpresa. (Teria sido insensato, talvez, deixar os assuntos de contracepção a cargo de alguém tão propenso a acidentes?) Mas isso fora oito anos depois de Jesse, e Ira já havia mais ou menos abandonado seus planos àquela altura.

Às vezes — num dia como hoje, por exemplo, este dia longo e quente neste carro empoeirado —, ele vivenciava o tipo mais devastador de cansaço. Era um verdadeiro peso em sua cabeça, como se o teto tivesse desabado. Mas ele supunha que todos se sentiam daquela maneira de vez em quando.

Maggie estava contando ao Sr. Otis o propósito da viagem deles.

— Minha amiga mais querida e mais antiga acaba de perder o marido — ela estava dizendo — e nós tivemos que ir ao funeral. Foi um momento muito triste.

— Ai, misericórdia. Olhe, eu quero oferecer minhas sinceras condolências — disse o Sr. Otis.

Ira diminuiu a velocidade atrás de um carro arredondado e humilde dos anos 1940 dirigido por uma velhinha tão curvada que mal se via sua cabeça acima da direção. Rota Um, a casa de repouso das estradas. Depois, ele lembrou que aquela não era mais a Rota Um, que eles haviam se desviado, e teve uma sensação de sonho, de estar flutuando. Era como aquele velho feitiço durante uma mudança de estações, quando você momentaneamente esquece em que parte do ano está. Seria primavera ou outono? O verão estava começando ou terminando?

Eles passaram por uma casa moderna de dois níveis com duas estátuas de gesso no quintal: um menino e uma menina holandeses inclinados delicadamente um na direção do outro de modo que seus lábios quase se tocavam. Depois, um parque de trailers e várias placas de igrejas, organizações cívicas, a Loja de Jardinagem do Al e a Funilaria Pátio. O Sr. Otis veio para a frente, apertando o encosto do banco dianteiro.

— Bem ali, ói o Texaco — ele disse. — Tá vendo?

Ira estava: um pequeno retângulo situado bem perto da estrada. Balões de festa flutuavam no ar acima das bombas — três em cada bomba, um vermelho, um prateado e um azul, enrolando-se um no outro preguiçosamente.

Ele entrou no caminho de concreto, evitando com cuidado o cordão sinalizador que se estendia ao longo dele, freou e olhou para o Sr. Otis. Porém o Sr. Otis permaneceu onde estava; foi Maggie quem saiu. Ela abriu a porta de trás e colocou uma mão atrás do cotovelo do velho, enquanto ele se desenroscava.

— E agora, onde está o seu sobrinho? — ela perguntou.

O Sr. Otis disse:

— Nalgum lugar por aí.

— Tem certeza? E se ele não estiver trabalhando hoje?

— Ora, ele deve tá trabalhando. Num tá?

Ó, Senhor, eles iam prolongar aquela situação para sempre. Ira desligou o motor e ficou observando os dois atravessarem o caminho de concreto.

Na ilha de serviço, um menino com rabo de cavalo ouviu o que eles perguntaram e balançou a cabeça. Ele disse algo, apontando vagamente na direção oeste. Ira grunhiu e escorregou pelo banco.

E lá veio Maggie, com seus passos estalados, e Ira ficou animado; mas, quando ela chegou ao carro, só inclinou-se perto da janela do passageiro.

— Temos que esperar um minuto — ela disse.

— Para quê?

— O sobrinho dele foi atender uma emergência, mas deve voltar logo.

— Então, por que não podemos simplesmente ir embora? — Ira perguntou.

— Eu não posso fazer isso! Não ficaria tranquila. Eu não saberia como tudo terminou.

— Como assim, como terminou? A roda dele está perfeita, lembra?

— Ela bamboleou, Ira. Eu vi a roda bambolear.

Ele suspirou.

— E talvez o sobrinho dele não apareça, por alguma razão — ela disse —, e aí o Sr. Otis vai ficar isolado aqui. Ou talvez custe dinheiro. Eu quero ter certeza de que ele não vai ficar sem dinheiro.

— Escute aqui, Maggie...

— Por que você não enche o tanque? Acho que podemos precisar de gasolina.

— Nós não temos cartão de crédito da Texaco — ele disse.

— Pague em dinheiro. Aposto que, quando você acabar de encher o tanque, o Lamont já estará chegando.

Ela já o chamava de “Lamont”. Daqui a pouco já teria adotado o garoto.

Ele ligou o motor, resmungando, encostou na ilha de serviço e saiu do carro. Eles tinham uma daquelas bombas antigas que não existiam mais em Baltimore — era de números que caíam em vez de LEDs, e uma simples alavanca acionava o mecanismo. Ira teve que se reprogramar, voltar sua mente alguns anos no passado a fim de lembrar como a coisa funcionava. Depois, enquanto a gasolina fluía para o tanque, ele observou Maggie acomodar o Sr. Otis sobre uma mureta caiada que separava o posto da plantação de legumes da casa ao lado. O Sr. Otis havia colocado de volta o chapéu e estava acororado feito um gato debaixo de uma mesa, olhando fixamente para a frente, reflexivo, mascando um bocado de ar, como costumam fazer os velhos. Ele era um ancião, embora não fosse muitos anos mais velho do que o próprio Ira. Era algo para parar e pensar. Ira ouviu o estalido da bomba de gasolina e voltou ao carro. Lá em cima, os balões roçavam uns nos outros, produzindo um som que lembrava o de capas de chuva.

Enquanto ele estava pagando, dentro do posto, notou uma máquina de salgadinhos, então, foi verificar se os outros queriam alguma coisa. Eles estavam envolvidos na conversa, e o Sr. Otis discorria sobre alguém chamado Duluth.

— Maggie, eles têm batata frita — Ira disse. — Do sabor que você gosta: churrasco.

Maggie acenou para ele com uma mão.

— Acho que o senhor tinha toda razão — ela disse ao Sr. Otis.

— E torresminhos! — disse Ira. — É difícil encontrar torresminhos hoje em dia.

Ela lançou-lhe um olhar distante e distraído e disse:

— Você esqueceu que estou de regime?

— E o senhor, Sr. Otis?

— Ah, ora, não, obrigado, sinhôr; muito agradecido — disse o Sr. Otis. Ele voltou-se para Maggie e continuou: — Então eu perguntei pra ela: “Duluth, como você queria que eu esperasse isso, mulhé?”

— A esposa do Sr. Otis está brava com ele por algo que ela sonhou que ele fez — Maggie disse a Ira.

O Sr. Otis disse:

— Eu estava lá, inocente como uma criança, e entro na cozinha e pergunto: “Cadê o meu café da manhã?”. Ela diz: “Você que faça”. Eu digo: “O quê?”.

— Mas que injustiça — Maggie disse a ele.

Ira disse:

— Bom, acho que eu vou comer um salgadinho — e retornou ao posto, com as mãos enfiadas nos bolsos, sentindo-se deixado de lado.

Fazer dieta, ele pensou; fazer dieta era outro exemplo do desperdício de Maggie. A dieta da água, a dieta da proteína, a dieta do grapefruit. Privar a si própria, refeição após refeição, quando na opinião de Ira ela estava perfeitamente bem como estava — nem se podia chamá-la de cheinha; ela era farta, com seios sedosos e um bom volume no traseiro macio. Mas desde quando ela dava ouvidos a Ira? Ele depositou moedas desalentadamente na máquina de salgadinhos e apertou a tecla abaixo do saquinho de pretzels.

Quando ele voltou, Maggie dizia:

— Mas imagine se todos nós fizéssemos isso! Se confundíssemos nossos sonhos com a vida real. Olhe para mim: duas ou três vezes por ano, por aí, eu sonho que o meu vizinho e eu estamos nos beijando. É um vizinho totalmente insosso, o Sr. Simmons, que parece um vendedor ambulante ou algo assim, sei lá, de seguros, imóveis ou coisa que o valha. De dia, não dou a mínima para ele, mas de noite eu sonho que estamos nos beijando e eu desejo que ele desabotoe minha blusa, e de manhã, no ponto do ônibus, eu fico tão encabulada que não consigo nem olhar nos olhos dele, mas depois eu vejo que ele é o mesmo homem que sempre foi, um sujeito sem graça metido num terno.

— Pelo amor de Deus, Maggie — Ira disse. Ele tentou imaginar como era esse personagem, Simmons, mas não tinha ideia de quem ela estava falando.

— Imagine se eu fosse considerada culpada por isso? — Maggie perguntou. — Um menino de 30 anos... por quem não tenho o menor interesse! Não fui eu quem planejou aquele sonho!

— Não, com certeza — disse o Sr. Otis. — Afinar, essa história da Duluth foi um sonho da Duluth. Num fui nem eu que sonhei. Ela fala que eu tava sentado na cadeira de ponto cheio, que ela tá fazendo há anos, então ela mandou eu sair, mas quando eu desci da cadeira, pisei no xale de crochê e na anágua bordada dela e o meu sapato foi arrastando a renda e as preguinhas e os lacinhos. “Ora, se isso não é típico de você”, ela me disse de manhã, e eu disse: “O que foi que eu fiz? Me mostra o que eu fiz. Me mostra onde foi que eu pisei nessas coisa”. Aí ela disse: “Você é um sonso mesmo, Daniel Otis, e, se eu soubesse que teria que aguentar você tanto tempo, teria escolhido coisa melhor quando casei”. Então eu disse: “Bom, se você se sente desse jeito, vou m’embora” e ela disse: “Não esqueça as suas coisas”, e eu saí.

— O Sr. Otis está morando no carro nesses últimos dias e andando por aí na casa de parentes — Maggie disse a Ira.

— É mesmo? — Ira disse.

— Então é muito importante para mim que a roda num caia — acrescentou o Sr. Otis.

Ira suspirou e sentou-se na mureta ao lado de Maggie. Os pretzels tinham aquela cobertura envernizada que pegava nos dentes, mas ele estava com tanta fome que continuou comendo mesmo assim.

O menino com rabo de cavalo veio na direção deles, tão assertivo e determinado em suas botas de couro com saltinho de metal que Ira levantou-se novamente, imaginando que eles tinham algo a discutir. Mas o garoto só chegou e enrolou a mangueira de ar que estava zunindo sobre o concreto esse tempo todo e eles nem tinham percebido. Para não parecer indeciso, Ira foi até ele de qualquer maneira.

— E então? — ele disse. — Por onde anda esse Lamont?

— Ele não está — o menino respondeu.

— Não há como convencer você a ir conosco até a estrada no nosso carro para dar uma olhada na roda do Sr. Otis aqui?

— Sem chance — o menino disse, pendurando a mangueira no gancho.

Ira disse:

— Entendo.

Ele retornou à mureta e o menino voltou ao posto.

— Acho que pode ser Moose Run — Maggie dizia ao Sr. Otis. — É esse o nome? Do atalho que lava a Cartwheel.

— Eu num conheço esse tal de Moose Run — disse o Sr. Otis —, mas eu ouvi falar de Cartwheel. Só num consigo dizer exatamente como vocês podem chegar lá. Sabe, tem tantos lugar aqui por perto que tem o nome de cidade, falam que é cidade, mas na verdade não passa de uma mercearia e uma bomba de gasolina.

— Cartwheel é assim mesmo — Maggie disse. — Uma rua principal. Sem semáforos. A Fiona mora em uma ruazinha que não tem nem calçada. A Fiona é nossa nora. Ex-nora, acho que devemos dizer. Ela era casada com o nosso filho Jesse, mas eles se divorciaram.

— Ê, é assim que se faz hoje em dia — disse o Sr. Otis. — O Lamont é divorciado também, e a Sally, filha da minha irmã Florence, também. Eu num sei por que eles se dão ao trabalho de casar.

Como se o casamento dele estivesse em perfeita saúde.

— Coma um pretzel — Ira disse. O Sr. Otis balançou a cabeça, ausente, mas Maggie foi fundo no saquinho e pegou uma meia dúzia.

— Realmente, acho que foi tudo um grande mal-entendido — ela disse ao Sr. Otis. Ela mordeu um pretzel. — Eles eram perfeitos um para o outro. Até a aparência deles era perfeita: o Jesse é bem moreno e a Fiona é loira. É que o Jesse trabalhava nesses horários em que os músicos trabalham e a vida dele estava um pouco, sei lá, instável. E a Fiona era tão jovem e propensa a ataques de fúria. Ah, eu queria tanto que desse certo. Jesse ficou arrasado quando ela o deixou; ela levou a filhinha deles e voltou para a casa da mãe. E a Fiona também ficou arrasada, eu sei, mas o senhor acha que ela admitiu? E agora eles estão tão devidamente divorciados que parece que nunca foram casados.

Era tudo verdade, até agora, Ira refletiu; mas ela havia deixado muita coisa de fora. Não exatamente deixado de fora, mas omitido, de alguma forma, como a imagem do filho deles — o “músico” ocupando-se do ofício com tanta dedicação que fora obrigado a negligenciar sua “esposa” e sua “filha”. Ira nunca pensara em Jesse como músico;

pensava nele como um menino que largara a escola e que precisava de um emprego estável. E ele nunca havia pensado em Fiona como uma esposa, mas sim como a namoradinha adolescente de Jesse — com seu véu de brilhantes cabelos loiros e desalinhados acima de uma camiseta sumária e jeans apertados —, enquanto a pobre Leroyzinha não era mais do que o animalzinho de estimação deles, um bichinho de pelúcia que haviam ganhado no parque de diversões.

Ele tinha uma vívida lembrança de Jesse na noite em que fora preso, quando tinha 16 anos. Fora preso por estar embriagado em público junto com vários amigos — acabara sendo uma ocorrência isolada, mas Ira queria ter certeza disso e então, pretendendo ser duro com ele, havia insistido que Maggie ficasse em casa enquanto ele ia até a cadeia pagar a fiança. Ele sentou em um banco no salão de espera e finalmente veio Jesse, caminhando ladeado por dois policiais. Evidentemente, seus pulsos estavam algemados nas costas e ele havia tentado, em algum momento, pular por sobre os próprios braços de modo a trazer as mãos para a frente. Mas havia desistido ou sido interrompido no meio da manobra, e então veio claudicando, inclinado para um lado, retorcido como num show de aberrações, com os pulsos presos entre as pernas. Ira vivenciara a mais completa gama de emoções ao ver a cena: raiva de seu filho e raiva das autoridades também, por exibirem a humilhação de Jesse, e um ímpeto feroz de rir e um sentimento doído e caudaloso de piedade. As mangas do casaco de Jesse estavam arregaçadas até o antebraço, ao estilo moderno (algo que os jovens nunca fizeram na época de Ira) e aquilo o fazia parecer ainda mais vulnerável, assim com sua expressão também, ao ser libertado e conseguir se colocar de pé, embora fosse uma expressão fortemente desafiadora e ele não reconhecesse a presença de Ira. Agora, quando Ira pensava em Jesse, ele sempre o imaginava como o vira naquela noite, com aquela mesma combinação de fúria e lamento. Ele se perguntava que imagem Maggie fazia dele. Talvez ela cavoucasse ainda mais fundo no passado. Talvez ela o visse com a idade de 4 ou 5 anos, um menininho lindo e carismático, com os problemas normais que têm as crianças. De qualquer forma, ela certamente não o via como ele realmente era.

Não, nem a filha deles tampouco, ele pensou. Maggie via Daisy como uma versão da mãe de Maggie — talentosa, eficiente — e se alvoroçava toda em volta dela, inadequadamente. Ela havia se

alvorçado desde que Daisy era bem pequena, com um quarto assombrosamente arrumado e uma pilha de cadernos organizados por cores para a lição de casa. Mas Daisy também era desprezível, à sua maneira. Ira via isso claramente, mesmo sentindo-se mais próximo dela. Ela parecia estar perdendo a própria juventude — nunca tivera um namorado, pelo menos até onde ele sabia. Sempre que Jesse aprontava, Daisy, mesmo quando criança, amarrava a cara em reprovação, mas Ira quase preferia que ela própria se juntasse à travessura. Não era assim que deveria ser? Não era assim que acontecia nas outras famílias, naquelas famílias joviais e barulhentas que Ira costumava observar com melancolia quando era ainda um garoto? Agora ela estava pronta para ir à faculdade — as malas estavam prontas há semanas — e não deixara roupa alguma a não ser as coisas que eram para jogar fora e que ela não levaria; e ela andava pela casa triste e amuada, como uma freira, usando suas blusas puídas e saias desbotadas. Mas Maggie achava que ela era admirável. “Quando eu tinha a idade dela, nem tinha ideia do que queria ser”, ela dizia. Daisy queria ser uma física quântica. “Estou tão impressionada com isso”, Maggie disse, até Ira dizer: “Maggie, o que é um físico quântico?” — honestamente querendo saber. “Você faz a menor ideia?”, ele perguntou. E Maggie pensou que ele estava desdenhando dela e disse: “Tudo bem, eu admito que não sou muito científica! Eu nunca disse que era científica! Sou somente uma auxiliar de geriatria, eu admito!”, e Ira disse: “Mas eu só queria... Jesus! Eu só queria...”, e Daisy meteu a cabeça na porta e disse: “Por favor, por favor, por favor, vocês podem não ter mais uma das suas explosões? Estou tentando ler”.

— Explosão! — Maggie gritou. — Eu faço o comentário mais simples...

E Ira disse a Daisy:

— Escute aqui, senhorita, se você se incomoda tão facilmente, pode ir ler na biblioteca.

E então Daisy se retirou, de cara amarrada mais uma vez, e Maggie enterrou a cabeça nas mãos.

“O mesmo alvoroço de sempre.” Foi assim que Jesse uma vez se referiu ao casamento. Foi numa manhã em que Fiona havia saído da mesa de café da manhã aos prantos e Ira perguntou a Jesse qual

tinha sido o problema. “O senhor sabe como é”, Jesse respondeu. “O mesmo alvoroço de sempre.” Então, Ira (que havia perguntado não por mera curiosidade, mas como um meio de dizer: Isso é importante, filho; mostre alguma consideração) ficou se perguntando o que “você sabe” significava. Estaria Jesse dizendo que o casamento de Ira e o dele tinham algo em comum? Porque, se era isso, ele estava muito equivocado. Eles eram duas instituições completamente diferentes. O casamento de Ira era como uma árvore firme; nem mesmo ele conseguia dizer quão eram profundas e largas suas raízes.

Mesmo assim, a frase de Jesse havia ficado em sua memória: o mesmo alvoroço de sempre. As mesmas velhas discussões, as mesmas recriminações. As mesmas piadas e senhas carinhosas, sim, e a lealdade duradoura e os gestos de apoio e conforto que ninguém mais sabia como oferecer; mas também os mesmos velhos ressentimentos que se arrastavam ano após ano, sem esquecer nada completamente: a vez em que Ira não parecera feliz ao saber que Maggie estava grávida, a vez em que Maggie não defendera Ira diante da mãe dela, a vez em que Ira se recusara a visitar Maggie no hospital, a vez em que Maggie esquecera de convidar a família de Ira para o jantar de Natal.

E a falta da variedade — ah, Deus; quem poderia culpar Jesse por se exasperar com isso? O garoto devia ter observado seus pais todos os anos de sua infância, jurando que ele nunca aguentaria uma vida assim: ralar dia após dia, Ira indo para a loja toda manhã, Maggie indo para a casa de repouso. Provavelmente, aquelas tardes que Jesse havia passado ajudando na loja tinham servido como uma lição. Ele devia ter adquirido aversão àquilo — Ira sentado eternamente em seu banquinho de madeira, assobiando as melodias que tocavam na estação de música orquestrada enquanto media um passe-partout ou serrava uma meia-esquadria. As mulheres entravam para emoldurar seus bordadinhos em ponto cruz, suas marinas amadoras e suas fotos de casamento (duas pessoas sérias de perfil olhando uma para a outra). Elas traziam ilustrações recortadas de revistas — uma ninhada de cachorrinhos ou um patinho numa cesta. Como um alfaiate medindo um cliente mal vestido, Ira permanecia discretamente cego, aparentando não fazer nenhum julgamento sobre a foto de um gatinho com cara triste emaranhado num novelo de linha. “Ele pede um passe-partout colorido, o senhor não acha?”, a

mulher poderia perguntar. (Elas quase sempre se referiam às fotos como se tivessem vida.)

— Sim, senhora — Ira respondia.

— Talvez um azul clarinho ressaltasse o azul da fita dele.

— Sim, podemos fazer assim.

E através dos olhos de Jesse ele viu a si mesmo imediatamente como uma figura genérica chamada Lojista: um homem apagado e serviçal de idade indeterminada.

Acima da loja ele normalmente ouvia o ranger, pausar, ranger da cadeira de balanço de seu pai e os passos hesitantes de uma de suas irmãs no chão da sala de estar. Suas vozes, é claro, não eram audíveis, e por isso Ira havia adquirido o hábito de imaginar que sua família nunca falava durante o dia — que eles se mantinham imóveis até Ira chegar. Ele era a espinha dorsal de suas vidas; sabia disso. Eles dependiam totalmente dele.

Na infância, ele havia sido extrínseco — um temporão, meia geração mais jovem do que suas irmãs. Era um xodó tão grande que chamava todos os familiares de “docinho”, porque era assim que todos os adultos ou quase adultos o chamavam e ele havia deduzido que o termo era universal. “Preciso que amarre meus sapatos, docinho”, ele dizia ao pai. Mas não tivera os privilégios de um bebê comum; nunca fora o centro das atenções. Se algum deles ocupava essa posição, era sua irmã Dorrie — deficiente mental, frágil e agitada, dentuça, desajeitada —, embora até Dorrie tivesse um ar de negligenciada e a tendência de ficar sentada sozinha nos cantos das salas. A mãe deles sofrera de uma doença progressiva que a matara quando Ira tinha 14 anos, o que o deixara para sempre extremamente sensível e assustado diante de qualquer doença; e, de qualquer maneira, ela nunca havia demonstrado muito talento para a maternidade. Em vez disso, ela se dedicara à religião, a evangelistas no rádio e panfletos inspiradores deixados pelos missionários que andam de porta em porta. Sua ideia de uma refeição eram bolachas salgadas e chá para todos. Ela nunca tinha fome como os comuns mortais, nem percebia que os outros poderiam ter fome, mas simplesmente ingeria alimentos quando o relógio a lembrava. Se eles quisessem comida de verdade teriam que recorrer ao pai, porque

Dorrie não era capaz de fazer nada complicado e Junie fora acometida por um tipo de fobia que piorara ao longo dos anos até ela se recusar a sair de casa para pegar nem que fosse um litro de leite. O pai deles tinha que cuidar de tudo quando fechava a loja. Ele subia as escadas com muito custo para pegar a lista de compras, saía com muito custo, voltava com algumas latas e as abria na cozinha com as meninas. Mesmo depois de Ira já ter idade para isso, sua ajuda nunca era solicitada. Ele era o intruso, o único traço colorido de uma fotografia em sépia. Sua família se mantinha a distância, embora às vezes se dirigissem a ele de modo ligeiro e gentil. “Terminou a lição de casa, docinho?”, eles perguntavam, e perguntavam o mesmo até nas férias de verão e nos feriados de Natal.

Então, Ira se formou — já tinha pagado seu depósito na Universidade de Maryland, com sonhos de cursar a faculdade de medicina — e seu pai subitamente abdicou. Ele simplesmente... implodiu, foi como Ira viu o ocorrido. Declarou que tinha o coração fraco e não conseguia continuar. Sentou-se em sua cadeira de balanço e lá ficou. Ira assumiu o negócio, o que não foi fácil, porque ele nunca havia trabalhado lá até então. Assim, de uma vez, foi para ele que a família se voltou. Dependiam dele para dinheiro, pequenas tarefas e conselhos, para levá-los ao médico e para trazer notícias do mundo lá fora. Era: “Docinho, este vestido está fora de moda?” e “Docinho, temos dinheiro para comprar um tapete novo?”. De uma maneira, Ira sentiu-se gratificado, principalmente no começo, quando aquela parecia ser somente uma situação temporária, como a duração das férias de verão. Ele não jogava mais nas laterais; ele estava no meio-campo. Vasculhava as gavetas da cômoda de Dorrie em busca do outro pé da meia preferida dela; aparava o cabelo quase grisalho de Junie; descarregava os recibos do mês no colo de seu pai, tudo isso sabendo que ele, Ira, era o único com quem eles podiam contar.

Mas o verão se esticou até o outono, e primeiro a universidade lhe concedeu um adiamento de um semestre, depois, um de um ano, e, depois de algum tempo, o assunto não foi mais abordado.

Bem, é preciso admitir que há carreiras piores do que ficar cortando ângulos de 45 graus em tiras de molduras douradas. E ele tinha Maggie, afinal — que caiu em seu colo como um presente maravilhoso e surgido do nada. E ele tinha dois filhos normais e

saudáveis. Talvez sua vida não fosse exatamente o que ele tinha imaginado aos 18 anos, mas a de quem era? As coisas eram assim, quase sempre.

Contudo, ele sabia que Jesse não via as coisas assim.

Nenhum compromisso para Jesse Moran, não, senhor. Nada de restrições, nada de baixar a cabeça. “Eu me recuso a acreditar que vou morrer desconhecido”, ele certa vez dissera a Ira, e Ira, em vez de dar um sorriso tolerante, como deveria ter feito, sentira-se esbofeteado.

Desconhecido.

Maggie disse:

— Ira, você por acaso notou se havia uma máquina de refrigerantes dentro do posto?

Ele olhou para ela.

— Ira?

Ele se recompôs e disse:

— Ora, eu acho que sim.

— Com refrigerantes diet?

— Hum...

— Vou verificar — Maggie disse. — Aqueles pretzels me deixaram com sede. Sr. Otis, quer algo para beber?

— Ah, não, eu tô bem — o Sr. Otis respondeu.

Ela partiu na direção do posto com a saia esvoaçando. Os dois homens a observaram sair.

— Uma mulher muito boa — disse o sr. Otis.

Ira fechou os olhos por um breve instante e esfregou a dor em sua testa.

— Um verdadeiro anjo de misericórdia — disse o Sr. Otis.

Nas lojas, às vezes, Maggie levava algumas roupas que havia escolhido até o vendedor e dizia: “Eu suponho que você espera que eu pague”, no tom falsamente duro que os irmãos dela costumavam usar quando estavam brincando. Ira sempre ficava preocupado que ela

exagerasse, mas o funcionário sempre ria e dizia algo do tipo: “Bom, na verdade, eu tinha mesmo pensado nisso”. Então, o mundo não era como Ira o via, evidentemente. Ele era mais parecido com o modo como Maggie o via. Ela sempre se dava melhor em tudo, colecionando desgarrados que se apegavam a ela feito fiapos ao tecido e travando conversas íntimas com completos estranhos. Esse Sr. Otis, por exemplo: seu rosto vibrava de entusiasmo, seus olhos se esticavam formando triângulos.

— Ela me faz lembrar da moça da chaminé — ele disse a Ira. — Eu sabia que era alguém; só num sabia quem.

— Chaminé?

— Uma moça que eu num conhecia lá de Adam — disse o Sr. Otis. — A chaminé dela tava vazando, ela disse, e me chamou pra fazer orçamento. Só que eu trupiquei e caí do telhado dela. Só levei o vento comigo, mas Deus seja louvado, achei que tivesse partido desta pra melhor, fiquei lá no chão, sem poder respirar, e essa moça insistiu de me levar pro hospital. Mas, no caminho, eu comecei a respirar melhor e disse: “Madama, num vamo, não, eles vão pegar toda a minha poupança só pra dizer que eu não tenho nada”, então ela disse tudo bem, mas depois quis me pagar um café e batata frita no McDonald’s, que fica do lado de uma loja de brinquedos, então ela me perguntou se eu me importava de ir até a loja pra comprar um vagãozinho pro sobrinho dela que fazia aniversário amanhã. Eu disse que não e ela cabô comprando dois, um pro Elbert também, filho da minha sobrinha, e bem do lado fica uma loja de jardinagem...

— É, essa é a Maggie, sim — Ira disse.

— Num é uma pessoa muito certinha.

— Não é mesmo — Ira disse.

Aquilo pareceu esgotar todos os tópicos possíveis para qualquer conversa. Eles ficaram quietos e concentrados em Maggie, que voltava trazendo uma lata de refrigerante na mão, com o braço esticado.

— Esta droga explodiu em cima de mim — ela disse com animação. — Ira, quer um gole?

— Não, obrigada.

— Sr. Otis?

— Ah, não, acho que num quero, mas obrigado.

Ela acomodou-se entre eles, ergueu o queixo e tomou um gole bem longo e barulhento.

Ira começou a sentir falta de um bom jogo de paciência. Toda aquela indolência estava lhe dando nos nervos. A julgar pelo modo como os balões estavam voando, contudo, ele achou que suas cartas poderiam ser levadas pelo vento, e então meteu as mãos debaixo dos braços e sentou-se na mureta, curvado.

Eles vendiam balões assim em Harborplace, ou perto de lá. Homens solitários e soturnos ficavam nas esquinas com árvores de losangos metalizados flutuando no ar. Ele se lembrou de quão extasiada sua irmã Junie havia ficado ao vê-los pela primeira vez. Pobre Junie: de certa maneira, até mais deficiente do que Dorrie — mais limitada, mais aprisionada. Seus medos confundiam a todos, porque nada muito terrível já havia ocorrido com ela no mundo exterior, pelo menos que alguém soubesse. No começo, eles tentaram explicar-lhe isso. Disseram coisas inúteis como: “Qual é a pior coisa que poderia acontecer?” e: “Eu estarei lá com você”. Depois, pouco a pouco, eles pararam. Desistiram dela e deixaram-na ficar onde estava.

Quer dizer, menos Maggie. Maggie era obstinada demais para desistir. E depois de anos de tentativas frustradas, um dia ela concebeu a ideia de que Junie poderia ser persuadida a sair se estivesse fantasiada. Ela comprou para Junie uma peruca vermelho-vivo, um vestido bem apertado coberto de papoulas e um par de sapatos de salto agulha de couro amarrados no tornozelo. Ela empastelou o rosto de Junie com maquiagem pesada. Para o espanto de todos, deu certo. Dando gargalhadas terríveis e infelizes, Junie permitiu que Maggie e Ira a levassem até os degraus da frente. No dia seguinte, um pouco mais longe. E então, finalmente, até o fim do quarteirão. Mas nunca sem Ira. Ela não faria aquilo só com Maggie; Maggie não era parente de sangue. (O pai de Ira, na verdade, nem a chamava de Maggie, mas se referia a ela como “madame”. “A madame vem também, Ira?” — um título que refletia com exatidão a atitude zombeteira e cética que ele havia tomado com relação a ela desde o começo.)

— Você percebe o mecanismo — Maggie comentou sobre Junie. — Quando ela está fantasiada, não é ela que está saindo; é outra pessoa. Seu verdadeiro eu está seguro em casa.

Evidentemente, ela estava certa. Agarrando o braço de Ira com as duas mãos, Junie andou até a farmácia e pediu um exemplar de uma revista de novelas. Ela andou até a mercearia e fez um pedido de figado de galinha de maneira imperiosa e arrogante, como se fosse um outro tipo de mulher — exuberante, talvez até uma vagabunda, que não se importava com o que as pessoas diziam dela. Depois, voltou a dar gargalhadas e perguntou a Ira como estava se saindo. Bom, Ira estava satisfeito com o progresso dela, é claro, mas depois de algum tempo, a coisa toda virou uma chateação. Ela queria se aventurar até um lugar ou outro, e isso sempre envolvia muita produção — a preparação, o vestido e a maquiagem, as garantias que ele era forçado a oferecer. E aqueles saltos ridículos a atrapalhavam muito. Ela caminhava como alguém abrindo caminho sobre um piso recentemente lavado. Realmente teria sido mais simples se ela tivesse ficado em casa, ele refletiu. Mas teve vergonha de si próprio por ter esse pensamento.

Então, ela teve uma vontade imensa de ir até Harborplace. Tinha visto na televisão quando Harborplace abrisse e ela, de alguma maneira, chegara à conclusão de que era uma das maravilhas do mundo. Então, naturalmente, depois de ganhar alguma confiança, ela não ficaria satisfeita enquanto não visse aquilo em pessoa. Só que Ira não queria levá-la. Para dizer o mínimo, ele não gostava de Harborplace. Ele achava que era um shopping center festejado demais e nada tinha a ver com a cidade de Baltimore. E o estacionamento devia custar os olhos da cara. Ela não ficaria satisfeita se fosse a outro lugar? Não, não ficaria, ela disse. Será que Maggie não poderia levá-la, então? Não, ela precisava de Ira. Ele sabia que ela precisava dele; como poderia sugerir o contrário? E o pai deles também queria ir junto, e Dorrie, que ficou tão animada que já tinha arrumado a “mala” (a caixa de um casaco da Hutzler) para a ocasião. Ira teve que se conformar.

Eles marcaram o passeio para um domingo — o único dia de folga de Ira. Infelizmente, a manhã estava nebulosa e abafada, com previsão de pancadas de chuva à tarde. Ira sugeriu que eles adiassem,

mas ninguém quis saber, nem mesmo Maggie, que tinha ficado tão animada quanto os outros. Então, ele levou todos até o centro da cidade, onde, por algum milagre, encontrou uma vaga na rua, e eles saíram e começaram a caminhar. A neblina era tanta que nem se via os prédios vizinhos. Quando chegaram à esquina das ruas Pratt e Light e olharam para Harborplace, não conseguiram ver os pavilhões; eles pareciam simples blocos cinza. O semáforo, ao ficar verde, era o único pontinho colorido. E não havia ninguém mais à vista, exceto um homem vendendo balões, que foi ganhando forma de modo sinistro conforme eles se aproximavam.

Foram os balões que chamaram a atenção de Junie. Eles pareciam feitos de metal líquido; eram prateados e amassados, franzidos nas bordas como almofadas de sofá. Junie gritou:

— Ah! — Ela pisou no meio-fio, o tempo todo boquiaberta. — O que são aquelas coisas? — ela gritou.

— Balões, é claro — Ira disse. Mas, quando tentou fazê-la seguir adiante, ela o arrastou de volta para ficar olhando para eles, e Dorrie, que estava pendurada no outro braço dele, fez o mesmo.

Ele conseguia ver qual era o problema. A televisão havia mantido Junie informada das invenções mais importantes do mundo, mas não das triviais, como balões metalizados. Era perfeitamente compreensível. Naquele momento, contudo, Ira não sentia vontade de explicar. Ele não queria estar lá, e então as empurrou para a frente e contornou o primeiro pavilhão. A mão de Junie era como uma garra em seu braço. Dorrie, cuja perna esquerda estava parcialmente paralisada desde seu último ataque, inclinou-se sobre o outro braço dele e ficou coxeando de modo grotesco, com a caixa da Hutzler batendo contra seu quadril a cada passo. E atrás deles, Maggie murmurava palavras de estímulo para o pai dele, cuja respiração ficava cada vez mais sonora e difícil.

— Mas esses balões não são como os que eu vi até agora! — Junie disse. — Que material é esse? Qual é o nome?

A esta altura, eles já haviam alcançado o bulevar próximo à beira da água e, em vez de responder, Ira olhou enfaticamente para a vista.

— Não era isso que você estava morrendo de vontade de ver? — ele recordou-a.

Mas a vista nada mais era do que um enorme bloco opaco e um U.S.S. Constellation borrado pendurado numa nuvem, e Harborplace era uma concentração silenciosa e pesada de vapores.

Bem, o passeio terminou em desastre, é claro. Junie disse que tudo parecia melhor na televisão e o pai de Ira disse que seu coração estava batendo agitadamente em seu peito, e depois Dorrie, de alguma maneira, ficou magoada, começou a chorar e teve que ser levada para casa antes que eles entrassem no shopping. Ira não lembrava o que havia ferido os sentimentos dela, mas o que conseguia lembrar tão vividamente que chegava a ofuscar a intensa luz do sol que banhava o posto Texaco era a sensação que se apoderara dele quando estava entre suas duas irmãs. Ele se sentira sufocado. A neblina formava um pequeno compartimento em torno deles, um espaço cheio de vapor sufocante, como nas piscinas aquecidas e cobertas. Ela abafava todos os sons, exceto aquelas vozes familiares e opressivas. A neblina amarrava-os juntos, trancava-os lá dentro, e as mãos de suas irmãs o arrastavam para baixo, como as vítimas de afogamentos arrastam quem tenta resgatá-las. E Ira pensou: Ai, meu Deus, estou preso nesta armadilha com estas pessoas por toda a minha vida e nunca conseguirei me libertar. Foi aí que percebeu o fiasco que ele vinha sendo desde o dia em que assumira a loja do pai.

Era de se admirar que ele fosse tão sensível ao desperdício? Ele havia desistido do único sonho sério que já tivera na vida. Não era possível desperdiçar mais do que isso.

— Lamont! — disse Maggie.

Ela estava olhando para uma luz amarela que se movia perto das bombas de gasolina — um caminhão reboque, rebocando nada. Ele parou com um chiado forte e o motor morreu. Um homem negro com jaqueta de brim pulou da cabine.

— É ele, sim — o Sr. Otis disse, levantando alguns centímetros de seu assento.

Lamont foi até a traseira do caminhão e examinou alguma coisa. Chutou um pneu e andou até a cabine. Ele não era tão jovem quanto

Ira esperava — não era um garoto, mas um homem forte e ativo com pele cor de ameixa e andar decidido.

— Olá! — chamou o Sr. Otis.

Lamont deteve-se e olhou para ele.

— Tio Daniel? — ele disse.

— Como tem passado, filho?

— O que o senhor tá fazendo aqui? — Lamont perguntou, aproximando-se.

Quando ele chegou à mureta, Maggie e Ira levantaram-se, mas Lamont não olhou para nenhum deles.

— O senhor ainda num voltou pra tia Duluth? — ele perguntou ao Sr. Otis.

— Lamont, vou precisar daquele seu caminhão — disse o Sr. Otis.

— Pra quê?

— Acredita que a minha roda da frente tá solta?

— O quê? Onde?

— Na Rota Um. Esse pessoal aqui me deu uma carona.

Lamont examinou brevemente Ira com os olhos.

— Nós estávamos passando — Ira disse-lhe.

— Hum — disse Lamont em tom nada amistoso e, depois, voltando-se para o tio: — Agora vamo ver o que o senhor tá me dizendo. Seu carro tá n'algum lugar da rodovia...

— Foi a senhorinha aqui que viu — o Sr. Otis disse, apontando para Maggie, que abriu um sorriso confiante para Lamont. Um fiozinho de espuma de refrigerante pontuava seu lábio superior; isso fez Ira sentir vontade de protegê-la.

— Eu não vou lhe dar a mão — ela disse a Lamont. — Esta Pepsi me deu um banho.

Lamont limitou-se a estudá-la, com os cantos da boca puxados para baixo.

— Ela s'inclinou pra fora do carro e disse: "Sua roda!" — disse o sr. Otis. — "Sua roda dianteira tá caindo!"

— Na verdade, foi uma invenção — Maggie disse a Lamont. — Eu inventei aquilo.

Pelo bom Jesus.

Lamont disse:

— Cumquié?

— Eu menti — Maggie falou despreocupadamente. — Nós admitimos isso para o seu tio, mas, não sei, foi meio difícil convencê-lo.

— Tá me dizendo que contou uma mentira pra ele? — Lamont perguntou.

— É.

O Sr. Otis sorriu para os próprios pés, envergonhado.

— Bom, na verdade... — começou Ira.

— Foi depois que ele quase parou na nossa frente — Maggie disse. — Nós tivemos que jogar o carro para fora da estrada e eu fiquei tão brava que, assim que nós o alcançamos, eu disse aquilo sobre a roda. Mas eu não sabia que ele era velho! Eu não sabia que ele era indefeso!

— Indefeso? — o Sr. Otis perguntou, com o sorriso não tão nítido agora.

— E, além disso, depois pareceu mesmo que a roda estava meio esquisita — Maggie disse a Lamont. — Então, nós o trouxemos aqui para o posto Texaco.

Lamont não parecia mais ameaçador do que antes, Ira ficou aliviado em ver. Na verdade, ele ignorou completamente os dois. Ele virou-se para o tio.

— Tá ouvindo isso? — ele perguntou. — Tá vendo? Agora o senhor tá empurrando gente pra fora da estrada.

— Lamont, eu vou dizer a verdade — disse o Sr. Otis. — Eu lembrei que faz uns dias que aquela roda anda meio esquisita.

— Eu não disse que o senhor tem que parar de dirigir? Todo mundo falou isso, num foi? A Florence num implorou pro senhor cancelar sua carteira? Da próxima vez, pode não ter tanta sorte. Algum branco doido pode dar um tiro na sua cabeça.

O Sr. Otis pareceu se encolher, parado ali, quietinho, com a aba do chapéu protegendo-lhe o rosto.

— Se tivesse ficado em casa com a tia Duluth, onde é o seu lugar, nada disso teria acontecido — Lamont disse a ele. — Passeando na interestadual! Dormindo aqui e ali, que nem um hippie!

— Bom, eu achei que tava dirigindo com muito cuidado e atenção — disse o Sr. Otis.

Ira pigarreou.

— E então, quanto àquela roda... — ele disse.

— O senhor tem que voltar pra casa e se emendar — Lamont disse ao Sr. Otis. — Parar de teimosia, pedir desculpas à tia Duluth e tirar aquele caco véio da frente dos outros.

— Num posso pedir desculpas! Eu num fiz nada pra ter que me desculpar — o Sr. Otis disse.

— Qual é a diferença, homem? Peça desculpas assim mesmo.

— Olha, eu num podia ter feito aquilo; foi no sonho dela. A Duluth teve um sonho, entende...

— O senhor tá casado há mais de 50 anos com aquela mulhé — Lamont disse — e metade desses anos ocêis dois passaram de picuinha um com o outro por causa de alguma coisa. Ela num fala com o senhor ou o senhor num fala com ela, ou ela sai de casa ou o senhor sai de casa. Mas que droga, homem, qualquer dia ocêis dois sai de casa e a casa vai ficar lá vazia. Muita gente dava o braço direito pra ter uma casinha bonitinha que nem aquela, e ocêis faz o quê? Deixa ela vazia enquanto o senhor sai por aí fechando os outros com o seu Chevy e a tia Duluth fica dormindo no sofá da Florence, desacomodando a família dela.

Um esboço de sorriso passou pelo rosto do Sr. Otis.

— É verdade — ele disse. — Eu achei que ela tava me deixando daquela vez, e ela achou que eu tava deixando ela.

— Ocêis dois se comporta feito criança briguenta — Lamont disse a ele.

— Bom, pelo menos eu ainda tô casado, né? — disse o Sr. Otis. — Pelo menos ainda tô casado, diferente de certas pessoa que eu conheço!

Ira disse:

— Bom, de qualquer forma...

— São pior do que criança — Lamont continuou, como se não tivesse ouvido. — Criança pelo menos tem tempo pra perder, mas ocêis dois tão véio e tão perto do fim da vida. Logo, logo um d'ocêis vai morrer e quem ficar vai dizer: “Por que é que eu agi tão mal? Aquela era a pessoa com quem eu vivia; e a gente desperdiçou tanto tempo”, ocêis vão dizer.

— Bom, acho que sou eu que vai morrer primeiro — disse o Sr. Otis —, então num vou me preocupar com isso.

— Tô falando sério, tio.

— Eu também. Pode ser que o que a gente desperdiça é só o que importa de verdade; pode ser que esse seja o único propósito das coisa, isso num seria uma beleza? Tem que falar tudo, falar tudo! Não tem como não falar. E mesmo assim, olha só pra como a gente foi feliz. Talvez eu acabe pensando só nisso. “Poxa, a gente se divertiu muito. A gente era um casal que botava pra quebrar, sempre juntinho”, eu vou dizer. É uma coisa pra pensar na casa de repouso.

Lamont voltou os olhos para o céu.

Ira disse:

— Bom, não quero mudar de assunto, mas esse negócio da roda está sob controle agora?

Os dois homens olharam para ele.

— Ah! — o Sr. Otis disse finalmente. — Suponho que ocêis dois deve tá querendo ir embora.

— Só se o senhor disser que está tudo bem — Maggie lhe disse.

— Ele vai ficar bem — Lamont disse. — Podem ir embora.

— Sim, num pensem mais em mim — o Sr. Otis disse. — Vou levar ocêis até o carro. — E ele saiu caminhando no meio dos dois. Lamont ficou para trás, parecendo contrariado.

— Esse menino é tão rabugento — o Sr. Otis disse a Ira. — Eu num sei a quem ele puxou.

— O senhor acha que ele vai ajudá-lo?

— Ah, mas lógico. Ele só quer fazer o discurso dele primeiro.

Eles chegaram ao Dodge e o Sr. Otis insistiu em abrir a porta para Maggie. Levou mais tempo do que se ela tivesse aberto sozinha; ele teve que se posicionar do modo certo e pegar um certo impulso. Enquanto isso, ele dizia a Ira:

— E ele nem tem moral pra me criticar. Um homem divorciado! Distribuindo conselhos feito especialista! — Ele fechou a porta de Maggie, que fez um som frouxo e inadequado, de modo que ela teve que reabri-la e bater com mais força. — Um homem que se separa no primeiro probleminha — ele disse a Ira — e vive sozinho, todo encorujado e solitário, secando feito uma uva passa. Senta sozinho na frente da televisão, noite após noite, e não namora ninguém com medo que outra mulhé faça o que a esposa dele fez.

— Nossa! — disse Maggie, olhando para ele pela janela. — Isso é sempre triste de ver.

— Mas a senhora acha que ele vê? — perguntou o Sr. Otis. — Que nada. — Ele seguiu Ira até o lado do motorista. — Ele acha que tem uma vida normal — falou a Ira.

— Ouça — Ira disse, entrando no carro —, se tiver alguma despesa com o guincho, por favor, nos avise, está bem? — Ele fechou a porta e colocou a cabeça para fora para dizer: — É melhor darmos nosso endereço.

— Num tem despesa, não — disse o Sr. Otis —, mas agradeço a preocupação. — Ele empurrou o chapéu um pouco para trás e coçou a cabeça. — Sabe, eu tive uma cachorra — ele disse. — A cachorra mais esperta que eu já tive. A Bessie. Ela adorava correr atrás de uma bola de borracha. Eu atirava a bola e ela pegava e trazia de volta. Mas sempre que a bola ia parar em uma cadeira da cozinha, a Bessie metia o nariz pelos fusos do encosto e ficava gemendo e chorando.

Nunca sonhou que podia simplesmente dar a volta e agarrar a bola pela frente.

Ira disse:

— Hum...

— Isso me faz lembrar do Lamont — disse o Sr. Otis.

— Do Lamont.

— É cego para algumas coisas.

— Ah! Sim, o Lamont! — Ira disse. Ficou aliviado por achar a conexão.

— Bom, não quero mais ocupar ocêis — o Sr. Otis disse a ele, oferecendo a mão a Ira. Ela parecia muito leve e frágil, como o esqueleto de um pássaro. — Ocêis todos aí, dirijam com cuidado, ouviram? — Ele inclinou-se para a frente para dizer a Maggie: — Se cuida!

— O senhor também — ela disse a ele. — E espero que as coisas deem certo com Duluth.

— Ah, vão dar, sim. Mais cedo ou mais tarde. — Ele riu e deu um passo para trás quando Ira ligou o motor. Como um anfitrião despedindo-se de seus convidados, ele ficou lá parado olhando, até eles pegarem a estrada, e desapareceu do espelho retrovisor de Ira.

— Muito bem! — Maggie disse, assumindo uma posição mais confortável no banco. — Então, de qualquer maneira...

Como se toda aquela discussão tivesse sido somente um soluço no meio de uma longa história que ela estivesse contando.

Ira ligou o rádio, mas só conseguiu localizar notícias locais — o preço das safras, um incêndio no prédio dos Cavaleiros de Colombo. Ele desligou. Maggie vasculhou a bolsa.

— Mas que diabos! — ela disse.

— O que está procurando?

— Meus óculos escuros.

— No painel.

— Ah, é mesmo.

Ela pegou-os e empoleirou-os na ponta do nariz. Depois, virou o rosto e ficou olhando à sua volta, como se estivesse testando sua eficácia.

— A luz do sol não incomoda os seus olhos? — ela perguntou, por fim.

— Não, estou bem.

— Talvez eu deva dirigir.

— Não, não...

— Não dirigi nem um pouquinho o dia todo — ela disse.

— Tudo bem. Eu agradeço, de qualquer maneira, querida.

— Bom, me avise se mudar de ideia — ela disse a ele e afundou no banco, apreciando a vista.

Ira apoiou o cotovelo na janela e começou a assobiar uma melodia. Maggie retesou-se e olhou para ele.

— Você acha que eu sou uma motorista irresponsável — ela disse.

— O quê? — ele disse.

— Você está se perguntando que tipo de idiota você é para ao menos chegar a pensar em me colocar ao volante.

Ele piscou. Achava que o assunto havia terminado.

— Nossa, Maggie — ele disse —, por que você tem que levar tudo para o lado pessoal?

— Eu levo, só isso — ela disse, mas falou sem fervor, como se não estivesse interessada nas próprias palavras, e depois voltou a estudar o cenário.

Quando eles chegaram à Rota Um, Ira foi mais depressa. O tráfego estava um pouco mais pesado, mas fluía normalmente. As fazendas deram lugar a faixas de terras comerciais — uma montanha de pneus carecas, um penhasco íngreme e anguloso de blocos de concreto, um campo cheio daquelas coberturas que são colocadas na traseira das picapes para transformá-las em trailers. Ira não sabia o nome daquilo. Isso o incomodava; gostava de saber os nomes das coisas, o termo específico e exato que definia precisamente um objeto.

— Spruce Gum — disse Maggie.

— Como?

Ela estava se contorcendo no banco, olhando para trás. Disse:

— Spruce Gum! É o nome do atalho para a casa da Fiona! Acabamos de passar por ele.

— Ah, sim, Spruce Gum — ele disse. Tinha uma vaga lembrança.

— Ira — disse Maggie.

— Hum?

— Não fica tão fora de mão.

Ele olhou para ela. Ela apertava uma mão na outra, o rosto voltado para ele, a boca feito um colchete, como se desejasse certas palavras dele (como ela costumava fazer quando desejava que Jesse desse a resposta quando ela lhe ensinava a tabuada).

— Fica? — ela disse.

— Não — ele disse.

Ela entendeu mal; respirou fundo para começar a discutir. Mas ele disse:

— Não, acho que não fica fora de mão.

— O quê? Está dizendo que vai me levar lá?

— Bom... — ele disse. E em seguida: — Bom, nosso dia já era mesmo, né? — E ligou a seta e procurou um lugar para dar meia-volta.

— Obrigada, Ira — ela disse, e esticou ao máximo o cinto de segurança para plantar-lhe um beijinho atrás da orelha.

Ira soltou um “ai”, mas pareceu mais contrariado do que realmente se sentia.

Depois de fazer meia-volta no pátio de uma madeireira, ele voltou à Rota Um e virou à direita na Estrada de Spruce Gum. Eles agora estavam de frente para o sol. Feixes empoeirados de luz cobriam o para-brisa. Maggie subiu os óculos no nariz e Ira abaixou o para-sol.

Será que foi a névoa no para-brisa que o fez pensar novamente no passeio a Harborplace? De qualquer forma, por alguma razão, ele subitamente lembrou por que Dorrie tinha começado a chorar naquela dia.

Parada na beira da água, envolta pela neblina, ela sentira vontade de abrir sua mala e mostrar o conteúdo a ele. Nada do que ela havia trazido era muito diferente das outras vezes. Havia duas ou três revistas em quadrinhos, ele lembrou, e provavelmente um doce — quem sabe um cupcake amassado, com a cobertura grudada no celofane — e, é claro, a fita de chapéu com strass que pertencera à mãe deles. E, por fim, seu maior tesouro: uma revista com Elvis Presley na capa. O Rei do Rock, dizia o título. Dorrie idolatrava Elvis Presley. Ira tinha o hábito de estimulá-la, comprando pôsteres sempre que os encontrava, mas, naquela manhã em especial, ele se sentia tão sobrecarregado que simplesmente não teve paciência.

— Elvis — Dorrie disse toda alegre, e Ira disse:

— Pelo amor de Deus, Dorrie, você não sabe que esse cara está morto e enterrado?

A partir de então ela parou de sorrir e seus olhos se encheram de lágrimas, e Ira sentiu seu coração partir. Tudo nela subitamente o entristecia — seu corte de cabelo acanhado, seus lábios rachados pelo frio e seu rosto magro que era tão familiar e tão doce, se ao menos as pessoas notassem. Ele colocou o braço em torno dela. Abraçou bem forte seu pequenino corpo ossudo e olhou por cima da cabeça dela para o Constellation flutuando na neblina. O alto dos mastros havia sumido e as cordas e correntes desapareceram, e o velho navio aparentava a idade que tinha, envolto nas nuvens de neblina que podiam ser confundidas com o esmaecimento provocado pelo tempo. E Junie o apertava do outro lado, e Maggie e Sam o observavam com firmeza, esperando que ele dissesse o que fariam a seguir. Ele soube, então, qual era o verdadeiro desperdício; é claro, meu Deus. Não era ter que sustentar essas pessoas, mas deixar de perceber quanto ele as amava. Ele amava até seu desgastado, derrotado pai, até a memória de sua pobre mãe, que sempre fora tão linda e nunca percebera isso, pois, sempre que se aproximava de um espelho, ela puxava um lado da boca para cima, desfigurada pela timidez.

Entretanto logo em seguida essa sensação se desfez (provavelmente no instante seguinte, quando Junie começou a implorar para ir embora) e ele esqueceu o que havia aprendido. E, sem dúvida, ele esqueceria novamente, assim como Dorrie havia esquecido, quando eles chegaram em casa, que Elvis Presley não era mais o Rei do Rock.



Terceira

 *Parte*



Maggie tinha uma música que ela gostava de cantar com Ira quando estavam viajando. *On the Road Again*²⁰ era seu nome — não o velho sucesso de Willie Nelson, mas uma canção puxada para o blues, de um dos discos antigos que Jesse tinha do Canned Heat, com batida pesada e bem marcada. Ira fazia a percussão:

— Bum-da-da, bum-da-da, bum-da-da, bum, bum!

Maggie cantava:

— Vou te dar uma dica, mamãe! Por favor! Não chore mais — ela cantava.

Os postes de telefone pareciam ir passando no ritmo da música. Maggie sentia-se livre, nômade. Ela jogou a cabeça para trás, apoiando-a no encosto do banco, e ficou acompanhando o ritmo com o calcanhar rodopiando.

No passado, quando ela passara por essa estrada sozinha, o interior parecera hostil — território inimigo. Entre os bosques e pastos rochosos, sua única neta era mantida refém e Maggie (sufocada debaixo de lenços, envolta em uma capa de chuva anônima ou fantasiada com a animada peruca vermelha de Junie) andara como se estivesse se infiltrando em alguma coisa. Ela tinha a sensação de estar deslizando de modo furtivo, fugindo. Havia metido aquela criança na cabeça e mantido o rosto dela presente diante de si:

²⁰ “Voltando à Estrada” (N. T.).

um lindo rosto de bebê, redondo como uma moeda, com os olhos arregalados de entusiasmo sempre que Maggie entrava na sala, as covinhas virando para cima quando a via. Estou indo, Leroy! Não se esqueça de mim! Mas as viagens começaram a ficar cada vez mais insatisfatórias, culminando naquela última e horrível ocasião, quando Leroy se contorcera no carrinho e chamara:

— Mamãe? — caçando sua outra avó, sua avó menor, sua avó de mentirinha; e Maggie havia finalmente se limitado, depois disso, às raras visitas oficiais junto com Ira. E mesmo estas pararam logo depois. Leroy havia começado a desvanecer e diminuir, até que, um dia, ela não era maior do que alguém no lado errado de um telescópio — ainda querida, mas mantida a uma grande distância.

Maggie pensou no verão anterior, quando seu velho gato, Pumpkin, morrera. A ausência dele a afetara de modo tão intenso que acabara se tornando uma presença — a falta de seu corpo peludo entrelaçando-se nos tornozelos dela sempre que ela abria a geladeira, a falta de seu ronronar alto feito motor de barco na cama sempre que ela acordava de noite. De uma maneira idiota, ela se lembrara de quando Leroy e Fiona se foram, embora, é claro, não houvesse comparação. Porém havia algo ainda mais idiota: cerca de um mês depois, quando o frio chegou, Maggie desligou o desumidificador do porão, como fazia todos os anos, e até aquela ausência a afetou. Ela lamentou de maneira muito pessoal o silenciar daquele zunido estável e fiel que reverberava na madeira do assoalho. Mas o que havia de errado com ela?, pensou. Passaria o resto de seus dias se martirizando por cada perda de modo igual — uma nora, uma criança, um gato, uma máquina que seca o ar?

Envelhecer era isso?

Agora os campos assumiam uma cor de bronze, lindos como uma foto de calendário. Não tinham nenhuma importância em especial. Talvez o fato de Ira estar com ela ajudasse — um aliado. Talvez fosse só o fato de que, mais cedo ou mais tarde, a mais lancinante das dores acabava se diluindo.

— Mas eu não vou seguir aquela estrada solitária sozinha — ela cantou automaticamente, e Ira completou:

— Bum-da-da, bum-da-da...

Se Fiona casasse novamente, ela teria uma nova sogra. Maggie não havia pensado nisso. Ficou imaginando se Fiona e essa mulher se aproximariam. Elas passariam cada momento livre juntas, íntimas feito duas amigas?

— E se ela tiver outro filho? — Maggie disse.

Ira interrompeu os seus bum-da-das e perguntou:

— Heim?

— Eu a acompanhei durante todos os nove meses! O que ela vai fazer sem mim?

— De quem você está falando?

— Da Fiona, é claro. De quem seria?

— Bom, tenho certeza de que ela vai dar um jeito — Ira disse.

Maggie disse:

— Talvez sim, talvez não. — Ela virou a cabeça para o outro lado e voltou a olhar os campos. Eles pareciam não ter textura, não pareciam naturais. — Eu a levei às aulas de preparação para o parto — ela disse. — Repassei os exercícios com ela. Fui a treinadora oficial do parto.

— Então, agora ela já sabe tudo sobre o assunto — Ira disse.

— Mas é algo que você tem que repetir a cada gravidez — Maggie disse a ele. — Você tem que persistir.

Ela lembrou-se de como havia persistido com Fiona, que ficara apática e distante durante a gravidez e, se não fosse por Maggie, ela teria passado todo o terceiro trimestre deitada no sofá diante da TV. Maggie batia as mãos com força:

— Vamos lá! — e desligava a reprise de O Barco do Amor e abria as cortinas, deixando a luz do sol invadir a penumbra da sala de estar e iluminar a bagunça de revistas de rock e garrafas de soda limonada. — Está na hora dos exercícios de cócoras! — ela gritava, e Fiona se encolhia e levantava um braço para proteger os olhos da luz.

— Exercícios pélvicos, cruz credo! — ela dizia. — Abdominais. Parece tudo tão nojento. — Mas ela se punha de pé, suspirando. Mesmo na gravidez, mantivera o corpo de adolescente — magra e flexível, o que fazia Maggie se lembrar daquelas moças minimamente

vestidas que ela via nas praias e que pareciam pertencer a uma espécie completamente diferente da sua. O carço do bebê era uma carga separada, um pacote saliente que ela carregava na frente. — Aulas de respiração, por favor — ela dizia, largando-se no chão com um baque surdo. — Será que eles não acham que, a esta altura, eu já sei respirar?

— Ah, querida, você tem tanta sorte por ter essas coisas disponíveis — Maggie lhe dizia. — Na minha primeira gravidez não havia curso nenhum e eu fiquei morrendo de medo. Eu teria adorado ter aulas! — E depois: — Eu me lembro de sair do hospital com Jesse e pensar: “Espere aí. Eles vão me deixar sair com ele assim? Eu não sei bulhufas sobre bebês! Não sou credenciada para isso. Ira e eu somos amadores”. Sabe, a gente tem aulas de coisas que não são importantes — piano, datilografia. A gente tem anos e anos de aulas sobre como resolver equações, que só Deus sabe como você vai usar na sua vida diária. Mas e aprender a ser pai e mãe? Ou a casar, também, se você pensar bem. Antes de poder dirigir um automóvel, você precisa fazer um curso aprovado pelo governo, mas dirigir um carro não é nada, nadinha, se for comparado a conviver todos os dias com um marido e criar um novo ser humano.

O que talvez não tenha representado um consolo, porque Fiona disse:

— Caramba! — e largou a cabeça nas mãos.

— Mas eu tenho certeza de que você vai fazer tudo direitinho — Maggie logo disse. — E eu vou estar aqui para ajudá-la, é claro.

— Ah, caramba — Fiona disse.

Ira virou em uma rua lateral chamada Elm Lane — uma rua com duas fileiras de chalés cafonas, a maioria deles com trailers na garagem e, às vezes, mais um trailer atrás. Maggie perguntou-lhe:

— Quem vai acordar no meio da noite e trazer o bebê para mamar?

— O marido dela, espera-se — disse Ira. — Ou talvez ela coloque o bebê para dormir no quarto dela desta vez, que é o que deveria ter acontecido da primeira. — Em seguida, ele sacudiu os ombros, como se quisesse se livrar de alguma coisa, e disse: — Que

bebê? A Fiona não está grávida; ela só vai casar, ou pelo menos é isso que você está dizendo. Vamos com calma.

Tudo bem, mas, da primeira vez, ninguém teve calma; Fiona já estava grávida de dois meses quando casou com Jesse. Não que Maggie precisasse lembrá-lo disso. Ademais, seus pensamentos estavam em outro lugar agora. Ela fora arrebatada por uma memória física inesperada e intensa de trazer Leroy, ainda bebê, para a mamada das 2 da madrugada — aquela cabecinha macia oscilando sobre o ombro de Maggie, aquela boca de passarinho buscando a curva do pescoço de Maggie por baixo da gola de seu robe, e depois o calor, o aroma de sono do quarto de Fiona e Jesse.

— Ah — ela disse sem querer, e depois: — Ah! — Porque ali, no quintal da Sra. Stuckey (de terra batida, sem cara de quintal de verdade) estava uma menininha magra e vigorosa, de cabelos loiros bem claros na altura do queixo. Ela havia acabado de lançar um Frisbee amarelo, que fez um voo estremecido na direção do carro deles e aterrissou com um baque surdo no capô enquanto Ira embicava na casa.

— Aquela não é... — Maggie disse. — É...?

— Deve ser a Leroy — Ira disse.

— Não é!

Mas tinha que ser, é claro. Maggie foi obrigada a dar um pulo no tempo — da criancinha em seu ombro para essa menina desajeitada, tudo isso em dois segundos. Ela estava tendo um pouco de dificuldade. A criança largou as mãos ao lado do corpo e ficou olhando para eles. Sua careta fazia a testa parecer uma rede. Ela usava um top cor-de-rosa com um tipo de mancha vermelha na frente, talvez suco de amora ou refresco de morango, e shorts largos com estampa floral havaiana. Seu rosto era tão magro que chegava a ser triangular, um rosto de gato, e seus braços e pernas eram pequenos gravetos brancos.

— Quem sabe é a filha do vizinho — Maggie disse a Ira, numa última tentativa.

Ele nem se deu ao trabalho de responder. Assim que ele desligou o motor, Maggie abriu a porta, saiu e chamou:

— Leroy?

— O quê?

— Você é a Leroy?

A criança deliberou por um momento, como se não estivesse certa, e depois fez que sim com a cabeça.

— Ora, ora — disse Maggie. — Bom, então olá! — ela gritou.

Leroy continuou olhando. Ela não parecia nem um pouquinho menos desconfiada.

Na verdade, Maggie refletiu (já se adequando à nova situação), aquela era uma idade das mais interessantes. Sete anos e meio — idade suficiente para conversar, contudo ainda sem deixar de admirar um adulto, desde que o adulto soubesse agradar. Cautelosamente, Maggie deu a volta no carro a aproximou-se da criança com a bolsa nas duas mãos, resistindo ao desejo de abrir os braços e abraçá-la.

— Suponho que você não se lembre de mim — ela disse, parando a uma distância premeditada.

Leroy balançou a cabeça, em negativa.

— Ora, queridinha, eu sou sua avó!

— É? — Leroy disse. A expressão dela lembrou Maggie de alguém que olha através de um véu.

— Sua outra avó. Sua avó Moran.

Era uma coisa maluca ter que se apresentar à sua própria carne e sangue. E era mais maluco ainda, Maggie pensou, que Jesse tivesse que fazer a mesma coisa. Ele não punha os olhos na filha desde... quando mesmo? Desde um pouco depois que ele e Fiona se separaram — antes de Leroy completar um ano de idade. Que vida triste e dividida todos eles pareciam estar vivendo!

— Eu sou da família do seu pai — ela disse a Leroy, e Leroy disse:

— Ah!

Então, pelo menos, ela sabia que tinha um pai.

— E este é o seu avô — disse Maggie.

Leroy voltou o olhar para Ira. De perfil, o nariz dela era pequeno e extremamente pontudo. Maggie poderia amá-la só por causa daquele nariz.

Ira já havia saído do carro, mas não se aproximou de Leroy imediatamente. Em vez disso, foi pegar o Frisbee do capô. Depois, atravessou o quintal e foi ter com elas, analisando o Frisbee, virando-o sem parar nas mãos, como se nunca tivesse visto um antes. (Isso não era a cara dele? Permitir que Maggie corresse na frente enquanto ele ficava lá atrás, reservado, mas acabava sempre juntando-se a ela e compartilhando dos benefícios que ela conquistava.) Quando chegou diante de Leroy, ele jogou o Frisbee na direção dela com leveza, e as duas mãos dela se ergueram feito duas aranhas magrinhas para agarrá-lo.

— Obrigada — ela disse.

Maggie desejava que ela mesma tivesse se lembrado do Frisbee.

— Nós não parecemos nem um pouco familiares? — ela perguntou a Leroy.

Leroy balançou a cabeça em negativa.

— Ora! Eu estava lá quando você nasceu, sabia? Eu estava no hospital esperando você nascer. Você morou conosco nos seus primeiros oito meses de vida.

— Morei?

— Você não se lembra de ter morado conosco?

— Como ela poderia lembrar, Maggie? — Ira perguntou.

— Ela poderia, ora — disse Maggie, pois lembrava-se muito bem de um vestido com gola áspera no qual ela detestava que a colocassem quando era bem pequena. E, além disso, era de se presumir que todos aqueles carinhos e cuidados deixassem algum tipo de marca, não é? Ela disse: — Ou a Fiona poderia ter contado.

— Ela me disse que eu morei em Baltimore — Leroy disse.

— Isso, conosco — disse Maggie. — Seus pais moravam conosco no quarto que era do seu pai em Baltimore.

— Ah!

— E depois você e sua mãe se mudaram.

Leroy coçou a canela com a planta do pé descalço. Ela estava de pé com as costas muito eretas, de um modo quase militar, dando a impressão de estar assim por um sentimento de dever.

— Nós visitamos você nos aniversários depois disso, lembra?

— Não.

— Ela era muito pequena, Maggie — disse Ira.

— Nós viemos só em três aniversários — Maggie insistiu. (Às vezes, era possível trazer à tona um rasgo de memória, se você usasse o gancho adequado.) — Mas no seu segundo aniversário vocês tinham ido ao Parque Hershey, então nós não nos vimos.

— Eu fui ao Parque Hershey seis vezes — Leroy disse. — A Mindy Brant foi só duas vezes.

— No seu terceiro aniversário, nós lhe trouxemos um gatinho.

Leroy inclinou a cabeça. Seu cabelo pendeu para o lado — palha de milho, mais leve do que o ar.

— Um gatinho tigrado — a menina disse.

— Isso mesmo.

— Com listras no corpo todo, até na barriga.

— Você lembra!

— Foram vocês que me trouxeram aquele gatinho?

— Fomos nós — disse Maggie.

Leroy olhava para um e depois para outro. Sua pele tinha sardas delicadas, como se tivessem salpicado nela aquele açúcar que se coloca em cima de bolos. Aquilo devia vir do lado dos Stuckeys. A família de Maggie nunca tivera sardas, e certamente a de Ira também não, com seus antepassados indígenas.

— E depois, o que aconteceu? — ela perguntou.

— O que aconteceu quando?

— O que aconteceu com o gatinho? Vocês devem ter levado de volta.

— Ah, não, querida, nós não levamos ele de volta. Ou melhor, nós levamos, mas só porque você tinha alergia. Você começou a espirrar e seus olhos ficaram congestionados.

— E depois disso, o que aconteceu? — Leroy perguntou.

— Bom, eu queria fazer outras visitas — Maggie disse —, mas seu avô disse que não devíamos. Eu queria do fundo do meu coração, mas seu avô disse...

— Eu queria dizer o que aconteceu com o gatinho — Leroy disse.

— Ah, o gatinho. Bom, nós o demos para as duas irmãs do seu avô, suas... tias-avós, eu acho que seriam; nossa!

— Então elas ainda têm ele?

— Não. Na verdade, ele foi atropelado por um carro — disse Maggie.

— Ah!

— Ele não estava acostumado com o trânsito, alguém esqueceu a porta aberta e ele escapuliu.

Leroy ficou olhando fixamente para a frente. Maggie esperava não tê-la contrariado. Ela disse:

— Me diga, sua mãe está em casa?

— Minha mãe? Claro.

— Será que podemos vê-la?

Ira disse:

— Talvez ela esteja ocupada.

— Não, ela não está ocupada — Leroy disse, virando-se e caminhando na direção da casa. Maggie não sabia se eles deveriam segui-la ou não. Ela olhou para Ira. Ele ficou parado lá, com os ombros caídos, as mãos nos bolsos, e ela seguiu seu exemplo e ficou onde estava.

— Mãe! — Leroy chamou, subindo os dois primeiros degraus. A voz dela tinha um certo tom de mosquito que combinava com seu rosto magro. — Mãe? Tá aí dentro? — Ela abriu a porta de tela. — Ô, mãe!

E então, de repente, lá estava Fiona, apoiando o corpo no batente, com um braço esticado para evitar que a porta de tela fechasse novamente. Ela usava short de brim e uma camiseta com algumas palavras escritas.

— Não precisa gritar — ela disse. Naquele momento, ela viu Maggie e Ira e endireitou o corpo.

Maggie adiantou-se um pouco, agarrada à bolsa. Ela disse:

— Como está, Fiona?

— Bom... estou bem — Fiona disse.

E então ela olhou para além deles. Ah, Maggie não estava errada. Os olhos dela vasculharam o quintal furtivamente e pousaram no carro por um brevíssimo instante. Ela queria saber se Jesse tinha vindo com eles. Ela ainda se importava.

Os olhos dela voltaram para Maggie.

— Espero não estar incomodando — Maggie disse.

— Ah, não...

— Estávamos passando por perto e pensamos em parar e dizer olá.

Fiona levantou o braço livre e tirou o cabelo da testa com as costas da mão — um gesto que expôs a brancura da pele na parte interna do pulso e que a fez parecer distraída, perplexa. Seu cabelo ainda estava bem comprido, mas ela havia feito alguma coisa que o deixara mais cheio; ele não caía mais em camadas. E ela havia engordado um pouco. Seu rosto estava ligeiramente mais largo nas maçãs, o buraco em sua clavícula estava menos pronunciado e, embora sua pele permanecesse quase translúcida de tão clara, ela devia ter começado a usar maquiagem, pois Maggie detectou uma meia-lua de sombra em pó em suas pálpebras — aquela sombra cor-de-rosa que parecia estar tão em moda ultimamente, que fazia as mulheres parecerem estar padecendo de uma forte gripe.

Maggie subiu os degraus e parou ao lado de Leroy, continuando a segurar a bolsa de um modo que sugeria que ela não estava esperando um aperto de mão. Agora ela conseguia ler o que estava escrito na camiseta de Fiona: ela dizia LIME SPIDERS — o que quer que fosse.

— Eu ouvi você no rádio hoje de manhã — ela disse.

— No rádio? — Fiona disse, ainda distraída.

— Na Baltimore AM.

— Baltimore — disse Fiona.

Enquanto isso, Leroy passou por baixo do braço de sua mãe e se virou para olhar de frente para Maggie, lado a lado com Fiona, olhando para cima com aqueles mesmos olhos cor de água sobrenaturais. Não havia um só traço de Jesse na aparência daquela criança. Era de se esperar que pelo menos a cor dos olhos dele tivesse prevalecido.

— Eu disse a Ira: “Por que não paramos e fazemos uma visitinha?”. — Maggie disse. — Estávamos por estas bandas mesmo, para o funeral do Max Gill. Lembra-se do Max Gill? O marido da minha amiga Serena? Morreu de câncer. E então eu disse: “Por que não dar uma passadinha e ver a Fiona?”. Não vamos ficar mais de um minuto.

— É engraçado ver a senhora — Fiona disse.

— Engraçado?

— É que... Não quer entrar?

— Ah, você deve estar ocupada — Maggie disse.

— Não, não estou. Vamos entrando.

Fiona virou-se e foi para dentro da casa. Leroy foi em seguida, com Maggie logo atrás. Ira demorou mais um pouco. Quando Maggie olhou para trás, pegou-o ajoelhado no quintal amarrando o sapato, com um chumaço de cabelo caindo sobre a testa.

— Vamos, Ira — ela disse.

Ele ergueu-se em silêncio e começou a andar na direção dela. A irritação dela transformou-se em algo mais leve. Às vezes, Ira tinha um ar desengonçado, ela pensou, como um menino acanhado que ainda não se sentia à vontade em público.

A porta da frente dava diretamente para a sala de estar, onde o sol que entrava pela veneziana desenhava listras num felpudo tapete verde. Havia montes de almofadas de crochê espalhadas sobre um sofá forrado com uma estampa tropical já esmaecida. A mesa de

centro continha pilhas de revistas e histórias em quadrinhos e um cinzeiro verde de cerâmica em forma de barco a remo. Maggie lembrou-se daquele cinzeiro de uma de suas visitas anteriores. Ela lembrou-se de ter ficado olhando fixamente para ele durante as pausas desconcertantes e de ter se perguntado se ele flutuava, porque nesse caso ele daria um brinquedo de banheira perfeito para Leroy. Agora aquilo, que evidentemente ficara guardado todos esses anos em alguma prateleira de sua mente, lhe voltava à lembrança,

— Sentem-se — disse Fiona, levantando uma almofada. Ela perguntou a Ira: — E então, como têm passado? — enquanto ele abaixava a cabeça para passar pela porta.

— Ah, passando — ele lhe disse.

Maggie escolheu o sofá, esperando que Leroy sentasse lá também. Mas Leroy jogou-se no tapete e esticou suas pernas finas na frente dela. Fiona acomodou-se em uma poltrona e Ira permaneceu de pé. Ele circulou pela sala, parando diante de uma foto de dois filhotes de cão basset aninhados juntos em uma caixa de chapéu. Com a ponta de um dedo, ele percorreu a moldura dourada da foto.

— Gostariam de beber um refresco? — Fiona perguntou.

Maggie disse:

— Não, obrigada.

— Um refrigerante ou algo assim.

— Não estamos com sede, de verdade.

Leroy disse:

— Eu tomaria um refrigerante.

— Mas eu não estou oferecendo a você — Fiona disse a ela.

Maggie queria ter trazido algum presente para Leroy. Eles tiveram tão pouco tempo para fazer os preparativos; ela sentiu-se pressionada e ansiosa.

— Leroy — ela disse com animação excessiva —, você se interessa muito por Frisbees?

— Não muito — Leroy disse aos próprios pés descalços.

— Ah!

— Ainda estou aprendendo — disse Leroy. — Ainda não consigo jogá-lo onde eu quero.

— Sim, essa é a parte mais difícil mesmo — Maggie disse.

Infelizmente, ela não tinha experiência nenhuma com Frisbees. Olhou esperançosa para Ira, mas ele tinha avançado para algum aparelho de metal marrom que estava no canto — um ventilador, talvez, ou um aquecedor. Ela voltou-se para Leroy.

— Ele brilha no escuro? — ela perguntou depois de uma pausa.

Leroy disse:

— Hum?

— “Como disse” — Fiona repreendeu-a.

— Como disse?

— O seu Frisbee brilha no escuro? Alguns devem brilhar, eu suponho.

— O meu não brilha — disse Leroy.

— Ah! — Maggie exclamou. — Então quem sabe a gente possa lhe dar um que brilhe.

Leroy ficou pensando. Por fim, ela disse:

— Por que eu iria querer jogar Frisbee no escuro?

— Boa pergunta — disse Maggie.

Ela recostou-se, esgotada, imaginando o que diria a seguir. Olhou novamente para Ira. Ele estava acorado ao lado do aparelho, inspecionando os controles com total concentração.

Bem, não havia motivo para adiar aquilo para sempre. Maggie fabricou um sorriso. Ela inclinou a cabeça de modo receptivo e disse:

— Fiona, ficamos um tanto surpresos ao saber de seus planos de casamento.

— Meus o quê?

— Planos de casamento.

— Isso é uma piada?

— Piada? — Maggie perguntou. E titubeou. — Você não vai se casar?

— Não que eu saiba.

— Mas eu ouvi no rádio.

Fiona disse:

— Mas que história é essa de rádio? Eu não sei do que a senhora está falando.

— Na WNTK — disse Maggie. — Você ligou e disse...

— Eu só escuto a WXLN — Fiona disse a ela.

— Não, era a...

— Excellent Rock Around the Clock. Uma estação de Brittstown.

— Mas foi na WNTK — Maggie disse.

— E eles afirmaram que eu vou me casar?

— Você afirmou. Você ligou e afirmou que seu casamento era no próximo sábado.

— Eu, não — disse Fiona.

Houve uma certa alteração de atmosfera na sala.

Maggie sentiu uma onda de alívio seguida por uma vergonha aguda. Como ela poderia ter tido tanta certeza? O que havia feito com que ela nem questionasse se a voz que ouvira era mesmo de Fiona? E naquele rádio cheio de ruídos de estática; ela sabia perfeitamente que aquele rádio era ruim, com seus alto-falantes insignificantes que nem reproduziam direito um som de alta fidelidade.

Ela preparou-se para o sermão “eu disse” de Ira. Mas ele ainda parecia absorvido pelo aparelho, o que foi bondade da parte dele.

— Acho que cometi um erro — ela disse, por fim.

— Acho que sim — disse Fiona.

E Leroy disse:

— Casar! — e emitiu um leve assobio de brincadeira, balançando os dedos dos pés. Cada unha, Maggie percebeu, ostentava um pequeno traço de esmalte vermelho, quase totalmente descascado.

— E então, quem era o sortudo? — Fiona perguntou.

— Você não disse — Maggie afirmou.

— Como assim? Eu simplesmente entrei no ar e anunciei meu noivado?

— Era um programa desses para os quais os ouvintes podem ligar — Maggie disse. Ela falou bem devagar; estava reorganizando seus pensamentos. Assim, de repente, Fiona não ia mais casar. Então, ainda havia uma chance! As coisas ainda poderiam ser consertadas! E mesmo assim, de alguma forma ilógica, Maggie continuava a acreditar que o casamento tinha sido planejado de verdade, de modo que ficou admirada com a inconsistência da garota. — As pessoas ligaram para lá e discutiram seus casamentos com o locutor — ela disse.

Fiona arqueou as sobrancelhas, como se estivesse pensando na possibilidade de poder ser uma delas.

Ela era tão bonita, e Leroy era tão adoravelmente saliente e incomum; Maggie sentiu quanto seu olhar estava sedento e bebeu-a completamente. Era como nos primeiros tempos com seus filhos, quando cada dobrinha no pescoço, cada dentinho protuberante a deixava extasiada. Olhe para o cabelo de Fiona, brilhando feito as fitas douradas de um presente! Olhe para esses adoráveis botões de ouro nas orelhas de Leroy!

Ira, falando para dentro da grade do aparelho, disse:

— Esta coisa funciona direito? — A voz dele chegava muito fraca.

— Que eu saiba, sim — Fiona disse.

— É econômica?

Ela levantou as duas mãos com as palmas para cima.

— Sei lá.

— Quantas BTUs?

— É a minha mãe que usa isso no inverno para aquecer os pés — Fiona disse. — Eu nunca prestei muita atenção nele, para falar a verdade.

Ira inclinou-se ainda mais para ler um adesivo na parte de trás do aparelho. Maggie aproveitou a oportunidade para mudar de assunto. Ela disse:

— Como vai sua mãe, Fiona?

— Ela está bem. Ela deu um pulo na mercearia.

— Ótimo — Maggie disse. Ótimo que ela esteja bem, ela quis dizer. Mas também era ótimo que ela tivesse saído. Ela disse: — E você também me parece bem. Seu cabelo está um pouco mais cheio, não está?

— Está ondulado — disse Fiona. — Eu uso uma chapa especial; cabelo mais cheio deixa a gente mais magra.

— Mais magra! Você não precisa parecer mais magra.

— Preciso, sim. Eu engordei quase quatro quilos no verão passado.

— Ah, não. Não é possível! Ora, você está um...

Um palito, ela ia dizer; ou uma vara. Mas acabou se confundindo e misturou as duas palavras:

— Você está um varito!

Fiona lançou-lhe um olhar cortante, e não era para menos; não parecia um elogio.

— Só pele e osso, eu quis dizer — Maggie remendou, contendo uma risada. Ela lembrou como a relação delas era frágil, como Fiona sempre parecia ficar tensa e na defensiva. Dobrou as mãos e posicionou os pés cuidadosamente juntos sobre o felpudo tapete verde.

Então, Fiona não ia se casar.

— Como está a Daisy? — Fiona perguntou.

— Ela está bem.

Leroy disse:

— Quem é a Daisy?

— Daisy Moran — disse Fiona. Sem maiores explicações, ela virou para Maggie. — Deve estar bem crescida, aposto.

— A Daisy é sua tia. A irmãzinha do seu pai — Maggie disse a Leroy. — Sim; amanhã ela vai para a faculdade — ela disse a Fiona.

— Faculdade! Bom, ela sempre foi inteligente.

— Ah, não... mas é verdade que ela ganhou uma bolsa integral.

— Olhe só a Pequena Daisy — Fiona disse. — Imagine só.

Ira havia terminado com o aparelho, finalmente. Ele avançou até a mesa de centro. O Frisbee estava sobre uma pilha de revistas em quadrinhos e ele o pegou e começou a examiná-lo novamente. Maggie olhou-o de soslaio. Ele ainda não havia dito “eu disse”, mas ela pensou ter detectado algo de nobre e paciente na posição das costas dele.

— Eu também estou estudando, de certa forma — Fiona disse.

— É? O que você está estudando?

— Eletrólise.

— Nossa, mas que ótimo, Fiona — Maggie disse.

Ela gostaria de poder se livrar daquele tom de voz afetado. Ele parecia pertencer a outra pessoa — a alguma mulher idosa, matrona e melada, sempre se maravilhando e exclamando.

— O salão de beleza onde eu trabalho lavando cabelo está pagando o meu curso — Fiona disse. — Eles querem ter uma operadora licenciada. Dizem que eu vou ganhar um monte de dinheiro.

— Mas que maravilha! — Maggie disse. — Aí talvez você consiga mudar para um lugar só seu.

E deixar a falsa avó para trás, era o que ela havia pensado. Mas Fiona lançou-lhe um olhar inexpressivo.

Leroy disse:

— Mostre o seu kit pra eles, mãe.

— Sim, mostre-nos — disse Maggie;

— Ah, vocês não vão querer ver — Fiona disse.

— Queremos, sim. Não queremos, Ira?

Ira disse:

— Heim? Ah, certamente. — Ele levantou o Frisbee como se fosse uma bandeja de chá e girou-o, meditativo.

— Bom, então esperem um minuto — Fiona disse e levantou-se, saindo da sala. Suas sandálias batiam delicadamente no piso de madeira do corredor.

— Eles vão pendurar uma placa na janela do salão — Leroy contou a Maggie. — Pintada por um profissional, com o nome da mamãe.

— Olhe só!

— A mamãe diz que é uma verdadeira ciência. Tem que ter especialistas treinados pra ensinar como se faz.

A expressão de Leroy era convencida e triunfante. Maggie resistiu ao desejo de agachar e fazer uma concha com a mão nos complicados ossos do joelho dela.

Fiona voltou, trazendo uma esponja de cozinha retangular e uma pequena vara de metal do tamanho de uma caneta esferográfica.

— Primeiro nós praticamos com um simulador — disse. Ela largou-se no sofá ao lado de Maggie. — Nós temos que trabalhar no ângulo exato, perfeito.

Ela colocou a esponja no colo e segurou a vara entre os dedos. Havia uma agulha na ponta, Maggie viu. Por alguma razão, sempre pensara em eletrólise como algo, ora, algo que não se mencionava socialmente, mas Fiona era tão segura e tão habilidosa, mirando em um dos poros da esponja e guiando a agulha para dentro dele na inclinação precisa; Maggie não pôde deixar de se impressionar. Aquele era um campo altamente técnico, ela percebeu — talvez algo como higiene dental. Fiona disse:

— Nós entramos no folículo, está vendo, devagar, devagar... — E depois, ela disse: — Êpa! — e ergueu o pulso um ou dois centímetros. — Se fosse uma pessoa de verdade, eu estaria me inclinando sobre o globo ocular dela — ela disse. — Me desculpe, senhora — ela disse à esponja. — Não tive a intenção de machucá-la. — Havia algumas palavras escritas em tinta preta na esponja: CERVEJA PRETA STABLER'S. FEITA COM ÁGUA MINERAL DA MONTANHA.

Ira as analisava agora, com o Frisbee pendurado nos dedos. Ele perguntou:

— A escola fornece a esponja?

— Sim, está incluída na mensalidade — Fiona disse.

— Eles devem conseguir de graça — ele refletiu. — Cortesia da Stabler's. Interessante.

— Stabler's? Bom, de qualquer maneira, praticamos na esponja primeiro e depois em uma pessoa. Os alunos trabalham uns nos outros também: nas sobrancelhas, no bigode, e por aí vai. Essa moça que é minha parceira, a Hilary, ela quer que eu faça a linha do biquíni dela.

Ira ponderou por um momento e em seguida afastou-se rapidamente.

— Sabe que esses biquínis bem cavados de hoje deixam tudo à mostra — Fiona disse a Maggie.

— Ah, está ficando impossível! — Maggie exclamou. — Eu estou me virando com meu velho terninho até a moda mudar.

Ira pigarreou e disse:

— Leroy, que tal jogarmos um pouco de Frisbee?

Leroy olhou para ele.

— Eu posso ensinar a você como fazer para ele chegar aonde você quer — ele disse a ela.

Ela levou tanto tempo para decidir que Maggie sentiu uma pontada no coração por Ira, mas finalmente ela disse:

— Tá bom — e destacou-se do chão. — Conte sobre a placa pintada por um profissional — Leroy disse a Fiona. Depois, seguiu Ira para fora da sala. A porta de tela fez um som parecido com um acorde de gaita antes de bater.

Pois é.

Esta era a primeira vez que Maggie ficava a sós com Fiona desde aquela manhã terrível. Até que enfim as duas estavam livres da influência inibidora de Ira e da presença hostil e desconfiada da Sra. Stuckey. Maggie sentou-se mais à frente no sofá. Sentou-se e cerrou as mãos, apertando forte; apontou os joelhos intimamente na direção de Fiona.

— Na placa estará escrito FIONA MORAN — Fiona dizia. — ELETROLOGISTA LICENCIADA. REMOÇÃO INDOLOR DE PELOS SUPÉRFLUOS.

— Mal posso esperar para ver — Maggie disse.

Ela pensou sobre o sobrenome: Moran. Se Fiona realmente odiasse Jesse, ela teria mantido o nome dele depois de tanto tempo?

— No rádio — ela disse —, você disse que você estava casando para ter segurança.

— Maggie, eu lhe juro, a estação que eu ouço é a...

— WXHR — Maggie disse. — Sim, eu sei. Mas eu cismeiei que era você, e então eu...

Ela observou Fiona colocar a esponja e a agulha no cinzeiro de barco a remo.

— De qualquer maneira — ela disse. — Seja quem for que telefonou, disse que casou pela primeira vez por amor e não deu certo. Então, desta vez, ela queria somente ter segurança.

— Nossa, que babaca — Fiona disse. — Se o casamento era tão ruim e ela amava o cara, como é que vai ser se ela não amar?

— Exatamente — disse Maggie. — Ah, Fiona, eu fiquei tão contente que não tenha sido você!

— Droga, eu nem tenho namorado firme — Fiona disse.

— Não tem?

Mas Maggie achou a construção daquela frase um pouco preocupante. Ela disse:

— Isso quer dizer... que você tem alguém que não é firme?

— Eu quase não saio com ninguém — Fiona disse.

— Bem! Que pena — Maggie disse. Ela assumiu uma expressão solidária.

— Esse cara, o Mark Derby. Eu saí com ele durante uns três meses, mas depois nós brigamos. Eu peguei o carro dele emprestado e bati, essa foi a razão. Mas não foi minha culpa. Eu estava virando à esquerda e apareceram uns adolescentes e me ultrapassaram pela esquerda, então é claro que eu bati neles. E depois eles tiveram a

audácia de alegar que foi tudo minha culpa; eles disseram que eu tinha ligado a seta da direita, não a da esquerda.

— Bom, qualquer um que fique chateado por causa disso não quer ficar com ninguém — Maggie disse a ela.

— Eu disse: “Eu liguei a seta da esquerda. Você não acha que eu sei distinguir a esquerda da direita?”.

— É claro que sabe — Maggie disse, tranquilizando-a. Ela levantou a mão esquerda e virou uma seta imaginária, testando. — Sim, a esquerda é para baixo e a direita é... ou talvez não seja igual em todos os modelos de carros.

— É exatamente igual — Fiona disse. — Pelo menos, é o que eu acho.

— Então talvez tenha sido o limpador do para-brisa — Maggie disse. — Eu já fiz isso muitas vezes: liguei o limpador em vez de ligar a seta.

Fiona pensou um pouco e disse:

— Não, porque alguma coisa estava acesa. Se não, eles não diriam que eu estava fazendo sinal para entrar à direita.

— Uma vez eu estava com a cabeça em outro lugar e fui ligar o limpador, mas em vez disso eu mudei de marcha — Maggie disse e começou a rir. — Eu estava indo a quase 100 por hora e mudei para a ré. Santo Deus. — Ela baixou os cantos da boca, recompondo-se. — Bom — ela disse a Fiona —, eu diria que você está melhor sem esse homem.

— Que homem? Ah, o Mark — Fiona disse. — Sim, a gente não estava apaixonado, nada assim. Eu só saí com ele porque ele me convidou. E ainda por cima a mãe dele é amiga da minha mãe. A mãe dele é ótima; uma mulher muito doce, um pouquinho gaga. Eu sempre acho que a gagueira demonstra sinceridade de sentimentos, você não?

Maggie disse:

— Ora, co-co-com certeza.

Fiona demorou um segundo para compreender. Depois, ela riu.

— Ah, a senhora é uma figura — ela disse, e tocou o pulso de Maggie. — Eu tinha esquecido que figura a senhora é.

— E então acabou tudo? — Maggie perguntou.

— Acabou o quê?

— Essa... coisa com o Mark Derby. E se ele convidá-la de novo para sair?

— Sem chance — Fiona disse. — Ele e seu precioso Subaru; não saio mais com ele de modo algum.

— É muito inteligente de sua parte — Maggie disse.

— Poxa! Eu teria que ser retardada.

— Ele é que era um retardado por não ter apreciado você — Maggie disse.

Fiona disse:

— E aí, quer uma cerveja?

— Ah, eu adoraria uma cerveja.

Fiona deu um pulo, puxando o short para baixo, e saiu da sala. Maggie afundou no sofá e atentou para os sons que chegavam pela janela — um carro que passava zunindo e a risada gutural de Leroy. Se essa casa fosse sua, pensou, ela se livraria de toda aquela tranqueira. Não dava para ver a superfície da mesa de centro e as camadas de almofadas no sofá cutucavam sua lombar de modo desconfortável.

— Só consegui uma Bud Light, tudo bem? — Fiona perguntou ao voltar. Ela trouxera duas latas e um saquinho de batatas fritas.

— Perfeito; estou de regime — Maggie disse.

Ela aceitou uma das latas e puxou o aro, enquanto Fiona se acomodava ao lado dela no sofá.

— Eu tinha que começar uma dieta — Fiona disse. Ela rasgou o pacote de celofane. — Mas eu adoro bobagens como isto aqui.

— Ah, eu também — Maggie disse. Ela tomou um gole da cerveja. Estava geladinha e amarga; trouxe-lhe lembranças, como o aroma de um certo perfume lhe traria. Há quanto tempo ela não tomava uma cerveja? Talvez desde que Leroy era bebê. Naquela época

(ela lembrou-se disso ao fazer um sinal recusando as batatinhas), ela às vezes tomava duas ou três latas por dia, fazendo companhia a Fiona, porque cerveja fazia bem para o suprimento de leite, elas tinham ouvido dizer. Agora essa informação devia ter sido refutada, mas na época elas se sentiam virtuosas e responsáveis, bebericando suas Miller High Lifes enquanto o bebê, sonolento, mamava. Fiona dizia que podia sentir a cerveja dando vitalidade a seus seios. Ela e Maggie começavam a beber quando Maggie chegava do trabalho — no meio da tarde, mais ou menos, só as duas. Eles ficavam bem próximas e confiantes juntas. Na hora em que Maggie ia preparar o jantar, ela se sentia, ah, não bêbada nem nada assim, mas cheia de otimismo, e depois, à mesa, ela talvez estivesse um pouco mais tagarela do que o normal. Nada que os outros pudessem notar. Exceto, talvez, Daisy.

— Falando sério, mãe. Sinceramente — Daisy dizia. Mas ela estava sempre dizendo esse tipo de coisa mesmo.

A mãe de Maggie dizia o mesmo, olhe só.

— Sinceramente, Maggie. — Ela tinha passado por lá num fim de tarde e pegara Maggie à toa no sofá, com uma cerveja equilibrada na barriga, enquanto Fiona, sentada ao lado dela, cantava *Dust in the Wind*²¹ para o bebê. — Como você deixou as coisas ficarem tão comuns? — a Sra. Daley perguntara, e Maggie, olhando em volta, subitamente também se perguntara aquilo. As revistas sensacionalistas baratas espalhadas por todo canto, as fraldas molhadas enroladas, a nora que vivia lá — parecia mesmo comum. Como havia acontecido?

— Eu gostaria de saber se a Claudine e o Peter chegaram a se casar — Maggie disse agora, e tomou outro gole de sua cerveja.

— Claudine? Peter? — perguntou Fiona.

— Daquela novela que a gente costumava ver, lembra? A irmã dele, Natasha, estava tentando separá-los.

— Nossa, a Natasha. Ela era uma megera — Fiona disse, cavando fundo no saquinho de batatas.

²¹ “Poeira ao Vento”, sucesso da banda Kansas, de 1977 (N. T.).

— Eles tinham acabado de noivar quando você foi embora — Maggie disse. — Eles estavam planejando dar uma grande festa e então a Natasha descobriu, lembra?

— Ela se parecia um pouco com uma menina que eu sempre odiei na escola — Fiona disse.

— E depois você nos deixou — Maggie disse.

Fiona disse:

— Na verdade, agora que a senhora disse isso, ela não deve ter conseguido separá-los, porque uns dois anos depois eles tiveram um filho que foi raptado por uma aeromoça louca.

— No começo eu não acreditava que você tinha ido embora para sempre — Maggie disse. — Durante meses, quando chegava em casa, eu ligava a TV para ver o que estava acontecendo com a Claudine e o Peter só para contar tudo para você quando você voltasse.

— Enfim — disse Fiona. Ela colocou a cerveja na mesa de centro.

— Que boba eu fui, né? Em qualquer lugar que você estivesse, é claro que você teria uma televisão. Você não tinha abandonado a civilização. Mas, sei lá; talvez eu só quisesse estar a par da história para o meu próprio proveito, para que, quando você voltasse, pudéssemos continuar como antes. Eu estava certa de que você voltaria.

— Bom, enfim, o que passou, passou — disse Fiona.

— Não, não passou! As pessoas sempre dizem isso, mas o que passou nunca passa; não completamente — Maggie disse a ela. — Fiona, estamos falando de um casamento. Vocês dois tinham se empenhado tanto; estavam completamente envolvidos. E de repente, um dia, você discute por uma bobagem, nada pior do que já tinha acontecido antes, e vai embora. Assim, tão facilmente! Deu de ombros e se mandou! Como é possível?

— Simplesmente foi, tá legal? — Fiona disse. — Caramba! Quantas vezes vamos ter que repetir isso? — E pegou a lata de cerveja e bebeu, jogando a cabeça para trás. Ela usava anéis em todos os dedos, Maggie percebeu — alguns de prata maciça, alguns com turquesas. Aquilo era novidade. Mas suas unhas ainda estavam

pintadas com o rosa perolado que sempre tinha sido sua cor preferida, que sempre fazia Maggie lembrar-se dela quando via essa cor em algum lugar.

Maggie rodava sua lata, pensativa, e dava olhadelas de soslaio para Fiona.

— Eu queria saber aonde foi a Leroy — Fiona disse.

Mais uma fuga. Era óbvio onde ela estava; estava ali fora.

— Isso, agora faça girar mais — Ira dizia, e Leroy gritava:

— Olhe só, lá vai um matador!

— No rádio, você disse que seu primeiro casamento foi por amor, por amor verdadeiro — Maggie disse a Fiona.

— Escute. Quantas vezes...

— Sim, sim — Maggie disse rapidamente —, não era você; eu entendi. Mas, ainda assim, alguma coisa naquela moça do rádio me disse... Sabe, é como se ela estivesse falando não só de si mesma. Como se ela estivesse falando o que o mundo inteiro estava fazendo. “No sábado que vem, eu vou me casar para ter segurança”, ela disse, e subitamente eu tive essa sensação de que o mundo está secando, murchando ou algo assim, ficando pequeno e estreito, espremido. Eu me senti tão, sei lá, tão sem esperança, de repente. Fiona, talvez eu não devesse mencionar isso, mas na primavera passada o Jesse trouxe uma jovem que ele havia conhecido para jantar — ah, nada importante! Ninguém importante! — e eu pensei comigo mesma, bom, ela é uma boa moça, eu suponho, mas não é a melhor. Quero dizer, ela é a segunda melhor, eu pensei. Ele só está se virando como pode. Mas por que todo mundo está se contentando com pouco? Foi isso o que eu pensei. E eu sinto o mesmo acerca do, qual é o nome dele, Mark Derby. Por que se dar ao trabalho de sair com alguém só porque ele convidou, quando você e o Jesse se amam tanto?

— A senhora chama de amor ele assinar os papéis do advogado sem dizer uma palavra e mandá-los de volta sem contestar nada? — Fiona perguntou. — Ele atrasar a pensão dois, três ou até quatro meses e depois mandá-la sem uma carta, sem um bilhete, sem nem colocar meu nome inteiro no envelope, só F. Moran?

— Ah, isso é puro orgulho, Fiona. Vocês dois são muito...

— Ele não botar os olhos na filha desde o quinto aniversário dela? Tente explicar isso para uma criança. “Ah, ele é muito orgulhoso, Leroy querida...”.

— Quinto aniversário? — Maggie disse.

— Ela fica se perguntando por que todas as outras crianças têm pais. Até as crianças cujos pais são divorciados — pelo menos elas veem os pais nos finais de semana.

— Ele veio aqui no quinto aniversário dela? — Maggie perguntou.

— Tá vendo? Ele nem se deu ao trabalho de dizer à senhora.

— O quê: ele simplesmente apareceu? Como foi?

— Ele apareceu do nada num carro abarrotado com os presentes mais inadequados que alguém poderia imaginar — disse Fiona. — Bichos de pelúcia, bonecas, um urso tão grande que teve que colocar o cinto de segurança, feito uma pessoa, porque não passava pela porta de trás. Era grande demais para uma criança ficar acariciando, não que a Leroy fosse querer fazer isso. Ela não é muito de acariciar. Ela faz mais o tipo esportivo. Ele deveria ter trazido equipamento esportivo; ele deveria ter trazido...

— Mas, Fiona, como ele poderia saber? — Maggie perguntou. Ela sentiu uma dor despontar lá dentro; ficou triste pelo filho e seu carro cheio de presentes errados nos quais ele deve ter gastado seu último centavo, porque só Deus sabia que o dinheiro não estava sobrando. Ela disse: — Ele estava tentando fazer o melhor, depois de tudo. Ele só não percebeu.

— É claro que ele não percebeu! Ele não tinha a menor ideia; da última vez que ele veio aqui, ela ainda era um bebê. E lá veio ele, com uma boneca que faz xixi e grita “mamãe”, e quando ele avistou Leroy de macacão, ele parou; dava para ver que ele não ficou contente. Ele disse: “Quem é?”. Ele disse: “Mas ela é tão...” Eu tinha ido buscá-la no vizinho e ajeitado o cabelo dela lá fora. Lá fora eu disse para ela: “Enfie a blusa para dentro, querida. Tome aqui, use a minha fivela de cabelo”, e a Leroy ficou lá quietinha, coisa que normalmente ela não faz, acredite. E quando coloquei a fivela, eu disse: “Vá um pouquinho para trás e deixe-me olhar para você”, e ela foi para trás, lambeu os lábios e disse: “Estou bem? Ou não?”. Eu disse: “Ah, querida, você

está linda”, e quando ela entrou na casa o Jesse disse: “Mas ela é tão...”.

— Ele ficou surpreso que ela tivesse crescido tanto, só isso — Maggie disse.

— Eu queria chorar no lugar dela — Fiona disse.

— Sim — Maggie disse com carinho. Ela sabia como era.

Fiona disse:

— “Ela é tão o quê, Jesse?”, eu perguntei a ele. “Ela é tão o quê? Como você ousa ir entrando assim e dizendo que ela é tão alguma coisa se a última vez que você nos mandou um cheque foi em dezembro? E você ainda gasta seu dinheiro com essas tralhas, essas porcarias”, eu disse, “essa bonequinha com cara de bebê chorão, quando a única boneca de que ela poderia gostar seria um G .I. Joe?”

— Ah, Fiona — Maggie disse.

— Ora, o que ele esperava?

— Ah, por que isso sempre acontece entre vocês dois? Ele ama você, Fiona. Ele ama vocês duas. Ele simplesmente é a pessoa mais inapta do mundo para demonstrar isso. Se você soubesse o que deve ter custado a ele fazer essa viagem! Perdi a conta do número de vezes que eu perguntei, que eu disse: “Você está pretendendo deixar sua filha sair desse jeito da sua vida? Por que é isso que ela vai fazer, Jesse; estou avisando”, e ele dizia: “Não, mas eu não... mas eu não sei como... eu não consigo ser um desses pais artificiais”, ele disse, “fazendo aqueles passeios corridos para o zoológico e falando bobagens no McDonald’s”. E eu dizia: “Bom, é melhor do que nada, não é?”, e ele dizia: “Não, não é melhor do que nada. Não é mesmo. E o que você entende desse assunto, afinal?” — daquele jeito dele, que você já conhece, quando ele age de modo tão furioso, mas, se você olhar nos olhos dele, vai perceber uns círculos escuros debaixo dos olhos, que ele tem desde quando era pequeno e ficava tentando não chorar.

Fiona abaixou a cabeça. Ela começou a percorrer com o dedo a borda de sua lata de cerveja.

— No primeiro aniversário da Leroy — Maggie disse —, ele estava todo preparado para vir conosco, eu já disse isso para você. Eu

disse: “Jesse, eu realmente acho que vai ser muito importante para a Fiona se você for”, e ele disse: “Então talvez eu vá, sim”. Ele disse: “Eu posso fazer isso, eu acho”, e me perguntou umas 50 vezes de que tipo de presente um bebê de um ano poderia gostar. E então ele ficou fazendo compras o sábado inteirinho e trouxe um daqueles brinquedinhos de encaixar, mas, na segunda-feira, depois do trabalho, ele acabou trocando por um carneirinho de lã porque não queria que parecesse que ele estava fazendo pressão para ela ser intelectual ou algo assim. “Eu não quero ser que nem a Vovó Daley, sempre aparecendo com aqueles brinquedos educativos”, ele disse, e depois, na quinta-feira — o aniversário dela foi na sexta, lembra? —, ele me perguntou exatamente como você havia escrito o convite. “Quero dizer”, ele disse, “pareceu, para você, que ela estava esperando que eu ficasse o fim de semana todo? Porque, se for assim, então eu poderia pegar emprestado o furgão do Dave e ir separado de vocês.” E eu disse: “Bom, você pode fazer isso, Jesse. Sim, é uma boa ideia; por que não?”. Ele disse: “Mas eu estou perguntando as palavras que ela usou no convite”, e eu disse: “Ah, eu esqueci”, e ele disse: “Pense”. Eu disse: “Bom, para falar a verdade...”. Eu disse: “Hum, na verdade, ela não escreveu de maneira nenhuma, Jesse, não de uma maneira clara”, e ele disse: “Peraí. Eu achei que ela tinha dito para você que seria muito importante se eu fosse”. Eu disse: “Não, fui eu que disse isso, mas eu sei que é verdade. Eu sei que seria muito importante para ela”. Ele disse: “Mas o que está havendo? Você me disse claramente que foi a Fiona que disse isso”. Eu disse: “Eu nunca disse isso! Ou pelo menos acho que não; a menos que, talvez, por acidente, eu...”. Ele disse: “Está me dizendo que ela não pediu para eu ir?”. “Bom, eu sei que ela teria pedido”, eu disse a ele, “se vocês dois não fossem tão exageradamente cautelosos com a sua dignidade. Eu só sei que ela queria, Jesse...”. Mas a esta altura ele já tinha ido embora. Saiu batendo a porta e sumiu, não voltou para casa durante toda a noite de quinta-feira, e na sexta-feira tivemos que partir sem ele. Eu fiquei tão desapontada.

— A senhora ficou desapontada! — Fiona disse. — A senhora tinha prometido que o traria junto. Eu esperei, me vesti toda, fui ao salão fazer maquiagem. E vocês aparecem na porta e ele não veio.

— Mas eu contei a ele quando chegamos em casa — Maggie disse —, eu contei a ele: “Nós tentamos ao máximo, Jesse, mas não

foi para nós que a Fiona se vestiu toda, disso você pode ter certeza. Foi para você, e você deveria ter visto a cara dela quando você não saiu do carro”.

Fiona deu uma palmada em uma almofada do sofá. Ela disse:

— Eu devia saber que a senhora faria isso.

— O quê?

— Ah, me pintar como patética para o Jesse.

— Eu não pintei você como patética! Eu só disse...

— E aí ele me telefonou. Eu sabia que era por isso que ele estava telefonando. Ele disse: “Fiona? Benzinho?”. Eu podia sentir na voz dele que ele estava com pena de mim. Eu sabia que a senhora devia ter contado para ele. Eu disse: “O que você quer? Está telefonando por algum motivo?”. Ele disse: “Não, nenhum motivo especial...”. Eu disse: “Bom, então você está jogando dinheiro fora, não é?”, e desliguei.

— Fiona, pelo amor de Deus — Maggie disse. — Não passou pela sua cabeça que ele pode ter telefonado porque sentiu saudade?

Fiona disse:

— Que nada! — E tomou mais um gole de cerveja.

— Eu queria que você o tivesse visto como eu vi — Maggie disse. — Depois que você foi embora, eu quero dizer. Ele ficou arrasado! Um farrapo. O pertence mais estimado dele era a sua saboneteira de tartaruga.

— Minha o quê?

— Você não se lembra da sua saboneteira, aquela com tampa de tartaruga?

— Lembro, sim.

— Ele às vezes a abria e sentia o perfume dela — disse Maggie. — Eu vi! Eu juro! No dia em que você foi embora, naquela noite, eu encontrei o Jesse no quarto com o nariz enfiado na sua saboneteira e com os olhos fechados.

— Mas por que raios ele faria isso? — Fiona perguntou.

— Acredito que ele deve ter herdado um pouco do meu olfato — Maggie lhe disse.

— A senhora está falando daquela caixinha de plástico onde eu guardava meu sabonete de rosto.

— Quando ele me viu, escondeu a saboneteira nas costas — Maggie disse. — Ele ficou encabulado por eu ter visto. Ele sempre gostou de agir com tanta insolência; você sabe que ele agia assim. Mas alguns dias depois, quando a sua irmã veio pegar suas coisas, eu não conseguia encontrar a saboneteira em lugar nenhum. Ela estava guardando os seus cosméticos, foi assim que eu acabei me lembrando dela, e eu disse: “Vamos ver se está em algum lugar por aqui...”, mas aquela saboneteira parecia ter evaporado. E eu não podia perguntar ao Jesse, porque ele saiu assim que sua irmã entrou, então eu comecei a abrir as gavetas da cômoda dele e foi aí que eu a encontrei, na gaveta com os tesouros dele, as coisas que ele nunca joga fora — os antigos cartões de beisebol dele, os recortes sobre a banda. Mas eu não a dei para sua irmã. Eu só fechei a gaveta. Na verdade, acredito que ele tenha essa saboneteira até hoje, Fiona, e você não vai me dizer que é porque ele sente pena de você. Ele quer se lembrar de você. Ele é guiado pelo cheiro, igualzinho a mim; o cheiro é o que deixa uma pessoa mais viva na mente da gente.

Fiona olhava para sua lata de cerveja. Aquela sombra de olhos era estranhamente atraente, Maggie percebeu. Parecia um pêssego. Dava às pálpebras dela um rubor rosa-pêssego.

— Ele ainda está igual? — Fiona enfim perguntou.

— Igual?

— Ele ainda está com a mesma aparência?

— Ora, sim.

Fiona soltou um suspiro alto.

Fez-se um momento de silêncio, durante o qual Leroy disse:

— Droga! Perdi. — E um carro passou, deixando traços de uma música country. Passei uns maus bocados, vivi momentos tristes...

— Sabe — Fiona disse —, tem noites em que eu acordo e penso: como é que as coisas degringolaram tanto? Tudo começou de uma maneira tão perfeitamente simples. Ele era só um garoto por quem eu

era maluca, eu seguia a banda dele para todo canto e tudo era tão objetivo. Quando eu vi que ele não me notava, mandei um telegrama, eu já contei isso? Dizia Fiona Stuckey gostaria de ir com você ao Deep Creek Lake, porque eu sabia que ele estava planejando ir lá com os amigos. E então ele me levou junto, e foi aí que tudo começou. Não foi objetivo? Mas depois, eu não sei, as coisas foram se complicando e viraram um grande emaranhado, eu nem sei direito como aconteceu. Às vezes eu penso: droga, acho que eu devia simplesmente mandar outro telegrama. Jesse, eu diria, eu amo você e estou começando a perceber que nunca vou te esquecer. Ele nem precisaria responder; é só uma coisa que eu quero que ele saiba. Ou eu posso estar na casa da minha irmã em Baltimore e pensar: por que não aparecer para uma visita? Ir falar com ele? Só para ver o que acontece.

— Ah, você deveria fazer isso — Maggie disse.

— Mas ele diria: “O que você está fazendo aqui?”, ou qualquer coisa assim. O que eu quero dizer é que isso está fadado a dar errado. Seria começar de novo o mesmo ciclo.

— Ah, Fiona, já não é hora de alguém quebrar esse ciclo? — Maggie perguntou. — Suponha que ele diga isso; não que eu ache que ele diria. Você não poderia, uma vez só, ficar firme e dizer: “Estou aqui porque quero ver você, Jesse”? Deixar toda essa lenga-lenga de lado, esses sentimentos feridos e esses mal-entendidos. Dizer: “Estou aqui porque sinto sua falta. Então, pronto!”.

— É, talvez eu devesse fazer isso — Fiona disse devagar.

— É claro que deveria.

— Talvez eu deva voltar com vocês.

— Conosco?

— Ou talvez não.

— Você quer dizer... hoje à tarde?

— Não, acho que não; o que estou dizendo? Ai, Senhor. Eu sabia que não deveria beber durante o dia; minha cabeça sempre fica confusa...

— Mas essa é uma ideia maravilhosa! — Maggie disse.

— Bem, se a Leroy fosse comigo, por exemplo; se fizéssemos uma visitinha. Quero dizer, visitar vocês dois, não o Jesse. Afinal, vocês são os avós da Leroy, certo? Não seria natural? E depois, eu passo a noite na casa da minha irmã...

— Não, na sua irmã, não. Por que lá? Temos bastante espaço em casa.

Ouviu-se um ruído no cascalho lá fora — o som de um carro entrando. Maggie ficou tensa, mas Fiona pareceu não ouvir.

— E amanhã depois do almoço nós pegamos o ônibus de volta — ela dizia —, ou vamos ver, no meio da tarde, no máximo. O dia seguinte é dia de trabalho e a Leroy tem a escola, é claro...

Uma porta de carro bateu. Uma voz aguda e queixosa chamou:

— Leroy?

Fiona endireitou-se.

— Mamãe — ela disse com desconforto.

A voz disse:

— Quem é que está aí com você, Leroy? — E em seguida: — Ora, Sr. Moran.

O que Ira respondeu, Maggie não tinha ideia. Pelas venezianas, só o que chegou a ela foi um leve rumor.

— Ora, ora — disse a Sra. Stuckey. — Ora, se não é... — algo assim.

— É a Mamãe — Fiona disse a Maggie.

— Ah, que bom; vamos poder vê-la, então — Maggie disse sem muito contentamento.

— Ela vai ter um chilique.

— Um chilique?

— Ela me mataria se eu fosse visitar vocês.

Maggie não gostou da incerteza que indicava aquela construção verbal.

A porta de tela se abriu e a Sra. Stuckey entrou arrastando-se — uma mulher grisalha de cabelo áspero usando um vestido de

verão todo amarrotado. Ela carregava duas sacolas de plástico e tinha um cigarro pendurado nos lábios rachados e sem cor. Ah, Maggie nunca conseguiria compreender como uma mulher daquelas havia dado à luz Fiona — a delicada Fiona. A Sra. Stuckey colocou as sacolas no centro do tapete felpudo. Mesmo lá, não levantou os olhos.

— Se tem uma coisa que eu desprezo — ela disse, tirando o cigarro da boca —, são essas novas sacolinhas de plástico com alças que cortam os dedos ao meio.

— Como vai, Sra. Stuckey? — Maggie perguntou.

— E elas também tombam e derrubam tudo dentro do carro — disse a Sra. Stuckey. — Estou bem, acho.

— Nós só viemos fazer uma visitinha rápida — Maggie disse. — Tivemos que ir a um funeral em Deer Lick.

— Hum — a Sra. Stuckey murmurou. Deu uma tragada no cigarro. Ela o segurava como uma estrangeira, entre o polegar e o indicador. Nem que tivesse escolhido a dedo ela não conseguiria achar um vestido mais impróprio. Ele exibia totalmente a parte superior de seus braços, que era cheia de manchas e massuda.

Maggie esperou que Fiona mencionasse a viagem a Baltimore, mas Fiona estava distraída com seu anel de turquesa. Ela o escorregava para depois da primeira junta, torcia-o e depois colocava-o de volta no lugar. Então, Maggie teve que tomar a iniciativa. Ela disse:

— Eu estava tentando convencer Fiona a ir conosco para fazer uma visita.

— Sem chance — disse a Sra. Stuckey.

Maggie olhou para Fiona. Fiona continuou mexendo no anel.

— Bem, ela está pensando em ir — Maggie disse por fim.

A Sra. Stuckey afastou o cigarro e ficou olhando para o comprido fio de cinza na ponta dele. Em seguida, bateu-o no cinzeiro de barco a remo, perigosamente perto da esponja amarela. Um fio de fumaça flutuou na direção de Maggie.

— Eu e a Leroy podemos passar o fim de semana lá — Fiona desse baixinho.

— Passar o quê?

— O fim de semana.

A Sra. Stuckey curvou-se para pegar as sacolas e foi saindo da sala, andando com dificuldade, com os joelhos ligeiramente curvados, de modo que seus braços pareciam longos demais para o corpo. Perto da porta, ela disse:

— Prefiro ver você morta.

— Mas Mamãe! — Fiona levantou-se e seguiu-a até o corredor. Ela disse: — Mãe, o fim de semana já está na metade mesmo. Estamos falando de uma noite só! Uma noite na casa dos avós da Leroy.

— E o Jesse Moran não estaria nem por perto, suponho — a Sra. Stuckey falou a distância. Ouviu-se um estrondo; possivelmente as sacolas de compras sendo jogadas no balcão.

— Sim, o Jesse pode está por lá, mas...

— Tá, tá — disse a Sra. Stuckey, bufando.

— E, se estiver, o que é que tem? A senhora não acha que a Leroy tem que conhecer o pai?

A resposta da Sra. Stuckey foi só um grunhido, mas Maggie ouvia-a perfeitamente bem.

— Qualquer um que tenha o Jesse Moran como pai está melhor sem conhecê-lo.

Ah, é?! Maggie sentiu o rosto esquentar. Ela estava a um passo de invadir a cozinha e dizer umas boas à Sra. Stuckey. “Escute”, ela diria. “Você acha que não houve momentos em que eu amaldiçoei a sua filha? Ela magoou meu filho profundamente. Houve vezes em que eu podia ter apertado o pescoço dela, mas você já me ouviu falar uma palavra contra ela?”.

Na verdade, ela até se levantou, com um movimento repentino e brusco que fez ranger as molas do sofá, mas depois se deteve. Esticou a frente do vestido. Aquele gesto servia para amansar suas ideias também e, em vez de ir até a cozinha, ela pegou a bolsa e foi procurar um banheiro, apertando os lábios com força. Por favor, Deus, não permita que o banheiro fique em frente à cozinha. Não, lá estava

ele — a única porta aberta no fim do corredor. Ela avistou a cortina de plástico verde do box.

Depois de usar o banheiro, ela ligou a torneira da pia e molhou o rosto com água fria. Inclinou-se mais para perto do espelho. Sim, definitivamente ela aparentava estar perturbada. Precisava se recompor. Ainda nem tinha terminado de beber a cerveja toda, mas achou que isso poderia tê-la afetado. E era essencial, naquele momento, que ela jogasse as cartas certas.

Por exemplo, sobre Jesse. Embora ela tivesse se esquecido de mencionar isso para Fiona, Jesse estava morando em um apartamento mais ao norte, portanto eles não poderiam simplesmente deduzir que ele apareceria enquanto Fiona estivesse lá. Ele teria que ser expressamente convidado. Maggie esperava que ele não tivesse outros planos. Sábado: isso poderia ser um problema. Ela verificou o relógio. Na noite de sábado ele talvez cantasse com a banda ou simplesmente saísse com os amigos. Às vezes ele até saía com alguma mulher — nada importante, mas mesmo assim...

Ela deu a descarga e, protegida pelo ruído, saiu do banheiro e abriu a porta ao lado dele. Devia ser o quarto de Leroy. Roupas sujas e revistas em quadrinhos por todo canto. Ela fechou a porta e tentou a porta do outro lado. Ah, o quarto de um adulto. Uma discreta colcha branca de chenile e um telefone na mesa de cabeceira.

— Depois de tudo o que você fez para se libertar, quer voltar para aquele moleque e virar um farrapo pior ainda — disse a Sra. Stuckey, tilintando as latas de comida.

— Quem disse que vou virar um farrapo? Eu só vou fazer uma visita de fim de semana.

— Ele vai fazer você ficar correndo em volta dele igualzinho a antes.

— Mãe, eu tenho 25 anos de idade. Não sou mais aquela menininha de antes.

Maggie fechou a porta sem fazer ruído e foi até o telefone. Ah, droga, não era de teclas. Ela se contraía cada vez que o disco fazia aquele barulhinho de voltar até a posição original. Mas as vozes na cozinha ainda continuavam. Ela relaxou e apertou o fone contra o ouvido.

Tocou uma vez. Duas vezes.

Era bom que Jesse estivesse trabalhando hoje. Nas duas últimas semanas, o telefone do apartamento dele não tocava direito. Ele conseguia ligar para os outros, mas nunca sabia quando estavam ligando para ele.

— Por que não manda consertar? Ou compre outro; são tão baratos hoje em dia — Maggie dissera, mas ele dissera:

— Ah, não sei, até que é divertido. Sempre que passo perto do telefone, eu atendo e digo: “Alô?”. Duas vezes eu encontrei alguém do outro lado.

Maggie teve que sorrir ao lembrar disso. Jesse tinha uma coisa tão... afortunada. Ele era tão leve, divertido e casual.

— Chick’s Motocicletas — um rapaz disse.

— Posso falar com o Jesse, por favor?

O fone foi colocado sobre uma superfície dura, fazendo um barulhão.

— Jess! — o rapaz chamou, distanciando-se. Houve um silêncio, coberto pelo chiado dos telefonemas interurbanos.

É claro que isso era roubo, se fosse analisado com rigor — usar o telefone de outra pessoa para telefonar para outro estado. Quem sabe ela devesse deixar algumas moedas na cabeceira da cama. Ou isso seria considerado um insulto? Para a Sra. Stuckey, nada que ninguém fizesse era certo.

Jesse disse:

— Alô?

— Jesse?

— Mãe?

A voz dele era igual à de Ira, só que anos mais jovem.

— Jesse, não posso falar muito — ela sussurrou.

— O quê? Fale mais alto, eu não estou ouvindo direito.

— Não posso — ela disse.

— O quê?

Ela fez uma concha no bocal com a mão livre.

— Eu estava pensando — ela disse. — Você acha que pode vir jantar hoje à noite?

— Hoje? Eu estava planejando...

— É importante — ela disse.

— Como assim?

— Olhe, é e pronto — ela disse, apressada.

Ela tinha que tomar uma decisão. Poderia fingir que era por causa de Daisy, porque Daisy estava indo embora. (Era uma opção segura. Apesar das briguinhas infantis, ele gostava de Daisy e ainda na semana anterior tinha perguntado a ela se o esqueceria quando fosse embora.) Ou ela poderia dizer a verdade e, nesse caso, talvez deflagrar mais uma daquelas cenas ridículas.

Mas ela não acabara de dizer que já era hora de deixar as mentiras de lado? Respirou fundo e disse:

— Eu convidei a Fiona e a Leroy para jantar conosco.

— Você o quê?

— Não desligue! Não diga não! É sua única filha! — ela gritou apressada. E depois olhou ansiosamente para a porta, com receio de ter falado muito alto.

— Êpa, perai, mãe — disse Jesse.

— Bom, estamos aqui na Pensilvânia — ela disse mais baixinho — porque acabamos indo a um funeral. O Max Gill morreu, não sei se a Daisy contou para você. E como estávamos por perto... e a Fiona me disse claramente que queria muito ver você.

— Ah, mãe. Vai ser que nem das outras vezes?

— Que outras vezes?

— Quando você disse que ela tinha telefonado e eu acreditei e liguei de volta e...

— Ela telefonou mesmo! Eu juro!

— Alguém telefonou, mas você não tinha como saber. Foi um telefonema anônimo. Você não me contou essa parte, não é?

Maggie disse:

— O telefone tocou, eu atendi e disse: “Alô?”. Ninguém respondeu. Foi alguns meses depois de ela ir embora; quem mais poderia ser? Eu disse: “Fiona?”. Ela desligou. Se não fosse a Fiona, por que desligaria?

— E você só me disse: “Jesse, a Fiona telefonou hoje”, e eu corri para o telefone e fiz papel de idiota. Eu disse: “Fiona? O que você queria?”, e ela disse: “Com quem estou falando?”. Eu disse: “Mas que droga, Fiona, você sabe perfeitamente que é o Jesse”, e ela disse: “Não use essa linguagem comigo, Jesse Moran”, e eu disse: “Agora, escute aqui. Não fui eu quem ligou para você, lembra?”, e ela disse: “Foi, sim, Jesse, porque você está aí na linha, não está?”, e eu disse: “Mas que droga...”.

— Jesse — Maggie disse. — A Fiona disse que às vezes ela pensa em mandar outro telegrama para você.

— Telegrama?

— Igual ao primeiro. Você se lembra do primeiro?

— Sim — Jesse disse. — Eu lembro.

— Você nunca me contou. Mas, de qualquer forma — ela disse, apressada —, o telegrama seria assim: Jesse, eu ainda amo você e estou começando a perceber que nunca vou te esquecer.

Um momento se passou.

Então, ele disse:

— Você não desiste nunca, não é?

— Você acha que eu inventaria uma coisa dessas?

— Se ela quisesse mesmo mandar esse telegrama, o que a teria impedido? — ele perguntou. — Por que eu nunca recebi nada? Heim?

— Como eu posso ter inventado este se eu nem sabia sobre o primeiro, Jesse? Me responda! E eu estou citando com exatidão; desta vez eu posso dizer exatamente que palavras ela usou. Eu lembro porque foi uma daquelas rimas não intencionais. Sabe o jeito como as coisas rimam quando você não espera que elas rimem. É tão irônico, porque, quando você quer que rimem, tem que ficar quebrando a cabeça durante dias e procurando em dicionários especiais...

Ela ficou falando o que lhe vinha à cabeça, só para dar tempo a Jesse para compor uma resposta. Será que havia alguém com mais receio que ela de ficar sem moral? Sem contar Fiona, é claro.

Então, imaginou ter ouvido alguma mudança no tom do silêncio dele — uma progressão da incredulidade pura para algo menos seguro. Ela deixou sua voz ir esmorecendo. E esperou.

— Se por acaso eu fosse — ele disse finalmente —, a que horas seria o jantar?

— Você vem? Vem? Ah, Jesse, eu fico tão contente! Digamos seis e meia — ela disse. — Tchau! — e desligou antes que ele passasse para um estágio mais resistente.

Ficou parada ao lado da cama por um instante. No quintal da frente, Ira chamou:

— Olá, tem alguém aí?

Ela pegou a bolsa e saiu do quarto.

Fiona estava ajoelhada no corredor, vasculhando o fundo de um armário. Ela tirou um par de galochas e jogou-as para o lado. Voltou ao armário e tirou uma sacola de lona.

— Bom, eu falei com o Jesse — Maggie disse a ela.

Fiona ficou imóvel. A sacola ficou suspensa no ar.

— Ele ficou feliz porque você vai — Maggie disse.

— Ele disse isso? — Fiona perguntou.

— Certamente que sim.

— O que eu quero saber é se ele usou essas palavras.

Maggie engoliu seco.

— Não — ela disse, pois, se houvesse um ciclo a ser quebrado, ela tinha ajudado a construí-lo; sabia disso. Ela disse: — Ele só me disse que virá jantar. Mas dava para perceber que ele ficou muito contente.

Fiona analisou-a, desconfiada.

— Ele disse: “Eu vou!” — Maggie disse a ela.

Silêncio.

— “Eu vou logo depois do trabalho, Mãe! Pode contar comigo!” — Maggie disse. — “Poxa! Eu não deixaria de ir por nada nesse mundo!”

— Tá legal — Fiona finalmente disse.

Depois, abriu o zíper da sacola.

— Se eu fosse viajar sozinha, só precisaria de uma escova de dentes — ela disse a Maggie. — Mas, quando se tem uma criança, sabe como é. Pijama, revistinhas, livrinhos de história, livrinhos para colorir no carro... e ela tem que levar a luva de beisebol, a eterna luva de beisebol. Nunca se sabe quando vai aparecer um joguinho, ela diz.

— Não, é verdade, nunca se sabe — Maggie disse. E riu bem alto, de puro contentamento.





Quando ficava verdadeiramente atônito, Ira fazia uma careta que deixava seu rosto travado numa determinada posição.

Maggie temia que ele ficasse zangado, mas não, ele só deu um passo para trás e ficou olhando para ela e o rosto dele travou, inexpressivo e vazio, como uma gravura talhada em madeira de lei.

Ele disse:

— A Fiona o quê?

— Ela vem com a gente para fazer uma visita — Maggie disse. — Não é ótimo?

Nenhuma reação.

— A Fiona e a Leroy, as duas — Maggie disse-lhe.

Ainda nenhuma reação.

Talvez fosse melhor ele ter ficado zangado.

Ela saiu da frente dele, mantendo o sorriso.

— Leroy, querida, sua mãe está chamando — ela disse. — Ela precisa da sua ajuda para fazer as malas.

Leroy, evidentemente, era menos impressionável do que Ira. Ela disse:

— Ah, tá bom — e deu ao Frisbee uma girada de mestre na direção de Ira antes de sair pulando para a casa. O Frisbee

ricocheteou no joelho esquerdo de Ira e aterrissou na terra. Ele olhou para baixo, absorto.

— Nós devíamos ter limpado o carro — Maggie disse a ele. — Se eu soubesse que levaríamos tantos passageiros hoje...

Ela foi até o Dodge, agora bloqueado por um Maverick vermelho que devia pertencer à Sra. Stuckey. Dava para perceber que o Dodge tinha viajado recentemente. Estava todo empoeirado. Ela abriu a porta traseira e soltou um som de reprovação. Uma pilha de livros da biblioteca desmoronara sobre o banco e um suéter de crochê que ela caçava há dias estava lá, todo espremido e amarrotado, sem dúvida porque o Sr. Otis devia ter sentado em cima dele. O piso estava coberto de tampas de copos de refrigerante. Ela enfiou-se lá dentro para recolher os livros — grandes romances de Dostoiévski e Thomas Mann. Ela os havia tirado numa onda de boas intenções no começo do verão e os devolveria sem tê-los lido e já muito fora do prazo.

— Pode abrir o porta-malas, por favor? — ela pediu a Ira.

Ele se moveu lentamente na direção do porta-malas e abriu-o, sem mudar de expressão. Ela jogou os livros lá dentro e foi pegar o suéter.

— Como é que isso aconteceu? — Ira perguntou.

— Bom, nós estávamos falando sobre a saboneteira dela, sabe, e...

— O que dela? Aconteceu tão rápido. Tão de repente. Eu deixo você sozinha para jogar um pouco de Frisbee e, quando vou ver, você aparece aqui com bafo de cerveja e um monte de convidadas inesperadas para ficar na nossa casa.

— Ora, Ira, eu achei que você fosse ficar contente — ela disse. Dobrou o suéter e colocou-o no porta-malas.

— Parece que estavam só esperando eu fechar a porta para começarem a maquinar — ele disse. — Como vocês conseguem fazer isso?

Maggie agora recolhia as tampas de refrigerante do piso do carro.

— Pode fechar o porta-malas agora — ela disse a ele.

Ela levou um punhado de tampas até os fundos da casa e jogou-as numa lata de lixo amassada. A tampa da lata era só um arremedo, um pedaço de metal torto que ela recolocou desajeitadamente por cima de tudo. E a lateral da casa estava salpicada de bolor, e havia uma trilha de manchas de ferrugem vindo de um tanque de combustível fixado abaixo da janela.

— Quanto tempo elas vão ficar? — Ira perguntou quando ela voltou.

— Só até amanhã.

— Nós temos que levar a Daisy para a faculdade amanhã, você esqueceu?

— Não, não esqueci.

— Arrá! — ele disse. — Sua trama macabra: deixar o Jesse e a Fiona juntos sozinhos. Eu conheço você, Maggie Moran.

— Você não me conhece coisa nenhuma — ela disse a ele.

Se as coisas corressem do modo que ela esperava esta noite, não haveria necessidade de nenhuma trama para amanhã.

Ela abriu a porta do seu lado do Dodge e afundou-se no banco. Dentro do carro estava abafado. Ela secou o lábio superior com a barra da saia.

— E então, como é que nós vamos apresentar as duas, hein? — Ira perguntou. — Surpresa, surpresa, Jesse, meu garoto! Aqui está a sua ex-esposa, aqui está a sua filha, que você não vê há um tempão. Não se preocupe por vocês terem se separado legalmente há alguns anos; nós decidimos que vocês vão ficar juntos de novo.

— Bom, para sua informação — ela disse —, eu já disse a ele que elas vão e ele vai jantar lá em casa.

Ira curvou-se para encará-la. Ele disse:

— Você disse para ele?

— Isso mesmo.

— Como? — ele perguntou.

— Por telefone, é claro.

— Você telefonou para ele? Quero dizer, agora?

— Isso mesmo.

— E ele vai jantar em casa?

— Isso mesmo.

Ele endireitou-se e encostou-se no carro.

— Não estou entendendo — ele finalmente disse.

— O que há para entender?

— Está tudo simples demais.

Ela só conseguia ver o tronco dele — uma camisa branca cobrindo uma cavidade e murchando sobre um cinto. Será que ele não estava cozinhando? Esse metal devia irradiar calor feito um ferro de passar. Embora, de fato, o ar tivesse refrescado um pouco e o sol já estivesse um pouco menos direto, já começando a se esconder atrás da uma fileira de árvores distantes.

— Estou preocupada com o Maverick — ela disse, falando para a fivela do cinto de Ira.

— Hum?

— O Maverick da Sra. Stuckey. Eu detestaria ter que pedir para ela tirá-lo e não sei se temos espaço para contorná-lo.

Aquilo o pegou como ela tinha previsto — uma questão de logística. Ele saiu abruptamente; ela sentiu o carro balançar. Ele foi verificar a posição do Maverick e Maggie encostou a cabeça no banco e fechou os olhos.

Por que Ira era tão negativo com relação a Jesse? Por que sempre tinha aquele tom cético na voz quando falava dele? Ora, Jesse não era perfeito — Deus do céu, não —, mas tinha toda sorte de qualidades cativantes. Ele era tão generoso e afetuoso. E podia perder a paciência facilmente, mas ele a recuperava de maneira igualmente fácil e nunca guardava rancor, o que era mais do que se podia dizer de Ira.

Seria a pura e velha inveja — a inveja de um homem com um fardo, restrito, de alguém que era, por natureza, despreocupado?

Quando Jesse era ainda bebê, Ira sempre dizia:

— Não o pegue no colo toda vez que ele chorar. Não o alimente sempre que ele tiver fome. Você vai mimá-lo.

— Mimá-lo? — Maggie perguntava. — Alimentá-lo quando ele tem fome é mimá-lo? É absurdo.

Mas ela havia soado mais confiante do que realmente se sentia. Ela o estaria mimando? Era sua primeira experiência com uma criança. Ela era a mais jovem de sua família e nunca tivera o contato costumeiro com bebês que algumas de suas amigas tiveram. E Jesse era um bebê enigmático — cheio de cólicas, no começo, sem indicar o garotinho feliz no qual se transformaria. Ele tinha pequenos ataques de fúria, ficava com o rosto vermelho sem motivo aparente no meio da noite. Maggie tinha que andar com ele no colo sem parar e chegara a fazer um sulco no tapete em volta da mesa de jantar. Seria possível, ela se perguntara, que esse bebê simplesmente não gostasse dela? Onde estava escrito que uma criança era sempre compatível com seus pais? Quando você pensa nisso, é incrível que tantas famílias se deem tão bem. Elas dependiam somente da sorte — dos genes de personalidade adequados virarem para cima, feito dados. E, no caso de Jesse, a sorte não tinha sido boa. Ela sentia que ele era impaciente com seus pais. Eles eram limitados demais, pacatos demais, conservadores demais.

Certa vez, Jesse estava gritando no colo dela no corredor de um ônibus municipal e Maggie ficara surpresa ao sentir que ele subitamente relaxara em seus braços. Ele silenciara, e ela olhara para o rosto dele. Ele olhava fixamente para uma loira elegante acomodada em um banco. Começara a sorrir para ela. Estendera os braços. Enfim, encontrara alguém de quem gostava! Infelizmente, a loira estava lendo uma revista e nem chegara a percebê-lo.

E depois, assim que ele descobrira outras crianças — e todas elas o adoraram instantaneamente —, ora, ele saíra correndo para a rua e nunca mais parara em casa. Mas nisso, também, Ira encontrava defeito, pois Jesse não obedecia ao horário de chegar em casa, esquecia de aparecer para jantar e negligenciava a lição de casa, preferindo ir jogar basquete no beco. O Sr. Momento-a-Momento, Ira costumava chamá-lo. E Maggie tinha que admitir que o apelido se justificava. Será que algumas pessoas simplesmente nasciam sem a capacidade de ligar o momento presente ao seguinte? Se assim fosse,

então Jesse era uma dessas pessoas: um descrente das consequências, perplexo pelos hábitos dos outros de se apegarem a coisas que haviam acontecido horas atrás!, dias atrás!, até na semana passada! Ele ficava genuinamente atônito que algumas pessoas pudessem se irritar com coisas que ele imediatamente esquecia.

Certa vez, quando ele tinha 11 ou 12 anos, estava fazendo palhaçadas com Maggie na cozinha, dando murros na sua luva de beisebol enquanto a provocava falando mal de sua comida, e o telefone tocou e ele atendeu e disse:

— Uh? Sr. Bunch? — O Sr. Bunch era o professor da sexta série, então Maggie presumiu que o telefonema fosse para Jesse e voltou ao trabalho. Jesse disse: — Uh? — Ele disse: — Espere aí! O senhor não pode me culpar por isso! — Depois, bateu o telefone e Maggie, olhando de lado, viu aquelas olheiras reveladoras debaixo dos olhos dele.

— Jesse? Querido? O que foi? — ela perguntou.

— Nada — ele respondeu secamente e saiu. Deixou sua luva de beisebol sobre a mesa, gasta, deformada e curiosamente viva. A cozinha ficou tão vazia.

Mas nem dez minutos depois ela o viu no quintal da frente com Herbie Albright, rindo a valer, atravessando a sebe de buxo como fora proibido de fazer mais de cem vezes.

Sim, era seu riso que ela imaginava quando pensava nele — seus olhos acesos sempre em movimento, seus dentes muito brancos, sua cabeça jogada para trás mostrando o pescoço muito alvo. (E por que é que Maggie se lembrava do riso enquanto Ira recordava as birras?) Em uma família quase sem vida social, Jesse era intensamente, quase ridiculamente social, soterrado de amigos. Colegas de classe vinham para casa com ele quase toda tarde e, às vezes, sete ou oito passavam o fim de semana lá, com seus sacos de dormir cobrindo todo o chão do quarto dele, os casacos jogados, os revólveres de brinquedo e as peças de aeromodelos derramadas até no corredor. Pela manhã, quando Maggie ia acordá-los para comer panquecas, havia um cheiro almiscarado e selvagem de menino pendurado na soleira da porta feito uma cortina, e ela piscava e voltava atrás, retornando à segurança da cozinha, onde a pequena

Daisy, enrolada até os pés no avental de Maggie, se encontrava de pé em uma cadeira batendo a massa, muito séria.

Certa primavera, ele começou a correr. E corria feito um maníaco, atirando-se naquilo do modo como sempre fazia quando algo lhe interessava, por mais brevemente que fosse. Isso foi quando ele tinha 15 anos e ainda não havia tirado carteira de motorista, então, ele às vezes pedia que Maggie o levasse à sua pista preferida, uma pista oval em meio aos cedros do bosque da Escola Ralston, no condado de Baltimore. Maggie esperava por ele no carro, lendo um livro da biblioteca e levantando os olhos de vez em quando para checar o progresso dele. Ela sempre conseguia avistá-lo, mesmo quando a pista estava cheia de senhoras de meia-idade vestindo agasalhos e alunos da Ralston em uniformes numerados. Jesse usava jeans surrados e uma camiseta preta com as mangas arrancadas, mas não era somente pelas roupas que ela o identificava; era pelo estilo diferente de correr. Seu passo era livre e aberto, como se ele não reservasse nada para a próxima volta. Suas pernas voavam e seus braços faziam movimentos longos para a frente, puxando com as mãos o ar diante dele. Toda vez que Maggie o localizava, seu coração ficava apertado de amor. Depois, ele sumia dentro da parte da pista que passava por um bosque e ela voltava a seu livro.

Mas, um dia ele não saiu do bosque. Ela esperou, mas ele não apareceu. Os outros apareceram, até os mais lentos, até as pessoas que caminhavam com o auxílio de andadores, parecendo bobas, com os cotovelos indo para cima e para baixo feito asas de galinha. Ela acabou saindo do carro e indo até a pista, protegendo os olhos do sol. Nada de Jesse. Ela seguiu a curva da pista oval até dentro do bosque com seus sapatos de sola de crepe afundando nas lascas de cedro que cobriam o chão, de modo que os músculos de sua perna eram mais pressionados. As pessoas passavam por ela, olhando-a por um instante, dando a impressão de estarem deixando seus rostos para trás. No bosque, à esquerda, ela notou que algo branco se movia. Era uma garota de camiseta e short branco, deitada de costas sobre as folhas, e Jesse estava deitado em cima dela. Ele estava vestido, mas, sim, bem em cima dela, e os braços brancos da garota entrelaçados no pescoço dele.

— Jesse, eu tenho que voltar logo para casa — Maggie disse. Depois, deu meia-volta e dirigiu-se ao carro, sentindo-se simplória e desastrada. Um momento depois, ouviu um ruído de lascas de cedro atrás de si e Jesse a ultrapassou, com seus tênis absurdamente compridos aterrissando com destreza, plop-plop, e seus braços musculosos e morenos abrindo o ar.

Depois disso, foram só garotas, garotas, garotas — um concorrido desfile de garotas, todas loiras, magras e lindas, com rostos ainda não formados e um estilo de vestir arrumadinho. Elas o chamavam ao telefone e enviavam cartas fedendo a perfume, ou às vezes simplesmente apareciam na porta da frente, tratando Maggie com uma deferência que a fazia sentir-se uma anciã. Elas faziam elogios animados: “Ah, Sra. Moran, adorei sua blusa!”, enquanto seus olhos buscavam Jesse. Maggie teve que controlar a vontade de acabar com aquilo, barrar a entrada. Quem poderia saber mais do que ela como as garotas podiam ser mal comportadas? Ora, um garoto não teria nenhuma chance! Mas aí Jesse saía, com seu andar gingado, sem nem mudar de expressão quando as via, sem fazer esforço algum, sua camiseta denotando o cheiro acre de suor recente e seu cabelo caindo sobre os olhos. As garotas certamente ficavam com dor nas costas de tanto pular de animação, e Maggie sabia que elas não tinham chance alguma. Ela sentia pesar e também orgulho, os dois. Tinha vergonha de si mesma por sentir orgulho e, para se redimir, agia de modo particularmente gentil com cada garota que chegava. Às vezes, era tão gentil que as garotas continuavam a visitá-la durante meses depois que Jesse as largava. Elas sentavam na cozinha e faziam confidências, não somente sobre Jesse, mas sobre outras coisas também, problemas com os pais e assuntos afins. Maggie gostava disso. Normalmente, Daisy a acompanhava, com a cabeça pendurada sobre a lição de casa, e Maggie tinha a sensação de que as três faziam parte de uma fraterna comunidade de mulheres, uma comunidade que ela não conhecera quando estava crescendo com os irmãos.

Teria sido nessa época que a música começara? Música alta, com ritmo martelado. Um dia, ela simplesmente invadiu a casa, como se a entrada de Jesse na adolescência tivesse aberto uma porta pela qual baterias e guitarras elétricas de repente entraram. Era só ele entrar na cozinha para pegar um sanduíche e o rádio relógio já

começava a mandar Lyin'Eyes²². Era só ele ir correndo para o quarto pegar sua luva de beisebol e o seu aparelho de som mudava para Afternoon Delight²³. E, é claro, ele nunca desligava nada, então, muito depois de ele ter saído de casa, a música continuava tocando. Talvez fosse de propósito. Era a assinatura dele, sua pegada na vida deles. “Vou sair para o mundo agora, mas não me esqueçam”, ele parecia dizer, e lá ficavam eles sentados, dois adultos chatos e uma garotinha arrumada, enquanto When Will I Be Loved²⁴ estrondeava pelo vazio que ele deixara atrás de si.

Depois, ele parou de gostar do que seus colegas de classe gostavam e afirmava que As 40 Melhores da Semana eram música de dentista, música de elevador (“Ah,” Maggie dizia com tristeza, pois ela adorava aquele tipo de música — ou algumas delas, pelo menos). As músicas que enchiam a casa começaram a ficar chorosas e evasivas ou totalmente mal-humoradas, e eram cantadas por grupos de parasitas com aparência de arruaceiros vestidos com trapos e pedaços de uniformes militares. (Enquanto isso, os velhos discos desciam as escadas e iam parar na prateleira debaixo do aparelho de som da sala de estar, e a cada novo estágio em que Jesse entrava crescia a coleção de refugos de Maggie, que às vezes ela tocava escondido quando estava sozinha na casa.)

Então, ele começou a compor suas próprias músicas, com nomes modernos e peculiares como Microwave Quartet²⁵ e Cassette Recorder Blues²⁶. Ele cantava algumas para Maggie quando Ira não estava por perto. Tinha um estilo nasal e inexpressivo de cantar que fazia parecer que ele estava falando. Para Maggie, soava muito profissional, muito como o que se escutava no rádio, mas, naturalmente, ela era somente a mãe dele. Embora os amigos também ficassem impressionados; ela sabia disso. Don Burnham, amigo dele cujo primo em segundo grau quase havia sido contratado como ajudante dos Ramones para excursões, disse que Jesse era bom o bastante para formar seu próprio grupo e cantar em público.

²² “Olhos Mentirosos”, gravada por The Eagles em 1975 (N. T.).

²³ “Delícia da Tarde”, gravada por Starland Vocal Band em 1976 (N. T.).

²⁴ “Quando Serei Amado”, gravada por The Everly Brothers em 1960 e por Linda Ronstadt em 1975 (N. T.).

²⁵ “Quarteto Micro-ondas” (N. T.).

²⁶ “Blues do Gravador Cassete” (N. T.).

Esse Don Burnham era um rapaz absolutamente simpático e de boa educação que tinha sido transferido para a escola de Jesse no começo do terceiro ano do ensino médio. Na primeira vez que Jesse o trouxe para casa, Don puxou conversa com Maggie (não era algo comum num garoto da idade dele) e sentou-se educadamente para ver a exibição da coleção de postais de capitais de estados de Daisy.

— Da próxima vez que eu vier — ele disse a Maggie, do nada —, vou trazer para a senhora meu álbum de recortes do Doonesbury.

Maggie disse:

— Ora, vou esperar ansiosamente. — Mas da próxima vez que ele veio, o que trouxe foi sua guitarra acústica, e Jesse cantou uma de suas músicas para ele enquanto Don tocava o instrumento. Parece que este velho mundo está acelerando... Depois, Don disse a Jesse que ele tinha que cantar em público, e daquele momento em diante (ou assim parecia, em retrospectiva), Jesse se foi.

Ele montou uma banda chamada Spin the Cat — ele e um grupo de rapazes mais velhos que em sua maioria haviam abandonado a escola. Maggie não tinha ideia de onde ele os encontrara. Ele começou a se vestir de modo mais pesado, como se fosse para a guerra; usava camisas de brim preto, jeans preto e botas de couro estilo motoqueiro. Chegava a qualquer hora do dia cheirando a tabaco e álcool ou, quem sabe, algo pior do que tabaco. Desenvolveu um séquito de outro tipo de moças, mais decididas e mais carnudas, que não se davam ao trabalho de aproximar-se de Maggie e nem sentar na cozinha. E, na primavera, eles descobriram que ele não ia à escola há algum tempo e que não passaria de ano.

Dezessete anos e meio e estava jogando seu futuro fora, Ira disse, tudo por causa de uma amizade. Não importava que Don Burnham nem fizesse parte da banda de Jesse e tivesse passado tranquilamente de ano. Na cabeça de Ira, aquele conselho de Don havia sido fatal e, plim!, a vida nunca voltara a ser a mesma. Don era algum tipo de instrumento da providência, um mensageiro do destino. Isso, na cabeça de Ira.

Cresça ou saia, Ira disse a Jesse. Faça o possível para passar de ano ou então encontre um emprego e arranje seu próprio apartamento. Jesse disse que já tinha aguentado a escola tempo

demais. Ele arranjaria um emprego de bom grado, disse, e mal podia esperar para mudar e ter sua própria casa, onde poderia entrar e sair quando quisesse, sem ninguém lhe bufando no pescoço. Ira disse:

— Bons ventos o levem! — e subiu as escadas sem mais uma palavra. Jesse saiu de casa, atravessando a varanda com andar pesado em suas botas de motoqueiro. Maggie começou a chorar.

Como Ira imaginava que seria a vida de Jesse? Ira era uma daquelas pessoas que nascem competentes. Tudo vinha fácil para ele. Ele não percebia como Jesse se sentia ao arrastar-se até a escola todas as manhãs — com os ombros já arqueados de derrota, a gola do casaco toda torta e as mãos enfiadas nos bolsos. Como devia ser difícil ser Jesse! Ter uma irmã caçula bem comportadinha e um pai tão impecável e infalível! Realmente, sua única salvação era a mãe, sua mãe estouvada e simplória, Maggie disse a si mesma. Essa era uma das piadas irônicas que ela fazia para si mesma, mas era realmente o que ela sentia. E desejava que ele tivesse puxado mais a ela. Sua capacidade de ver o lado bom das coisas, por exemplo. Sua habilidade para aceitar, para se adaptar.

Mas não. Temeroso e desconfiado, sem nenhum vestígio de sua antiga alegria, Jesse vagava pela cidade em busca de trabalho. Ele esperava encontrar emprego em uma loja de discos. Não tinha nem dinheiro para as despesas básicas (nessa época, sua banda ainda tocava de graça — para “serem vistos”, como eles diziam) e ele era obrigado a pedir o dinheiro da condução para Maggie. E todo dia ele voltava mais abatido do que o dia anterior, e toda noite ele e Ira brigavam.

— Se você fosse para as entrevistas vestido como uma pessoa normal... — Ira lhe dizia.

— Se um lugar dá tanta importância à aparência, eu não quero trabalhar lá — Jesse dizia.

— Tudo bem, então é melhor aprender a cavar valetas, porque é o único emprego em que a aparência não importa.

Então, Jesse saía de casa batendo a porta mais uma vez, e como tudo ficava monótono sem ele! Como ficava superficial, sem alma! Maggie e Ira olhavam um para o outro, sombrios, um de cada

lado da sala. Maggie culpava Ira; ele era duro demais. Ira culpava Maggie; ela era mole demais.

Às vezes, bem lá no fundo, Maggie também culpava a si mesma. Ela começava a perceber que havia um denominador comum em suas decisões como mãe: o simples fato de seus filhos serem crianças, condenadas durante anos a sentirem-se impotentes, desnorteadas e presas, a enchia de tamanha piedade que acrescentar qualquer outra dificuldade em suas vidas parecia impensável. Ela podia desculpar qualquer coisa deles, perdoá-los por tudo. Ela teria dado uma mãe melhor, talvez, se não lembrasse tão bem de como é ser criança.

Ela sonhou que Jesse havia morrido — que ele já morreria há anos, na verdade, quando ainda era um menininho radiante e levado, e ela, de alguma forma, não percebera. Ela sonhou que estava chorando convulsivamente; não havia como sobreviver àquela perda. Depois, ela viu, no meio da multidão que estava no convés (porque ela fazia uma viagem de navio, ao mesmo tempo), uma criança parecida com Jesse, de pé com seus pais, que ela nunca tinha visto antes. Ele olhou para ela e logo virou o rosto, mas ela percebeu que ele a reconheceu de alguma maneira. Ela sorriu para ele. Ele olhou novamente e voltou a virar o rosto. Ela aproximou-se um pouco mais, ao mesmo tempo fingindo apreciar o horizonte. Ele havia voltado à vida para viver com outra família; foi essa a explicação que ela deu a si mesma. Ele não pertencia mais a ela, mas tudo bem, ela começaria novamente. Ela o conquistaria. Sentiu os olhos dele pousarem sobre ela mais uma vez e percebeu quanto ele estava intrigado, lembrando e ao mesmo tempo não lembrando dela; e entendeu que isso significava que, lá no fundo, ele e ela se amariam para sempre.

A esta altura, Daisy tinha 9 anos, ou estava prestes a fazer 9 anos — ainda uma criança, você pensaria, que mantinha Maggie totalmente ocupada. Mas o fato era que, naquela época, Daisy meteu na cabeça que também começaria a ser independente. Ela sempre fora um pouco precoce. Na infância, Ira a chamava de Senhora Bebê, porque ela sempre fora tão madura e reservada, o rostinho amarrado de convicção. Aos 13 meses de idade, já se encarregava de ir ao banheiro sozinha. Na primeira série, ela programava o despertador para tocar uma hora antes de todos acordarem e descia as escadas todas as manhãs para escolher, entre as roupas limpas, o traje

adequado. (Ela passava roupa melhor do que Maggie e gostava de se vestir de modo impecável e com as cores combinando.) E agora ela parecia ter pulado para aquele estágio em que o mundo exterior prevalecia sobre a família. Tinha quatro amigas muito sérias e que se pareciam com ela, incluindo uma, Lavinia Murphy, cuja mãe era perfeita. A perfeita Sra. Murphy encabeçava a Associação de Pais e Mestres e a feira beneficente de doces, e (como ela não trabalhava) tinha tempo para levar as meninas para todos os eventos culturais, e dava festas do pijama maravilhosas, com caça ao tesouro. Durante a primavera de 1978, Daisy praticamente morou com os Murphys. Maggie chegava em casa do trabalho e chamava:

— Daisy? — mas só encontrava uma casa em silêncio e um bilhete na estante do corredor.

Então, certa tarde, a casa não estava totalmente silenciosa, mas com um certo murmúrio e um ar de conspiração que ela sentiu no momento em que entrou. Lá em cima, a porta do quarto de Jesse estava fechada. Ela bateu. Depois de uma pausa de perplexidade, Jesse gritou:

— Um minuto. — Ela ouviu o farfalhar de roupas e sussurros. Quando ele saiu, veio puxando uma moça. O cabelo comprido dela estava amarrotado e os lábios, borrados. Ela passou por Maggie de lado, cabisbaixa, e desceu as escadas atrás de Jesse. Maggie ouviu a porta da frente abrir; ela ouviu Jesse despedir-se dela baixinho. Assim que ele voltou para cima (indo direto ter com Maggie, sem o mínimo pudor), ela disse a ele que a mãe daquela moça, fosse quem fosse, ficaria horrorizada em saber que a filha dela estava sozinha com um jovem no quarto. Jesse disse:

— Ah, não, a mãe dela mora em algum lugar da Pensilvânia. A Fiona mora com a irmã, e a irmã dela não liga.

— Mas eu, sim — Maggie disse.

Jesse não retrucou, e a moça parou de vir. Ou, pelo menos, manteve-se fora de vista quando Maggie voltava do trabalho todo dia. Contudo, Maggie tinha uma sensação; ela percebera alguns sinais. Notou que Jesse ficava muito mais tempo fora de casa, que ele voltava absorto, que seus breves períodos em casa eram marcados por longas conversas particulares ao telefone do andar de cima e que era sempre

a voz da mesma jovem — macia e inquisidora — quando Maggie levantava o receptor.

Ele encontrou emprego em uma fábrica de envelopes, finalmente, alguma coisa a ver com transporte marítimo, e começou a procurar um apartamento. O único problema era que os aluguéis eram muito altos e o salário dele, muito baixo. Bom, disse Ira. Agora talvez ele tivesse que encarar alguns fatos duros. Maggie desejava que Ira ficasse calado.

— Não se preocupe — ela disse a Jesse. — Alguma coisa vai aparecer.

Isso foi no final de junho. Em julho, ele ainda estava morando em casa. E numa noite de quarta-feira, em agosto, ele pegou Maggie sozinha na cozinha e informou, com muita calma e de modo direto, que parecia que ele havia colocado uma garota em problemas.

O ar na sala pareceu parar. Maggie secou as mãos no avental.

Ela disse:

— É aquela tal de Fiona?

Ele fez que sim.

— E agora? — Maggie perguntou. Ela estava tão calma quanto ele; surpreendeu-se. Aquilo parecia estar acontecendo com outra pessoa. Ou talvez ela já esperasse, mesmo sem saber. Talvez fosse uma coisa fadada a acontecer, como uma geleira despencando sobre eles.

— Bom — Jesse disse —, é isso que eu preciso discutir com você. Quero dizer, o que eu quero e o que ela quer são duas coisas diferentes.

— O que é que você quer? — Maggie perguntou, imaginando que já sabia.

— Eu quero que ela fique com o bebê.

Por um instante, ela não registrou. Até a própria palavra — “bebê” — parecia incongruente nos lábios de Jesse. Parecia, de uma estranha maneira, graciosa.

Ela disse:

— Ficar?

— Eu pensei em procurar um apartamento para nós três.

— Você quer dizer casar?

— Isso mesmo.

— Mas você não tem nem 18 anos — Maggie disse. — E aposto que essa garota também não. Vocês são muito jovens.

— O meu aniversário é daqui a duas semanas, mãe, e o da Fiona é logo depois. E ela não gosta de estudar mesmo; metade do tempo ela cabula aulas para ficar comigo. Além disso, eu sempre quis ter um filho. É exatamente do que eu estou precisando: algo meu.

— Algo seu?

— Eu só preciso encontrar um emprego que pague mais, só isso.

— Jesse, você tem uma família! Do que está falando?

— Mas não é a mesma coisa — Jesse disse. — Eu nunca senti... não sei. De qualquer maneira, estou procurando um emprego que dê mais dinheiro. Sabe, um bebê precisa de muitos equipamentos. Eu anotei a lista do Dr. Spock.

Maggie ficou olhando para ele. A única pergunta que conseguiu fazer foi:

— Onde diabos você encontrou um Dr. Spock?

— Na livraria; onde mais?

— Você entrou numa livraria e comprou um livro sobre como cuidar de bebês?

— Claro.

Aquela parecia a maior surpresa de todas. Ela não conseguia imaginar.

— Aprendi muita coisa — ele lhe disse. — Acho que a Fiona tem que dar o peito.

— Jesse...

— E eu achei uns modelos de berço no jornal que dá para fazer.

— Querido, você não imagina o trabalho que dá. Vocês mesmos ainda são crianças! Não podem assumir um filho.

— Estou pedindo para você, mãe. Falo sério — Jesse disse. E ele tinha nos lábios aquele ar grave que sempre assumia quando estava muito determinado a fazer alguma coisa.

— Mas o que exatamente você está me pedindo? — Maggie disse.

— Quero que você vá falar com a Fiona.

— O quê? Falar o quê?

— Dizer a ela que você acha que ela tem que ficar com o bebê.

— Você está dizendo que ela quer dar a criança para adoção — Maggie disse. — Ou ela quer... hum... interromper a gravidez.

— Bom, foi o que ela disse, mas...

— Qual dos dois? — Maggie perguntou.

— O segundo.

— Ah!

— Mas ela não quer de verdade. Eu sei que ela não quer — ele disse. — É que ela é muito teimosa. Parece que ela espera o pior de mim. Ela tem certeza de que vou abandoná-la ou coisa assim. Bom, no começo, ela não me contou — dá para acreditar? Ela escondeu de mim! Ficou várias semanas preocupada e não disse nada, mesmo me vendo todos os dias, ou quase. E aí o teste deu positivo e o que ela fez? Me pediu dinheiro para se livrar do bebê. Eu disse: “O quê? Fazer o quê? Peraí”. Eu disse para ela: “Você não está pulando algumas etapas? O que aconteceu com ‘o que você acha, Jesse?’ e ‘que decisão nós dois vamos tomar?’ Você não vai me dar nem uma chance?”, eu perguntei para ela. Ela disse: “Chance para quê?”. “Que tal a gente casar?”, eu perguntei para ela. “Que tal eu assumir minhas responsabilidades, ora essa?”. Ela disse: “Não preciso de favores, Jesse Moran”. Eu disse: “Favores? Você está falando de um filho meu”. Ela disse: “Ah, eu não tenho ilusões” — que é como ela fala quando sobe no pedestal. “Não tenho ilusões”, ela disse. “Eu sabia o que você era quando bati os olhos em você. Livre, sem amarras”, ela disse, “líder de uma banda de rock pesado. Você não precisa se explicar.” Eu me senti como se fosse um produto em série, algo assim. Ora, de onde ela tirou essa ideia de mim? Não de alguma coisa que tenha acontecido na vida real, isso eu posso afirmar. Então eu disse: “Não,

eu não vou te dar o dinheiro; não, senhora, de modo algum”, e ela disse “era de se esperar, vindo de você” — entendendo tudo errado de propósito. Eu odeio quando as pessoas fazem isso, quando bancam os injustiçados, os mártires. “Eu deveria imaginar”, ela disse, “que não poderia contar com você nem para pagar um simples aborto.” E disse a palavra assim, com todas as letras; sinceramente, fiquei sem fala por um tempo. Depois eu disse: “Mas que porcaria, Fiona...”, e ela disse: “Ah, beleza, vamos, me xingue agora, além de tudo”, e eu disse...

— Jesse, querido — Maggie falou. Ela esfregou a têmpora esquerda. Sentia que algo importante lhe estava escapando. — Eu realmente acho que, se a Fiona já decidiu... — ela disse.

— Ela tem uma consulta na segunda-feira logo cedo numa clínica na Avenida Whitside. Segunda-feira é o dia de folga da irmã dela; a irmã vai com ela. Entendeu agora? Ela não me chamou para ir junto. E eu já cansei de falar com ela. Não há nada mais que eu possa dizer. Então, o que eu peço é o seguinte: vá você. Vá até a clínica e impeça-a.

— Eu?

— Você sempre se deu tão bem com as minhas namoradas. Você vai conseguir; eu sei que vai. Conte a ela sobre o meu emprego. Vou largar o emprego na fábrica de envelopes. Eu me inscrevi numa loja de informática e eles vão me ensinar a consertar computadores, e vão me pagar enquanto aprendo. Eles dizem que eu tenho boas chances de ser contratado. E também o Dave, da banda, a mãe dele tem uma casa na Waverly perto do estádio, e parece que o andar de cima inteiro é um apartamento que vai vagar em novembro, bem baratinho, o Dave disse, com um quartinho para o bebê. O bebê precisa dormir em um quarto separado dos pais; eu li tudo isso. Você vai ficar surpresa com o que eu aprendi! E decidi que sou a favor da chupeta. Algumas pessoas não gostam da aparência delas, mas se você der uma chupeta para o bebê ele não vai ficar chupando o dedo mais tarde. E também não é verdade que as chupetas deformam os dentes da frente.

Ele não falava tanto há meses, mas o que era triste é que, quanto mais ele falava, mais jovem ele parecia. Seu cabelo estava emaranhado no lugar onde ele costumava passar os dedos e seu

corpo era todo de ângulos agudos enquanto ele se movia excitadamente pela cozinha. Maggie disse:

— Jesse, querido, eu sei que você vai ser um pai maravilhoso um dia, mas o fato é que essa é uma decisão da mulher. É a mulher que tem que atravessar a gravidez.

— Mas não sozinha. Eu quero apoiá-la. Confortá-la. Quero cuidar dela. Eu quero, mãe.

Ela não sabia mais o que dizer, e Jesse deve ter percebido. Ele parou de andar. Ficou prostrado diante dela e disse:

— Escute. Você é minha única esperança. É só isso que estou pedindo, que diga para ela como estou me sentindo. Depois, ela pode decidir o que quiser. Que mal isso pode fazer?

— Mas por que você não pode dizer a ela como se sente? — Maggie questionou.

— Você não acha que já tentei? Eu já cansei de falar. Mas tudo que eu digo parece que sai errado. Ela fica ofendida, eu fico ofendido; a gente se desentende e dá um nó. Neste momento, já estamos esgotados. Voltamos à estaca zero.

Bom, ela certamente sabia o que era sentir-se assim.

— Poderia pelo menos pensar a respeito? — ele pediu.

Ela baixou a cabeça.

— Só pensar na possibilidade?

— Ah — ela disse — na possibilidade, talvez...

Ele disse:

— Pronto! É só o que estou pedindo! Obrigado, mãe. Obrigado mesmo.

— Mas, Jesse...

— E você não vai contar para o papai, não é?

— Bom, por enquanto, não — ela disse desalentada.

— Pode imaginar o que ele diria — ele disse.

Depois, ele deu-lhe um de seus abraços-relâmpago e saiu.

Nos dias que se seguiram ela se sentiu perturbada, indecisa. Exemplos da inconstância de Jesse lhe vinham à cabeça — como (igual à maioria dos garotos de sua idade) ele ficava passando para novos estágios e novos entusiasmos, deixando os velhos para trás. Não se pode deixar para trás uma esposa e uma criança! Mas depois vieram-lhe outras imagens: por exemplo, o ano em que todos eles pegaram gripe, exceto Jesse, e ele teve que cuidar de todos. Ela o vira de relance, confusa por causa da febre; ele sentara na beira da cama e dera-lhe uma tigela de canja de galinha, colher por colher, e quando ela caía no sono, entre uma colher e outra, ele esperava sem reclamar até que ela acordasse, e então lhe dava outra.

— Você não esqueceu, né? — Jesse agora perguntava sempre que a encontrava. E: — Você não vai faltar com a promessa, né?

— Não, não... — ela dizia. E depois: — Que promessa? — No que exatamente ela havia se metido?

Ele enfiou uma tira de papel na palma da mão dela uma noite — um endereço na Avenida Whitside. A clínica, ela supôs. Ela colocou-o no bolso da saia e disse:

— Escute, você percebe que não posso... — mas Jesse já havia evaporado, ligeiro feito um gatuno.

Ira andava de bom humor naqueles dias porque soubera do emprego com computadores. Dera certo, como Jesse previra, e ele começaria o treinamento em setembro.

— Assim é bem melhor — Ira disse a Maggie. — Isso é uma coisa de futuro. E, quem sabe? Talvez um pouco depois ele decida voltar a estudar. Tenho certeza de que ele vai querer terminar o ensino médio antes de ser promovido.

Maggie ficou quieta, pensando.

Ela teve que ir trabalhar no sábado, então tirou o assunto da cabeça, mas no domingo ficou um bom tempo sentada na varanda. O dia estava quente e ensolarado e parecia que todo mundo estava levando as crianças para passear. Carrinhos de bebê passavam para lá e para cá e homens desfilavam carregando bebês em mochilas. Maggie se perguntou se uma mochila seria um dos equipamentos que Jesse considerava essenciais. Ela apostava que sim. Inclinou a cabeça na direção da casa, ouvindo. Ira assistia a um jogo na televisão e

Daisy estava na casa da Sra. Perfeita. Jesse ainda estava dormindo, pois tinha tocado em um baile no Condado de Howard e chegara tarde em casa. Ela o ouvira subindo as escadas pouco depois das três, cantando baixinho. Garota, se eu pudesse, descongelava você...

— A música está tão diferente agora — ela certa vez dissera a Jesse. — Antes era *Just Love Me Forever*²⁷ e agora é *Help me Make it Through the Night*²⁸.

— Ah, mãe — ele dissera —, você não entende? Antigamente eles só escondiam melhor. Sempre foi *Help me Make it Through the Night*.

Ela lembrou-se de um verso de uma música que era popular quando Jesse era um garotinho. Eu tenho que achar uma maneira, dizia, diplomaticamente, como uma tentativa, de entrar em seu coração...

Quando Jesse era pequeno, ele gostava de contar-lhe histórias enquanto ela cozinhava; parecia ver que ela precisava de distração.

— Era uma vez uma moça que só dava rosquinhas para seus filhos comerem — ele poderia começar, ou: — Era uma vez um homem que vivia no alto de uma roda-gigante.

Todas as histórias dele eram extravagantes e criativas, e agora, pensando nisso, ela viu que tinham em comum o tema da alegria, do triunfo do puro contentamento sobre a praticidade. Ele conseguiu encadear uma história em especial durante quatro semanas, algo sobre um pai retardado que comprou um órgão elétrico com o dinheiro das compras da semana. A parte retardada vinha de sua tia Dorrie, ela supôs. Mas, do modo como ele a contou, a deficiência do pai era um tipo de virtude. O pai dizia: “Afim, para que precisamos de comida? Eu prefiro que os meus filhos ouçam boa música”. Maggie riu ao repetir a história para Ira, mas Ira não viu nenhuma graça. A princípio, ele ficou ofendido por parte de Dorrie (ele não gostava da palavra “retardado”) e depois por si próprio. Por que a pessoa retardada era o pai? Por que não a mãe, devia ser o que ele queria dizer — muito mais realista, dadas as deficiências de Maggie. Ou pode

²⁷ “Apenas Me Ame para Sempre”, gravada por Bobby Vinton em 1967 (N. T.).

²⁸ “Me Ajude a Suportar a Noite”, de Kris Kristofferson, 1970 (N. T.).

ser que ele não tivesse se referido a nada daquilo, mas Maggie imaginou que sim, e então o assunto virou uma briga.

Eles brigavam por causa de Jesse desde que ele tinha nascido, parecia-lhe agora, sempre com as mesmas posturas. Ira criticava, Maggie desculpava. Ira afirmava que Jesse era incapaz de falar educadamente, recusava-se a tirar aquela expressão obstinada da cara, agia de modo extremamente incapaz quando ajudava na loja. Ele só precisava se encontrar, Maggie dizia. Para alguns, leva mais tempo do que para outros.

— Décadas mais? — Ira perguntava. Ela dizia:

— Tenha um pouco de paciência, Ira.

(Uma troca. Ira era quem tinha paciência. Maggie era a apressada.)

Como é que ela nunca percebera o poder dos jovens quando ela própria era jovem? Ela o via agora como uma oportunidade perdida. Quando pequena, era intimidada tão facilmente; ela nem sonhava que crianças fossem capazes de provocar tamanha turbulência em uma família.

Ela e Ira tentavam esconder as brigas, mas Jesse, sem dúvida, ouvia pelo menos um pouco. Ou talvez ele apenas percebesse como eles se sentiam; porque cada vez mais, entrando na adolescência, era para Maggie que ele oferecia suas migalhas de conversa, enquanto se distanciava mais de Ira. Na época em que ele contou-lhe sobre o bebê, a própria Maggie sentia-se muito distante de Ira. Eles discutiam muito, retomavam o assunto de Jesse milhares de vezes. Não era meramente sua promessa que impedia Maggie de contar a Ira sobre o bebê; era o cansaço da batalha. Ira ficaria doido da vida! E com razão, é claro.

Mas ela pensou em como Jesse havia cutucado seus lábios com a colher de sopa, insistindo para que ela comesse. Às vezes, no auge da febre, ela acordava e ouvia uma música distante vindo dos fones de ouvido na cabeça dele, e ela se convenceu de que era o som dos pensamentos mais íntimos dele ficando mais claros para ela, finalmente.

Na manhã de segunda-feira, ela foi trabalhar, como de costume, às sete da manhã, mas alegou estar doente às oito e quarenta e cinco

e foi para a Avenida Whitside. A clínica era uma loja reformada, com uma janela de vidro com cortina. Ela a avistou primeiro, não pelo número, mas por uma manifestação na frente. Havia três mulheres, várias crianças e um homem baixo e bem apessoado. ESTA CLÍNICA MATA INOCENTES, dizia um cartaz, e outro mostrava uma foto muito ampliada de um bebê sorrindo com DÊ A ELA UMA CHANCE escrito em branco por cima dos cachinhos negros da criança. Maggie estacionou em frente a uma corretora de seguros vizinha. Os manifestantes olharam para ela e voltaram a vigiar a clínica.

Um carro aproximou-se e uma garota de jeans desceu, seguida por um rapaz. A garota inclinou-se para dizer algo ao motorista, depois acenou e o carro partiu. O casal caminhou com decisão para a clínica, cercado pelos manifestantes.

— Deus está vendo o que você vai fazer! — uma mulher gritou, e outro bloqueou o caminho da garota, mas ela desviou.

— Onde está a sua consciência? — o homem gritou para ela. Ela e o rapaz desapareceram porta adentro. Os manifestantes voltaram a seus lugares. Eles discutiam alguma coisa muito calorosamente; pareciam discordar. Maggie teve a impressão de que alguns deles achavam que deveriam ser mais contundentes.

Alguns minutos depois, uma mulher desceu de um táxi. Ela devia ter a idade de Maggie, muito bem vestida e sozinha. Os manifestantes pareciam achar que tinham que compensar as últimas derrotas. Eles a rodearam; diziam tantas coisas ao mesmo tempo que pareciam um enxame de abelhas. Eles empurravam-lhe panfletos. A mulher mais alta colocou um braço em volta dos ombros dela. A paciente, se é que ela era isso, gritou:

— Me solta! — e meteu o cotovelo nas costelas da manifestante. Em seguida, foi embora. A manifestante se curvou — de dor, Maggie pensou, a princípio, mas ela estava somente erguendo uma das crianças. Eles voltaram à posição original. Com aquele calor, moviam-se tão vagarosamente que sua indignação parecia falsa, requerendo um grande esforço.

Maggie buscou dentro da bolsa um pedaço de papel para se abanar. Ela gostaria de poder sair do carro, mas onde ficaria? Junto dos manifestantes?

Ela ouviu passos se aproximando, duas pessoas, e levantou os olhos para ver Fiona e uma moça ligeiramente mais velha, que devia ser a irmã dela.

Ela se preocupara que pudesse não reconhecer Fiona, sendo que a vira somente de relance uma vez. Mas logo soube que era ela — o cabelo loiro e comprido, o rosto pálido, ainda sem marcas. Ela usava jeans e uma animada camiseta rosa-camarão. Por coincidência, Maggie tinha preconceito contra essa cor. Ela achava que era de classe baixa. (Ah, como era estranho agora lembrar que ela chegara a ver Fiona como alguém de classe baixa! Achava que Fiona tinha alguma coisa de pobre e cafona; havia desconfiado da extrema alvura de seu rosto e suspeitava que a maquiagem pesada da irmã escondesse a mesma tez doentia. Puro preconceito! Maggie admitia isso agora, depois de conhecer as virtudes de Fiona.)

De qualquer maneira, ela saiu do carro. Andou até elas e disse:

— Fiona?

A irmã murmurou:

— Eu disse que eles tentariam alguma coisa.

Ela deve ter pensado que Maggie era uma manifestante. E Fiona continuou andando, mantendo as pálpebras abaixadas, fazendo-as parecerem duas meias-luas brancas.

— Fiona, eu sou a mãe do Jesse — Maggie disse.

Fiona diminuiu o passo e olhou para ela. A irmã parou.

— Eu não vou interferir se você tem certeza de que sabe o que está fazendo — disse Maggie —, mas, Fiona, você já analisou todos os ângulos?

— Não há muitos ângulos a analisar — a irmã disse secamente. — Ela tem 17 anos.

Fiona permitiu-se ser puxada para a frente, mas continuou olhando para Maggie, que ficara para trás.

— Você conversou com o Jesse sobre isso? — Maggie perguntou. Correu atrás delas. — O Jesse quer ter esse filho! Ele me disse.

A irmã respondeu:

— É ele quem vai dar à luz? É ele que vai niná-lo à noite e trocar as fraldas?

— Sim, ele vai! — Maggie disse. — Bom, ele não vai dar à luz, é claro...

Elas haviam alcançado os manifestantes. Uma mulher deu-lhe um panfleto. Na frente, havia uma foto colorida de um bebê ainda em gestação que parecia ter passado há muito tempo do estágio embrionário; na verdade, parecia quase prestes a nascer. Fiona afastou-se.

— Deixe-a em paz — Maggie disse à mulher. — Fiona, o Jesse gosta de você de verdade. Você precisa acreditar em mim.

— Eu já sei do Jesse Moran o suficiente para uma vida inteira — a irmã falou. Ela empurrou uma mulher gorda com duas criancinhas e um bebê nos braços.

— Você está dizendo isso porque o enquadrou num determinado papel — Maggie disse a ela —, o de um membro de uma banda de rock que engravidou sua irmãzinha. Mas não é assim tão simples! Não é tão preto no branco! Ele comprou um livro do Dr. Spock. Ele mencionou isso, Fiona? Ele já pesquisou sobre chupetas e acha que você deve dar o peito.

A gorda disse para Fiona:

— Todos os anjos do céu estão chorando por você.

— Escute — Maggie disse à mulher. — Só porque você tem filhos demais, isso não é motivo para desejar o mesmo para os outros.

— Os anjos chamam isso de assassinato — a mulher disse.

Fiona encolheu-se. Maggie disse:

— Você não vê que está deixando ela nervosa? — Elas tinham chegado à porta da clínica, mas o homenzinho bem-apessoado estava barrando a entrada. — Saia daí — Maggie disse a ele. — Fiona! Pense mais um pouco! É só isso que eu peço.

O homem manteve-se firme, o que deu a Fiona tempo para virar para Maggie. Ela parecia um pouco chorosa.

— O Jesse nem liga — ela disse.

— É claro que ele liga!

— Ele disse para mim: “Não se preocupe, Fiona, eu não vou deixar você desamparada”. Como se eu fosse uma obrigação! Uma instituição de caridade!

— Ele não quis dizer isso. Você entendeu mal. Ele quer casar com você de coração.

— E viver com que dinheiro? — a irmã perguntou. A voz dela era desagradável, parecia um zurro, muito mais grave do que a de Fiona. — Ele nem tem um emprego decente.

— Ele conseguiu um! Com informática! Uma oportunidade para progredir! — Maggie disse. Ela era forçada a falar de modo telegráfico porque a irmã de Fiona havia, de alguma forma, tirado os manifestantes da porta e estava começando a abri-la. Uma mulher colocou um postal diante do rosto de Fiona: o bebê de cabelo encaracolado novamente. Maggie empurrou-a para o lado. — Pelo menos venha para casa comigo e você e o Jesse podem conversar — ela disse à Fiona. — Isso não vai comprometê-la nem nada.

Fiona hesitou. A irmã dela disse:

— Por favor, Fiona.

Mas Maggie ganhara vantagem. Ela pegou no pulso de Fiona e conduziu-a de volta através da multidão, mantendo um discurso estimulante.

— Ele disse que vai fazer um berço; ele já fez o desenho. É de cortar o coração. Deixem-na em paz, droga! Eu vou ter que chamar a polícia? Quem deu a vocês o direito de nos amolar?

— Quem deu a ela o direito de matar um bebê? — uma mulher gritou.

— Ela tem todo o direito do mundo! Fiona, estamos falando de alguém que nasceu para cuidar. Você devia tê-lo visto durante a gripe de Hong-Kong.

— A quê?

— Ou de Bangkok, ou Sing Sing, ou uma dessas gripes... De qualquer maneira, não tem nada a ver com caridade. Ele quer esse bebê mais do que tudo.

Fiona perscrutou o rosto dela. E disse:

— E ele vai construir um ...?

— Ele vai construir um berço. Um berço lindo, com cobertura — Maggie disse. Se por acaso não tivesse cobertura, ela poderia dizer que foi um engano.

A irmã de Fiona apressava-se para acompanhá-las, os calcanhares estalando. Ela disse:

— Fiona, se você não voltar lá para dentro neste instante, vou lavar as mãos em relação a isso tudo, eu juro. Fiona, eles já marcaram!

E os manifestantes as seguiam, incertos, alguns metros atrás. O pulso de Fiona era macio e incrivelmente fino, como uma haste de bambu. Maggie soltou-o, relutante, para abrir a porta do carro.

— Entre — ela disse. — Caiam fora! —disse aos manifestantes. E para a irmã, ela disse: — Foi um prazer conhecê-la.

Os manifestantes afastaram-se. Uma mulher ainda disse:

— Escute aqui...

— Nós temos o direito constitucional de fazer isso, sabia? — Maggie disse. A mulher pareceu confusa.

— Eu desencavei uma clínica — a irmã de Fiona disse —, levei-a para fazer o teste. Marquei a consulta, sacrifiquei um dia de folga perfeito, quando eu podia ter ido a Ocean City com o meu namorado...

— Ainda dá tempo — Maggie disse, olhando o relógio.

Ela apressou-se a dar a volta e entrar no carro, temendo que Fiona tentasse escapar, mas, quando ela entrou, Fiona estava lá sentada, imóvel, com a cabeça apoiada no encosto e os olhos fechados. Sua irmã colocou a cabeça pela janela aberta.

— Fiona, só me diga uma coisa — ela disse. — Se o Jesse Moran estava tão ansioso por esse bebê, por que ele mesmo não veio aqui pegar você?

Fiona ergueu as pálpebras e olhou para Maggie.

— Ele bem que tentou — Maggie disse a ela. — Ele vem tentando há dias, mas, de alguma maneira, vocês sempre se desentendem.

Fiona voltou a fechar os olhos. Maggie ligou o carro e partiu.

A parte estranha era que, depois de vencer — pelo menos por enquanto —, ela não se sentia nem um pouco vitoriosa. Só exausta. E ligeiramente confusa, para dizer a verdade. Como é que as coisas acabaram terminando assim quando ela dissera o tempo todo para Jesse que ele não tinha idade suficiente? Ah, Senhor. O que ela havia feito? Ela olhou de soslaio para Fiona. A pele dela parecia lisa, quase vitrificada.

— Está se sentindo mal? — Maggie perguntou.

— Acho que vou vomitar — Fiona disse quase sem mexer os lábios.

— Quer que eu pare o carro?

— Não, vamos direto.

Maggie dirigiu com mais cuidado, como se estivesse transportando uma cesta de ovos.

Diante da casa, ela estacionou, saiu e deu a volta no carro para ajudar Fiona a se levantar do banco. Fiona era um peso morto. Ela apoiou-se pesadamente em Maggie. Mas tinha um cheiro jovem — de algodão recém-passado e daqueles cosméticos adocicados que se encontra nas lojas de miudezas — e isso deu a Maggie um pouco de conforto. Ah, essa menina não tinha um coração mau! Ela era pouco mais velha do que Daisy; uma criança comum e ingênua, desnordeada com o que lhe havia acontecido.

Elas atravessaram a calçada devagar e subiram os degraus até a varanda. Seus sapatos faziam um som oco nas tábuas do piso.

— Fique sentada aqui — Maggie disse, ajudando Fiona a acomodar-se na cadeira onde ela mesma havia sentado durante toda a tarde de ontem. — Você precisa de ar — ela disse. — Respire fundo, bem fundo. Vou procurar o Jesse.

Fiona fechou os olhos.

Lá dentro, os cômodos estavam frios e escuros. Maggie subiu a escada, foi até o quarto de Jesse e bateu na porta. Ela a abriu e meteu a cabeça.

— Jesse? — ela disse.

— Hum...

As persianas estavam abaixadas, de modo que ela não conseguia vislumbrar os móveis. A cama dele estava um emaranhado de lençóis revirados.

— Jesse, eu trouxe a Fiona — ela disse. — Você pode descer até a varanda?

— Hum?

— Você pode vir até a varanda e conversar com a Fiona?

Ele se mexeu um pouco e levantou a cabeça, então ela soube que poderia deixá-lo. Ela foi para baixo, entrou na cozinha e serviu um copo de chá gelado de uma jarra na geladeira. Colocou o copo em uma bandeja de porcelana, circundou-o com bolachas salgadas e levou-a para Fiona.

— Tome — ela disse. — Dê umas beliscadas nessas bolachas. E tome uns golinhos de chá.

Fiona já estava com uma aparência melhor, sentada ereta na cadeira, e agradeceu quando Maggie colocou o prato sobre seus joelhos. Ela mordiscou a ponta de uma bolacha. Maggie acomodou-se numa cadeira de balanço ao lado dela.

— Quando eu estava esperando a Daisy — Maggie disse —, passei dois meses só comendo chá e bolachas. É um milagre nós duas não termos ficado desnutridas. Eu ficava tão enjoada com a Daisy que achei que fosse morrer, mas com o Jesse eu não passei nenhum mal-estar. Não é engraçado? Era de se esperar que fosse o contrário.

Fiona largou a bolacha.

— Eu deveria ter ficado na clínica — ela disse.

— Ah, querida — Maggie disse. Ela sentiu-se subitamente deprimida. Ela teve uma visão assustadoramente nítida do rosto de Ira quando soubesse o que ela havia feito. — Fiona, não é tarde demais — ela disse. — Você está aqui para conversar, está bem? Não está se comprometendo com nada. — Embora, ao falar, ela visse a clínica desaparecendo pouco a pouco. Aquilo era parecido com pular corda, ela imaginou. Perca aquela fração de segundo quando é possível entrar e você estraga tudo. Ela estendeu a mão e tocou o braço de Fiona.

— E, afinal — ela disse —, vocês se amam, né? Vocês não se amam?

— Sim, mas pode ser que, se nós nos casarmos, ele comece a jogar isso na minha cara — Fiona disse. — Ora, ele é o cantor de uma banda! Ele vai querer ir para a Inglaterra ou para a Austrália e para outros lugares quando ficar famoso. Mas a banda só começou a ganhar algum dinheiro agora. Onde é que nós vamos morar? Como vamos resolver isso?

— No começo, vocês podem morar aqui conosco — Maggie disse. — Depois, em novembro, vocês podem mudar para um apartamento que o Jesse conhece em Waverly. O Jesse já pensou em tudo.

Fiona olhou na direção da rua.

— Se eu tivesse ficado na clínica, já estaria tudo terminado — ela disse depois de um instante.

— Ah, Fiona, por favor. Ah, me diga que eu não agi errado! — Maggie disse. Ela olhou em volta, buscando Jesse. Por que ele não vinha? Não era ela quem deveria estar fazendo a corte. — Espere aqui — ela disse. Levantou-se e entrou na casa. — Jesse! — ela gritou. Mas ele não respondeu, e ela ouviu o barulho do chuveiro ligado. Aquele menino pensaria em tomar banho mesmo se soubesse que a casa estava pegando fogo, ela pensou. Correu para cima e deu socos na porta do banheiro.

— Jesse, você não vem? — ela gritou.

Ele fechou a torneira.

— O quê? — ele disse.

— Saia já daí!

Nenhuma resposta. Mas ela ouviu a cortina do box deslizar pelo cano.

Foi até o quarto dele e levantou as persianas das janelas. Queria encontrar o livro do Dr. Spock. Isso lhe serviria como ponto de apoio até ele descer; ou, pelo menos, forneceria um assunto para elas conversarem. Mas não conseguiu encontrá-lo — só roupas sujas, sacos de batata frita, discos fora da capa. Ela, então, começou a procurar o projeto do berço. Como ele seria — como uma planta?

Nenhum sinal dele. Bom, é claro, ele deveria ter levado tudo para o porão, onde Ira guardava as ferramentas. Ela disparou escada abaixo, gritando na direção da varanda ao passar:

— Ele já está vindo!

(Ela podia imaginar Fiona levantando e indo embora.) Atravessou a cozinha, desceu alguns degraus de madeira, chegou até a bancada de Ira. Nenhum projeto ali. As ferramentas de Ira estavam todas penduradas com cuidado na parede, cada uma perfeitamente encaixada no seu perfil desenhado — um sinal claro de que Jesse não havia estado lá. Na própria bancada havia duas folhas de lixa de madeira e um feixe de cavilhas ainda presas por um elástico, parte de um varal para secar roupa que Ira tinha prometido construir em um canto da varanda dos fundos. Ela pegou as cavilhas e voou degraus acima.

— Olhe — ela disse para Fiona, batendo a porta de tela. — O berço do Jesse.

Fiona abaixou o copo. Ela aceitou as cavilhas e examinou-as.

— Berço? — ela disse, duvidando.

— Ele vai ter... eixos; é o que essas coisas são — Maggie disse. — Estilo antigo.

Quem visse Fiona estudando as cavilhas pensaria que elas podiam ser lidas.

Então, Jesse saiu, trazendo com ele a fragrância de xampu. Seu cabelo estava molhado e desgrenhado e sua pele brilhava. Ele disse:

— Fiona? Você não chegou a fazer aquilo?

E ela levantou o rosto, ainda segurando as cavilhas como um tipo de cetro, e disse:

— Tudo bem, Jesse, se você quiser. Acho que podemos casar, se você quiser.

Jesse envolveu-a nos braços e apoiou a cabeça no ombro dela, e alguma coisa naquela imagem — o cabelo escuro dele ao lado do cabelo loiro dela — lembrou Maggie de como ela costumava imaginar o casamento antes de ela mesma se casar. Ela o havia imaginado mais diferente do que ele realmente era, de alguma maneira, mais

como uma alteração na vida das pessoas — dois opostos que se atraem, provocando um enorme estrondo ao se unirem. Ela achava que, quando casasse, todos os seus antigos problemas desapareceriam, como quando você sai de férias e deixa para trás algumas tarefas complicadas, como se nunca tivesse que voltar e enfrentá-las. E, é claro, ela estava errada. Mas, ao ver Jesse e Fiona, podia quase acreditar que sua antiga visão era a correta. Ela adentrou a casa, fechando a porta de tela muito suavemente, e decidiu que, no final, tudo ia dar certo.

Eles se casaram em Cartwheel, na sala de estar da Sra. Stuckey. Só a família compareceu. Ira estava de cara amarrada e mudo, a mãe de Maggie ficou lá sentada, dura de tamanho ultraje, e o pai de Maggie parecia confuso. Somente a Sra. Stuckey demonstrava a adequada atitude festiva. Ela usava um terninho de veludo cotelê fúcsia e um adorno de buquê do tamanho de sua cabeça, e, antes da cerimônia, disse a todos que a única coisa que ela lamentava era que o Sr. Stuckey não tivesse vivido para ver esse dia. Embora, talvez, ela disse, ele estivesse lá em espírito; depois, prosseguiu por um bom tempo falando sobre suas teorias pessoais sobre fantasmas. (Eles eram a conclusão dos gestos intencionados do morto, seus planos inacabados ainda pairando no ar — como quando você não consegue lembrar o que foi buscar na cozinha e então imita um gesto, como girar o pulso, por exemplo, e isso o recorda de que você tinha ido lá para fechar a torneira que pingava. Então, não havia uma chance de o Sr. Stuckey estar bem ali, na sala de estar, sendo que havia sonhado em levar suas preciosas filhas até o altar um dia?) Depois, ela disse que em sua opinião o casamento era tão educativo quanto a escola, talvez até mais.

— Eu mesma larguei a escola — ela disse — e nunca me arrependi.

A irmã de Fiona revirou os olhos. Mas era bom que a Sra. Stuckey se sentisse assim, pois Fiona só faria 18 anos em janeiro e era necessária a autorização dos pais para obter uma licença de casamento.

A própria Fiona usava um vestido bege, largo na cintura, que ela e Maggie haviam comprado juntas, e Jesse estava muito distinto

de terno e gravata. Ele parecia um adulto, na verdade. Daisy sentia-se acanhada perto dele e ficou segurando no braço de Maggie e olhando para ele.

— O que você tem? Endireite-se — Maggie disse a ela. Maggie estava muito irritadiça, por alguma razão. Ela temia que Ira fosse ficar bravo com ela para sempre. Ele parecia considerá-la a única culpada por toda aquela situação.

Depois do casamento, Jesse e Fiona foram passar uma semana em Ocean City. Depois, voltaram para o quarto de Jesse, onde Maggie havia colocado mais uma cômoda e trocado a cama de solteiro por uma de casal. A casa ficou mais apertada, é claro, mas era um apertado agradável, alegre e esperançoso. Fiona pareceu se encaixar muito bem. Ela era tão agradável, tão pronta para deixar Maggie assumir o comando — mais do que os próprios filhos dela. Jesse saía alegre toda manhã para seu emprego na computação e voltava toda noite com algum aparato novo para o bebê — um pacote de alfinetes de fralda em formato de coelhinho ou um copinho de treinamento com bico inusitado. Ele andava lendo sobre partos e abraçava as mais diferentes teorias, uma mais esquisita do que a outra. (Por exemplo, em determinado momento ele propôs que o parto acontecesse debaixo d'água, mas não conseguiu encontrar um médico que concordasse.)

Daisy e suas amigas esqueceram totalmente a Sra. Perfeita e acamparam na sala de estar de Maggie — cinco garotas chocadas e encantadas a observar com reverência a barriga de Fiona. E Fiona as paparicava, às vezes convidando-as ao quarto dela para admirar o enxoval que ia aumentando, depois do que ela podia sentá-las uma a uma diante do espelho e fazer experiências com o cabelo delas. (A irmã dela era esteticista e havia ensinado a Fiona tudo o que sabia, dissera Fiona.) E, de noite, se a banda de Jesse tivesse um compromisso em algum lugar, ele e Fiona saíam juntos e só retornavam por volta das duas ou três da manhã, e Maggie, meio acordada, ouvia os sussurros deles na escada. A chave do quarto deles fazia um leve ruído e Maggie afundava novamente no sono, satisfeita.

Até mesmo Ira parecia resignado, depois de superar o choque. Ah, no começo ele ficara tão desgostoso que Maggie receara que ele fosse abandonar a casa para sempre. Ele ficara sem falar durante

dias e, quando Jesse entrava, ele saía. Mas, gradualmente, fora mudando de opinião. Ele se sentia quase à vontade, Maggie achava, quando podia agir de modo tolerante e resignado, e certamente tinha uma oportunidade para isso agora. Todos os receios dele haviam se confirmado: o filho colocara uma moça em apuros, a esposa tinha se intrometido de modo imperdoável e agora a moça estava morando no quarto de Jesse em meio a pôsteres de Iggy Pop. Ele podia suspirar e dizer: “Eu não disse? Não cansei de avisar?”. (Ou, pelo menos, ele podia dar essa impressão; não que dissesse algo em voz alta.) Fiona passava por ele a caminho do banheiro todas as manhãs, usando seu robe cor-de-rosa macio e suas enormes pantufas cor-de-rosa e carregando sua saboneteira de tartaruga, e Ira se espremia contra a parede como se ela tivesse o dobro do tamanho que tinha. Mas ele a tratava com uma cortesia infalível. Ele até ensinou-lhe um complicado jogo de paciência, quando o tédio de ter que ficar em casa começou a ser insuportável para ela, e emprestou-lhe um de seus livros da Biblioteca dos Marinheiros — uma coleção de memórias de pessoas que haviam navegado sozinhas pelo mundo, coisa e tal. Ele havia tentado empurrá-lo para os filhos durante anos a fio. (“Na minha opinião”, Fiona disse a Maggie, “esses livros são iguais àqueles ‘Como Percorri o Caminho Tal’ que os homens sempre acham tão fascinantes.” Mas ela não disse isso a Ira.) E em novembro, quando o apartamento de Waverly deveria ser desocupado, Ira não perguntou por que eles não se mudaram.

Nem Maggie; ela evitava o assunto cuidadosamente. De fato, pelo que ela sabia, o apartamento não havia dado certo. Talvez os atuais inquilinos tivessem mudado de planos. De qualquer modo, Jesse e Fiona nada falavam sobre mudar. Fiona ficava atrás de Maggie do mesmo modo que as crianças a seguiam quando eram pequenas. Ela a acompanhava de cômodo em cômodo, fazendo perguntas aos poucos.

— Por que estou me sentindo tão lerda? — ela perguntava, e: — Eu vou voltar a ter tornozelos?

Ela tinha começado a fazer o curso de parto e queria que Maggie entrasse com ela na sala de parto. Jesse, ela dizia, poderia desmaiar ou algo assim. Maggie disse:

— Ora, o Jesse está louco para entrar com você.

Mas Fiona disse:

— Eu não quero que ele me veja daquele jeito! Ele nem é meu parente.

E nem Maggie, Maggie poderia ter dito. Embora parecesse que era, algumas vezes.

Na companhia de Jesse, Fiona começou a assumir um tom aflito e reclamão. Ela dizia que não era justo que Jesse saísse para trabalhar todo dia enquanto ela ficava em casa engordando. Ela deveria ter ficado na escola, dizia, pelo menos até terminar o semestre de outono; mas não, não, as coisas tinham que ser do jeito de Jesse: esposa caseira, mamãezinha. Quando ela dizia isso, havia algo de velho em sua voz, e Jesse, quando respondia, parecia taciturno.

— Você ouviu uma palavra do que eu disse? — Fiona perguntava, e Jesse dizia:

— Ouvi, ouvi.

Por que isso parecia tão familiar para Maggie? Era quase uma melodia. Era a melodia das discussões que Jesse costumava ter com seus pais; era isso. Jesse e Fiona eram mais parecidos com um menino e sua mãe do que com um marido e sua esposa.

Mas Fiona não se sentia bem; não era de surpreender que estivesse arisca. Aquela sonolência dos primeiros estágios de gravidez não a deixava, mesmo no sétimo e no oitavo mês, quando a maioria das mulheres está uma pilha de energia. Jesse dizia:

— Vista-se! Vamos tocar na Cantina Granite hoje à noite e eles estão pagando bem.

E ela dizia:

— Ah, não sei; acho que vou deixar você ir sem mim.

— Sem você? — ele perguntava. — Quer dizer sozinho? — E ficava magoado e surpreso. Mas ia. Certa vez, ele nem chegou a jantar; saiu de casa no instante em que ela disse que não ia, embora fossem somente seis da tarde. Então, Fiona também não comeu, só ficou sentada à mesa brincando com a comida, uma lágrima ocasional escorrendo-lhe pela face, e depois colocou o abrigo com capuz que não fechava sobre sua barriga e saiu para uma longa, longa caminhada. Ou foi visitar sua irmã; Maggie não sabia ao certo. Às oito,

mais ou menos, Jesse telefonou e Maggie teve que dizer que ela tinha saído.

— Como assim, saiu? — ele perguntou.

— Saiu, Jesse. Tenho certeza de que ela volta logo.

— Ela disse que estava cansada demais para sair. Que não queria ir para a Cantina Granite porque estava muito cansada.

— Ah, talvez ela...

Porém ele já tinha desligado, com uma pancada surda em seu ouvido.

Bem, essas coisas aconteciam. (E Maggie não sabia que aconteciam?) E, na manhã seguinte, Jesse e Fiona estavam bem — haviam feito as pazes, em algum momento, e pareciam mais apaixonados do que nunca. Maggie ficara ansiosa sem motivo.

O bebê deveria nascer no começo de março, mas no primeiro dia de fevereiro Fiona acordou com dor nas costas. Maggie ficou entusiasmada quando ouviu aquilo.

— Está na hora, aposto — ela disse a Fiona.

— Não pode ser! — Fiona disse. — Não estou pronta.

— É claro que está pronta. Você tem o enxoval; sua mala está feita...

— Mas o Jesse ainda não fez o berço.

Era verdade. Ele trouxera muitas outras coisas, mas o berço nunca havia se materializado. Maggie disse:

— Não se preocupe; ele pode fazer enquanto você estiver no hospital.

— É só uma dor nas costas — Fiona disse. — Eu sempre senti isso, até antes de ficar grávida.

Contudo, ao meio-dia, quando Maggie telefonou do trabalho, Fiona não estava tão segura.

— Estou tendo umas cólicas no estômago — ela disse. — Você poderia vir para casa mais cedo?

— Eu vou — Maggie disse a ela. — Você já ligou para o Jesse?

— O Jesse? Não.

— Por que não liga para ele?

— Tudo bem, mas você promete que vem para casa? Comece a vir agora.

— Estou a caminho.

Ela chegou e encontrou Jesse medindo os intervalos das contrações de Fiona com um cronômetro de aparência oficial que ele havia comprado especialmente para a ocasião. Ele estava exultante.

— Nós já vamos sair! — ele disse a Maggie.

Fiona parecia assustada. Ela dava pequenos gemidos, não durante as contrações, mas entre elas.

— Querida, acho que você não está respirando corretamente — Jesse disse a ela.

Fiona disse:

— Pare de falar da minha respiração! Eu respiro do jeito que quiser.

— Bom, eu só quero que você fique confortável. Você está confortável? O bebê está se mexendo?

— Não sei.

— Está ou não está se mexendo? Fiona? Você deve ter alguma ideia.

— Estou dizendo que não sei. Não. Não está.

— O bebê não está se mexendo — Jesse disse a Maggie.

— Não se preocupe. Ele está só se preparando — Maggie disse.

— Deve ter alguma coisa errada.

— Não há nada de errado, Jesse. Acredite.

Mas ele não acreditou, e eles acabaram indo para o hospital cedo demais. Maggie foi dirigindo. Jesse disse que se fosse dirigindo poderia bater, mas depois passou a viagem toda reclamando de cada manobra que Maggie fazia.

— Posso saber por que você ficou atrás de um ônibus? Mude de pista. Agora não, pelo amor de Deus! Olhe no retrovisor. Ah, meu Deus, vamos todos morrer e eles vão ter que tirar o bebê da barriga dela no meio da Rua Franklin.

Fiona ficava dando gritos agudos que deixavam Maggie tão nervosa que ela pisou forte no freio, jogando os três para a frente. Jesse disse:

— Deixe a gente descer! É melhor irmos a pé! Deixe que ela dê à luz na calçada!

— Muito bem — Maggie disse. — Saiam do carro.

Fiona disse:

— O quê?

— Ora, mãe, fique calma — Jesse disse. — Não precisa ficar histérica. Nós dependemos da mamãe para qualquer emergência — ele disse a Fiona.

Eles ficaram em silêncio no restante do percurso e Maggie deixou-os na entrada do hospital e foi estacionar.

Quando os localizou, Fiona já havia acabado de se instalar em uma cadeira de rodas.

— Quero que minha sogra entre comigo — ela disse para a enfermeira.

— Só o papai pode entrar — a enfermeira disse. — A vovó tem que ficar na sala de espera.

Vovó?

— Eu não quero o papai, quero a vovó! — Fiona gritava, parecendo uma criança de 6 anos de idade.

— Lá vamos nós — a enfermeira disse. E empurrou-a para dentro. Jesse foi atrás, com aquela expressão magoada e indefesa que Maggie via com tanta frequência ultimamente.

Maggie foi para a sala de espera, que era do tamanho de um campo de futebol. Uma vasta extensão de carpete bege quebrada por agrupamentos de cadeiras e sofás de vinil bege. Ela acomodou-se num sofá vazio e escolheu uma revista muito manuseada da mesinha de madeira. Como Manter o Vigor do seu Casamento, era o título do

primeiro artigo. Ele a instruía a ser imprevisível; receber o marido depois do trabalho vestindo nada mais do que um avental de renda preta. Ira acharia que ela tinha enlouquecido. Sem falar de Jesse e Fiona e das cinco meninas encantadas. Queria ter se lembrado de trazer seu tricô. Ela não tricotava muito bem — seus pontos tinham um jeito especial de pular alguns centímetros para depois ficarem apertados lá na frente, lembrando-a de um carro que engasga e para — mas ultimamente estava mergulhada em uma blusa roxa para o bebê. (Seria um menino; todos achavam isso, e só nomes masculinos tinham sido analisados.)

Ela colocou a revista de lado e foi até a parede onde ficavam os telefones pagos. Primeiro, discou o número de casa. Como ninguém atendeu — nem mesmo Daisy, que normalmente voltava da escola às três —, ela verificou o relógio e viu que eram somente duas horas. Pensara que fosse bem mais tarde. Discou o número de Ira.

— Loja de Molduras do Sam — ele respondeu.

— Ira? — ela disse. — Adivinhe só, estou no hospital.

— Está? O que aconteceu?

— Não aconteceu nada. A Fiona vai ter o nenê.

— Ah! — ele disse. — Achei que você tinha batido o carro ou algo assim.

— Quer vir esperar comigo? Ainda vai demorar um bom tempo.

— Bom, talvez eu deva ir para casa ficar com a Daisy — Ira disse.

Maggie deu um suspiro.

— A Daisy está na escola — ela disse. — E, de todo jeito, faz anos que ela não precisa de ninguém para cuidar dela.

— Mas você vai querer que alguém sirva o jantar.

Ela desistiu dele. (Que Deus não permitisse que o leito de morte dela fosse num hospital; ele provavelmente não compareceria.) Ela disse:

— Bom, faça o que quiser, Ira, mas eu acho que você gostaria de ver seu neto.

— Eu vou vê-lo em breve, não vou? — Ira perguntou.

Maggie vislumbrou Jesse do outro lado da sala.

— Tenho que ir — ela disse, desligando. — Jesse? — disse, correndo na direção dele. — Quais as novidades?

— Está tudo bem. Pelo menos, foi o que eles disseram.

— Como está a Fiona?

— Ela está assustada — ele disse — e eu tentei acalmá-la, mas o pessoal do hospital fica me enxotando. Sempre que aparece alguém, eles pedem para eu sair.

Para que servem os progressos modernos?, Maggie pensou. Os homens ainda eram impedidos de participar de tudo que realmente importava.

Jesse voltou para Fiona, mas manteve Maggie a par das novidades, reaparecendo a cada meia hora, mais ou menos, para falar com autoridade sobre os estágios e centímetros.

— Está indo bem depressa — ele disse uma vez, e outra vez: — Muita gente acredita que um bebê de oito meses corre mais riscos do que um de sete meses, mas isso é coisa de antigamente. É só superstição. — O cabelo dele estava empinado em tufo grossos, feito grama alta batida pelo vento. Maggie controlou-se para não estender a mão e alisá-lo. Inesperadamente, ele a fez lembrar-se de Ira. Por mais diferentes que eles fossem, de outras maneiras, ambos tinham a ideia de que preparar-se para alguma coisa, equipar-se para alguma coisa, os colocaria no controle.

Ela pensou em ir para casa um pouco (eram quase cinco horas), mas sabia que ficaria inquieta, então, ficou onde estava e manteve contato por telefone. Daisy informou que Ira estava preparando panquecas para o jantar.

— Sem legumes? — Maggie perguntou. — Onde estão os legumes? — Ira veio ao telefone para assegurar-lhe que serviria anéis de maçã como acompanhamento. — Anéis de maçã não são legumes, Ira — Maggie disse. Ela sentiu que estava ficando sentimental. Deveria estar em casa supervisionando a nutrição de sua família; deveria estar na sala de parto para confortar Fiona; deveria tomar Jesse nos braços e niná-lo, porque ele não era mais do que uma criança, jovem demais para o que estava acontecendo com ele. Mas lá

estava ela, agarrada a um telefone público mal cheiroso de uma cabine pública. Seu estômago estava dando um nó. Não fazia tanto tempo que ela mesma tinha sido paciente na sala de parto e seus músculos se lembravam disso com exatidão.

Ela despediu-se de Ira e atravessou as portas por onde Jesse sempre desaparecia. Adentrou um corredor, esperando, ora, pelo menos um berçário com recém-nascidos para alegrá-la. Passou por outra sala de espera menor, que talvez levasse a algum laboratório ou consultório. Um casal de idosos estava sentado lá em duas cadeiras de plástico moldado e diante deles havia um homem robusto com um macacão todo salpicado de tinta. Quando Maggie diminuiu o passo e olhou para dentro, uma enfermeira chamou:

— Senhor Plum? — e o homem idoso levantou-se e foi para uma sala nos fundos, deixando para trás uma revista novinha. Maggie entrou de fininho, como se tivesse todo o direito de estar ali, e pescou a revista, ao mesmo tempo fazendo uma meia reverência para mostrar à velhinha que não era uma intrometida. Ela se acomodou ao lado do homem de macacão. Tudo bem que era só mais uma revista feminina; pelo menos as páginas ainda tinham cheiro de tinta e as estrelas de cinema que derramavam seus segredos usavam penteados atuais. Ela deu uma lida num artigo sobre um novo tipo de dieta. Você pega sua comida favorita e come quanto quiser, três vezes por dia, e nada mais. Maggie escolheria os burritos de carne e feijão do mercado da Lexington.

Na sala dos fundos, a enfermeira disse:

— Agora, Senhor Plum, vou lhe dar este recipiente para a urina.

— Minha o quê?

— Urina.

— Como assim?

— É para a urina!

— Fale mais alto, não estou ouvindo.

— Eu disse urina! Leve este pote para casa! Colha toda a sua urina! Por 24 horas! Depois, traga o pote de volta!

Na cadeira diante de Maggie, a esposa deu uma risadinha envergonhada.

— Ele é surdo feito uma porta — ela disse a Maggie. — As pessoas têm que gritar para ele ouvir — e todo mundo também!

Maggie sorriu e balançou a cabeça, sem saber o que responder. Depois, o homem de macacão se mexeu. Ele colocou seus punhos enormes e peludos sobre os joelhos e pigarreou.

— A senhora sabe — ele disse —, é muito engraçado. Eu consigo ouvir direitinho a voz da enfermeira, mas não entendo uma palavra do que ela está dizendo.

Os olhos de Maggie se encheram de lágrimas. Ela largou a revista e procurou um lenço de papel dentro da bolsa, e o homem disse:

— Senhora? Está tudo bem?

Ela não podia dizer-lhe que tinha sido a gentileza dele que a emocionara — quanta ternura numa pessoa com aquela aparência — e então ela disse:

— É meu filho, ele vai ter nenê. Quero dizer, a esposa do meu filho.

O homem e a velhinha esperaram, com os rostos preparados para assumir o olhar de surpresa e piedade adequado assim que ouvissem a parte ruim. E ela não podia dizer-lhes: “É tudo culpa minha, fui eu quem provocou essa confusão toda, sem pensar nas consequências”, então, em vez disso, ela disse:

— Ela está meses e meses adiantada, não está nem perto da data prevista...

O homem estalou a língua. Sua testa franziu-se como tecido. A velhinha disse:

— Céus, você deve estar morrendo de preocupação. Mas não perca a esperança, porque a esposa do meu sobrinho Brady, a Angela...

E foi por isso que, quando Jesse passou pelo corredor alguns momentos depois, vindo da sala de parto, encontrou sua mãe num pequeno cubículo rodeada por um amontoado de estranhos. Eles davam tapinhas no ombro dela e murmuravam palavras de conforto — uma velhinha, um operário, uma enfermeira com uma prancheta e um velhinho agarrado a um imenso pote vazio.

— Mãe? — Jesse disse ao entrar. — O bebê chegou, e os dois estão bem.

— Louvado seja Jesus! — a velhinha gritou, atirando as mãos para o teto.

— O único problema é que — Jesse disse, olhando para a mulher de modo suspeito — é uma menina. Eu não esperava uma menina.

— Vai deixar uma coisa dessas chatear você? — a velhinha inquiriu. — Num momento como este? Aquela criança foi roubada das garras da morte!

— Das...? — Jesse disse. Em seguida: — Não, é só superstição dizer que aos oito meses...

— Vamos sair daqui — Maggie disse, abrindo caminho por entre o aglomerado; ela agarrou o braço dele e puxou-o para fora.

Como aquele bebê tomou conta da casa! Seus gritos de fúria e seus arrulhos de pomba, seus cheiros misturados de talco e amônia, seus braços e pernas eternamente em movimento. Ela tinha a pele de Fiona, mas o espírito e a irritabilidade de Jesse (nada de Senhora Bebê desta vez). Suas feições pequenas e delicadas eram todas amassadas juntas na parte de baixo do rosto, então, quando Fiona penteava seu pedacinho de cabelo para fazer um rabinho no topo da cabeça, ela lembrava uma boneca; e, como uma boneca, ela era levada para toda parte pelas meninas encantadas, que cabulariam as aulas, se fosse permitido, só para levantá-la pelos bracinhos e balançar um chocalho bem perto dos olhos dela e ficar bem perto, respirando profundamente, enquanto Maggie a banhava. Até Ira demonstrou algum interesse, embora fingisse que não.

— Me avise quando ela estiver grande o bastante para jogar beisebol — ele dizia, mas, já na segunda semana, Maggie pegou-o espiando a gaveta da cômoda onde Leroy dormia, e, quando ela aprendeu a sentar, os dois travavam longas conversas que só eles entendiam.

E Jesse? Ele era dedicado — sempre oferecendo ajuda, às vezes tornando-se até chato, era o que Fiona dizia. Ele ninava Leroy,

passeava com Leroy durante seus períodos de inquietação, deixava sua cama quentinha para fazê-la arrotar e a levava de volta para o quarto de Maggie, depois da mamada das duas horas. E uma vez, quando Maggie levou Fiona para fazer compras, ele passou uma manhã de sábado inteira sozinho cuidando dela e devolveu Leroy intacta, embora o modo cuidadoso como ele a vestira — com as alças do macacão abotoadas de modo errado abaixo da gola, amarrotando as duas fileiras de pregas — tenha feito Maggie sentir-se triste, por alguma razão. Ele afirmava que nunca tinha desejado um menino; ou, se tinha, não lembrava o motivo.

— Meninas são perfeitas — ele disse. — A Leroy é perfeita. Exceto, sabe...

— Exceto? — Maggie perguntou.

— Bom, é só que... antes de ela nascer eu tinha aquela expectativa, sabe. A agora eu não tenho nenhuma, entende?

— Ah, isso vai passar — Maggie disse. — Não se preocupe.

Porém depois, para Ira, ela disse:

— Eu nunca soube de um pai com depressão pós-parto.

Poderia ser que, se a mãe não tinha, o pai tivesse; será que era assim que funcionava? Porque Fiona estava animada e distraída. Quando rodopiava com o bebê, parecia mais uma das meninas encantadas do que uma mãe. Ela prestava atenção demais aos acessórios de Leroy, Maggie notava — nas roupas cheias de babados, nas fitinhas que colocava no cabelo. Ou talvez fosse só uma impressão. Talvez Maggie tivesse ciúme. Era verdade que ela odiava renunciar ao bebê quando ia trabalhar de manhã.

— Como posso deixá-la? — ela choramingava para Ira. — A Fiona não sabe nada sobre como cuidar de uma criança.

— Bom, só assim ela vai aprender — Ira dizia. E então, Maggie saía, mas, dentro de si, ela continuava lá e telefonava várias vezes por dia para ver como as coisas iam. Mas estava sempre tudo bem.

Na casa de repouso, certa tarde, ela ouviu um visitante de meia-idade falando com a mãe — uma mulher vazia, de queixo caído, numa cadeira de rodas. Ele contou como sua esposa estava, como seus filhos estavam. De roupão, sua mãe alisava o colo. Ele contou

então como era seu emprego. Sua mãe tirou um fiapo do roupão e jogou-o no chão. Ele falou de um postal que havia chegado para ela em casa. A igreja ia promover um bazar de Páscoa e eles queriam que ela fosse escolher uma tarefa para realizar como voluntária. Isso parecia uma piada para o filho, em vista das deficiências de sua mãe.

— Eles pediram para você escolher — ele disse, rindo. — Você pode trabalhar na barraca de bordado ou então cuidando dos bebês.

As mãos da mãe ficaram imóveis. Ela levantou a cabeça. Seu rosto se iluminou e floresceu.

— Ah! — ela disse baixinho. — Eu cuido dos bebês!

Maggie sabia como ela se sentia.

Leroy era uma criança comprida e magra e Fiona achava que logo ela estaria grande demais para dormir na gaveta da cômoda.

— Quando você vai começar a fazer aquele berço? — ela perguntava, e Jesse dizia:

— Qualquer dia.

Maggie disse:

— Acho que deveríamos comprar um berço. Um berço para um recém-nascido; ela não caberá lá por muito tempo.

E Fiona disse:

— Não, eu quero esse berço. — Ela disse para Jesse: — Você prometeu.

— Eu não me lembro de ter prometido.

— Prometeu, sim — ela disse.

— Está bem! Eu vou fazer! Eu não disse que faria?

— Não precisa gritar comigo — ela disse.

— Não estou gritando.

— Está, sim.

— Não estou.

— Está.

— Crianças! Crianças! — Maggie disse, fingindo estar brincando.

Mas só fingindo.

Certa vez, Fiona passou a noite na casa da irmã, levando o bebê; saiu batendo os pés depois de uma briga. Ou não exatamente uma briga, mas um pequeno mal-entendido: a banda ia tocar em uma boate no centro de Baltimore e Fiona planejava ir junto, como de costume, até Jesse dizer que Leroy estava resfriada e não poderia ficar sozinha. Fiona disse que Maggie cuidaria dela e Jesse disse que um bebê resfriado precisava da mãe, e Fiona disse que era incrível como ele tinha tanta consideração pelo bebê, mas tão pouca com a esposa, e Jesse disse que...

Bem.

Fiona foi embora e só voltou de manhã; Maggie temia que ela tivesse ido embora de vez, colocando em perigo a pobre criança, que precisava de muito mais cuidado do que Fiona conseguia dar. Ela devia estar planejando desertar, na verdade. Ora, olhe só para a saboneteira dela! Não era estranho que, por quase um ano, ela entrasse no banheiro duas vezes por dia com sua saboneteira de tartaruga, um tubo de pasta de dente Aim (não a marca que os Morans usavam) e uma escova de dentes dentro de um estojo de viagem? E que seus artigos de toalete ficassem sempre guardados em um nécessaire dentro da cômoda? Ela podia muito bem se passar por uma hóspede. Nunca teve intenção de instalar-se lá permanentemente.

— Vá atrás dela — Maggie disse a Jesse, mas Jesse perguntou:

— Por que eu deveria? Foi ela quem saiu.

Ele estava no trabalho quando Fiona voltou no dia seguinte, pálida e com os olhos inchados. Mechas de seu cabelo despenteado se misturavam com a imitação de pele do capuz de seu agasalho e Leroy estava embrulhada desajeitadamente em uma manta que devia pertencer à irmã dela.

O que a mãe de Maggie dissera era verdade: as gerações estavam indo ladeira abaixo nessa família. Estavam decaindo em todos os aspectos, não somente nas profissões e na escolaridade, mas na maneira como criavam seus filhos e no modo como dirigiam seus lares. (“Como você deixou as coisas ficarem tão comuns?”, Maggie

ouvia novamente na memória.) A Sra. Daley inclinou-se sobre Leroy, que dormia, e pregueou os lábios em desaprovação.

— Eles colocaram um bebê para dormir na gaveta da cômoda? Eles a deixaram ficar aqui com você e o Ira? Estão pensando o quê? Deve ser essa tal de Fiona. Honestamente, Maggie, essa Fiona é tão... Ora, ela nem é aqui de Baltimore! E o que é esse ruído que estou ouvindo?

Maggie inclinou a cabeça para ouvir.

— É o Canned Heat — ela decidiu.

— Cândida? Eu não estou perguntando o nome; quero saber por que está tocando! Quando vocês eram pequenos, eu tocava Beethoven, Brahms e todas as óperas de Wagner!

Sim, e Maggie ainda lembrava o comichão de tédio que sentia quando o peso da grandiosidade de Wagner ecoava pela casa. E sua frustração quando, ao começar a contar alguma história importante com “A Emma e mim fomos no...” ela era interrompida por sua mãe (‘Emma e eu’, por favor”). Ela havia jurado nunca fazer aquilo com seus filhos, preferindo ouvir o que eles tinham a dizer e deixar que a gramática cuidasse de si mesma. Mas ela não se cuidou, pelo menos no caso de Jesse.

Talvez seu próprio declínio tivesse sido deliberado. Se fosse, ela devia desculpas a Jesse. Talvez ele estivesse somente levando a cabo o plano secreto dela para uma revolução, senão teria — quem sabe? — seguido a carreira de advogado, como o pai da Sra. Daley.

Bom, agora era tarde demais.

Leroy aprendeu a engatinhar e engatinhou para fora da gaveta da cômoda, e no dia seguinte Ira chegou em casa com um berço. Ele o montou, sem comentários, no quarto dele e de Maggie. Sem comentários, Fiona observou, parada na porta. A pele debaixo de seus olhos estava amarelada, escura.

Num sábado de setembro, eles comemoraram o aniversário do pai de Ira. Maggie havia tornado uma tradição passar o aniversário dele no Hipódromo de Pimlico — todos juntos, mesmo que isso significasse fechar a loja. Eles levavam uma cesta de piquenique

enorme e uma nota de dez dólares para cada pessoa apostar. No passado, a família inteira ia espremida no carro de Ira, mas é claro que isso não era mais possível. Este ano, eles tinham Jesse e Fiona (que estavam em lua de mel no ano anterior), e Leroy também, e até Junie, irmã de Ira, decidiu que poderia encarar o passeio. Então, Jesse pegou emprestado o furgão que sua banda usava para transportar os instrumentos. SPIN THE CAT estava escrito na lateral, com o S e o C listrados feito a cauda de um tigre. Eles lotaram a parte de trás com cestas de piquenique e acessórios para o bebê e foram para a loja pegar Ira, seu pai e suas irmãs. Junie usava sua fantasia habitual para sair, toda em corte enviesado, e levava uma sombrinha que não fechava, o que foi um problema na hora de entrar no veículo. E Dorrie ficou agarrada à sua caixa de casaco da Hutzler, o que causou ainda mais problemas. Mas todos tiveram muito boa vontade — até o pai de Ira, que sempre dizia estar velho demais para essa confusão de aniversários.

O dia estava lindo, do tipo que começa friozinho e depois a luz do sol suavemente vai aquecendo suas camadas externas e depois as internas. Daisy estava tentando fazê-los cantar *Camptown Races*²⁹ e o pai de Ira ostentava um sorriso relutante e desconfortável. Era assim que as famílias deveriam ser, Maggie pensou. E no ônibus que os levou do estacionamento — eles ocuparam metade do veículo, se você contasse as cestas de piquenique equilibrando-se nos bancos vazios, a sacola de fraldas e o carrinho de bebê dobrado que bloqueava o corredor — ela sentiu pena dos outros passageiros, que estavam sozinhos ou em pares. A maioria deles parecia estar num dia de trabalho. Usavam roupas sensatas e comportadas, tinham expressões determinadas e estavam lá para vencer. Os Morans estavam lá para comemorar.

Eles se espalharam numa fileira de arquibancadas, estacionando Leroy de lado em seu carrinho. Depois, o Sr. Moran, que se orgulhava de seu conhecimento sobre cavalos, foi até o piquete avaliar as coisas, e Ira foi junto, para fazer-lhe companhia. Jesse encontrou um casal de conhecidos — um homem vestindo roupa de motoqueiro e uma moça magricela com uma calça de camurça cheia de franjas — e desapareceu com eles; ele não era muito de apostar. As

²⁹ Canção do século XIX composta por Stephen Foster (1826-1864).

mulheres se acomodaram para escolher seus cavalos pelo som dos nomes, um método que parecia funcionar tão bem quanto qualquer outro. Maggie preferiu o que se chamava Infinita Misericórdia, mas Junie discordou. Ela disse que não era um nome de cavalo com força para brigar.

Por causa da neném, cujos dentes estavam começando a crescer ou algo assim, o que a deixava inquieta, elas revezaram as idas ao guichê de apostas. Fiona foi primeiro, junto com as irmãs de Ira, enquanto Maggie ficou com Leroy e Daisy. Depois que elas voltaram, Maggie e Daisy foram e Daisy ficou toda agitada, dando conselhos.

— O que você tem que fazer — ela disse — é apostar dois dólares no mais cotado. É mais seguro.

Mas Maggie disse:

— Se eu quisesse segurança, teria ficado em casa. — E apostou os dez dólares no Número Quatro para ganhar. (Nos anos anteriores ela tinha insistido que a família juntasse todo o dinheiro e fosse direto para o guichê de apostas onde o mínimo era 50 dólares, um lugar perigoso e excitante do qual ela nunca se aproximara, mas sabia agora que nem adiantava tentar.) No caminho, elas encontraram com Ira e seu pai, que discutiam estatísticas. O peso dos jôqueis, seu histórico, o tempo mais rápido dos cavalos e em que tipo de raia eles tinham melhor desempenho — havia muito a considerar, se você quisesse. Maggie apostou seus dez dólares e foi embora, enquanto Daisy juntou-se aos homens, e os três ficaram lá deliberando.

— Essa menina está me deixando exausta — disse Fiona quando Maggie voltou. Leroy evidentemente não queria ser carregada e ficava tentando ir para o chão, que estava todo sujo, com tampinhas de cerveja e pontas de cigarro. Dorrie, que deveria estar ajudando, havia aberto sua caixa e estava organizando uma fileira de marshmallows de um lado a outro da arquibancada. Maggie disse:

— Pronto, me dê ela aqui, coitadinha. — E levou Leroy até o gradil para admirar os cavalos, que estavam se reunindo perto da largada com passos elegantes e nervosos. — Como é que fazem os cavalos? — Maggie perguntou. — Pacatá, pacatá, pacatá! — ela mesma retrucou.

Ira e o pai dele estavam voltando, ainda discutindo. O assunto agora era a folha de dicas para o páreo que o Sr. Moran havia comprado de um homem sem dentes.

— Em quais vocês votaram? — Maggie perguntou-lhes.

— Não é votar, Maggie — Ira disse a ela. Os cavalos largaram, parecendo pitorescos como brinquedos. Eles passaram galopando e fazendo um som que lembrava uma bandeira rufando ao vento. Depois, sem mais nem menos, a corrida terminou.

— Tão cedo! — Maggie lamentou. Ela nunca conseguira entender como aquilo tudo acontecia tão depressa; nem dava tempo de apreciar. — Olhe, o beisebol dá para aproveitar mais — ela disse à neném.

Os resultados apareceram no placar elétrico: nem sinal do Número Quatro. De certa forma, foi um alívio para Maggie. Ela não precisaria fazer mais escolhas. Na verdade, a única pessoa que lucrou foi o Sr. Moran. Ele ganhou seis dólares no Número Oito, uma dica fornecida pela folha que ele comprara.

— Viu? — ele perguntou a Ira.

Daisy não tinha apostado; ela estava guardando o dinheiro para uma corrida que fosse mais garantida.

Maggie deu o bebê para Daisy e começou a desembulhar o almoço.

— Tem presunto no pão de centeio, peru no pão branco, rosbife no pão integral — ela anunciou. — Tem salada de frango, ovos recheados, salada de batata e de repolho. Pêssegos, morangos frescos e bolinhas de melão. Não se esqueçam de guardar espaço para o bolo de aniversário. — As pessoas em volta mastigavam porcarias compradas ali mesmo. Elas olhavam curiosas para as cestas, que Daisy havia forrado com um pano xadrez engomado e dobrado em pequenas pregas nas bordas. Maggie passou os guardanapos. — Onde está o Jesse? — ela perguntou, buscando-o na multidão.

— Não tenho ideia — disse Fiona. Ela estava novamente com Leroy no colo e a sacolejava apressadamente contra o ombro, enquanto Leroy virava o rosto para cima e fazia ruídos queixosos.

Bem, Maggie estava prevendo essa resposta. Não se usa um ritmo rápido assim com um bebê; será que Fiona ainda não sabia disso? Será que o puro instinto não lhe dava essa informação? Maggie sentiu uma pontada de irritação na base da coluna. Para ser honesta, não era Fiona que a incomodava tanto, mas os ruídos agudos de Leroy — “eh, eh”. Se Maggie não estivesse enchendo pratos de papel, ela mesma poderia assumir a criança, mas naquele momento ela só podia dar sugestões.

— Tente colocá-la no carrinho, Fiona. Talvez ela durma.

— Ela não vai dormir; ela vai se arrastar para fora de novo — disse Fiona. — Poxa, cadê o Jesse?

— Daisy, vá procurar o seu irmão — Maggie ordenou.

— Não posso; estou comendo.

— Vá mesmo assim. Minha nossa, eu não posso fazer tudo.

— É culpa minha que ele tenha sumido com aqueles amigos idiotas? — Daisy perguntou. — Eu acabei de começar meu sanduíche.

— Escute aqui, mocinha... Ira?

Mas Ira e o pai tinham voltado aos guichês de apostas. Maggie disse:

— Ah, Dorrie, você poderia procurar Jesse para mim?

— Mas eu estou arrumando os marshmallows — Dorrie disse.

Os marshmallows percorriam em linha perfeita e sem interrupções toda a extensão da arquibancada deles, como uma linha pontilhada. Como resultado, nenhum deles podia sentar. As pessoas paravam na outra extremidade, querendo sentar, mas depois viam os marshmallows e iam embora. Maggie suspirou. Atrás dela, um toque de clarim flutuou no ar limpo e parado, mas Maggie, encarando as arquibancadas, continuou procurando Jesse na multidão. Então, Junie empurrou alguns dos marshmallows de Dorrie e sentou-se de repente, segurando a sombrinha com as duas mãos.

— Maggie — ela murmurou —, estou me sentindo tão, sei lá, de repente...

— Respire fundo — Maggie disse abruptamente. Isso acontecia de tempos em tempos. — Lembre-se de que você está aqui como outra pessoa.

— Eu acho que vou desmaiar — Junie disse, e virou as sandálias de salto para cima e caiu dura na arquibancada. A sombrinha permaneceu em suas mãos, erguendo-se de seu peito como se estivesse plantada lá. Dorrie movia-se apressadamente em volta dela, tentando capturar o maior número possível de marshmallows.

— Daisy, aquele ali com aquelas pessoas é o seu irmão? — Maggie perguntou.

Daisy disse:

— Onde?

Mas Fiona foi mais rápida. Ela virou-se e disse:

— Com certeza é. — Depois, ela deu um grito agudo: — Jesse Moran! Traga esse seu traseiro para cá agora mesmo!

A voz dela era fibrosa, penetrante. Todos olharam. Maggie disse:

— Ora, eu não...

— Você me ouviu? — Fiona gritou, e Leroy começou a chorar copiosamente.

— Não precisa gritar, Fiona — Maggie disse.

Fiona falou:

— O quê?

Ela ficou olhando para Maggie de modo penetrante, ignorando o bebê que se esgoelava. Foi um daqueles momentos em que Maggie só queria parar e recomeçar. (Ela sempre se sentia paralisada diante de uma mulher raivosa.) Enquanto isso, Jesse, que não podia ter deixado de ouvir seu nome, começou a vir na direção delas. Maggie disse:

— Ah, aí vem ele!

— Está me dizendo para não gritar com meu próprio marido? — Fiona perguntou.

Ela estava gritando naquele exato momento. Tinha que gritar mesmo para fazer-se ouvir acima dos gritos do bebê. O rosto de Leroy estava vermelho e um chumacinho de cabelo úmido havia grudado em sua testa. Ela parecia um tanto comum, para ser franca. Maggie sentiu vontade de debandar do grupo, fingir que não tinha nada a ver com eles; mas, em vez disso, ela suavizou a voz e disse:

— Não, eu só quis dizer que ele não estava assim tão longe, entende...

— A senhora não quis dizer nada disso — Fiona disse, espremendo o bebê com força. — A senhora está tentando nos controlar, como sempre; tentando controlar nossas vidas.

— Não mesmo, Fiona...

— O que é que há? — Jesse perguntou com entusiasmo, chegando perto delas.

— A mamãe e a Fiona estão brigando — Daisy disse. E deu uma mordiscada em seu sanduíche.

— Não estamos! — Maggie afirmou. — Eu só sugeri...

— Uma briga? — Ira disse. — O quê?

Ele e o Sr. Moran chegaram e ficaram parados no corredor atrás de Jesse.

— O que é que está havendo aqui? — ele perguntou, mais alto do que o gritos de Leroy.

Maggie respondeu:

— Não está havendo nada! Pelo amor de Deus, eu só disse para...

— Pessoal, vocês não conseguem ficar sozinhas nem por um minuto? — Ira perguntou. — E por que a Junie está deitada daquele jeito? Como isso tudo aconteceu tão depressa?

Injusto. Injusto. Quem o ouvisse falar pensaria que elas faziam aquela cena todos os dias. Pensaria que Ira era candidato ao prêmio Nobel da Paz.

— Para sua informação — Maggie disse a ele —, eu só estava aqui de pé cuidando da minha vida...

— A senhora nunca, em todo o tempo que eu a conheço, cuidou só da sua vida — disse Fiona.

— Calma aí, Fiona — Jesse disse.

— E você! — Fiona berrou, virando-se para ele. — Você acha que esta criança é só minha? Por que é que ela sempre sobra para mim enquanto você sai com os seus amiguinhos, me responda isso!

— Aqueles não eram meus amiguinhos, eram só...

— Ele estava bebendo com eles também — Daisy murmurou, com os olhos em seu sanduíche.

— Ah, que grande coisa — Jesse disse para ela.

— Bebendo daquela garrafinha chata e prateada que pertence àquela garota.

— E daí se foi, Dona Certinha?

— Agora, escutem — Ira disse. — Vamos todos sentar e nos acalmar. Estamos atrapalhando a visão dos outros.

Ele sentou, dando o exemplo. Depois, olhou para trás.

— Meus marshmallows! — Dorrie disse, guinchando.

— Não pode deixar os seus marshmallows aqui, Dorrie. Ninguém consegue sentar.

— Você estragou os meus marshmallows!

— Acho que vou ficar doente — Junie disse, falando para os raios de sua sombrinha.

O choro de Leroy havia chegado a um estágio no qual ela tinha que lutar para respirar. Ira levantou-se, limpando os fundilhos. Ele disse:

— Pessoal, escutem...

— Quer parar de nos chamar de pessoal? — Fiona exigiu.

Ira deteve-se, alarmado. Maggie sentiu um puxão em sua manga e virou-se. Era o Sr. Moran, que havia dado a volta e estava atrás dela. Ele levantou um bilhete.

— O que foi? — ela perguntou.

— Eu ganhei.

— Ganhou o quê?

— Ganhei o último páreo! Meu cavalo chegou em primeiro.

— Ah, a corrida — ela disse. — Ora, que bom...

Porém a atenção dela voltou-se para Fiona, que estava elencando uma lista de erros que ela parecia estar guardando para Jesse há meses.

— ... sabia desde o começo que eu seria uma idiota em casar com você; eu não disse isso? Mas você era tão entusiasmado e dedicado, você e suas chupetas e seu Dr. Spock...

As pessoas nas arquibancadas atrás deles olhavam explicitamente em direções diferentes, mas trocavam olhares significativos, sorrisinhos secretos. Os Morans haviam se tornado o espetáculo. Maggie não podia tolerar aquilo. Ela disse:

— Por favor! Vamos todos sentar?

— Você e seu famoso berço — Fiona disse a Jesse — que nunca construiu depois de me prometer, me jurar...

— Eu nunca jurei para você! De onde você tirou essa história de berço, afinal?

— Você jurou pela Bíblia! — Fiona lhe disse.

— Ah, Senhor Todo Poderoso! Tudo bem, pode ter passado pela minha cabeça, mas eu teria que ser louco para ter prosseguido, agora eu percebo: papai parado do meu lado criticando cada martelada que eu desse, informando quanto eu era imbecil, e você concordaria com ele, como sempre, aposto, quando eu terminasse. De modo algum eu me enfiaria numa coisa dessas!

— Bom, mas você comprou a madeira, não comprou?

— Que madeira?

— Você comprou aquelas cavilhas de madeira compridas.

— Cavilhas? Para um berço? Eu nunca comprei nenhuma cavilha.

— Sua mãe me disse que...

— Como eu faria um berço com cavilhas?

— Ela me disse que eram eixos...

Os dois olharam para Maggie. Por coincidência, o bebê parou de chorar para dar um soluço. Uma voz grave ribombou no alto-falante, anunciando que o cavalo Sonegação havia saído do páreo. Ira pigarreou e disse:

— Vocês estão falando de umas hastes de cavilha? São minhas.

— Ira, não — Maggie choramingou, porque ainda havia uma chance de as coisas se acalmarem, se ele não insistisse em esclarecer cada pequeno e tedioso detalhe. — Eram as cavilhas para o seu berço — ela disse a Jesse. — Você já tinha o modelo, não é?

— Que modelo? Eu só disse que...

— Se eu me lembro corretamente — Ira interrompeu com seu jeito enfadonho —, aquelas cavilhas foram compradas para o varal de roupa que eu construí na varanda dos fundos. Vocês todos viram esse varal.

— Varal de roupa — Fiona disse. Ela continuou olhando para Maggie.

— Nossa — Maggie disse —, essa história de berço é tão boba, né? Sabe, é que nem aquele colar barato pelo qual os parentes ficam brigando depois do enterro. É só um... E além disso, a Leroy nem precisa mais de um berço! Ela tem aquele que o Ira comprou.

Leroy permanecia quieta, ainda soluçando, olhando para Maggie com determinação.

— Eu casei com você por causa daquele berço — Fiona disse a Jesse.

— Ora, mas isso é ridículo! — Maggie disse. — Por causa de um berço! Eu nunca ouvi uma...

— Chega, Maggie — disse Ira.

Ela parou, de boca aberta.

— Se você casou com o Jesse por causa de um berço — Ira disse a Fiona —, estava redondamente equivocada.

— Ah, Ira! — Maggie gritou.

— Cale a boca, Maggie. Ela não tinha nada que dizer isso para você — Ira disse a Fiona. — É a fraqueza da Maggie: ela acredita que não há problema em alterar a vida das pessoas. Ela acha que as

peessoas que ela ama são melhores do que realmente são, então ela começa a mudar as coisas em volta para adequar tudo à visão que ela tem delas.

— Isso não é nem um pouco verdade — disse Maggie.

— Mas o fato é que — Ira disse a Fiona, calmamente —, o Jesse não é capaz de terminar nada, nem um simples berço. É uma falha dele; eu sei que ele é meu filho, mas ele tem alguma coisa faltando e você tem que encarar isso. Ele não é do tipo perseverante. Ele perdeu aquele emprego há um mês e fica por aí com os amigos em vez de ir procurar trabalho.

Maggie e Fiona, juntas, disseram:

— O quê?

— Eles descobriram que ele não tinha se formado no ensino médio — Ira disse a elas. E depois, para complementar: — Ele também está saindo com outra moça.

Jesse disse:

— Mas do que você está falando? Aquela garota é só minha amiga!

— Eu não sei o nome dela — Ira disse —, mas ela é de um grupo de rock chamado Babies in Trouble³⁰.

— Nós somos amigos, eu estou dizendo! Ela é namorada do Dave!

Fiona parecia ser feita de porcelana. O rosto dela ficou branco e imóvel; suas pupilas eram pequenos pontos pretos.

— Se você sabia disso o tempo todo — Maggie questionou Ira —, por que não contou?

— Não me parecia certo. Eu não costumo mexer no mundo das pessoas — Ira disse. E depois (justamente quando Maggie estava se preparando para odiá-lo), o rosto dele abateu-se e ele se largou pesadamente na arquibancada. — E eu não devia ter mexido agora, tampouco — ele disse.

³⁰ Em inglês: Bebês Encrencados.

Ele havia deslocado toda uma seção de marshmallows, mas Dorrie, que era muito sensível ao humor alheio, limitou-se a ficar curvada em silêncio e coletá-los.

Fiona estendeu a mão.

— Me dê as chaves — ela disse a Jesse.

— Hum?

— As chaves do furgão. Dê elas aqui.

— Aonde você vai? — Jesse perguntou a ela.

— Eu não sei! Como vou saber? Eu só tenho que sair daqui.

— Fiona, eu só falei com aquela garota porque ela não acha que eu sou um idiota, como todo mundo parece achar. Você tem que acreditar em mim, Fiona.

— As chaves — Fiona disse.

Ira disse:

— Dê as chaves para ela, Jesse.

— Mas...

— Nós vamos de ônibus.

Jesse procurou no bolso de trás de sua calça. Ele trouxe um maço de chaves com um chaveiro de um tênis em miniatura.

— Você vai estar em casa... ou o quê? — ele disse.

— Não tenho ideia — Fiona respondeu, tomando as chaves da mão dele.

— Bom, onde você vai estar? Na sua irmã?

— Em lugar nenhum. Não é da sua conta. Eu não sei onde. Eu só quero prosseguir com a minha vida — ela disse.

E ela ergueu o bebê mais para o alto em seu quadril e saiu andando, deixando para trás a sacola de fraldas, o carrinho do bebê e seu prato de papel com a salada de batata que já assumia um tom patético de marfim.

— Ela vai voltar — Maggie disse a Jesse. Depois, disse: — Nunca vou perdoá-lo por isso, Ira Moran.

Ela sentiu outro puxão na manga e virou-se. O pai de Ira ainda estava segurando o bilhete.

— Eu fiz certo em comprar aquela folha de dicas — ele disse. — O que é que o Ira sabe sobre folhas de dicas?

— Nada — Maggie disse, furiosa, e começou a embrulhar o sanduíche de Fiona. Em torno dela, só se ouvia sussurros, como marolas que se espalham num lago:

— O que ele disse?

— Folha de dicas.

— O que ela disse?

— Nada.

— Ela disse alguma coisa. Eu vi os lábios dela se moverem.

— Ela disse: “Nada”.

— Mas eu pensei ter visto...

Maggie levantou o rosto e encarou as pessoas sentadas nas arquibancadas.

— Eu disse “nada”, foi isso que eu disse — afirmou em alto e bom som.

Alguém engasgou ao respirar. Todos olharam para o outro lado.

Era incrível, Ira sempre dizia, como as pessoas se enganavam acreditando no que queriam acreditar. (Como Maggie se enganava, ele queria dizer.) Ele disse isso quando Maggie ameaçou processar o Departamento de Polícia na ocasião em que eles acusaram Jesse de embriaguez e desordem. Disse isso quando ela jurou que Spin the Cat soava melhor do que os Beatles. E disse isso novamente quando ela recusou-se a aceitar que Fiona fora embora de vez.

Naquela noite, depois das corridas, Maggie ficou acordada até tarde com Jesse, fingindo tricotar, embora desmanchasse o mesmo tanto que fazia. Jesse batia os dedos no braço da cadeira.

— Você não pode ficar parado de uma vez? — Maggie perguntou, e depois disse: — Você podia tentar falar com a irmã dela novamente.

— Eu já liguei três vezes, pelo amor de Deus. Elas devem estar deixando tocar.

— Talvez você deva ir em pessoa.

— Seria pior — Jesse disse. — Bater na porta enquanto elas se escondem lá dentro e ficam ouvindo. Aposto que vão ficar dando risada e protegendo uma a outra e fazendo aquele olhar esbugalhado.

— Elas não fariam isso!

— Acho que vou levar o furgão de volta para o Dave — Jesse disse.

Ele se levantou para sair. Maggie não tentou impedi-lo, pois imaginou que ele acabaria indo até a casa da irmã dela.

O furgão estava estacionado diante da casa quando eles voltaram de Pimlico. Por um instante de alívio, todos presumiram que Fiona estava na casa. E as chaves estavam no alto da estante logo ao lado da porta, onde a família sempre deixava chaves, luvas perdidas e bilhetes dizendo quando voltariam. Mas não havia nenhum bilhete de Fiona. No quarto que ela dividia com Jesse, a cama desfeita tinha uma aparência congelada. Cada montinho no lençol parecia ter endurecido. No quarto de Maggie e Ira, o berço estava vazio e desolado. Contudo, não podia ser uma ausência permanente. Nada fora guardado; nada estava faltando. Até os artigos de toalete de Fiona ainda estavam na cômoda, dentro de seu nécessaire.

— Viu? — Maggie disse a Jesse, porque ele também estava preocupado, ela podia perceber; e ela apontou para o nécessaire.

— Ah! Certo — ele disse, reconfortado.

Ela atravessou o corredor até o banheiro e encontrou a costumeira frota de patinhos de borracha e rebocadores.

— Vocês — ela disse com alegria. Saindo do banheiro, passou mais uma vez pelo quarto de Jesse e encontrou-o parado diante da cômoda, com os olhos semicerrados e o nariz enfiado na saboneteira de Fiona. Ela compreendeu perfeitamente. Os cheiros podiam trazer uma pessoa de volta de maneira mais clara do que as fotos; e ela não sabia disso?

A noite foi passando e Jesse não retornava, então ela disse a si mesma que ele devia ter encontrado Fiona. Eles deviam estar tendo

uma conversa bem longa. Ela desmanchou todas as carreiras que tinha tricotado, enrolou tudo em seu novelo de linha e foi para a cama. No escuro, Ira resmungou:

— O Jesse já voltou?

— Não, nem a Fiona — ela disse.

— Bom, a Fiona... — ele disse. — Ela foi embora de vez.

Havia uma clareza repentina na voz dele. Era a voz de alguém que fala dormindo, o que fazia suas palavras parecerem premonitórias e finais. Maggie sentiu um choque de raiva. Era fácil para ele dizer isso! Ele conseguia jogar as pessoas fora sem a menor preocupação.

Pareceu-lhe bastante significativo que a ideia que Ira tinha de diversão fossem aqueles livros intermináveis sobre homens que cruzaram o Atlântico absolutamente sozinhos.

Mas ele tinha razão: pela manhã, Fiona ainda não tinha voltado. Jesse desceu para o café da manhã com a mesma expressão assombrada no rosto. Maggie odiava perguntar, mas acabou tendo que fazê-lo.

— Querido? Você a encontrou?

— Não — ele disse laconicamente. Depois, pediu a geleia de um modo que cortou qualquer outra pergunta.

Foi somente de tarde que a ideia de que algo pior havia acontecido lhe ocorreu. Como é que eles não perceberam? É claro: ninguém que viaja com uma criancinha deixaria para trás tudo o que Fiona deixara — a sacola de fraldas, o carrinho, a caneca de plástico rosa na qual Leroy gostava de tomar seu suco. Alguém devia tê-las raptado, ou pior: matado num assalto de rua. A polícia teria que ser notificada imediatamente. Ela disse isso para Ira, que estava lendo o jornal de domingo na sala de estar. Ira nem levantou os olhos.

— Poupe-se dessa vergonha, Maggie — ele disse baixinho.

— Vergonha?

— Ela foi embora por livre e espontânea vontade. Não incomode a polícia com isso.

— Ira, jovens mães não saem de casa sem suas bolsas. Elas fazem as malas. É obrigatório! Pense — ela disse. — Lembra-se de

tudo que ela levou num simples passeio até Pimlico. Sabe do que eu desconfio? Desconfio que ela voltou para cá, estacionou o furgão, levou a Leroy até a mercearia para comprar bolachas para a dentição — eu a ouvi dizer ontem de manhã que elas estavam acabando — e deu de cara com um assalto. Você viu no jornal como os ladrões sempre escolhem mulheres e crianças como reféns! É mais eficiente. Obtêm resultados.

Ira olhou-a de modo quase ausente por cima do jornal, como se a achasse só minimamente interessante.

— Ora, ela deixou até a saboneteira! A escova de dentes! — ela disse a Ira.

— O nécessaire dela — Ira ressaltou.

— Sim, e se ela fosse por vontade própria...

— O nécessaire dela, Maggie, como ela usaria num hotel. Mas agora ela voltou para, sei lá, a casa da irmã, ou da mãe, onde estão as verdadeiras coisas dela, e ela não precisa de um nécessaire.

— Ah, isso é besteira — Maggie disse. — E olhe só o guarda-roupa dela. Está cheio de roupas.

— Tem certeza?

— É claro. Foi a primeira coisa que eu verifiquei.

— Tem certeza de que não falta nada? O suéter favorito dela? Aquela jaqueta de que ela tanto gosta?

Maggie parou para pensar. Depois, levantou-se e foi até o quarto de Jesse.

Jesse estava deitado na cama, totalmente vestido, com os braços cruzados por trás da cabeça. Ele olhou-a de soslaio quando ela entrou.

— Com licença um momentinho — ela disse a ele, abrindo a porta do guarda-roupa.

As roupas de Fiona estavam penduradas, tudo bem, mas não seu agasalho e nem aquele penhoar que ela gostava de usar em casa. Havia somente duas ou três saias (ela quase não usava saias), algumas blusas e um vestido amarrotado que ela sempre dizia que a deixava gorda. Maggie deu meia-volta e foi até a cômoda de Fiona.

Jesse ficou observando da cama. Ela deu um puxão para abrir uma gaveta e encontrou somente uma calça jeans (artificialmente descolorida com alvejante, um processo que não estava mais na moda) e debaixo dela duas blusas de gola rolê do inverno passado e debaixo delas uma calça de gestante com elástico na frente. Eram como as camadas de uma escavação arqueológica. Maggie tinha a fantasia passageira de que, se ela cavasse mais fundo, encontraria suéteres de líder de torcida, depois aventais da escola fundamental e depois as roupas de bebê de Fiona. Ela alisou as camadas e fechou a gaveta.

— Mas onde ela pode estar? — ela perguntou a Jesse.

Durante um bom tempo, pareceu que ele não responderia. Mas ele finalmente disse:

— Acho que ela está na casa da irmã.

— Você disse que não a encontrou lá.

— Eu não fui lá.

Ela ficou pensando. Depois, disse:

— Ah, Jesse.

— De jeito nenhum eu vou fazer papel de idiota.

— Jesse, querido...

— Se eu tiver que implorar, prefiro ficar sem ela — ele disse. E virou o rosto para a parede, colocando um fim na conversa.

Foi somente dois ou três dias depois que a irmã de Fiona telefonou. Ela disse:

— Sra. Moran? — naquela voz de zurro que Maggie reconheceu imediatamente. — Aqui é Crystal Stuckey — ela disse. — A irmã da Fiona.

— Ah, sim!

— Eu gostaria de saber se a senhora vai estar em casa daqui a pouco para podermos passar aí e pegar as coisas dela.

— Sim, é claro, pode vir agora — Maggie disse. Acontece que Jesse também estava em casa — deitado na cama novamente. Ela foi ter com ele assim que desligou o telefone. — Era a irmã da Fiona — disse. — Christina?

Ele deslizou os olhos na direção dela.

— Crystal — disse.

— Crystal. Elas estão vindo pegar as coisas dela.

Ele sentou-se devagar, passando as botas por cima da cama.

— Eu vou sair para fazer umas compras — Maggie disse a ele.

— O quê? Não, espere.

— Vocês terão a casa só para vocês.

— Espere, não vá. Como é que eu...? Talvez a gente precise de você.

— Precisar de mim? Para quê?

— Eu não quero dizer a coisa errada para ela — ele falou.

— Querido, tenho certeza de que você não vai dizer a coisa errada.

— Mãe, por favor — ele disse.

Então ela ficou, mas foi para o quarto dela, fora do caminho. Seu quarto era na frente da casa, razão pela qual, quando um carro parava, ela podia afastar a cortina e ver quem estava entrando. Eram Crystal e um jovem parrudo, sem dúvida o famoso namorado da irmã, ao qual Fiona sempre se referia. Era a ele que Crystal se referia quando dissera “nós”; nem sinal de Fiona. Maggie largou a cortina. Ela ouviu a campainha tocar; ouvir Jesse gritar:

— Já vou! — e descer a escada, dois degraus de cada vez. Então, após uma pausa, ela ouviu um breve murmurar. A porta bateu novamente. Ele os expulsara de casa ou o quê? Ela afastou a cortina mais uma vez e ficou olhando, mas foi Jesse quem ela viu, não os visitantes — Jesse disparando pela calçada, enfiando sua jaqueta preta de couro enquanto andava. No corredor de baixo, Crystal chamou:

— Sra. Moran? — sua voz parecia menos fibrosa agora, mais cativante.

— Um minuto — Maggie disse.

Crystal e o namorado haviam trazido sacos de papel de uma loja de bebidas e Maggie ajudou-os a enchê-los. Ou tentou ajudar. Ela

tirou uma blusa do cabide e dobrou-a devagar, pesarosamente, mas Crystal disse:

— A senhora pode dar essas blusas para uma casa de caridade. Não se preocupe com nada sintético, Fiona me disse. Ela voltou para casa e não tem muito espaço no guarda-roupa.

Maggie disse:

— Ah — e deixou a blusa de lado. Ela sentiu uma pitada de inveja. Não seria maravilhoso guardar somente o que era de primeira, puro e genuíno, e deixar para trás todo o resto? Quando Crystal e o namorado saíram, só restou o que não importava mais.

Então, Jesse achou emprego em uma loja de discos e parou de ficar deitado em sua cama a maior parte do tempo; e Daisy e as meninas encantadas voltaram para a Sra. Perfeita. Maggie estava sozinha novamente. Sem mais nem menos, ela foi privada de todas as fofocas, da agitação e das espiadelas em outros lares que as crianças podiam proporcionar. Foi aí que ela começou a empreender suas viagens de espionagem a Cartwheel, não que elas fossem muito satisfatórias; ou, às vezes, depois do trabalho, ela decidia andar até a loja de molduras em vez de ficar sentada naquela casa vazia. Mas aí ficava se perguntando por que tinha vindo, pois Ira estava sempre ocupado demais para falar com ela e, de qualquer maneira, ele disse, ele estaria em casa dentro de algumas horas, não estaria? Por que ela tinha ido até lá?

Então, ela subia as escadas e ia para o apartamento da família dele e ficava um pouco lá, ouvindo as irmãs dele contarem o último capítulo da novela ou o pai dele listar suas dores e males. Além de seu suposto coração fraco, o Sr. Moran sofria de artrite e sua visão estava falhando. Ela tinha mais de 80 anos, afinal. Os homens daquela família haviam tradicionalmente tido filhos tão tarde que, quando o Sr. Moran falava em seu tataravô, ele estava se referindo a um homem que nascera nos idos de 1700. Maggie nunca se dera conta disso, mas agora lhe parecia definitivamente assustador. Em que atmosfera velha e decaída ela vivia! Suas manhãs na casa de repouso, suas tardes na casa dos Morans, suas noites com Ira e seus

jogos de paciência... Ela fechou mais o suéter e fez um estalido com a língua ao ouvir sobre a indigestão de seu sogro.

— Eu comia de tudo — ele disse. — O que será que houve? — Ele a espiava com aqueles olhos sem brilho, como se esperasse uma resposta. Ultimamente, tinham surgido pesadas bolsas em seus cílios superiores; sua mãe Cherokee se mostrava mais claramente a cada ano que passava. — Rona nunca teve a mais remota noção — ele disse a Maggie. Rona era a mãe de Ira. — Ela morreu antes de passar por tudo isso — ele disse. — Rugas, deformações, juntas que rangem e azia; ela perdeu tudo isso.

— Ê, mas ela teve outras dores — Maggie lembrou-lhe. — Talvez até piores.

— Ê como se ela não tivesse vivido uma vida de verdade — ele disse sem escutá-la. — A vida como um todo, eu quero dizer, essa tralha toda que vem no final.

Ele estava rabugento; parecia pensar que sua esposa havia escapado impune de alguma coisa. Maggie estalou a língua novamente e deu um tapinha na mão dele. Teve a sensação de que o pé de uma águia deveria ter a mesma textura.

Por fim, ela ia ter com Ira lá embaixo e o persuadia a fechar a loja alguns minutos mais cedo para voltar junto com ela para casa. Ele ia se arrastando envolto em uma nuvem escura, seu olhar fixo voltado para dentro de si. Quando passavam pela casa das irmãs Larkin, Maggie sempre dava uma olhadela e virava o rosto depressa. Antigamente, empurrando o carrinho de Leroy a caminho de casa, elas se deparavam com um cavalo de balanço aguardando esperançosamente na varanda da frente dos Larkins. Ele parecia ter surgido como por magia no alto da escada onde antes não havia nada: um animal de madeira, desbotado, com um sorriso acanhado e cílios pretos, longos e caídos. Mas agora não havia nem sinal dele; até aquelas duas senhoras idosas sabiam, de alguma maneira, que os Morans não haviam conseguido manter a família unida.

Ah, como Fiona dedicaria àquela criança a vigilância constante que ela exigia? Não era meramente uma questão de alimentá-la e trocar suas fraldas. Leroy era um daqueles bebês destemidos que se entregam com insolência aos degraus de escadas e beiradas de

cadeiras, confiando que alguém estará lá para apanhá-los. Fiona não oferecia nem de perto o volume de atenção que ela exigia. E ela não tinha um bom olfato, Maggie também percebera. Ora, Maggie podia sentir o cheiro de um incêndio antes de ele começar, praticamente. Maggie podia andar por um shopping e sentir, infalivelmente, o cheiro de comidas manipuladas de modo errado — uma acidez sutil, um leve ranço, não muito diferente do cheiro de uma criança com febre. Todos os demais nem se davam conta, mas:

— Parem! — Maggie gritava, levantando a palma da mão enquanto os outros rumavam para o bufê de sanduíches. — Este, não! Qualquer um, menos este!

Ela tinha tanto a oferecer, se ao menos alguém aceitasse.

Agora, parecia sem sentido fazer um jantar de verdade. Jesse estava sempre fora e Daisy comia com frequência na casa da Sra. Perfeita, ou, se fosse forçada a comer em casa, ficava tão amuada que nem era bom tê-la por perto. Então, Maggie só aquecia algum prato congelado ou abria uma lata de sopa. Às vezes, nem isso fazia. Uma noite, depois de ficar duas horas sentada à mesa da cozinha olhando para o nada em vez de caminhar até a loja de molduras, Ira entrou e disse:

— O que é que temos para o jantar?

E ela disse:

— Não consigo fazer o jantar! Olhe só! — E balançou a lata de sopa diante de si. — Número de porções: duas e três quartos — ela leu. — O que eles esperam, que eu tenha duas pessoas e três quartos para alimentar? Ou três, e aí eu vou ter que servir menos para uma pessoa? Ou talvez eu deva guardar o resto para outro dia, mas sabe quanto tempo vai levar para compensar? Primeiro eu teria três quartos de porção sobrando, e depois seis quartos, e depois nove. Eu teria que abrir quatro latas de sopa para ter sobras que não fossem frações. Quatro latas, olhe só! Quatro latas do mesmo sabor!

Ela começou a chorar, deixando as lágrimas rolarem copiosamente rosto abaixo. Sentiu-se como se sentia quando criança, quando sabia que estava se comportando de modo nada sensato, sabia que estava chocando os adultos e sendo horrorosa, mas ao

mesmo tempo ela queria se comportar de modo insensato e tinha até certo prazer nisso.

Ira poderia ter virado as costas e saído; ela meio que esperava isso. Mas não, ele afundou-se em uma cadeira diante dela. Colocou os cotovelos sobre a mesa e abaixou a cabeça, apoiando-a nas mãos.

Maggie parou de chorar. Ela disse:

— Ira?

Ele não respondeu.

— Ira, o que foi? — ela perguntou.

Ela se levantou, curvou-se sobre ele e abraçou-o. Ela agachou ao lado dele e tentou ver seu rosto. Teria acontecido algo ao pai dele? A uma de suas irmãs? Ele estava tão desgostoso com Maggie que não aguentava mais? O que era?

A resposta apareceu em sua coluna — pela ondulação das vértebras salientes em suas costas curvadas e magras. Os dedos dela sentiram a resposta primeiro.

Ele estava tão triste quanto Maggie, e pelos mesmos motivos. Sentia-se sozinho, cansado e sem esperança, seu filho não dava certo e sua filha não ligava muito para ele, e ele ainda não percebia o que havia feito de errado.

Ele deixou a cabeça cair no ombro dela. Seu cabelo era grosso e áspero, salpicado de fios grisalhos que ela nunca havia notado, e isso cortou o coração dela de um modo que seus próprios e poucos cabelos cinzentos nunca haviam feito. Ela abraçou-o bem apertado e roçou o rosto contra o rosto dele. E disse:

— Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem.

E acabou ficando. Não pergunte a ela por quê. Bem, para começar, Jesse gostou de seu novo emprego e parecia aos poucos recuperar seu antigo ânimo. E então Daisy informou, finalmente, que a Sra. Perfeita só falava em jogos de tênis e retomou seu lugar na família. E Maggie desistiu de suas viagens de espionagem, como se Leroy e Fiona tivessem sido colocadas para descansar em algum lugar de sua mente. Mas nenhum desses motivos era o mais importante.

Tinha mais a ver com Ira, ela acreditava — com aquele momento com Ira na cozinha. Entretanto, eles nunca voltaram a falar naquilo, Ira não mudou sua atitude e a vida continuou a mesma de sempre.

Ela endireitou-se no banco e olhou pela janela, procurando as outras. Elas já deviam estar prontas. Sim, lá vinha Leroy, saindo da casa com uma mala maior do que ela. Ira mexia ruidosamente no porta-malas e assobiava uma melodia animada. King of the Road³¹ era o que ele assobiava. Maggie saiu para abrir a porta de trás. Parecia-lhe agora que, mesmo sem perceber, desde que acordara de manhã, ela tinha um só propósito em mente: trazer Leroy e Fiona de volta para casa, finalmente.



³¹ “O Rei da Estrada”, de Roger Miller, 1964 (N. T.).



O **carro da Sra. Stuckey** estava estacionado de um modo que ainda permitia que eles manobrassem. Era o que Ira afirmava. Maggie achava que ele estava errado.

— Você conseguiria se a caixa de correio não estivesse aí — ela disse —, mas ela está e você vai bater nela quando esterçar.

— Só se eu fosse cego, surdo e mudo — Ira disse.

No banco de trás, Fiona deu um leve suspiro.

— Escute — Ira disse a Maggie —, vá lá fora e fique ao lado da caixa. Me avise se eu chegar perto demais. Só preciso virar e entrar alguns metros no quintal, depois eu esterço tudo para a direita e vou de ré...

— Eu não vou me responsabilizar por isso! Você vai pegar a caixa de correio e me culpar depois.

— Talvez fosse melhor pedir à mamãe que tirasse o Maverick — Fiona sugeriu.

Maggie disse:

— Ah, bom...

E Ira disse:

— Não, eu tenho certeza de que vamos conseguir.

Nenhum deles queria ver a Sra. Stuckey fazendo cara de vítima.

— Muito bem, então você dirige — Ira disse a Maggie — e eu fico lá fora.

— E aí quem vai bater na caixa de correio sou eu, e ainda vou levar a culpa.

— Maggie. Tem mais de três metros entre a caixa de correio e o Maverick. Então, assim que você tiver passado o Maverick, dê uma pequena ré e suba na calçada que já vai dar para passar. Eu digo quando.

Maggie ficou pensando. E disse:

— Promete que não vai gritar se eu bater na caixa de correio?

— Você não vai bater na caixa de correio.

— Prometa, Ira.

— Deus seja louvado! Tá, eu prometo.

— E não vai olhar para o céu e nem fazer aquele som sibilado entre os dentes...

— Acho que é melhor eu chamar a Mamãe — Fiona disse.

— Não, não, é moleza — Ira disse a ela. — Qualquer idiota consegue fazer isso; acredite em mim.

Maggie não gostou de como aquilo soou.

Ira saiu do carro e foi ficar ao lado da caixa de correio. Maggie escorregou para o banco do motorista. Ela agarrou a direção com as duas mãos e verificou o espelho retrovisor. Ele estava no ângulo errado, ajustado para a altura de Ira, não para a dela, e ela levantou as mãos para acertá-lo. O alto da cabeça de Leroy apareceu, com um brilho vago, seguido pela figura esguia de Ira, com os cotovelos dobrados e as mãos metidas nos bolsos de trás. A caixa de correio era um cilindro de metal ovalado e estava ao lado dele.

O banco do motorista também estava regulado para Ira, muito para trás, mas Maggie achou que não faria muita diferença para uma distância tão curta. Ela engatou a ré. Ira disse:

— Muito bem, esterce-a para a esquerda...

Por que é que ele sempre de referia às tarefas difíceis no feminino? O carro não era “ela”³² até ter que desempenhar uma manobra complicada. O mesmo acontecia com parafusos teimosos e tampas de vidros que não queriam sair, e também com peças de mobília pesada quando tinham que ser empurradas.

Ela subiu no quintal de terra, dando a volta no Maverick, indo talvez um pouco depressa demais, mas ainda no controle. Aí, procurou o freio com o pé. Ele não estava lá. Ou estava, mas no lugar errado, mais perto do que ela esperava, considerando que o banco estava mais para trás. Seu pé atingiu a haste e não o pedal, e o carro correu desimpedido. Ira gritou:

— Mas que diabo...?

Maggie, com o olhar ainda fixo no espelho retrovisor, viu passar um borrão, que era Ira procurando se proteger. Pam!, disse a caixa de correio quando ela a atingiu. Leroy disse:

— Caramba! — com voz de espanto.

Maggie colocou o câmbio em ponto morto e meteu a cabeça para fora da janela. Ira estava se levantando. Ele limpou as mãos e disse:

— Você tinha que provar que estava certa sobre a caixa de correio, Maggie, não tinha?

— Você prometeu, Ira!

— A luz traseira esquerda ficou toda quebrada — ele disse, inclinando-se para examiná-la. Ele cutucou alguma coisa. Ouviu-se um tilintar. Maggie recolheu a cabeça e olhou para a frente.

— Ele prometeu que não diria uma palavra — ela disse para Fiona e Leroy. — Vejam como ele não vai cumprir a promessa.

Fiona, absorta, dava tapinhas no joelho de Leroy.

— Reduzida a cacos — Ira informou.

— Você prometeu que não faria escândalo!

³² Foi usado o pronome pessoal “she” (ela), que em inglês é utilizado somente para pessoas. O correto seria utilizar o pronome neutro “it” (ele, ela) (N. T.).

Ele grunhiu; ela viu que ele estava endireitando a caixa de correio. Dali, ela nem parecia amassada.

— Suponho que não precisemos contar isso para a sua mãe — Maggie disse a Fiona.

— Ela já sabe — Leroy disse. — Ela está espiando de dentro de casa.

Havia mesmo uma abertura suspeita em uma das venezianas. Maggie disse:

— Ah, o dia de hoje está tão... sei lá ... — e escorregou banco abaixo até ficar mais ou menos sentada sobre as escápulas.

Ira apareceu na janela.

— Experimente as luzes — ele disse.

— Hum?

— As luzes. Eu quero ver se elas ainda funcionam.

Lá vinha ele com essa história de “elas” novamente. Maggie estendeu o braço, sem muita vontade e sem se endireitar no banco, e puxou o botão.

— Como eu pensei — Ira informou lá de trás. — Não temos farol traseiro esquerdo.

— Eu não quero saber de nada disso — Maggie disse ao teto.

Ira reapareceu na janela e convocou-a a mudar de lugar.

— Vamos ser multados, quanto quer apostar? — ele disse, abrindo a porta e entrando.

— Não dou a mínima — ela falou.

— E estamos saindo tão tarde — ele disse (outra repreensão) — que vai escurecer na metade do caminho e a polícia estadual vai nos pegar por dirigir sem uma luz traseira.

— Então vamos parar e consertar — Maggie disse.

— Ah, você sabe como são esses postos de beira de estrada — Ira lhe disse. Ele mudou de marcha, foi um pouco para a frente, depois para trás, e saiu da calçada. Não pareceu ser nada difícil para ele. — Eles cobram fortunas por algo que eu posso pegar quase de graça na loja de autopeças do Rudy — ele disse. — Vou correr o risco.

— Você também pode explicar que sua esposa é uma completa idiota.

Isso, ele não refutou.

Ao ganharem a rua, Maggie olhou para a caixa de correio, que estava de pé, levemente curvada, mas fora isso parecia bem. Ela se virou no banco até conseguir olhar para Fiona e Leroy — ambas pálidas de espanto.

— Você duas estão bem? — perguntou a elas.

— Claro — Leroy respondeu pelas duas. Ela abraçava a luva de beisebol contra o peito.

Ira disse:

— Aposto que vocês não esperavam que a gente batesse antes de chegar na rua, né?

— Eu não esperava que o senhor fosse pedir para bater — Fiona respondeu.

Ira olhou para Maggie com a sobrancelha levantada.

Agora, o sol já se escondera e o céu havia perdido a cor. Todos os pastos revelavam seu lado oculto sob uma brisa repentina. Leroy disse:

— Quanto tempo nós vamos levar para chegar lá?

— Mais ou menos uma hora — Fiona respondeu. — Você lembra a distância até Baltimore.

Maggie disse:

— A Leroy se lembra de Baltimore?

— Das visitas à minha irmã.

— Ah, é claro — Maggie disse.

Ela ficou algum tempo observando a paisagem. Alguma coisa na luz difusa dava às casinhas um ar submisso e derrotado. Por fim, ela se forçou a perguntar:

— E como vai a sua irmã, Fiona?

— Está bem, considerando... — Fiona disse. — A senhora sabe que ela perdeu o marido.

— Eu nem sabia que ela tinha se casado.

— Bom, acho que a senhora não tinha como saber mesmo — Fiona disse. — Ela casou com aquele namorado, o Avery. E ele morreu seis semanas depois, num acidente de obra.

— Ah, pobre Crystal — disse Maggie. — Mas o que anda acontecendo? Todo mundo está perdendo o marido. Eu lhe contei que nós estávamos voltando do funeral do Max Gill?

— Sim, mas acho que não o conheci — Fiona disse.

— Você deve ter conhecido! Ele era casado com a minha amiga Serena, que estudou comigo. Os Gills. Tenho certeza de que você os conheceu.

— Ah, mas essas pessoas já eram velhas — Fiona disse. — Não, não que elas fossem velhas, mas sabe como é. A Crystal e o Avery tinham acabado de voltar da lua de mel. Quando você está casado há oito semanas, tudo ainda é perfeito.

E depois não é, era o que estava implícito. Algo que Maggie não podia contestar. Mesmo assim, entristecia-a perceber que todos tomavam isso como uma certeza.

Um semáforo assomou a distância e Ira diminuiu a velocidade e virou no acesso à Rota Um. Depois das estradas vicinais que eles pegaram, a Rota Um ficou mais imponente. Caminhões voavam na direção deles, alguns com os faróis já ligados. Alguém colocara uma placa escrita à mão na varanda de um pequeno café: JÁ ESTAMOS SERVINDO JANTAR. A boa comida da fazenda, sem dúvida — espiga de milho e bolachas. Maggie disse:

— Acho que deveríamos parar para fazer compras a caminho de casa. Leroy, está morta de fome?

Leroy balançou a cabeça enfaticamente.

— Eu não como nada além de batata frita e pretzels desde o café da manhã — Maggie disse.

— Isso e uma cerveja em plena luz do dia — Ira lembrou-a.

Maggie fingiu não ouvir.

— Leroy — ela disse —, me diga qual é a sua comida favorita.

— Ah, não sei — Leroy disse.

— Tem que haver alguma.

Leroy enfiou o punho na palma de sua luva de beisebol.

— Hambúrguer? Cachorro-quente? — Maggie perguntou. — Bife grelhado? Ou caranguejo?

— Aquele caranguejo com casca? — Leroy disse. — Urgh!

Maggie sentiu-se perdida.

— Ela tem um fraco por frango frito — Fiona disse. — Ela pede para a mamãe para fazer a toda hora. Não é, Leroy?

— Frango frito! Perfeito — Maggie disse. — Vamos pegar os ingredientes quando chegarmos na cidade. Não vai ser legal?

Leroy permaneceu muda, e não era para menos; Maggie sabia que soara muito trínada e artificial. Uma pessoa velha esforçando-se demais. Mas se ao menos Leroy conseguisse ver que Maggie ainda era jovem por baixo; era só espiar por trás daquela máscara de rosto velho!

Subitamente, Ira pigarreou. Maggie ficou tensa. Ele disse:

— Hum, Fiona, Leroy... vocês sabem que vamos levar a Daisy para a faculdade amanhã.

— Sim, a Maggie me disse — Fiona disse. — Eu não acredito: a pequena Daisy.

— O que quero dizer é que nós vamos levá-la de carro. Vamos sair de manhã bem cedo.

— Não tão cedo — Maggie disse com presteza.

— Bom, umas oito ou nove horas, Maggie.

— O que está querendo dizer? — Fiona perguntou a Ira. — O senhor acha que não deveríamos fazer essa visita?

Maggie disse:

— Deus do Céu, não! Ele não quis dizer isso.

— Bom, para mim, parece que quis — Fiona disse.

— Eu só quis ter certeza de que você sabia no que estava se metendo — Ira disse. — Que seria uma visita curta, eu quero dizer.

— Não tem problema, Ira — Maggie disse a ele. — Se ela quiser, pode ir até a casa da irmã dela de manhã.

— Muito bem, então, mas está escurecendo e não estamos nem na metade do caminho. Eu acho que...

— Talvez seja melhor a gente parar aqui e voltar para casa — Fiona disse.

— Ah, não, Fiona! — Maggie gritou. — Já programamos tudo!

— Agora não consigo me lembrar por que eu disse que viríamos, para começar — Fiona disse. — Meu Deus! Onde eu estava com a cabeça?

Maggie desafivelou seu cinto e virou-se para encarar Fiona.

— Fiona, por favor — ela disse. — É só um pouquinho, e faz tanto tempo que nós não vemos a Leroy. Tem tantas coisas que eu quero mostrar para ela. Quero que ela veja a Daisy e eu estava planejando levá-la até a casa das irmãs Larkin; elas não vão acreditar como ela está grande.

— Quem são as irmãs Larkin? — Leroy perguntou.

— São duas velhinhas; elas costumavam montar o cavalo de balanço para você cavalgar nele.

— Não me recordo disso — Fiona disse.

— Nós passávamos na frente da varanda e ela estava vazia, e depois, quando nós fazíamos a volta para ir para casa, o cavalo estava lá esperando.

— Não me lembro de nada disso — Fiona disse.

— Nem eu — afirmou Leroy.

— Mas é claro que você não lembraria — Fiona disse a ela. — Você era só um bebê. Você não viveu lá praticamente nada.

Aquilo soou injusto para Maggie. Ela disse:

— Minha nossa, ela tinha quase um ano quando você foi embora, Fiona.

— Não tinha, não! Ela tinha acabado de fazer sete meses.

— Não é verdade; ela devia ter, ah, oito meses pelo menos. Se você saiu em setembro...

— Sete meses, oito meses, faz diferença? — Ira perguntou. — Por que dar tanta importância a isso? — Ele encontrou o rosto de Leroy no espelho e disse: — Aposto que também não se lembra de como a sua avó tentava ensiná-la a dizer “Papai”.

— Eu ensinei? — Maggie perguntou.

— Seria uma surpresa para o aniversário dele — Ira disse a Leroy. — Ela bateria palmas e você deveria dizer “Papai” quando desse esse sinal. Mas quando ela batia palmas você só ria. Você achava que era algum tipo de jogo.

Maggie tentou imaginar aquilo. Por que suas lembranças nunca coincidiam com as de Ira? Ao contrário, elas pareciam se encaixar — ele rememorava um momento e o próximo era dela, como se eles tivessem concordado em repartir as memórias de sua vida juntos. (Sem nenhuma lógica, ela sempre ficava pensando se tinha se comportado direito durante aqueles momentos que esquecia.)

— E deu certo ou não? — Leroy perguntou a Ira.

— Certo?

— Eu aprendi a dizer “Papai”?

— Na verdade, não — Ira disse. — Você era pequena demais para falar.

— Ah!

Leroy parecia estar digerindo aquilo. Depois, sentou-se mais para a frente, de modo que ficou praticamente grudada em Maggie. Seus olhos tinham pontinhos de um azul mais escuro, como se até eles tivessem sardas.

— Eu vou ver ele, não vou? — ela disse. — Ele não vai dar um show nem nada assim, vai?

— Quem? — Maggie perguntou, embora, é claro, soubesse.

— Meu... Jesse.

— É claro que vai. Você vai vê-lo no jantar, depois que ele sair do trabalho. Ele adora frango frito, que nem você. Deve ser genético.

— Só que... — Ira começou.

— De que sobremesa você gosta, Leroy? — perguntou Maggie.

— Só que — Ira disse — hoje é sábado. E se Jesse tiver outros planos e não puder vir jantar?

— Mas ele pode vir jantar, Ira; eu já disse.

— Ou se ele tiver que sair logo depois. Quero dizer, o que estamos fazendo, Maggie? Não temos mais nenhum brinquedo e nenhum equipamento esportivo e nossa televisão está escangalhada. Não temos nada para manter uma criança ocupada. E você quer, por favor, olhar para a frente e colocar seu cinto? Está me deixando nervoso.

— Estou só tentando decidir o que comprar para a sobremesa — Maggie disse. Mas ela virou-se e procurou seu cinto. — A sobremesa favorita do seu pai é sorvete de menta com pingos de chocolate — ela disse a Leroy.

— Ah, a minha também — Leroy disse.

— Como assim? — disse Fiona. — Você detesta sorvete de menta com chocolate.

— Eu adoro — Leroy disse a ela.

— Você com certeza não adora!

— Adoro, sim, mãe. Eu só não gostava quando era pequena.

— Bom, então você devia ser pequena na semana passada, mocinha.

Maggie disse depressa:

— De que outros sabores você gosta, Leroy?

— Ah, caramelo, por exemplo — Leroy disse.

— Ora, que coincidência! O Jesse também é louco por caramelo.

Fiona revirou os olhos. Leroy disse:

— É mesmo? Eu acho caramelo simplesmente excelente.

— Eu já vi você recusar a sobremesa quando só tinha sorvete de menta com chocolate — Fiona disse a Leroy.

— Você não sabe tudinho sobre mim! — Leroy gritou.

— Caramba, Leroy — disse Fiona, e afundou no banco com os braços cruzados.

Eles já estavam em Maryland e Maggie percebeu que o campo ali era diferente — mais suntuoso. As colinas, sem gado, eram de um verde profundo e perfeito e, no lusco-fusco, as longas cercas brancas produziam um reflexo tremeluzente como o luar. Ira assobiava Sleepytime Gal³³. Por um instante, Maggie não soube o motivo. Significava que ele estava cansado ou o quê? Mas depois ela percebeu que a mente dele ainda estava no tempo em que Leroy era um bebê. Aquela era a música que eles costumavam cantar para que ela dormisse — ele e Maggie, harmonizando. Maggie encostou a cabeça no banco e, em silêncio, seguiu o assobio dele com a letra.

Quando você fica em casa, brinca em casa e vai para a cama às oito, menina sonolenta...

Imediatamente, ela olhou para seu pulso e viu que usava dois relógios. Um era seu relógio costumeiro, um pequeno Timex, e o outro era um relógio masculino pesado com pulseira larga de couro. Na verdade, ele pertencia ao pai dela, mas fora perdido ou quebrara há alguns anos. O mostrador era um retângulo rosado e os números eram azul-claros e brilhavam no escuro. Ela colocou a mão em concha sobre o pulso e curvou-se, formando uma pequena caverna escura para poder ver os números brilharem. Seus dedos cheiravam a chiclete. Ao lado dela, Serena disse:

— Só mais cinco minutos, é só o que eu peço. Se nada acontecer até lá, eu prometo que podemos ir.

Maggie levantou a cabeça e seu olhar atravessou as folhas, indo parar em dois leões de pedra do outro lado da rua. Entre eles havia uma calçada branca que seguia em curva sobre um gramado imaculado e finalmente chegava a uma imponente casa colonial de tijolos, e dentro da casa vivia o homem que era o pai de Serena. A porta da frente era do tipo que não tem janela e nem aquelas pequenas vidraças que são colocadas alto demais para terem qualquer utilidade. Maggie se perguntava como Serena conseguia olhar com tanta concentração para algo tão inexpressivo e rígido. Elas

³³ “Menina Sonolenta”, de Red Foley (N. T.).

ficavam agachadas desconfortavelmente entre os ramos retorcidos de um arbusto de rododendro. Maggie dizia:

— Foi isso que você me disse há meia hora. Não vem ninguém.

Serena colocou uma mão no braço dela, pedindo silêncio. A porta se abriu. O Sr. Barrett saiu e em seguida virou-se para trás e disse alguma coisa. A esposa dele apareceu, dando pequenos puxões nas luvas. Ela usava um fino vestido marrom de manga comprida e o terno do Sr. Barrett era quase do mesmo tom de marrom. Nem Maggie nem Serena o tinham visto usar outra coisa a não ser um terno, mesmo nos finais de semana. Ele era como uma boneca numa casa de bonecas, Maggie pensou — uma daquelas figuras articuladas de plástico com as roupas pintadas no corpo, impossíveis de tirar, e um rosto bem-apeçoado e anônimo. Ele fechou a porta, pegou no cotovelo da esposa e eles foram caminhando pela calçada, os calcanhares fazendo um ruído seco. Quando passaram pelos leões de pedra, pareceram olhar diretamente para Maggie e Serena; Maggie podia ver os fios prateados do cabelo cortado à escovinha do Sr. Barrett. Mas a expressão dele não lhe dizia nada, nem a da esposa. Eles viraram à esquerda e se dirigiram para um comprido Cadillac azul estacionado na rua. Serena soltou a respiração. Maggie teve um sentimento de frustração que era quase sufocante. Como essas pessoas eram herméticas! Você podia analisá-los o dia inteiro e mesmo assim não as conheceria. (Nem a qualquer outro casal, talvez). Havia momentos — a primeira vez em que haviam feito amor, por exemplo, ou talvez uma conversa que tiveram quando um deles acordara assustado no meio da noite — que ninguém mais no mundo sequer imaginava.

Maggie virou-se para Serena e disse:

— Ah, Serena, estou tão triste por sua perda.

Serena usava seu vestido de funeral e estava secando as lágrimas na franja do xale preto.

— Ah, querida, eu sinto tanto — Maggie disse e, quando acordou, estava chorando também. Ela achou que estava em casa, na cama, e Ira estava dormindo a seu lado, a respiração dele tão firme quanto pneus passando pelo asfalto e seu braço quente e nu

apoiando a cabeça dela, mas era o encosto do banco que ela sentia. Ela endireitou-se e coçou os olhos com as pontas dos dedos.

A luz havia sumido ainda mais dentro do crepúsculo e eles haviam chegado àquele trecho bem comercial nos arredores de Baltimore. Sinais luminosos passavam por eles, CANOS DE ALTA QUALIDADE e CHURRASCARIA CECIL e COMA COMA COMA. Ira era só um perfil escuro e, quando Maggie virou-se para Leroy e Fiona, viu que toda a cor delas havia esmaecido, exceto pelas luzes de néon que passavam e iluminavam seus rostos.

— Eu devo ter dormido — ela disse, e eles confirmaram. Ela perguntou a Ira: — Quanto tempo falta?

— Ah, mais uns 15 minutos. Já estamos na marginal.

— Não esqueça que temos que parar num supermercado.

Ficou zangada consigo mesma por ter perdido parte da conversa. (Ou será que não houvera conversa? Isso seria pior.) Sua cabeça estava um pouco turva e nada parecia completamente real. Eles passaram por uma casa com uma varanda envidraçada e iluminada que exibia baterias, com baterias menores em cima das maiores, algumas douradas feito um vestido de festa em lamê, com bordas cromadas brilhando, e ela se perguntou se estava sonhando novamente. Virou-se para seguir a casa com os olhos. As baterias foram ficando menores, mas continuaram estranhamente brilhantes, como peixes num aquário.

— Eu tive um sonho muito estranho — ela disse pouco depois.

— Eu estava nele? — Leroy quis saber.

— Que eu me lembre, não. Mas poderia estar.

— Na semana passada a minha amiga Valerie sonhou que eu tinha morrido — disse Leroy.

— Oooh, nem diga uma coisa dessas!

— Ela sonhou que eu fui atropelada por um trator — Leroy disse com satisfação.

Maggie girou para chamar a atenção de Fiona. Ela queria assegurar-lhe que aquele sonho não significava nada, ou talvez desejasse assegurar a si mesma. Mas Fiona não estava ouvindo. Ela

estava admirando as inúmeras lojas de conveniência e pizzarias que passavam.

— Supermercado Mighty Value — Ira disse. Ele deu seta para a esquerda.

— Mighty o quê? — Maggie disse. — Nunca ouvi falar.

— Está no jeito, é isso que importa — Ira respondeu. Ele foi retardado por uma onda de carros que vinha do sentido contrário, mas finalmente conseguiu uma brecha e cruzou a rua, entrando no estacionamento cheio de carrinhos de supermercado abandonados. Parou ao lado de um caminhão antigo e desligou o motor.

Leroy disse que queria ir também. Maggie disse:

— Ora, é claro.

E depois Ira, que começava a se esticar no banco, endireitou-se e abriu sua porta, como se estivesse planejando ir junto como elas. Isso fez Maggie sorrir. (Não venha dizer a ela que ele não ligava para a neta!) Fiona disse:

— Bom, eu é que não vou ficar sentada aqui sozinha — e saiu do carro para unir-se a eles. Ela nunca gostara muito de fazer compras, Maggie lembrou.

O Mighty Value era um daqueles lugares enormes, frios, brancos e ofuscantes com uma imensa quantidade de balcões de caixas, a maioria fechados. Uma música melada estava tocando nos alto-falantes. Contra sua vontade, Maggie foi devagar, seguindo o ritmo da música. Ela passou pelas frutas e vegetais, balançando sua bolsa distraidamente, enquanto os outros iam à frente. Leroy correu empurrando um carrinho vazio e depois pulou na traseira, deslizando nele até emparelhar com Ira, que já havia chegado ao balcão de aves. Ele virou-se e sorriu para ela. Do ângulo de Maggie, o perfil dele era anguloso e lupino — faminto, na verdade. Tinha a ver com o modo como ele projetava o rosto para falar com Leroy. Maggie passou por Fiona e chegou ao lado dele. Escorregou o braço por trás do dele e roçou levemente o rosto em seu ombro.

— Carne branca ou escura? — Ira perguntava a Leroy.

— Escura — Leroy disse prontamente. — Eu e a Mamãe gostamos das coxas.

— Nós também — Ira disse a ela, pegando um pacote e colocando no carrinho que ela trouxera.

— E às vezes a Mamãe e eu comemos a sobrecoxa, mas achamos que a asa não vale a pena — Leroy disse.

“A Mamãe e eu” para cá, “a Mamãe e eu” para lá — há quanto tempo a própria Maggie não ocupava o centro do mundo de alguém? E essa “Mamãe” era simplesmente Fiona, a frágil Fiona que requebrava os quadris pelo corredor com seu short de calça jeans cortada.

Cantarolando junto com a música do alto-falante, Ira colocou um pacote de sobrecoxas por cima das coxas que estavam no carrinho.

— Agora, vamos ao sorvete — ele disse. Leroy ia na frente empurrando o carrinho e Ira e Maggie a seguiam. Maggie ainda tinha o braço entrelaçado ao de Ira. Fiona vinha atrás.

Na seção dos congelados, eles não tiveram dificuldade para decidir pelo caramelo, mas havia tantos tipos diferentes de caramelo para escolher: a marca da casa, as outras marcas e também aquelas marcas estrangeiras, vistosas, que Ira chamava de “sobremesas de marca”. Ele era contra sobremesas de marca por princípio; queria pegar a marca da casa. Fiona, que havia descoberto a seção de produtos para cabelo, não deu opinião, mas Leroy disse que ela e a Mamãe sempre compravam o da Breyers. E Maggie sugeriu que todos fizessem algo diferente e escolhessem uma marca estrangeira. Eles poderiam ter ficado discutindo aquilo a noite toda, só que de repente o alto-falante começou a tocar *Tonight You Belong to Me*³⁴ e, na metade da música, Ira começou a cantar junto.

— Lá no riacho... — ele murmurou, distraído.

Então, Maggie não resistiu e entrou na parte mais vaporosa de soprano:

— Como será doce...

³⁴ “Esta Noite Você Me Pertence”, escrita em 1926 por Billy Rose e Lee David e revitalizada em 1952 por Frankie Laine e, na mesma década, pelas irmãs Patience and Prudence (N. T.).

E o que começou como brincadeira acabou se tornando uma verdadeira produção.

— Mais uma vez, sonhar ao luar!

As vozes deles se entremeavam no refrão, depois se dividiam e então voltavam a se reunir e entrelaçar. Fiona deixou de lado a caixa de tintura que estava analisando; Leroy trançou as mãos para apoiar o queixo em admiração; uma senhora idosa parou no corredor e sorriu para eles. Foi essa mulher que trouxe Maggie de volta à realidade. De repente, ela imaginou alguma decepção naquela cena, alguma mentira que ela e Ira estavam empreendendo juntos, com sua harmonização complacente e o olhar romântico que lançavam um para o outro. Ela parou no meio de um verso.

— Patience and Prudence — ela subitamente informou a Leroy. — Mil novecentos e cinquenta e sete.

— Cinquenta e seis — Ira disse.

— Que seja — disse Maggie.

Eles voltaram a discutir o sorvete. No fim, decidiram pelo Breyers, com a calda de chocolate da prateleira acima do congelador.

— Calda de chocolate da Hershey's ou da Nestlé? — Ira perguntou.

— Isso eu deixo vocês escolherem.

— Tem também a marca da casa. O que vocês me dizem?

— Só não leve a Brown Cow — Leroy disse a ele. — Não suporto a Brown Cow.

— Muito bem. Nada de Brown Cow — disse Ira.

— A Brown Cow tem cheiro de vela — Leroy disse a Maggie.

— Ah! — disse Maggie. Ela olhou para a carinha pontuda de Leroy e sorriu.

Fiona perguntou a Maggie:

— A senhora já pensou em usar mousse?

— Usar o quê?

— Mousse para modelar o seu cabelo.

— Ah, no cabelo — Maggie disse. Ela pensou que fosse algum tipo de calda para o sorvete. — Não, acho que não pensei.

— Muitos esteticistas recomendam usar.

Será que Fiona estava dando uma sugestão à Maggie? Ou ela estava falando só de modo genérico?

— E o que isso faz pela gente? — Maggie perguntou.

— Bom, no seu caso ele daria ao cabelo um pouco de, não sei, um pouco mais de forma. Ele o deixaria bem arrumado.

— Vou comprar — Maggie decidiu.

Ela pegou um recipiente prateado, junto com um frasco do xampu Affinity, visto que tinha aquele cupom de desconto. (Recupera o volume que o tempo tirou, um cartaz promocional prometia.) Depois, todos eles foram para a fila expressa, apressados por Maggie, pois já eram mais de seis horas, de acordo com o relógio dela, e ela havia dito seis e meia para Jesse. Ira disse:

— Você tem dinheiro suficiente? Eu posso ir pegar o carro enquanto você paga.

Ela disse que sim e ele as deixou. Leroy colocou suas compras arrumadinhas no balcão. O cliente na frente delas só estava comprando pão. Pão de centeio, pão branco, bolachas, pãezinhos integrais. Talvez estivesse tentando engordar sua esposa. Talvez ele fosse do tipo ciumento e sua esposa fosse muito magra e bonita. O cliente saiu, levando consigo os pães.

— Sacolas duplas, por favor — disse Leroy em tom experiente e autoritário. O rapaz que estava no caixa grunhiu alguma coisa sem olhar. Ele era musculoso, bonito, bem bronzeado e usava uma lâmina de barbear pendurada na corrente por dentro do colarinho aberto de sua camisa. Mas que diabos aquilo significava? Ele registrou as compras com presteza. Por último, veio o xampu. Maggie vasculhou a bolsa à procura do cupom e o entregou a ele.

— Tome — ela disse —, isso é para você.

Ele o pegou e virou-o. Leu bem baixinho, quase sem mover os lábios. Depois, devolveu-o. E disse:

— Hã, obrigado. — E então: — São 16 dólares e 43 centavos.

Maggie ficou confusa, mas contou o dinheiro e pegou a sacola. Ao deixarem o caixa, ela perguntou a Fiona:

— O Mighty Value não aceita cupons?

— Cupons de desconto? Não tenho ideia — disse Fiona.

— Talvez tenha expirado — Maggie disse. Ela mudou a sacola de lado a fim de verificar a data de validade. Mas as letras estavam cobertas pela letra pesada de Durwood Clegg em tinta azul: Me abraçe bem apertado, me faça tremer de prazer...

Maggie sentiu seu rosto corar. Ela disse:

— Que presunção!

— Como? — Fiona perguntou, mas Maggie não respondeu. Ela inutilizou o cupom e jogou-o dentro da sacola.

Lá fora estava muito mais escuro agora. O ar era de um azul profundo e transparente e insetos voavam em volta das luzes que iluminavam o estacionamento. Ira estava encostado no carro perto da guia.

— Quer que eu ponha a sacola no porta-malas? — ele perguntou a Maggie, mas ela disse:

— Não, eu levo na mão. — De repente, sentiu-se velha e cansada. Parecia que eles nunca chegariam em casa. Ela entrou no carro e despencou no banco, com a sacola de compras jogada de qualquer jeito em seus joelhos.

São Miguel Arcanjo. Loja de Bebidas Finas do Charlie. Lojas de carros usados, uma após a outra. Igreja Memorial Gatch. Caranguejaria Dead Man's Fingers. HAPPY HOUR TODAS AS NOITES, com bolhas de néon vermelho e azul faiscando acima de uma taça de coquetel. Cemitérios, moldurarias velhas, restaurantes de fast-food e playgrounds vazios. Eles pegaram a esquerda na Rua Belair — finalmente, finalmente saindo da Rota Um — e rumaram para casa. As casas de madeira aumentaram em número. Suas janelas eram quadrados de luz amarela, algumas semitransparentes com cortinas e algumas totalmente expostas, revelando abajures ornamentais ou estatuetas de porcelana meticulosamente centralizadas nos peitoris. Sem motivo aparente, Maggie lembrou-se dos passeios que fizera com Ira quando eles estavam se conhecendo, passando de carro por casas

onde todos os outros casais do mundo, parecia, tinham um espaço para ficarem sozinhos. O que ela teria dado, naqueles dias, pela menor daquelas casas, mesmo que fosse somente quatro paredes e uma cama! Ela sentiu uma completude doce e triste no peito ao lembrar-se daquele anseio tão antigo.

Eles passaram pelo Salão de Quiromancia Olho que Vê, na verdade só uma casa particular com uma placa pendurada na janela da sala. Uma moça estava sentada nos degraus da frente, talvez esperando sua vez; ela tinha o rosto pequeno em formato de coração e estava vestida toda de preto, exceto pelos sapatos de camurça roxos, que sobressaíam na luz da varanda. Um homem andava com muito custo pela calçada carregando nos ombros uma menininha que puxava seus cabelos com as duas mãos. Parecia que o cenário estava ficando mais íntimo, mais específico. Maggie virou-se para Leroy e disse:

— Você não deve se lembrar de nada por aqui.

— Ah, eu lembro — Leroy disse.

— Lembra?

— Só de passar — Fiona corrigiu rapidamente.

— Quando foi isso?

Leroy olhou para Fiona, que disse:

— Acho que passamos por aqui uma ou duas vezes.

— É mesmo? — Maggie disse.

Diante de sua casa, Ira parou o carro. Era uma daquelas casas que parecem ser só varanda, pelo menos vistas da rua — quadrada e simplória, nada para impressionar, como Maggie era a primeira a admitir. Ela desejava pelo menos que as luzes estivessem acesas. Isso a tornaria mais acolhedora. Mas todas as janelas estavam às escuras.

— Bem! — ela disse, com cordialidade excessiva. — Vamos entrando!

Havia algo confuso na maneira como eles se movimentaram na calçada. Estavam viajando há muito tempo. Quando Ira começou a subir os degraus, acidentalmente derrubou a mala de Fiona e atrapalhou-se um pouco com a chave para abrir a porta.

Eles adentraram a escuridão cheirando a mofo do corredor da frente. Ira acendeu a luz. Maggie chamou:

— Daisy? — sem muita esperança de obter resposta. A casa estava visivelmente deserta. Ela colocou a sacola de compras ao lado do quadril esquerdo e pegou o bloco de papel que estava no alto da estante. Fui me despedir da Lavinia, dizia a letra de forma exata de Daisy.

— Ela está na Sra. Perfeita — Maggie disse a Ira. — Bom, ela vai voltar! Quanto tempo é preciso para se despedir? Ela vai voltar logo!

Aquilo era tudo para Leroy, para mostrar que Daisy realmente existia — que nessa casa havia mais do que só gente velha.

Leroy circulou pelo corredor com sua luva de beisebol enfiada debaixo do braço. Ela espremeu os olhos e apontou para uma das fotografias que cobriam as paredes.

— Quem é? — perguntou.

Era Ira, ainda jovem, de pé sob a luz do sol, segurando desajeitadamente um bebê.

— É o seu avô segurando o seu papai — Maggie disse a ela.

— Ah! — disse Leroy, e logo prosseguiu. Talvez ela tivesse pensado que aquele era Jesse segurando Leroy. Maggie passou os olhos pela sala para ver se localizava uma foto assim. Quase não se podia ver o papel de parede por causa das fotos, todas emolduradas de modo profissional por Ira, cada passe-partout com uma moldura diferente, feito uma amostragem de alguma coisa. Havia Jesse bem pequeno, ele quando menino em cima de uma motoneta, ele numa foto da quinta série onde mal dava para ver seu rosto em meio à turma. Mas não havia nenhuma foto de Jesse adulto, Maggie percebeu; nem mesmo adolescente. Ademais, a mãe de Maggie estava sempre dizendo que era de muito mau gosto exhibir fotos da família em outro lugar que não fosse o dormitório.

Fiona empurrava sua mala na direção da escada, deixando dois sulcos no piso de madeira atrás de si.

— Ah, não se incomode — Maggie disse-lhe. — O Ira leva isso lá para cima depois.

Como Fiona devia se sentir ao voltar depois de tanto tempo — atravessar a varanda onde ela havia decidido ficar com o bebê, passar pela porta da frente que ela batera tantas vezes ao sair em seus acessos de raiva? Ela parecia tensa e desanimada. A luz repentina havia enrugado a pele em volta de seus olhos. Ela largou a mala e apontou para uma foto na parede.

— Nesta aqui eu estou — ela disse a Leroy. — Caso você esteja interessada.

Ela se referia à foto nupcial. Maggie havia esquecido dela. A foto tinha sido um presente de casamento de Crystal, que levava uma câmera para a cerimônia, e mostrava uma jovem alegre num vestido amarrotado. A moldura era de plástico preto, do tipo em que se colocam diplomas, e devia ter vindo de uma loja de departamentos. Leroy analisou a foto e não mudou de expressão. Depois, ela foi para a sala de estar, onde Ira estava acendendo os abajures.

Maggie levou as compras para a cozinha e Fiona seguiu-a.

— E então, onde ele está? — Fiona perguntou baixinho.

— Bom, ele deve... — Maggie disse. Ela acendeu a luz do teto e olhou para o relógio. — Eu disse a ele que íamos comer por volta das seis e meia, e é quase esse horário agora, e você sabe como ele perde a noção do tempo. Não se preocupe...

— Eu não estou preocupada! — Fiona disse. — Quem disse que estou preocupada? Eu não ligo a mínima se ele vier ou não.

— Não, é claro que não — Maggie disse calmamente.

— Eu só trouxe a Leroy para visitar vocês dois. Eu não ligo se ele não vier.

— Ora, não, é lógico que não.

Fiona acomodou-se pesadamente numa cadeira da cozinha e jogou a bolsa na mesa. Como a mais formal das convidadas, ela levava sua bolsa com ela de cômodo para cômodo; algumas coisas nunca mudavam. Maggie suspirou e começou a guardar as compras. Ela colocou o sorvete no congelador, abriu os pacotes de frango e colocou-os em uma tigela.

— De que tipo de legumes a Leroy gosta? — ela perguntou.

— Hum? Legumes? — Fiona disse. Ela não parecia estar prestando atenção. Olhava para o calendário na parede, que ainda mostrava o mês de agosto. Ah, essa não era uma casa muito organizada, não que Fiona tivesse algum direito de reclamar. Os balcões pareciam, sozinhos, atrair objetos aleatórios. Os armários estavam cheios de frascos de tempero empoeirados, caixas de cereal e pratos que não combinavam. As gavetas estavam escancaradas, expondo a bagunça. Uma gaveta chamou a atenção de Maggie e ela foi até lá e revistou as camadas de papéis amontoadas dentro dela.

— Em algum lugar aqui, eu tenho... — ela disse. — Eu poderia jurar que...

Ela encontrou um informe da Associação de Pais e Mestres. Uma receita rasgada para algo chamado Torta de Passas Incrível. Um pacote de cartões de melhoras que ela estava caçando desde que havia comprado. E depois:

— Arrá! — ela disse, segurando um folheto.

— O que é isso?

— Uma foto do Jesse adulto. Para a Leroy.

Ela levou-a para Fiona: uma fotocópia escura de uma foto da banda. Lorimer estava sentado na frente com sua bateria e Jesse estava atrás dele, com os braços pendendo no pescoço dos outros dois: Dave e o outro, como era mesmo o nome dele? Todos de preto. Jesse tinha as sobrancelhas franzidas, numa carranca proposital. SPIN THE CAT estava escrito em letras peludas e com listras de tigre abaixo da foto, e um espaço em branco no fundo permitia que horário e lugar específicos fossem escritos à mão.

— É claro que esta foto não faz justiça a ele — Maggie disse. — Esses grupos de rock sempre procuram parecer tão, sei lá, tão grosseiros; você já reparou? Acho que vou mostrar a ela o instantâneo que tenho na minha carteira. Ele também não está sorrindo, mas pelo menos não está fazendo careta.

Fiona pegou o folheto para analisá-lo mais de perto.

— Que engraçado — ela disse. — Todos estão iguais.

— Iguais?

— O que eu quero dizer é que eles estavam sempre querendo mudar alguma coisa; a senhora não achou isso sempre? Eles tinham altos planos. E mudavam tanto, mudavam o modo de encararem a música. Sabe, uma vez a Leroy me perguntou que tipo de música o pai dela tocava, se era new wave, punk, heavy metal ou outra coisa qualquer — acho que ela queria impressionar as amigas — e eu disse: “Meu Deus, hoje pode ser que eles tenham qualquer estilo; eu não faço ideia”. Mas olhe só para eles.

— Bom, e então? — Maggie disse. — O que há para olhar?

— O Lorimer ainda tem esse corte de cabelo desganhado e bobo, com um rabinho na nuca que eu sempre morri de vontade de cortar — disse Fiona. — Eles ainda usam o mesmo estilo de roupas. Aquele estilo Hell’s Angels que é tão antiquado.

— Antiquado? — Maggie perguntou.

— Dá para ver como eles vão estar quando tiverem 40 anos; tocando juntos nos finais de semana, quando as esposas permitirem, em reuniões do Rotary Clube ou algo assim.

Maggie ficou incomodada ao ouvir aquilo, mas não contou. Virou-se para sua tigela de frango. Fiona disse:

— Quem foi que ele trouxe para jantar?

— Como?

— A senhora disse que ele trouxe uma mulher para jantar uma vez.

Maggie olhou para ela. Fiona ainda segurava a foto e a admirava, embriagada.

— Ninguém importante — Maggie disse.

— Quem foi?

— Uma moça que ele conheceu em algum lugar; nós conhecemos algumas. Nada firme.

Fiona colocou a foto sobre a mesa, mas continuou olhando para ela.

Na sala de estar, uma música áspera começou a sair da vitrola. Evidentemente, Leroy havia encontrado os refugos de Jesse. Maggie ouviu Hey hey e Every day, e um som metálico e familiar de cordas,

embora não soubesse dizer quem estava tocando. Ela pegou um litro de leite magro de dentro da geladeira e derramou-o por cima do frango. Uma dor de cabeça lhe apertava a testa. Agora, pensando bem, ela percebeu que aquilo já a incomodava há algum tempo.

— Vou ligar para o Jesse — ela disse subitamente para Fiona.

Ela foi até o telefone de parede e tirou-o do gancho. Não havia toque de discar. Em vez disso, ela ouviu um zumbido do outro lado da linha.

— O Ira deve estar usando a extensão — ela disse, desligando. — Enfim. Legumes. Que legumes a Leroy come?

— Ela gosta de salada verde — Fiona disse.

— Ora, eu deveria ter comprado alface.

— Maggie — Ira disse, entrando na cozinha —, o que você fez com a minha secretária eletrônica?

— Eu? Eu não fiz nada.

— Com certeza, fez.

— Não fiz! Eu já contei sobre aquela coisinha de ontem à noite, mas depois eu gravei uma nova mensagem.

Ele fez um sinal com os dedos, convocando-a ao telefone.

— Experimente — ele disse.

— Para quê?

— Tente ligar para a loja.

Ela deu de ombros e foi até o telefone. Depois de discar, o telefone do outro lado da linha tocou três vezes. Alguma coisa fez um clique.

— Bom, vamos lá — a voz da própria Maggie disse, distante e metálica. — Vamos ver: apertar o botão A, esperar pela luz vermelha... Ah, droga.

Maggie piscou.

— Eu devo estar fazendo algo errado — a voz dela continuou na máquina. Depois, no falsete que ela sempre usava quando fazia palhaçadas na cozinha para os filhos: — Quem, eu? Fazer alguma

coisa errada? Alguém perfeito como eu? Estou chocada com a insinuação!

Ouviu-se um grito agudo e floreado, como uma fita sendo adiantada, seguido de um bipe. Maggie desligou. Ela disse:

— Bem... sabe...

— Só Deus sabe o que meus clientes pensaram — Ira disse a ela.

— Talvez ninguém tenha ligado — ela disse, esperançosa.

— Eu nem imagino como você conseguiu fazer isso! Aquela secretária é infalível.

— Bom, isso serve para provar: não se pode confiar nos produtos de hoje em dia — ela disse. Levantou o receptor novamente e começou a discar o número de Jesse. Enquanto o telefone tocava, tocava, ela enrolava o fio nos dedos, nervosa. Estava ciente de que Fiona os observava, sentada à mesa com o queixo descansando nas mãos em concha.

— Para quem você está telefonando? — Ira perguntou.

Ela fingiu não ouvir.

— Para quem ela está telefonando, Fiona?

— Acho que para o Jesse — Fiona respondeu.

— Você esqueceu que o telefone dele não está chamando?

Maggie olhou para ele.

— Ah! — ela disse. Desligou e ficou olhando para o telefone, pesarosa.

— Tudo bem — disse Fiona. — Talvez ele esteja a caminho. É uma noite de sábado, afinal; a que horas ele sai do trabalho?

— Bem cedo — Ira disse.

— Onde ele trabalha, por falar nisso?

— Na Chick's Motocicletas. Ele vende motos.

— Eles já devem ter fechado, né?

— É claro que sim. Eles fecham às cinco.

— Então, por que telefonar?

— Não, não, ela estava ligando para o apartamento dele — Ira falou.

Fiona disse:

— Para o...

Maggie voltou para a tigela de frango. Ela mexeu o frango para envolvê-lo com o leite. Pegou uma sacola de papel que estava dobrada em uma das gavetas e colocou farinha dentro dela.

— O Jesse tem um apartamento? — Fiona perguntou a Ira.

— Tem.

Maggie mediu e colocou bicarbonato, sal e pimenta.

— Um apartamento longe daqui?

— Na Rua Calvert.

Fiona ficou pensando. Maggie disse:

— Eis uma coisa que eu sempre quis perguntar a você, Fiona! — Sua voz havia, de alguma maneira, assumido novamente aquele tom trinado. — Lembra de uns meses depois que você foi embora? — ela perguntou. — Quando o Jesse telefonou para você e disse que você tinha telefonado primeiro e você disse que não tinha? Bom, você tinha ou não tinha? Foi você que telefonou para cá e eu disse “Fiona” e você desligou?

— Ai, meu Deus... — Fiona disse vagamente.

— Sabe, tinha que ser você. Por que outra pessoa qualquer iria desligar ao ouvir o seu nome?

— Eu realmente não lembro — Fiona disse, depois pegou a bolsa e levantou-se. Andando de maneira aérea, desbaratada, como se acabasse de perceber que ia embora, ela deixou a cozinha, chamando: — Leroy? Aonde você foi?

— Viu? — Maggie disse a Ira.

— Hum?

— Foi ela. Eu sabia que tinha sido ela.

— Ela não disse que foi.

— Ah, Ira, você às vezes é tão obtuso — ela disse.

Ela fechou a sacola de papel e chacoalhou-a para misturar os temperos. Não se pode ter tudo, ela teria dito a Fiona. Você não pode rir dele por ter permanecido igual e ao mesmo tempo criticá-lo quando ele muda. Ora, é claro que ele se mudou! Fiona imaginou que ele estaria aqui esperando por ela todos esses anos?

Ainda assim, Maggie sabia como ela se sentia, de certa forma. Você forma uma ideia daquela pessoa; você tem uma ideia daquela pessoa fixa em uma determinada posição.

Ela olhou novamente para a foto da banda sobre a mesa. Eles já tiveram tanto entusiasmo, ela pensou. Tanta energia fora investida. Lembrou-se dos primeiros ensaios na garagem dos pais de Lorimer e dos meses e meses que eles passaram ansiosos para tocar, mesmo que fosse de graça, e da noite em que Jesse havia chegado em casa triunfante ostentando uma nota de 10 dólares — sua parte do primeiro cachê.

— É a Daisy? — Ira perguntou.

— O quê?

— Acho que ouvi a porta da frente.

— Ah! — Maggie disse. — Pode ser o Jesse.

— Não conte com isso — ele disse.

Mas somente Jesse escancarava a porta até ela bater na estante daquela maneira. Maggie limpou as mãos.

— Jesse? — ela chamou.

— Aqui estou.

Ela apressou-se para o corredor e Ira foi atrás, devagar. Jesse estava de pé perto da porta. Ele estava olhando para a sala de estar, onde Leroy estava parada feito um animalzinho assustado, com as mãos juntas na frente e um pé para trás. Jesse disse:

— Oi!

— Oi — disse Leroy.

— Como vai?

— Vou bem.

Ele olhou para Maggie. Maggie disse:

— Ela não está crescida?

Os olhos longos e negros dele se voltaram para Leroy.

Agora Maggie se movia na direção dele, querendo que entrasse de uma vez na casa. (Ele sempre parecia prestes a ir embora.) Ela o pegou pelo braço e disse:

— Estou fritando um frango; vai demorar mais uns minutos. Vocês dois podem ficar aqui sentadinhos e se conhecerem.

Mas ele nunca se deixava levar assim tão fácil. Estava usando um agasalho de malha e, por baixo do tecido fino, ela sentiu sua resistência — o músculo acima de seu ombro estava duro. Suas botas ainda estavam coladas no chão. Ele demoraria o tempo que quisesse.

— E aí, o que está ouvindo? — ele perguntou a Leroy.

— Ah, um disco aí.

— Você gosta do Dead?

— Do Dead? Ah, claro.

— Então vou te mostrar um disco melhor — ele disse. — Este aqui é popular demais.

— Ah, tá bom — ela disse. — Eu estava mesmo achando isso.

Ele olhou novamente para Maggie. Ele mantinha uma expressão que, de certa maneira, fazia seu queixo ficar mais comprido, do mesmo modo que Ira sempre fazia quando tentava conter um sorriso.

— Ela também é atlética — Maggie disse a ele. — Trouxe sua luva de beisebol junto.

— É mesmo? — ele perguntou a Leroy.

Ela fez que sim com a cabeça. O dedão do pé que estava levantado apontava graciosamente para baixo, como o de uma bailarina.

Alguma coisa fez barulho no andar de cima e Fiona chamou:

— Maggie, onde está...?

Ela chegou ao patamar da escada. Todos olharam para ela lá em cima.

— Ah! — ela disse.

E começou a descer as escadas com muita calma e suavidade, com uma mão deslizando pelo corrimão. O único som vinha do estalar de suas sandálias contra os calcanhares nus.

— Que bom ver você, Fiona — Jesse disse.

Ela chegou ao corredor e olhou para ele.

— É bom ver você também — ela disse.

— Você fez alguma coisa nova no seu cabelo, né?

Ela levantou uma mão, com os olhos ainda colados no rosto dele, e tocou as pontas do cabelo.

— Ah, acho que sim — ela respondeu.

Maggie disse:

— Bom, acho que é melhor eu voltar para...

— Precisa de ajuda aí na cozinha, Maggie? — Ira perguntou.

— Sim, por favor! — ela cantarolou, feliz.

Fiona disse a Jesse:

— Eu estava lá em cima caçando a minha saboneteira.

Maggie hesitou.

— Saboneteira? — Jesse perguntou.

— Eu tentei a gaveta da cômoda, mas está vazia. Só achei naftalinas. Você levou a minha saboneteira junto quando mudou para o seu apartamento?

— De que saboneteira você está falando?

— Da minha saboneteira de tartaruga! Aquela que você guardou.

Jesse olhou para Maggie. Maggie disse:

— Lembra-se daquela saboneteira?

— Bom, não, não posso dizer que lembro — Jesse disse, puxando um cacho da franja, como sempre fazia quando ficava intrigado.

— Você a guardou depois que ela foi embora — Maggie disse a ele. — Eu a vi com você. Tinha um sabonete dentro, lembra? Um sabonete claro, quase transparente.

— Ah, sim! — Jesse disse, soltando a franja.

— Você lembra?

— É claro.

Maggie relaxou. Ela deu um largo sorriso para Leroy, que havia abaixado o pé e parecia insegura.

— E onde ela está? — Fiona perguntou. — Onde está a minha saboneteira, Jesse?

— Hum... a sua irmã não levou?

— Não.

— Eu achei que ela tinha levado junto com as suas coisas.

— Não — Fiona disse. — Ela estava na sua cômoda.

— Nossa, Fiona — Jesse falou. — Nesse caso alguém deve ter jogado fora. Mas olhe, se ela significa tanto para você, eu terei o maior prazer...

— Mas você a guardou para se lembrar de mim — Fiona disse a ele. — Ela tinha o meu cheiro! Você fechava os olhos e enfiava o nariz na minha saboneteira.

O olhar de Jesse voltou-se para Maggie novamente. Ele disse:

— Mãe? Foi isso que você disse a ela?

— Quer dizer que não é verdade? — Fiona perguntou a ele.

— Você disse que eu fiquei por aí cheirando saboneteiras, mãe?

— Você ficou! — Maggie disse. Embora ela odiasse ter que repetir aquilo na cara dele. Não tinha a intenção de envergonhá-lo. Ela virou-se para Ira (que tinha exatamente a mesma expressão de choque e repreensão que ela esperava) e disse: — Ele a guardou na gaveta de cima.

— A gaveta em que você guardava as coisas preciosas — Fiona disse a Jesse. — Você acha que eu viria até aqui como qualquer outra... fã se a sua mãe não tivesse me contado isso? Eu não tinha que vir! Eu estava me virando muito bem! Mas a sua mãe disse que

você ficou grudado na minha saboneteira e não deixou a Crystal levá-la, que você fechou os olhos e a ficou cheirando, que você a guardava até hoje, ela disse que você nunca a jogou fora, que você dormia com ela debaixo do travesseiro de noite.

Maggie disse:

— Eu nunca disse isso!

— O que você acha que eu sou? Algum perdedor? — Jesse perguntou a Fiona.

— Escutem aqui — Ira disse.

Todos pareceram contentes em olhar para ele.

— Vamos esclarecer isso — ele disse. — Vocês estão falando de uma saboneteira de plástico.

— Da minha saboneteira de plástico — Fiona disse a ele — com a qual o Jesse dorme toda noite.

— Parece haver algum engano — Ira disse. — Como é que a Maggie saberia de uma coisa dessas? O Jesse mora no apartamento dele. Que eu saiba, ele só dorme com a promotora de automóveis.

— Como assim?

— Ah, deixe para lá.

— Promotora?

Houve uma pausa. Então, Ira disse:

— Você sabe: a pessoa que fica na porta quando você entra para comprar um carro. Ela pega o seu nome e endereço antes de chamar um vendedor.

— Isso é verdade?

— É.

— O Jesse está dormindo com uma mulher?

— Isso mesmo.

— Você tinha que estragar tudo, não tinha, Ira? — disse Maggie.

— Não — Ira disse a ela —, é a pura verdade que estragou tudo, Maggie, e a verdade é que o Jesse está envolvido com outra pessoa neste momento.

— Mas aquela mulher não é ninguém importante! Quero dizer, eles não estão noivos, não casaram, nada assim! Ele não liga para ela.

Ela olhou para Jesse, buscando apoio, mas ele estava analisando cuidadosamente a ponta de sua bota esquerda.

— Ah, Maggie, admita — Ira disse. — É assim que as coisas são. É assim que ele é. Ele nunca foi feito para ser marido! Ele vive mudando de namorada e não consegue ficar num emprego por mais de alguns meses; e todo emprego que ele perde é por culpa de outra pessoa. O chefe é um babaca, os clientes são babacas ou os outros funcionários são...

— Espere aí — Jesse começou, enquanto Maggie dizia:

— Mas por que você sempre exagera, Ira?! Ele trabalhou na loja de discos um ano inteiro, você esqueceu?

— Todo mundo que o Jesse conhece — Ira terminou calmamente —, por alguma coincidência mágica, acaba virando um babaca.

Jesse se virou e saiu da casa.

O que tornou a situação ainda mais incômoda, de certa forma, foi o fato de ele não ter batido a porta, mas deixado que ela se fechasse suavemente atrás de si.

— Ele vai voltar. — Maggie disse. Ela estava falando com Fiona, mas como Fiona não respondeu (a cara dela estava quase petrificada; ela continuava olhando para Jesse, para a porta), ela voltou-se para Leroy. — Você viu como ele ficou contente em ver você, não foi?

Leroy ficou parada lá, com a boca aberta.

— Ele ficou irritado com o que o Ira disse sobre ele, só isso — Maggie disse-lhe. E depois falou: — Ira, eu nunca vou perdô-lo por isso.

— A mim?! — Ira disse.

— Parem com isso — Fiona disse.

Eles se viraram.

— Parem, vocês dois — ela disse. — Eu não aguento mais isso. Estou cansada do Jesse Moran e estou cansada de vocês dois repetindo os mesmos argumentos estúpidos, implicando, fazendo pirraça. Ira, sempre tão correto e Maggie querendo tanto errar.

— Ora... Fiona? — Maggie disse. Ficou magoada. Talvez fosse bobagem da parte dela, mas ela sempre, secretamente, acreditara que as pessoas de fora olhavam para seu casamento com inveja. — Não estamos implicando; estamos só conversando — ela disse. — Estamos compilando nossas visões das coisas.

— Ah, esqueça — Fiona disse. — Eu não sei por que achei que alguma coisa poderia estar diferente por aqui. — Ela foi para a sala e abraçou Leroy, cujos olhos estavam arregalados de susto. E disse: — Tudo bem, querida — e enfiou o rosto no pescoço de Leroy. Claramente, era a própria Fiona que precisava ser consolada.

Maggie olhou para Ira. Ele olhou para o outro lado.

— Saboneteira? — Ira perguntou. — Como você pôde inventar uma história dessas?

Ela não respondeu. (Qualquer coisa que ela dissesse poderia parecer implicante.) Em vez disso, afastou-se. Foi para a cozinha, onde esperava encontrar um silêncio digno, mas Ira seguiu-a, dizendo:

— Escute aqui, Maggie, você não pode ficar maquinando as vidas dos outros dessa maneira. Encare os fatos! Caia na real!

A expressão favorita de Ann Landers: caia na real. Ela odiava quando ele citava Ann Landers. Ela foi até o balcão e começou a jogar os pedaços de frango na sacola de papel.

— Saboneteira! — Ira repetiu, admirado.

— Você quer ervilha com o frango? — ela perguntou. — Ou vagem?

Mas Ira disse:

— Eu vou me lavar. — E saiu.

E lá ficou ela, sozinha. Bem! Ela enxugou uma lágrima dos cílios. Havia se indisposto com todos nesta casa e merecia isso; como sempre, ela havia pressionado e se intrometido. E, no entanto, não parecera que ela estava se intrometendo quando se intrometera. Ela

simplesmente sentia como se o mundo fosse um pontinho fora de foco, as cores meio borradas — algo como um anúncio de jornal mal impresso — e, se ela fizesse um pequenino ajuste, tudo se acomodaria em seu lugar novamente.

— Idiota! — ela disse a si mesma, chacoalhando os pedaços de frango na sacola. — Velha intrometida e idiota! — Ela colocou uma frigideira no fogão e encheu-a de óleo. Virou um botão com um gesto brusco e esperou o queimador esquentar. Agora, veja só: gotículas de óleo haviam respingado na frente de seu melhor vestido, na barriga. Ela era desajeitada e barriguda e nem tivera o bom senso de colocar um avental para cozinhar. E também pagara muito caro por esse vestido, 64 dólares na Hecht's, o que deixaria Ira scandalizado se soubesse. Como podia ser tão gananciosa? Ela secou o nariz com as costas da mão. Respirou fundo. Bom. Enfim.

O óleo ainda não estava suficientemente quente, mas ela começou a acrescentar o frango. Infelizmente, havia bastante frango. Frango demais, agora parecia. (A menos que eles persuadissem Jesse a voltar para jantar.) Ela teve que aproximar mais um pouco um pedaço do outro para caberem todas as coxas.

Ervilha ou vagem? Ainda não estava resolvido. Ela enxugou as mãos em um pano de prato e foi até a sala para verificar.

— Leroy — ela disse —, o que você...?

Mas a sala estava vazia. O disco de Leroy produzia um som batido agora, como se estivesse tocando pela segunda ou terceira vez. No meu caminhão, passei dessa pra melhor..., um bando de homens cantava persistentemente. Ninguém no sofá e nem nas poltronas.

Maggie cruzou o corredor e foi até a varanda da frente, chamando:

— Leroy? Fiona?

Sem resposta. Quatro cadeiras de balanço vazias viradas para a rua.

— Ira?

— Aqui em cima — ele disse, com voz abafada.

Ela afastou-se da porta. A mala de Fiona, graças a Deus, ainda estava no pé da escada; então, ela não poderia ter ido longe.

— Ira, a Leroy está com você? — Maggie perguntou.

Ele apareceu no patamar com uma toalha em volta do pescoço. Ainda secando o rosto, olhou para ela lá em baixo.

— Não sei onde ela está — ela disse a ele. — Não consigo encontrar nenhuma das duas.

— Olhou na varanda?

— Sim.

Ele veio para baixo, levando a toalha.

— Elas podem estar nos fundos — disse.

Ela seguiu-o, atravessando a porta da frente e contornando a casa. O ar da noite estava quente e úmido. Uma mosquinha ou mosquito zuniu em seu ouvido e ela o afastou. Quem desejaria vir aqui a esta hora? Nem sinal de Leroy e Fiona, evidentemente. O quintal, quando eles o deixaram, era um pequeno quadrado vazio e escuro.

— Elas foram embora — Ira disse a ela.

— Embora? Quer dizer, de vez?

— Deve ser.

— Mas a mala delas ainda está no corredor.

— Bom, está bem pesada — ele disse, pegando o braço dela e conduzindo-a pelos degraus da varanda. — Se elas foram a pé, não devem ter conseguido levá-la.

— A pé — ela disse.

Na cozinha, o frango estava queimando. Maggie não prestou atenção, mas Ira desligou o queimador.

— Se elas estão a pé, podemos alcançá-las — Maggie disse.

— Espere, Maggie...

Tarde demais; ela já tinha ido. Ela atravessou o corredor em disparada, desceu a escada da varanda e foi para a rua. A irmã de Fiona morava para os lados da Zona Oeste, perto da Broadway. Portanto, elas deviam ter virado à esquerda. Protegendo os olhos das luzes, Maggie escrutinou a rua deserta. Viu um gato branco andando sozinho daquela maneira que os gatos andam em território

desconhecido, com o traseiro para cima. Um momento depois, uma menina de cabelo castanho comprido saiu voando de um beco e agarrou-o, gritando:

— Turkey! Aí está você! — Ela desapareceu num esvoaçar de sua saia. Um carro passou, deixando rastros de um jogo de beisebol: “... nenhuma eliminação até agora, as bases estão intactas, e o tempo está quente na Rua 33 esta noite, minha gente...”. O céu tinha um brilho cinzento acima do parque industrial.

Ira chegou e colocou uma mão no ombro dela.

— Maggie, querida — ele disse.

Mas ela se desvencilhou dele e foi caminhando na direção da casa.

Quando ela ficava nervosa, perdia o senso de direção, e agora estava concentrada no caminho, como um cego que estica a mão titubeante para sentir a pequena sebe ao lado da calçada, tropeçando duas vezes ao subir os degraus da varanda.

— Meu bem — Ira disse atrás dela. Ela atravessou o corredor e foi até o pé da escada. Deitou a mala de Fiona e ajoelhou-se para abrir os fechos.

Lá dentro, encontrou um vestido de noite cor-de-rosa, um pijama de criança e algumas calcinhas de renda — nada dobrado, tudo enfiado lá feito panos de prato sujos. E, por baixo, um estojo de maquiagem com zíper, duas pilhas de revistas em quadrinhos em frangalhos, uma caixa de dominó e um livro enorme e já esmaecido de histórias de cavalos. Fiona e Leroy podiam passar muito bem sem aquilo. Aquilo de que elas realmente precisavam — a bolsa de Fiona e a luva de beisebol de Leroy — haviam levado.

Revirando as camadas de pertences, enquanto Ira permanecia a seu lado, mudo, Maggie teve uma súbita visão de sua vida como algo circular. Ela se repetia sempre — e era completamente desprovida de esperança.





Quatro

Havia um velho na casa de repouso de Maggie que acreditava que, quando chegasse ao céu, tudo o que ele perdera durante a vida lhe seria restituído.

— Ora, que ótima ideia! — Maggie havia dito quando ele a contara. Ela presumira que ele se referia a coisas intangíveis — energia jovial, por exemplo, ou aquela habilidade que os jovens têm de serem arrebatados e se apaixonarem. Mas depois, conforme ele falava, ela viu que ele estava pensando em algo mais concreto. Nos portões do céu, ele disse, São Pedro lhe devolveria tudo em um saco de juta: o suéter vermelho que sua mãe tricotara para ele antes de morrer, que ele havia deixado em um ônibus na quarta série e do qual sentira muito a falta desde então. O canivete especial que seu irmão mais velho havia atirado no meio de um milharal por pura pirraça. O anel de diamante que sua primeira namorada não lhe devolvera quando terminara o noivado e fugira com o filho do pastor.

Depois, Maggie ficou pensando no que ela encontraria em seu próprio saco de juta — os compactos perdidos, brincos sem par e guarda-chuvas, alguns dos quais ela nem percebera ter perdido na hora, mas lembrara-se semanas ou meses depois. (“Eu não tinha um...?” e: “Onde andarás o meu...?”) Objetos cedidos de livre e espontânea vontade, que mais tarde ela quis de volta — por exemplo, aquelas saias dos anos 50 que ela doara para a loja beneficente, agora que as saias mais compridas haviam voltado à moda. E ela dissera

“Ora”, novamente, mas com um ponto a menos de certeza, pois não lhe parecia ter sofrido perdas tão amargas quanto as daquele velho.

Mas, agora (escolhendo as sobras do frango frito para colocar em potes de plástico para os almoços de Ira), ela reconsiderou o saco de juta e, desta vez, ele ficou ainda mais cheio. Ela lembrou-se de um vestido verde que Natalie, a esposa de Josh, seu irmão, admirara um dia. Maggie dissera:

— Pode levar, ele combina com os seus olhos — pois realmente combinava, e ela ficara contente por Natalie ter aceitado; gostava dela como uma irmã. Mas depois, Josh e Natalie se divorciaram, Natalie mudou-se e elas perderam contato, como se ela tivesse se divorciado também de Maggie, e agora Maggie queria o vestido de volta. Ele tinha um caimento tão fluido quando ela andava! Era um daqueles vestidos para se usar em todo lugar, que iam bem em qualquer ocasião.

E ela queria aquela gatinha engraçada chamada Felpa, que fora o primeiro presente de Ira para ela quando eles começaram a namorar. Ela era uma criaturinha brincalhona e travessa, sempre travando batalhas contra inimigos imaginários com seus dentes afiados e suas macias patas cinzentas, e Maggie e Ira passavam horas brincando com ela. Mas Maggie, sem querer, havia assassinado a coitadinha ao ligar a secadora de sua mãe sem olhar dentro primeiro, e, quando, ela foi tirar as roupas, lá estava Felpa, mole e desgrenhada como seu nome, e Maggie chorara, chorara. Depois dela, veio toda uma série de outros gatos — Lucy, Chester, Pumpkin —, mas, agora, de repente, Maggie queria Felpa de volta. Certamente, São Pedro permitia a entrada de animais naquele saco de juta, não? Será que ele permitiria todos os cães magros e simplórios da Rua Mulraney, os vira-latas cujas vozes distantes acompanharam seu sono todas as noites de sua infância? Ele permitiria o hamster das crianças, arrastando-se incansavelmente durante anos em sua roda de metal até que Maggie o libertou porque sentiu pena dele e Pumpkin o caçou e comeu?

E aquele chaveiro brega que ela tinha, um disco de metal que girava em um eixo, com BEM-ME-QUER em um lado e MALMEQUER no outro. Ele fora um presente de Boris Drumm e, quando Jesse tirara a carteira de motorista, ela, num gesto sentimental, o passara para ele. Ela o depositara na palma de sua mão quando o trouxera

para casa após o exame de direção, mas infelizmente o carro ainda estava engatado e começara a andar enquanto ela saía.

— Que linda manobra, mãe — Jesse dissera, puxando o freio; e algo naquele comentário irônico fez com que ela o visse pela primeira vez como um homem. Mas agora ele levava suas chaves em uma pasta de couro — pele de cobra, ela acreditava. Ela gostaria de ter o chaveiro de volta. Podia até senti-lo entre seus dedos — o metal leve e barato, as letras em relevo, o modo como ela o girava na mão distraidamente enquanto conversava com Boris: bem-me-quer, malmequer. E, mais uma vez ela viu Boris surgir na frente do carro quando ela estava aprendendo a frear; ora, ele só estava tentando dizer: Aqui estou eu! Preste atenção em mim!

E também seu colar de contas de um marrom bem claro que parecia âmbar. Antiguidade de plástico, a garota da lojinha o chamara. Uma contradição de termos, você poderia pensar; mas Maggie adorava aquele colar. E também Daisy, que o pedia emprestado quando era criança, junto com os sapatos de salto de Maggie, e acabara perdendo-o no beco nos fundos da casa. Ela o usava quando estava pulando corda certa tarde de verão e chegara em casa aos prantos porque ele havia desaparecido. Definitivamente, ele estaria no saco de juta. E aquela tarde de verão também, por que não? — as crianças cheirando a suor e vaga-lumes, as tábuas mornas do piso da varanda grudando um pouco nas cadeiras de balanço, as vozes vindas do beco: “Você chama isso de strike?” e “Onde está a Margarida, olê, olê, olá!”.

Ela guardou os potes de frango na parte de frente da geladeira, onde Ira não poderia deixar de vê-los, e imaginou o espanto de São Pedro ao ver o que sairia de seu saco: uma garrafa de vento, uma caixa de neve recém-caída e uma daquelas nuvens iluminadas pela luz da lua que costumavam flutuar lá no céu feito dirigíveis enquanto Ira a acompanhava até em casa depois do ensaio do coral.

Os pratos no corredor já estavam secos e ela colocou-os um em cima do outro e guardou tudo no armário. Depois, serviu-se de uma grande tigela de sorvete. Queria ter trazido menta com chocolate. Caramelo era muito sem graça. Ela subiu a escada, enfiando a colher nele. Parou à porta do quarto de Daisy. Daisy estava ajoelhada no chão, enfiando livros em uma caixa de papelão.

— Quer um pouco de sorvete? — Maggie perguntou-lhe.

Daisy olhou-a brevemente e disse:

— Não, obrigada.

— Você só comeu uma coxa no jantar.

— Não estou com fome — Daisy disse, tirando uma mecha de cabelo da testa. Ela estava usando as roupas que não levaria — jeans largo e uma blusa com uma casa de botão rasgada. O quarto dela já parecia desabitado; as bugigangas que costumavam ficar nas prateleiras estavam embaladas havia semanas.

— Onde estão os seus bichos de pelúcia? — Maggie perguntou.

— Na mala.

— Achei que você ia deixá-los.

— Eu ia, mas mudei de ideia — disse Daisy.

Ela permanecera em silêncio durante todo o jantar. Maggie podia sentir que ela estava ansiosa com o dia de amanhã. Mas era o jeito dela não falar sobre aquilo. Era preciso ler os sinais — a falta de apetite e a decisão de, afinal, levar os bichos de pelúcia. Maggie disse:

— Bom, querida, me avise se precisar de ajuda.

— Obrigada, Mãe.

Maggie desceu as escadas e foi para o quarto que dividia com Ira. Ira estava sentado na cama, com a roupa do jantar, jogando paciência. Ele havia tirado os sapatos e subido a manga da camisa.

— Quer um pouco de sorvete? — Maggie perguntou a ele.

— Não, obrigado.

— Eu também não deveria comer — ela disse. — Mas viajar é um estresse. Parece que queimei um milhão de calorias só de ficar sentada naquele carro.

Contudo, no espelho acima da cômoda, ela parecia bem obesa. Colocou o sorvete sobre a toalhinha da cômoda e inclinou-se para analisar seu rosto, encolhendo as bochechas para dar um ar côncavo. Não funcionou. Ela suspirou e foi para o banheiro buscar a camisola.

— Ira — ela chamou, com a voz ecoando nos azulejos —, você acha que a Serena ainda está brava conosco?

Ela teve que olhar pela fresta da porta para conseguir uma resposta dele: um muxoxo.

— Eu estava pensando em ligar para ver como ela está — disse a ele —, mas odiaria se ela desligasse na minha cara.

Ela desabotoou o vestido, tirou-o por cima da cabeça e colocou-o sobre a tampa do vaso sanitário. Depois, tirou os sapatos.

— Lembra quando eu ajudei a internar a mãe dela na casa de repouso? — ela perguntou. — Daquela vez, ela não falou comigo durante meses, e, sempre que eu tentava ligar, ela batia o telefone. Eu detestava quando ela fazia isso. Aquele estrondo do outro lado da linha. Eu me sentia tão pequena. Me sentia como se estivéssemos na terceira série novamente.

— Isso porque ela é que estava se comportando como uma criança — disse Ira.

Maggie saiu do banheiro usando seus chinelos e tomou outra colherada do sorvete.

— Eu nem sei por que ela ficou chateada — ela disse ao reflexo de Ira no espelho. — Foi um erro absolutamente sincero! Eu tive a melhor das intenções! Eu disse para a mãe dela: “Escute”, eu disse, “a senhora quer causar impacto diante dos outros residentes? Quer mostrar aos funcionários logo de cara que não é só mais uma velhinha insossa?”. Poxa, era a Anita! Que usava calças de toureiro vermelhas! Eu não podia deixar que eles a subestimassem, podia? Foi por isso que eu disse à Serena que não devíamos levá-la antes da noite de domingo, que era Halloween, e foi por isso que eu fiz aquele traje de palhaço na minha própria máquina de costura e fui até a Avenida Eastern naquela... como é o nome mesmo?,

— Loja de artigos teatrais — Ira disse, lidando com outra fileira de cartas.

— Loja de artigos teatrais, para pegar maquiagem branca. Como eu ia saber que naquele ano eles tinham feito a festa à fantasia no sábado?

Ela trouxe o sorvete para a cama e acomodou-se, apoiando o travesseiro na cabeceira. Ira fez uma careta para o jogo.

— Do jeito que a Serena reagiu — Maggie disse —, qualquer um pensaria que eu tinha tramado aquilo de propósito para zombar dela.

A imagem que ela tinha na cabeça, contudo, não era de Serena, mas de Anita: o rosto pintado, o cabelo de lã vermelha, os triângulos que Maggie havia desenhado com batom debaixo dos olhos que deram a ela um brilho sobrenatural, lacrimoso, como um verdadeiro palhaço de circo. E depois, seu queixo tremendo e recolhido, sentada em sua cadeira de rodas, vendo Maggie ir embora.

— Eu fui covarde — Maggie subitamente disse, apoiando a tigela. — Eu deveria ter ficado e ajudado Serena a trocá-la. Mas eu me senti tão idiota; percebi que tinha estragado tudo. Eu só disse: “Então, tchau!”, e fui embora, e a última coisa que eu vi foi ela lá sentada com aquele peruca assustadora, como alguém... inadequado, senil e patético, com todo mundo em volta usando roupas normais.

— Ah, querida, ela acabou se adaptando muito bem, no final — Ira disse. — Por que dar tanta importância a isso?

— Porque você não viu como ela estava, Ira. E ela também estava usando um daqueles coletes imobilizadores, porque ela não conseguia mais sentar com a coluna ereta. Uma fantasia de palhaço e um colete imobilizador! Como eu fui idiota.

Ela esperava que Ira continuasse a contradizê-la, mas tudo o que ele fez foi colocar um valete de paus sobre uma rainha.

— Eu não sei por que me engano pensando que vou para o céu — Maggie disse a ele.

Silêncio.

— E então, ligo para ela ou não ligo?

— Ligar para quem?

— Para a Serena, Ira. De quem estamos falando?

— Claro, se você quiser — ele disse.

— Mas e se ela desligar na minha cara?

— Pense em quanto vamos economizar na conta.

Ela fez uma careta para ele. Pegou o telefone da cabeceira e colocou-o no colo. Ponderou por um momento. Pegou o receptor. Por educação, Ira inclinou-se sobre suas cartas e começou a assobiar.

(Ele era muito educado quando se tratava de privacidade, embora Maggie soubesse por experiência própria que era possível ouvir um bocado enquanto se finge estar envolvido com a música.) Ela discou o número de Serena muito pausada e determinadamente, como se isso fosse ajudar na conversa.

O telefone de Serena deu dois toques breves em vez de um longo. Maggie pensou que isso era uma coisa ultrapassada típica do interior. Bipe-bipe, ele dizia. Bipe-bipe.

Serena disse:

— Alô?

— Serena?

— Sim?

— Sou eu.

— Ah, olá.

Talvez ela ainda não tivesse percebido quem era. Maggie pigarreou. Ela disse:

— É a Maggie.

— Oi, Maggie.

Maggie relaxou e recostou-se no travesseiro, esticando as pernas. Ela disse:

— Estou ligando para saber como você está.

— Estou bem! — Serena disse. — Ah, olhe, eu não sei. Não estou muito bem, para dizer a verdade. Fico andando de lá para cá, de um cômodo para o outro. Parece que não consigo parar.

— A Linda não está aí?

— Eu a mandei embora.

— Por quê?

— Ela me dá nos nervos.

— Dá nos nervos? Como?

— Ah, várias coisas. Eu esqueço. Eles me levaram para jantar e... admito que em parte foi minha culpa. Eu estava contrariada. Não gostei do restaurante e não conseguia suportar as pessoas que

estavam lá comendo. Fiquei pensando em como seria bom estar sozinha, ter a casa só para mim. Mas agora eu estou aqui e está tudo tão quieto. É como se eu estivesse embrulhada em algodão ou algo assim. Fiquei animada quando o telefone tocou.

— Seria bom se morássemos mais perto — Maggie disse.

Serena disse:

— Eu não tenho com quem conversar sobre as coisas triviais, sobre o que o encanador tem que fazer, sobre as formigas que voltaram para a cozinha.

— Você pode conversar comigo — Maggie disse.

— É, mas as formigas não são suas também, entende? Você e eu não estamos nessa juntas.

— Ah! — Maggie disse.

Houve uma pausa. O que Ira estava assobiando? Alguma coisa daquele disco que Leroy havia tocado; a letra estava na boca de Maggie. Ele levantou uma fileira de ouros e levou-a para um rei.

— Sabe — disse Serena —, sempre que o Max ia viajar a trabalho nós tínhamos tanta coisa para dizer um para o outro quando ele voltava. Ele falava, falava, e eu falava, falava, e depois, o que nós fazíamos?

— O quê?

— Tínhamos uma briga horrível, enorme.

Maggie riu.

— E depois fazíamos as pazes e íamos para a cama juntos — disse Serena. — Louco, né? E agora eu fico pensando: se o Max ressuscitasse neste minuto, forte e são, será que nós brigaríamos do mesmo jeito?

— Acho que sim — Maggie disse.

Ela ficou imaginando como deveria ser saber que tinha visto Ira pela última vez nesse mundo. Supunha que teria problemas para acreditar. Por vários meses, talvez, ela esperaria que ele aparecesse de repente, como havia aparecido no ensaio do coral naquela noite de primavera 30 anos atrás.

— Hum, e também, Serena — ela disse —, eu quero pedir desculpas pelo que aconteceu depois do funeral.

— Ah, esqueça.

— Não, de verdade, nós ficamos arrasados.

Ela esperava que Serena não escutasse Ira ao fundo; seu pedido de desculpas não pareceria sincero. Ultimamente eu tenho pensado, ele assobiava com animação, que viagem longa e estranha é esta...

— Esqueça; eu perdi o controle — Serena disse-lhe. — Impaciência de viúva, algo assim. Pura bobagem. Já passei da fase em que posso descartar velhos amigos sem pensar; não posso mais me dar a esse luxo.

— Ah, não diga isso!

— Por que, você quer que eu a descarte?

— Não, não...

— Estou brincando — Serena disse. — Maggie, obrigada por ter ligado. Mesmo. Foi bom ouvir sua voz.

— Estou à disposição — Maggie disse.

— Tchau.

— Tchau.

Serena desligou. Um instante depois, Maggie também.

Não dava mais para comer aquele sorvete. Ele havia virado sopa. E ela estava se sentindo cheia mesmo. Olhou para seu corpo — para seu vestido esticada sobre os seios.

— Estou um elefante — ela disse a Ira.

Ele disse:

— Outra vez, não.

— Sério.

Ele colocou a ponta de um dedo no lábio superior e estudou as cartas.

Muito bem. Ela levantou e foi até o banheiro, tirando a roupa enquanto andava, e pegou a camisola do gancho na parede. Quando

jogou-a por sobre a cabeça, a camisola acomodou-se ao corpo dela, solta, fresca e leve.

— Uau! — ela disse. Lavou o rosto e escovou os dentes. Uma trilha de roupas de baixo levava do quarto ao banheiro; ela foi pegando tudo e jogando no cesto. Às vezes, após um dia particularmente penoso, sentia muita vontade de queimar todas as roupas que tinha usado.

Depois, enquanto arrumava seu vestido em um cabide, foi surpreendida por um pensamento. Ela olhou para Ira. Olhou para o outro lado. Pendurou o vestido no armário, ao lado de sua única blusa de seda.

— Minha nossa! — ela disse, virando-se novamente para ele. — Cartwheel não é insignificante?

— Hum-hum.

— Eu tinha esquecido como aquele lugar era insignificante — ela disse.

— Hummm.

— Aposto que a escola de lá também é insignificante.

Sem resposta.

— Você acha que a escola de Cartwheel oferece uma educação de qualidade?

— Eu não saberia dizer — Ira disse.

Ela fechou a porta do armário com firmeza.

— Bom, eu posso dizer — ela falou. — Deve estar um ano inteiro atrás das escolas de Baltimore. Talvez dois.

— E, naturalmente, as escolas de Baltimore são maravilhosas — Ira disse.

— Bom, pelo menos são melhores do que as de Cartwheel.

Ele ergueu uma sobrancelha para ela.

— Quero dizer, é bem provável — disse Maggie.

Ele pegou uma carta, moveu-a para cima de outra e depois mudou de ideia, colocando-a de volta no lugar.

— Escute só o que podemos fazer — Maggie disse. — Escrever e perguntar para a Fiona se ela já pensou bem na educação da Leroy. Oferecer matriculá-la aqui em Baltimore e deixar a Leroy morar conosco nove meses por ano.

— Não — Ira disse.

— Ou doze meses, se der certo. Você sabe como as crianças ficam apegadas aos colegas de classe. Pode ser que ela não queira ir embora.

— Maggie, olhe para mim.

Ela o encarou, com as mãos nos quadris.

— Não — ele disse.

Havia muitos argumentos que ela poderia citar. Todo tipo de argumentos!

Mas ela não citou. Baixou as mãos e foi até a janela.

Estava uma noite quente e silenciosa, e a brisa mal balançava as persianas. Ela levantou mais a persiana e inclinou-se mais para a frente, pressionando a testa contra a moldura de cimento. O ar cheirava a pneus de borracha e grama. Trechos de uma trilha de aventura vinham da televisão dos Lockes, seus vizinhos. Do outro lado da rua, os Simmonses estavam subindo a escada da frente, o marido brincando com as chaves da casa nas mãos. Eles não iam dormir agora; nem pensar. Eram um casal jovem e sem filhos, com olhos somente um para o outro, e sem dúvida deveriam estar voltando de algum jantar num restaurante e agora iam... fazer o quê? Colocar uma música romântica, talvez algo com violinos, sentar e conversar na impecável namoradeira branca, cada um deles com uma taça de cristal finíssima, fragilíssima, que nem tinha aquele anel na borda. Ou talvez eles dançassem. Ela os vira dançar na varanda da frente uma vez — a esposa, de salto alto, com o cabelo preso no alto em formato de iglu, o marido segurando-a um pouco afastado, de um modo formal e admirador.

Maggie deu meia-volta e retornou à cama.

— Ah, Ira — ela disse, jogando-se ao lado dele —, o que vamos fazer com o que resta das nossas vidas?

Ela havia deslocado uma fileira de cartas, mas ele gentilmente se absteve de arrumá-las, e em vez disso esticou um braço e trouxe-a para perto dele.

— Venha cá, benzinho — ele disse, acomodando-a a seu lado. Ainda segurando-a bem perto, ele transferiu um quatro de espadas para cima de um cinco e Maggie encostou a cabeça no peito dele e ficou observando. Ele havia chegado à parte interessante do jogo, ela percebeu. Havia passado daquele estágio superficial inicial, quando qualquer jogada parecia possível, e agora suas escolhas eram mais limitadas e ele tinha que demonstrar habilidade e julgamento verdadeiros. Ela sentiu um comichão, alguma coisa que veio como um jorro, uma flutuação interna, e levantou o rosto e beijou a maçã do rosto dele, quente. Depois, soltou-se e foi para o seu lado da cama, porque amanhã eles tinham uma longa viagem de carro a fazer, e ela sabia que eles precisariam de uma boa noite de sono para enfrentá-la.





Agradecimentos

De Permissão

Sou muito grata às seguintes permissões do material publicado:

ALFRED PUBLISHING GROUP, INC.: Excertos de *Love Is a Many Splendored Thing*, por Sammy Fain e Paul Francis Webster. Copyright © 1955 (renovado em 1983) por Twentieth Century Music Corp. Todos os direitos administrados por EMI Miller Catalog, Inc., (Publishing) e Alfred Publishing Co., Inc. Excertos de *Tonight You Belong to Me* por Billy Rose e Lee David. Copyright © 1926 (renovado) por Chappell & Co. & C&J David Music Co. Todos os direitos reservados. Utilizado sob permissão.

DON ROBERTSON MUSIC CORPORATION: Excertos de *Born to Be with You*, letra e música de Don Robertson. Copyright © 1956 por Don Robertson Music Corporation. Copyright © 1956, 1984 por Donald Irwin Robertson. Copyright internacional seguro. Utilizado sob permissão. Todos os direitos reservados. Edição original: E. H. Morris & Co.

HAL LEONARD CORPORATION: Excertos de *I Want You, I Need You, I Love You*, letra de Maurice Mysels, música de Ira Kosloff. Copyright © 1956 por Elvis Presley Music, Inc. Copyright renovado e assinado por Gladys Music. Todos os direitos administrados por Cherry Lane Music Publishing Company, Inc. e Chrysalis Music. Copyright internacional seguro. Todos os direitos reservados. Utilizado sob permissão.

ICE NINE PUBLISHING COMPANY, INC.: Excerto de *The Golden Road*, letra e música de Jerry Garcia, Bill Kreutzmann, Phil Lesh, Ron

McKeman e Bob Weir. Copyright © 1968 por Ice Nine Publishing Company, Inc. Excertos de Truckin', letra de Robert Hunter, música de Jerry Garcia, Bob Weir e Phil Lesh. Copyright © 1971 por Ice Nine Publishing Company, Inc. Reimpresso sob permissão.

JAY LIVINGSTON MUSIC E ST. ANGELO MUSIC: Excertos de Que Sera Sera, letra e música de Jay Livingston e Ray Evans. Copyright renovado em 1984 por Jay Livingston Music e St. Angelo Music. Reimpresso sob permissão de Jay Livingston Music (ASCAP) e St. Angelo Music (ASCAP).

MUSIC SALES CORPORATION & G. SCHIRMER, INC., E HAL LEONARD CORPORATION: Excertos de On the Road Again, letra e música de Floyd Jones, Willie Nelson e Alan C. Wilson. Copyright © 1968 (renovado) por Embassy Music Corporation (BMI) e EMI Unart Catalog, Inc. Copyright © 1980 por Full Nelson Music, Inc. Todos os direitos controlados e administrados por EMI Longitude Music. Copyright internacional seguro. Todos os direitos reservados. Utilizado sob permissão.

UNIVERSAL MUSIC PUBLISHING: Excerto de Friendly Persuasion de Dimitri Tiomkin. Copyright © 1956 por Volta Music Corporation. Copyright © 1954, 1984 por Webster Music Co./Universal. Todos os direitos administrados por Universal Music Corp./ASCAP. Todos os direitos reservados. Utilizado sob permissão.

WRITERS NIGHT MUSIC: Excertos de The Gambler escrito por Don Schlitz. Copyright © 1977 por Writers Night Music (ASCAP). Copyright internacional seguro. Utilizado sob permissão.



Esta obra foi formatada pelo grupo de MV, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. **O Grupo tem como meta a formatação de ebooks achados na internet, apenas para melhor visualização em tela, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupos, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.**

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.